

OS MORTOS

NOS FALAM

Pe. François Brune



EDICEL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

OS MORTOS NOS FALAM

Escrevi este livro para tentar derrubar o espesso muro de silêncio, de incompreensão, de ostracismo, erigido pela maior parte dos meios intelectuais do ocidente. Para eles, dissertar sobre a eternidade é tolerável; dizer que se pode vivê-la torna-se mais discutível; afirmar que se pode entrar em comunicação com ela é considerado insuportável.

Tomem este livro como um itinerário. Abandonem, tanto quanto possível, suas idéias preconcebidas. Não tenham medo; se este livro não os transformar, logo se aperceberão. Em todo caso, leiam esta obra como a história de uma descoberta fabulosa e verdadeira.

Progressivamente então, surgirão essas verdades essenciais que se tomarão, assim eu lhes desejo, a matéria de suas vidas. A morte é apenas uma passagem. Nossa vida continua, sem qualquer interrupção, até o fim dos tempos. Levaremos conosco para o além nossa personalidade, nossas lembranças, nosso caráter.

O após vida existe e nós podemos nos comunicar com aqueles que chamamos de mortos.

Outras obras da Editora sobre o assunto:

- **Os Espíritos Comunicam-se por Gravadores**
Peter Bander
- **Transcomunicação**
Comunicações Tecnológicas com o Mundo dos Mortos
Clóvis S. Nunes

OS MORTOS
NOS FALAM

Pe. FRANÇOIS BRUNE

Para José Roberto

no 16 / 11 / 91

FB

OS MORTOS NOS FALAM



EDICEL

EDITORA CULTURAL ESPÍRITA EDICEL LTDA

Quadra 05 - CL 23 - Loja 03 - Fone (061) 59 1-9592

CEP 73.000 - Caixa Postal 600001

Sobradinho-DF

**Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Brune, François.

Os mortos nos falam/François Brune; tradutora
Arlete M. Galvão de Queiroz. — Sobradinho, DF:
EDICEL, 1991.

1. Espiritualismo 2. Morte 3. Vida futura
I. Título.

91-2423

CDD-133.9013
-133.93

índices para catálogo sistemático:

1. Comunicação com os mortos: Espiritualismo
2. Morte: Espiritualismo 133.9013

Capa: Silvio Ferigato:

Diagramação, Composição e Arte:

ENTRELETRAS -Editora

Direitos desta edição reservados pela
EDITORA CULTURAL ESPÍRITA EDICEL LTDA.
Quadra 5 — CL 23 - Loja 3
Caixa Postal 60.0001 - CEP 73000
Fone: (061) 591-9592 — Sobradinho-DF

ÍNDICE

Prefácio da Edição Brasileira	11
Introdução	15

I

Ninguém morre

1. Jürgenson e Raudive: pioneiros da comunicação com os mortos	19
2. A experiência de Luxemburgo: “Uma parcela de eternidade escapa da destruição”	32
3. As primeiras imagens do além.....	33
4. O Cronovisor e as imagens do passado	39
5. Os chamados telefônicos do além.....	46

II

A morte é um segundo nascimento

1. A alegria de morrer	51
2. Pierre Honnier e a aprendizagem do invisível.....	61
3. O chamamento do infinito	67

m

Nosso novo corpo na outra vida

1. A alma é um corpo sutil	71
2. Roland de Jouvenel: construir a sua morada na eternidade ...	82
3. Os poderes do corpo espiritual.....	85

IV

Nas fronteiras da morte

1. Rever aqueles que amamos	97
2. O encontro de um Ser de luz.....	101
3. O que você fez de sua vida	105
4. Entre vida e morte: o túnel e o sono	115

V

Os primeiros passos no além

1. Os mensageiros do invisível 131
2. A cartografia dos países de além-morte 141
3. Os primeiros níveis no além 159

VI

No coração do bem e do mal

1. Nosso pensamento fabrica nosso destino à nossa revelia 175
2. Nosso pensamento cria símbolos vivos 179
3. Nossos pensamentos são energias vivas 189
4. Nossa consciência constrói o universo 196

VII

O exílio nos mundos da infelicidade

1. Nas trevas exteriores 199
2. A revolta das “almas penadas” 206
3. As etapas do retorno a Deus 214

VIII

A reencarnação: última provação da alma infeliz,

1. A reencarnação é apenas uma exceção 220
2. O que significa a reencarnação 233

IX

O retorno aos mundos da felicidade

1. As forças da felicidade nos assistem 245
2. O anjo da guarda e a vida anterior 252
3. Rumo à luz 257

A união com Deus: última experiência
da alma bem-aventurada

1. Deus sentido como energia	263
2. Deus sentido como Amor	265
3. O Cristo sentido como Deus	271
4. Nossa divinização: um processo sem fim.....	286
Conclusão	291
Bibliografia.....	293

PREFÁCIO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

O livro do padre François Brune, como todo o seu empenho em desvendar a realidade espiritual após a morte, surge, precisamente, no momento do inapelável desfile histórico, sem precedentes, a que estamos todos assistindo, e sendo chamados dele participar, aonde a maior revolução das idéias e valores jamais ocorrida na humanidade, vem abrir, definitivamente, a nossa consciência para uma forma de vida compatível com a solidariedade universal que permeia, do mundo subatômico às incontáveis galáxias, sustentáculo dessa harmoniosa e empolgante epopéia, a manifestação do Amor Infinito consubstanciado numa justiça misericordiosa e construtiva.

Vivemos uma época cíclica estonteante, nas vésperas e na virada para um novo milênio, aonde todos os apelos, que no transcurso dos séculos fizeram os muitos missionários da paz e da concórdia, estão sendo atendidos pelos desígnios maiores que nos regem os destinos. Já se iniciaram as grandes mudanças esperadas historicamente, urdidas nos corações sofridos dos injustiçados, desejadas pelos humildes e oprimidos, alimentadas pela fé vigorosa dos jovens idealistas de todas as fronteiras filosóficas e religiosas, em todas as épocas.

Derrubam-se as estruturas de todas as construções alicerçadas no domínio e no poder, na ostentação e na luxúria, no desperdício e na inutilidade, para ressurgir dos escombros dessa inevitável hecatombe, as edificações do sentimento nobre dos homens sensíveis e de boa-vontade tocados profundamente pelos exemplos vivos do Cristo.

Tanto quanto o patriarcalismo como as grandes organizações políticas, econômicas e religiosas, detentoras da força coerciva dos interesses escravagistas, estão com os dias contados. A sociedade se distribuirá como um grande organismo, valorizada nas diversas funções com igualdade de importância, recompensada na solidariedade das instituições e atendida pela fraternização dos homens.

As relações foram amplamente abertas com o mundo que nos envolve e nos aguarda, mostrando que do segmento físico passamos para a continuidade da vida em outros espaços multidimensionais, sob outras formas e roupagens, porém conservando a nossa essência espiritual que infinitamente se enriquece no processo evolutivo.

Estamos passando, nessa descoberta da vida em níveis imponderáveis da consciência, pela mesma perplexidade que passaram os físicos modernos nas três primeiras décadas do nosso século, quando de-

pararam-se com o aspecto dual da matéria pela análise do comportamento das partículas no mundo subatômico. Apresentam-se elas ora como entidades definidas pela sua massa, carga e momento magnético, ora como onda, energia pura, propagação quântica ($E=mc^2$, energia é massa com velocidade da luz), sem, no entanto, perderem a sua essência quantizada, admitida como um domínio informacional, uma consciência embrionária.

A sabedoria do Mestre de Nazaré já nos houvera comunicado:

“Há muitas moradas na casa de meu Pai...”

Avizinha-se o dia em que a consciência definirá a nossa morada e o Universo será o grande templo, sem intermediários, procuradores, representantes ou concessionários. Reunimos interiormente os meios para alcançar diretamente as fontes das nossas origens espirituais. Nunca foi tão verdadeiro e compreensível o ensino do Peregrino da Galiléia: *“O Reino de Deus está dentro de cada um de nós...”*

A Transcomunicação Instrumental desenvolve-se em territórios de culturas fundamentadas na análise e no racionalismo, aonde crenças e superstições, fanatismos e embustes não encontram lugar para contaminações. Físicos, engenheiros, médicos, professores, todos respeitáveis, principalmente de origem germânica, controlam e abonam as experiências de contatos com o invisível, documentados por registros sonoros e visuais, em fitas magnéticas, e por impressoras de computadores.

Padres e teólogos católicos, os mais destacados representantes de órgãos da Igreja, pesquisam acuradamente todas as ocorrências, desde o início com Friedrich Jürgenson, testificando a autenticidade das vozes e imagens dos mortos. Nem a Igreja, nem os seus mais radicais negadores da comunicabilidade dos espíritos, nem qualquer um dos seus seguidores, poderá declarar ignorância da realidade espiritual que nos espera após o túmulo, tomando conhecimento pelas páginas desse livro, do que pessoalmente também vem testemunhando o padre François Brune.

A realidade espiritual, existe por si mesma, como sempre existiu, independente do modo como os homens a imaginaram ou dela fizeram suas conjecturas filosóficas, ao saber dos interesses dominantes em cada época da humanidade.

O episódio de Galileu, ao negar, com base na observação direta instrumental, o princípio geocêntrico de Ptolomeu, consagrado pela Igreja de então, repete-se no que tange ao mundo espiritual, abordado em nossos dias por aparelhos de registro que a tecnologia moderna desenvolveu.

Conclui o padre Brune: *“a eternidade existe e os vivos do além comunicam-se conosco”*.

E ainda: *“A morte não é senão uma passagem. Nossa vida continua, sem nenhuma interrupção até o final dos tempos. Levamos conosco para o além toda nossa personalidade, nossas lembranças, nosso caráter”*.

Acentua ele: *“Pela leitura desse livro compreenderás que nenhum dos vossos instantes sobre a terra será perdido. Em todo momento podeis progredir na via do Amor. Só vossa atitude, vossa mobilização d alma, será levada em consideração, independentemente de qualquer convicção filosófica ou religiosa”*.

São verdades que farão parte dos fundamentos doutrinários de todas as religiões, não importando os diferentes formalismos ou práticas que as caracterizem. Cada proficiente caminhará por si, em essência e verdade, consciente das consequências dos seus atos, sem temores ou imposições exteriores, libertos e dignificados pelo esforço que empreenderem nas inevitáveis transformações íntimas.

Quando conhecemos o padre Brune na Jornada PSI da Basiléia, Suíça, de 9 a 11 de Novembro de 1989, dedicada pela Associação Suíça de Parapsicologia ao tema Transcomunicação, não podíamos imaginar que aquele semblante calmo e dócil, refletisse uma personalidade investida de tamanha coragem e firmeza de convicção. Aliás, a nossa maior surpresa, acompanhada pela do Wilson Pickler e a do Clovis Nunes, aonde juntos estávamos, foi a de ver um padre interessado seriamente no contato com os Espíritos. Daí, de nos presentear o seu livro, seguiu-se uma entrevista pós Jornada PSI, em Paris, com o Clovis Nunes e o Pickler, culminando com as demarches para a sua visita ao Brasil e a publicação desse trabalho em nosso idioma.

O trabalho aqui levado ao público de língua portuguesa, apresenta, ao lado da sua extensa análise de fatos que documentaram a comunicabilidade dos Espíritos também por médiuns, denominada por esse novo enfoque instrumental de Transcomunicação Mediai (em substituição à Mediúnica), discute ainda o tema da reencarnação. Reconhece o autor, que em nenhum texto da Igreja jamais essa doutrina da reencarnação é condenada formalmente e, por conseguinte, cada um pode aderi-la se bem lhe parecer. O Capítulo VIII, *“A Reencarnação: Última Prova da Alma Infeliz”*, se bem amplo na análise dos conceitos, prós e contra, tanto de filosofias orientais como ocidentais, não aborda as pesquisas de casos realizados por Hemendra Nath Banerjee e pelo Dr. Ian Stevenson, sem citar os casos no Brasil investigados pelo Dr. Her-

nani Guimarães Andrade, como ainda as experiências de Helen Wambach e o grande acervo casuístico experimental na psicoterapia que aplica a regressão de vivências passadas, por autores como: Thorwald Dethlefsen na Alemanha, Hans Ten Dam na Holanda, Patrick Drovot na França, Thomas Verney no Canadá, Morris Netherton e Edith Fiori nos Estados Unidos, e tantos outros considerados em imensa bibliografia internacional.

Estamos irmanados de coração ao padre François Brune no seu propósito de despertar consciências livres, despreocupado em convencer a quem quer que seja, certo de que com os olhos do coração o leitor se transformará se permitindo viver uma descoberta maravilhosa. Que ninguém é proprietário da eternidade e por isso mesmo, vendê-la aos temerosos e ignorantes já não faz mais sentido.

A maior coragem do nosso irmão Brune, permitam que assim o considere, nesses dias em que a Igreja vem questionando o afastamento dos seus fiéis, é a de sugerir uma revisão fundamental nas suas estruturas ideológicas cristalizadas, incorporando essas descobertas avalizadas cientificamente e abdicando das falsas prerrogativas. Havendo, nesse *preciso momento*, a sensibilidade dos colegiados sacerdotais para as imperiosas renovações, o rebanho será recuperado, e a humanidade inteira se rejubilará, entoando cantos de louvor ao Cristo de todos os corações.

Um dia... não muito distante... pertenceremos a um só rebanho...
com um só Pastor...

Ney Prieto Peres
São Paulo, outubro de 1991

INTRODUÇÃO

“Eu penso que a morte é realmente a morte e não se liga a nenhuma realidade oculta. Eu creio que quando alguém morre, é só isso que acontece: esse alguém não se levantará daí a pouco, como fazem os atores no teatro”(1).

A maior parte de nossos contemporâneos subscrevem ainda esta frase de Jean Rostand. Nada mais existe, para eles, após a morte. A consciência deles desaparecerá. Vindos do nada, retomarão ao nada. Deles mesmo não subsistirá nada mais, senão algumas lembranças esparsas na memória daqueles que os amaram aqui na terra.

Interrogar sobre as origens, no pensamento ocidental, desta recente ideologia do nada, não é o meu propósito. O mais escandaloso é o silêncio, o desdém, até mesmo a censura exercida pela Ciência e pela Igreja, a respeito da descoberta incontestemente mais extraordinária de nosso tempo: O após vida existe e nós podemos nos comunicar com aqueles que chamamos de mortos.

Escrevi este livro para tentar derrubar esse espesso muro de silêncio, de incompreensão, de ostracismo, erigido pela maior parte dos meios intelectuais do ocidente. Para eles, dissertar sobre a eternidade é tolerável; dizer que se pode vivê-la torna-se mais discutível; afirmar que se pode entrar em comunicação com ela é considerado insuportável.

O padre e o teólogo que sou quis, como se diz, certificar-se completamente da verdade. Por que todos esses testemunhos deveriam ser, a priori, considerados suspeitos? Quando o conteúdo das mensagens e das comunicações gravadas reúne, como eu o demonstro, os maiores textos místicos de diversas tradições, existe nisso mais que uma simples coincidência. Eu acompanhei, pois, e estudei apaixonadamente os resultados das pesquisas mais recentes nesse campo. As conclusões deste trabalho ultrapassaram minhas previsões: não somente a credibilidade científica das experiências de comunicação com os mortos encontra-se confirmada e não pode mais ser posta em dúvida, mas a prodigiosa ri-

(1) Jean Rostand, *ce que je crois*. Grassei 1953, p.61

queza dessa literatura do além reanimou em mim o que os séculos de intelectualismo teológico haviam extinguido.

Nossa época está certamente às vésperas de uma comoção sem precedentes na história do seu desenvolvimento espiritual a não ser que ela aceite, enfim, abrir seus olhos para esta descoberta fundamental: a eternidade existe, e os vivos do além comunicam-se conosco.

Escrevendo essas palavras já pressinto o rictus de ironia e dúvida do leitor diante do inconcebível de uma tal informação. O espartilho racionalista e positivista que aprisiona - nos meios científicos e religiosos - nossos espíritos é tal, que aquele que se arrisca a colocá-lo em causa é, imediatamente, rejeitado para as trevas das ciências ditas ocultas ou da parapsicologia. É esta então a razão pela qual esta descoberta não se difundiu mais amplamente. Não esqueçamos que foram precisos vários séculos antes que as descobertas de Galileu fossem aceitas por nós. O mesmo acontecerá com os trabalhos de todos os pioneiros da comunicação com os mortos: Jürgenson, Raudive e todos aqueles que cito nesta obra.

Todos sabem, a Igreja nutre a maior desconfiança em relação a esse tipo de fenômenos: Ela prega a eternidade, é verdade, mas não aceita que se possa vivê-la e entrar em comunicação com ela. Eu mostro que não foi sempre assim.

Não obstante surgem sinais encorajadores. Os teólogos racionalistas ultrapassam, ousado dizê-lo, aqueles mesmos que os subjugaram outrora: os cientistas. Pois são agora os próprios sábios que descobrem que o mundo da matéria e o mundo do espírito são apenas um; que a compreensão da matéria é impossível sem a intervenção do espírito.

Portanto, escrevi também este livro à luz destes trabalhos recentes. Minha obra, que afirma a eternidade da vida espiritual, encontra dessa forma suas posições em parte confirmadas pelas pesquisas mais avançadas no campo da ciência contemporânea(1).

Por força das coisas e para respeitar os termos exatos das mensagens dos vivos do além fui levado a utilizar um vocabulário que uma longa tradição de sentimentalismo religioso esvaziou de sentido e tornou odioso a muitos. Não pude fazê-lo de outra forma. Mas faço questão de lembrar que, neste livro, todas as palavras do vocabulário religioso devem ser tomadas não como “conchas ocas” que se tomaram, mas como palavras novas, refundidas no fogo de uma experiência

(1) Ver em particular, *La Science face aux confins de la connaissance*. Paris, Editions du Félin, 1987.

fantástica: a da eternidade vivida. Que sejam tomadas como as palavras dos poetas, isto é, expurgadas de toda escória.

Desejo, em todo caso, que as linhas que se vão seguir, e toda a obra, sejam lidas desta maneira. Considerem que, em lugar de palavras vazias de sentido, vocês estão tratando com palavras em brasa, que acabam de ser forjadas no fogo do Amor.

Tomem este livro como um itinerário. Abandonem, tanto quanto possível, suas idéias preconcebidas. Não tenham medo; se este livro não os transformar, logo se aperceberão. Em todo caso, leiam esta obra como a história de uma descoberta fabulosa e verdadeira.

Progressivamente então, surgirão essas verdades essenciais que se tomarão, assim eu lhes desejo, a matéria de suas vidas. A morte é apenas uma passagem. Nossa vida continua, sem qualquer interrupção, até o fim dos tempos. Levaremos conosco para o além nossa personalidade, nossas lembranças, nosso caráter.

Esses contemporâneos na eternidade nos falam da onipresença de uma força na origem de todas as coisas e no fim de nossa evolução. A esta força se chamou Deus. Esse Deus é sentido por eles como Amor pessoal, infinito e incondicional.

Esses múltiplos textos, certamente de inegável valor, nos provam, com segurança, que a mensagem de eternidade e de amor não está limitada a sua expressão nos textos canônicos, mas é constantemente revitalizada por milhares de testemunhos cada um mais perturbador que o outro. Nenhum dogma possui o monopólio do Amor, mesmo se, para mim, este Amor se tenha melhor revelado na tradição cristã, e me tenha sempre surpreendido que uma mesma mensagem possa ser considerada suspeita por não pertencer aos textos canônicos.

Este livro não tem a ambição de convencer. Não existem piores surdos do que aqueles que não querem ouvir. E já tenho minha posição quanto a esta surdez. Os céticos, que necessitarem de “provas” suplementares poderão se reportar às obras que cito na bibliografia. Pareceu-me mais importante tentar realizar um esboço de síntese da vida no além a partir da imensa documentação já reunida até hoje. Pretendo conseguir menos convicção que adesão. Se vocês lerem este livro com os olhos do coração, serão transformados. Seu intelecto poderá, ainda, levantar algumas objeções - é esta a sua função - mas seu coração estará convertido. O essencial estará atingido.

Que se entenda, não se trata para mim de reconduzir ao berço de uma Igreja por vezes moribunda, um rebanho de filhos pródigos. Permitir a cada um viver uma descoberta maravilhosa, eis a minha am-

bição. No mais, ninguém é proprietário da eternidade.

Na leitura deste livro vocês compreenderão que nenhum de seus instantes sobre a terra terá sido perdido. A cada momento pode-se progredir na via do Amor. Somente a atitude, movimentos de alma, poderá ser levado em consideração, independentemente de qualquer convicção filosófica ou religiosa.

Paro aqui. Alguns leitores estão decididos, talvez, a parar também. Que tentem ir mais longe. Na pior das hipóteses perderão algumas horas. O que está em jogo - uma nova perspectiva a respeito da vida - vale a pena.

Este livro é um apelo aos vivos deste mundo, para que prestem atenção às palavras dos vivos do outro mundo. Ele terá cumprido sua função se um pouco da sua maravilhosa experiência vier a se tomar sua.

NINGUÉM MORRE

A primeira descoberta, e talvez a mais fantástica de todas, pois interessa-nos em primeiro grau, é a de que enfim, temos, praticamente, a prova de nossa sobrevivência após a morte.

Eu não penso aqui nas famosas “E.F.M.” (Experiências nas Fronteiras da Morte), da qual se fala cada vez mais. Essas experiências, de pessoas tidas por mortas e contudo retomadas à vida, foram reconhecidas, sobretudo, a partir de 1970 e o primeiro estudo sobre o assunto, que fez grande barulho, foi o do Dr. Moody, na América, em 1975. Falarei a respeito mais adiante nesta obra. Por enquanto gostaria de frisar algo ainda mais fantástico. E aí, curiosamente, trata-se de uma descoberta mais antiga que a precedente, mas da qual ninguém, ou quase ninguém, fala.

Trata-se da gravação direta das vozes dos defuntos em fitas magnéticas. É verdade que, nessa área, os trabalhos foram desenvolvidos sobretudo no mundo germânico, e que recebemos mais rapidamente as últimas novidades vindas do outro lado do Atlântico que aquelas do outro lado do Reno.

1. Jürgenson e Raudive: pioneiros da comunicação com os mortos

Tudo começou em 12 de junho de 1959, nas proximidades de Estocolmo, com Friedrich Jürgenson. Jürgenson nasceu em Odessa em 1903, mas em 1943 fixou-se em Estocolmo. Ele estudou pintura e canto e exerceu efetivamente essas duas artes, como pintor e cantor de Ópera. Mais tarde, dedicou-se à produção de filmes de arte. Após haver realizado três documentários sobre Pompéia, foi autorizado oficialmente a empreender novas escavações, o que lhe deu a oportunidade de realizar novos filmes. Em seguida, o Vaticano encarregou-o de transpor para suas telas, a recordação das escavações realizadas sob a Basílica de São Pedro, em Roma. Ele obteve até os direitos exclusivos para um

filme sobre a Basílica durante o qual aparecia o Papa Paulo VI em pessoa. Ele realizou ainda um filme sobre o prodígio do sangue de São Genaro, em Nápoles, e um outro sobre o Papa e seus colaboradores.

Ora, nesse 12 de junho de 1959, nas cercanias de Estocolmo, Jürgenson havia planejado registrar o canto dos pássaros. Qual não foi sua surpresa quando, ao escutar a fita, ouviu, de repente, um solo de trompete que terminava com uma espécie de fanfarra. Em seguida, uma voz de homem, em norueguês, falava-lhe sobre o canto dos pássaros noturnos. Finalmente, ele acreditou, mesmo, reconhecer o canto de um alcaravão.⁽¹⁾

Pensou logo em uma desregulagem de seu aparelho. Perguntou-se se, em circunstâncias particulares, um gravador poderia captar certas emissões como um receptor de rádio. Mandou, então, revisar o aparelho, mas permaneceu ainda muito intrigado. A coincidência era, de qualquer forma, perturbadora.

Um mês mais tarde, quando trabalhava para a rádio numa transmissão sobre a grande Anastácia, uma voz falou-lhe sobre a Rússia, em alemão, chamando-o por seu nome. Outras vezes, em italiano: “Federico”. Essas vozes diziam-lhe também: “você está sendo observado, a cada noite procure a verdade...”. Essas vozes eram sempre inaudíveis durante a gravação. Quando da audição, eram apenas um leve murmúrio. Jürgenson teve mesmo de treinar os ouvidos para percebê-las.

A fadiga sobrepondo-se à curiosidade, ele quis abandonar essas atividades. Era o outono de 1959. Ele foi então tomado por uma espécie de alucinações auditivas. Seus ouvidos, sensibilizados, acreditavam perceber palavras ou fragmentos de frases nos barulhos mais diversos: no cair da chuva, no amassar de papéis, etc... E sempre as mesmas palavras surgiam “escutar, manter contato, escutar”.

Jürgenson retornou seus trabalhos. Mas só obtinha mensagens estranhas e incompletas. Ele acreditou por um tempo estar lidando com extraterrestres. Como não obtinha confirmação e não entendia o que se passava, estava a ponto de abandonar tudo. Foi então que, já com o dedo sobre o botão de “parada”, captou em seus fones: “por favor, espere, espere, escute-nos”.

Essas poucas palavras mudaram toda a sua vida. A partir desse momento ele não interrompeu mais suas pesquisas nesse campo e a elas consagra-se por inteiro. Logo reconheceu entre as vozes a de sua mãe,

1 - N.T. espécie de garça.

morta há quatro anos. Todas as hipóteses para encontrar uma outra explicação caíam uma a uma. Pouco a pouco, a evidência impunha-se: ele estava recebendo, diretamente, mensagens do além.

Sabendo-o poliglota, as vozes misturavam na mesma frase palavras em todas as línguas, o que não faz nenhuma estação de rádio. Eles procuravam se fazer reconhecer por todos os meios, falando-lhe de sua família, de seu trabalho, apresentando-se como defuntos de seu círculo pessoal, parentes, amigos, conhecidos.

“O que acontecia ali, repetia-se diariamente e clareava-se lentamente, escreveu Jürgenson, tinha a força explosiva da verdade pura que se apoia sobre fatos. Era a verdade, a realidade que iria talvez rasgar em mil pedaços a cortina do além e, ao mesmo tempo, reconciliar este mundo com o outro lançando uma ponte sobre o abismo. Não se tratava, de qualquer forma, de sensacionalismo. Eu estava apenas encarregado dessa tarefa, grande mas difícil, da construção dessa ponte entre o aqui e o além. Se me mostrasse à altura, então, talvez o enigma da morte seria resolvido, pela técnica e pela física.

Eis porque não podia recuar, a despeito de todas as telas que não seriam pintadas ou das escavações em Pompéia que não seriam realizadas”.(1)

Imediatamente Jürgenson começou a se cercar de testemunhas e colaboradores discretos e seguros para continuar suas experiências. Esses foram, primeiramente, o parapsicólogo sueco Dr. J. Björkhem e Ame Weisse da Rádio sueca, com cinco outros observadores. Esta “première” pública foi em parte gravada, mais tarde, em disco que acompanhava a obra de Jürgenson. Em 1963, o Instituto de Parapsicologia da Universidade de Friburgo, dirigido por Hans Bender, recebeu uma gravação completa.

No verão de 1964, o Instituto de Friburgo colocou-se, com Jürgenson, em contato com o *Deutsches Institut für Feldphysik* em Northeim e com o *Instituto Max Planck* em Munique. Os primeiros trabalhos foram pois realizados em Northeim; depois em outubro de 1965, em Nysund na Suécia e, no mesmo local, no começo de maio de 1970, sempre com Hans Bender, mas com novos colaboradores. Um engenheiro do *Grupo de Pesquisas Acústicas* do Serviço Central de técnicas

1 — *Sprechfunk mit Verstorbenen - Communication radio avec des Morts*, Editions Hermann Bauer: Fribourg en Brisgau. 1967 Editado no Brasil sob o título *Telefone para o Além*. pela Editora Civilização Brasileira S. A. 1972 (Nota do Tradutor).

de telecomunicações de Berlim, veio juntar-se às pesquisas. Nesse estágio, a origem paranormal dessas vozes já era cientificamente reconhecida como muito provável.(1)

Isso era apenas um início. Uma série de novos pesquisadores vieram se unir a eles e freqüentemente dedicar uma boa parte de suas vidas a este trabalho.

Constantin Raudive, nascido na Letônia em 1909, deixou seu país aos 22 anos. Após estudos feitos em Paris, Salamanca, Londres e uma longa permanência na Espanha, fixou-se definitivamente em Upsala, em 1944. Poliglota, grande tradutor de literatura espanhola para o letão, era também romancista e filósofo profundamente espiritualista. Estava transtornado pelo drama de caos que havia tomado conta da Europa.

Como Jürgenson, foi por acaso que Constantin Raudive descobriu esta possibilidade fantástica de comunicar-se com os mortos.

“No final do ano de 1964, ele foi obrigado a sair de casa de improviso... quando retomou, percebeu que havia deixado seu gravador ligado. Quis escutar o início da fita... repentinamente ouviu, estupefato;: “Kosti! Kosti!...” Era a voz de sua mãe que o chamava dando-lhe, como a mãe de Jürgenson havia feito com seu filho, o diminutivo afetoso de outrora”.(2)

Tendo ouvido falar das experiências de Jürgenson desde 1965, ele convidou-o logo à Upsala onde puderam confrontar seus resultados. Desde então, até sua morte, em setembro de 1974 não parou mais de gravar. Jean Prieur afirma-nos que ele captou, desta maneira, mais de 70.000 vozes.

Mas Raudive teve sempre o cuidado de melhorar seus métodos e de verificar seu trabalho. Ele esteve em relação com o físico suíço Alex Schneider, com o teólogo católico Gebhard Frei, com o prelado Pflieger, com os técnicos de rádio e televisão Theodor Rudolph e Nobert Unger. Em 1968, ele publicava um livro intitulado *Unhörbares wird hörbar*, (O inaudível toma-se audível). (3)

(1) Ver sobre o assunto Hans Bender, *Verborgene Wirklichkeit* Serie Piper, Munique e Zurique. 1985, pp. 76-89.

(2) Jean Prieur, *L'aura et le corps immortel* Lanore et Sorlot, 1983, p. 164.

(3) Otto Reichl Verlag, Remagen - traduzido em inglês *Breakthrough: an amazing experiment on electronic communication with the dead* (Passagem: uma estupefaciente experiência de comunicação eletrônica com os mortos.)

O engenheiro Franz Seidl da Escola Técnica Superior de Viena recebeu o prêmio Paul Getty por seus trabalhos sobre a Energia. Inventor de numerosos aparelhos e membro de honra do centro Euro-americano de pesquisas *Eurafok*, construiu, para Raudive, o *psicofone* a fim de facilitar a gravação dessas vozes. Ele, igualmente, desenvolveu o *positron* que permite aos mortos fazer ouvir sobre a fita magnética, sons de batidas que não se percebe por ocasião da gravação e que podem, por convenção, constituir respostas às questões colocadas.

O padre Léo Schmid, cura católico de Oeschgen, na Suíça, e autor de obras para a juventude, esforçou-se muito pela imprensa, pelo rádio, pela televisão ou em suas conferências, para anunciar a novidade: *os mortos podem nos responder!*

Foi a leitura do livro de Jürgenson, depois a de Raudive, que o incitou a tentar, ele mesmo, a experiência. Foi, inclusive, à casa de Raudive para iniciar-se na manipulação dos aparelhos necessários. Durante seis semanas entretanto, não obteve qualquer resultado. Um dia, enfim, percebeu inicialmente batidas fortes e ritmadas, seguidas imediatamente de uma voz débil. Desde então, ele passou a gravar todos os dias, até a sua morte em 1976. Em pouco mais de 100 sessões, ele recebeu em torno de 12.500 vozes, dirigindo-se a ele em dialeto suíço-alemão, alemão, latim, francês e inglês.

Vários dos seus interlocutores identificavam-se é ele podia, inclusive, pouco a pouco, reconhecer suas vozes. Ele reuniu as mensagens correspondentes a cada um dos seus principais interlocutores e pôde assim constatar que cada qual voltava, sempre, aos mesmos temas, movendo-se num mundo de preocupações que lhe era próprio. Dessa maneira “irmão Nicolau” insistia continuamente sobre a necessidade da prece e da paz interior. Ele lhe prodigalizava encorajamentos: “Nós te ajudamos!”, ou convites insistentes a “crer mais firmemente... a rezar... a amar”. (1)

O padre Schmid recebe também, vez que outra, pedidos de ajuda. Certos mortos suplicam suas preces. Outros tentam inquietá-lo: “Viermos para destruir”. Aprende-se, sobre essa pessoa falecida, que ela ainda dorme. Uma voz geme: “Nós somos castigados, atormentados”;

(1) Eu tomo emprestado todos esses detalhes da obra mais completa que pude encontrar até hoje sobre este fenômeno: Hildegard Schäfer. *Stimmen aus einer anderen Welt*, éditions Hermann Bauer, Fribourg en Brisgau, 1983, pp. 65-66.

uma outra, ao contrario, proclama: “Aqui, é sempre luz”; ou ainda: “Um estado de felicidade e de alegria, de dança, de júbilo”. Uma ponta do véu começa a se levantar!

Às vezes, essas vozes advertem-no sobre pequenos acontecimentos futuros. Anunciam-lhe, por exemplo, seis dias antes que receberá uma carta de certa pessoa cujo nome lhe é citado, mas sobre a qual ele próprio nada sabe. Ele pede-lhes mesmo conselhos para o seu ministério. Mas não recebe respostas a todas as suas perguntas. Se parece muito curioso a seus interlocutores, eles respondem: “questão proibida”, ou simplesmente: “procure sozinho”.

Nos Estados Unidos, George Meek, engenheiro, membro da Academia de Ciências de Nova York, da Sociedade Americana de Engenheiros Mecânicos, do Clube dos Engenheiros, e depositário de inúmeras patentes, aposentou-se aos sessenta anos de idade. A pequena fortuna ganha com suas invenções permitiu-lhe dedicar-se ao estudo do homem e de seu destino. Em 1970, ele realizou quatro viagens ao redor do mundo, dezoito à Europa, África, Austrália, América do Sul, China e a todas as quinze Repúblicas da URSS. Levava consigo físicos, psiquiatras, parapsicólogos, à procura de antigas e grandes tradições que pudessem deter uma parte da verdade que ele buscava.(1)

Em reunião interdisciplinar que havia, organizado na Filadélfia, um médium declarou ter recebido mensagem de um sábio falecido. Esse sábio se propunha a ajudar engenheiros ou técnicos que viviam sobre a terra, a criar uma comunicação entre os dois níveis de existência através de aparelhos eletromagnéticos. Este era o sonho de Meek: graças à ajuda de médiuns capazes de compreender explicações científicas, entrar em contato com sábios desaparecidos e criar, enfim, aparelhos que lhe permitissem, no futuro, prescindir dos médiuns.

Ele terminou por encontrar o médium que satisfazia suas exigências; uma personalidade do Far-West, de ascendência índia, generosa, extravagante, obstinada, desinteressada até as raias do heroísmo: Bill O’Neil. Bill trabalharia inicialmente com um certo Doc Nick, morto há 5 anos, depois com Georges Müller, físico de grande valor, morto em 1967. Bill, por sua vez clarividente e clariaudiente, podia vê-los e ouvi-los sem qualquer aparelho. Contudo, somente em 27 de outubro de 1977, ele obteve uma gravação em diálogo direto. A voz do falecido fazia-se ouvir pelo alto-falante ao mesmo tempo em que era gravada,

(1) Ver: John G. Fuller, *The Gost of 29 megacycles*. Signet Book, New American Library, 1986.

sem que fosse necessário retomar a fita para ouvi-la. Foi um diálogo muito curto de conteúdo bem pobre, mas um diálogo assim mesmo. Depois disto, um longo silêncio, apesar das investigações incessantes. Em 22 de setembro de 1980, Bill obteve um novo diálogo direto, perfeitamente claro, com Georges Müller desta vez, com duração de treze minutos. Depois, novamente o silêncio. Sucesso sem continuidade, suficiente para convencer a maior parte dos espíritos de boa vontade, mas não os meios científicos, a priori mais do que céticos.

Meek queria encontrar um verdadeiro meio de comunicação, regular, confiável e reproduzível à vontade, de acordo com as exigências bem conhecidas da ciência. Não era ainda a hora. Em todas as pesquisas então realizadas, o sucesso, que parecia estar ao alcance das mãos, escapa de repente. O progresso não é sempre linear.

Em verdade, o fenômeno não apareceu tão bruscamente e de modo inesperado, quanto as primeiras narrativas poderiam fazer-nos crer. Agora que o fenômeno é relativamente bem reconhecido, começa-se a fazer a ligação com o trabalho de certos pesquisadores ou com certos acontecimentos até então inexplicados. Edison, o inventor do fonógrafo, havia já realizado trabalhos nesse sentido. Harold Sherman, fundador da Associação para Pesquisas sobre “P.E.S.” (Percepções Extra-Sensoriais) assinala, em sua última obra(1), que já em 1947 Attila Von Szalay, trabalhando sobre discos, havia obtido murmúrios inexplicáveis. Em 1950, em Chicago, John Otto, engenheiro diplomado, havia recebido, com a colaboração de um grupo de rádio-amadores, sinais de origem desconhecida, expressos em várias línguas ou mesmo cantados. Mais ou menos na mesma época, um outro americano, John KeeI, realizando pesquisas sobre os OVNI, assinalava a aparição de vozes desconhecidas em gravações militares ou civis. Em outra obra, este mesmo autor menciona relatórios militares na Escandinávia, já nos anos 30, onde vozes não identificadas haviam intrigado as autoridades. As pesquisas realizadas na Alemanha sobre esse assunto, nos arquivos nazistas, parecem excluir uma explicação por esse lado.

Enfim, sabe-se agora que também os italianos haviam realizado trabalhos para se comunicar com o além. O padre Pellegrino Ernetti afirma, no número 44 da revista “Oggi”, de 29 de outubro de 1986, que se encontrava no laboratório de física da Universidade do Sagrado Coração de Milão quando, em 17 de setembro de 1952, o padre Gemel-

(1) *The dead are alive*, Ed. Ballantine Books 1987, 1ª edição em 1981.

li registrou pela primeira vez as vozes do além. O prosseguimento dado a tais pesquisas pelo padre Ernetti e o interesse demonstrado pelo professor Senkowski de Mayence, levam a pensar que o testemunho é seguro.

Começa-se pois a compreender que, em realidade, à medida que a técnica progredia, novas possibilidades de comunicação começavam a aparecer, que nossos falecidos espreitavam com impaciência. Existiram muitas outras gravações antes das de Jürgenson, a maioria geralmente obtida involuntariamente, mas elas não geraram pesquisas sistemáticas. Algumas passaram mesmo completamente desapercibidas e só foram notadas quando o fenômeno adquiriu uma ampla audiência (pelo menos no exterior). Reescutando velhas gravações realizadas por ocasião de uma festa de família, os iniciados de hoje, cujos ouvidos estão mais treinados, reconhecem, às vezes com surpresa, a voz dos defuntos da família (que, sem dúvida, eram então invisíveis) junto deles comentando o evento.(1)

Uma vez, pelo menos, alguns meses antes da aventura de Jürgenson, uma voz fez-se ouvir claramente. O incidente vale ser contado. Foi na Inglaterra, em maio de 1959. O senhor Sidney Woods encontrava-se com uma amiga em casa de um médium, em Londres, e gravava suas palavras. Repentinamente uma outra voz interveio, “com lentidão e dificuldade”, nos frisa Jean Prieur:(2) “Bom dia a todos. Aqui é o Monsenhor Lang!”. O arcebispo de Canterbury morrera em 1945. A voz parecia provir da direita do médium, a cerca de um metro de sua cabeça. Por conseguinte, neste caso particularmente espetacular, a voz foi ouvida ao mesmo tempo em que se gravava na fita. Este não é, pois, em realidade, o mesmo processo do qual tratávamos. A voz, pouco a pouco, “fez-se mais firme, mais rápida e ditou uma mensagem de vinte minutos na qual o arcebispo ressaltava, ao mesmo tempo, o valor e os perigos do espiritismo”. Todos aqueles que haviam conhecido bem Monsenhor Lang e que escutaram esta gravação tiveram a impressão de reconhecer sua voz. O reverendo John Pearce Higgings, vigário em Putney, mandou até divulgar esta gravação pela televisão inglesa. (3)

(1) cf. Schäfer, p. 272.

(2) op cit p. 166.

(3) Jean Prieur, op. cit., p. 166

Mas, tudo o que passa pelos médiuns é, para muitas pessoas, desconsiderado a priori. A grande novidade com as gravações em fita magnética, prende-se ao fato de que todos podem ouvi-las sem precisar de dons particulares. Além disso, mesmo se dons mediúnicos parecem facilitar a gravação, eles não são realmente necessários. Bons aparelhos e muita paciência podem ser suficientes.

Contudo, o acontecimento não se espalhou rapidamente. A desconfiança e o medo do ridículo paralizavam tudo. O primeiro colóquio sobre esse tema aconteceu em Horb sobre o Neckar, na primavera de 1972. Um segundo foi realizado em abril de 1973, na mesma cidade. Depois em Caldarola, na Itália, em junho do mesmo ano, com a presença da imprensa e da televisão italianas. Uma outra sessão ocorreu em Horb, em abril de 1974, desta vez provocando o interesse da televisão alemã. Depois foi a vez de Dusseldorf, com 130 participantes; e uma nova vez em Horb, em abril de 1975. Foi fundada, então, a primeira associação para as pesquisas de gravação de vozes. (1)

Era necessário contar aqui o começo, os primeiros passos dessa formidável aventura que, aliás, está apenas começando. Espero haver mostrado quantas pessoas competentes e sérias se preocuparam com o tema. Como explicar que uma tal descoberta, bem mais fantástica que a chegada do primeiro homem à lua, tenha até hoje encontrado tão poucos ecos?

O ceticismo dos cientistas é, sem dúvida, uma das razões. Admitir, de uma só vez, que a morte não é a morte, que os mortos continuam a viver, que eles estão muito bem e que, além disso, comunicam-se com nosso mundo, é muita coisa de uma só vez. Eles tentaram todas as hipóteses possíveis, o que de um ponto de vista puramente científico é inteiramente normal. Nenhuma hipótese resistiu, exceto a evidência de que são verdadeiramente os mortos que nos falam. Então, que esperam eles para proclamar este fato?

É aí que se vê quanto a palavra do Cristo é profunda quando, na parábola de Lázaro e do mau rico, Abraão recusa enviar Lázaro à terra para explicar aos irmãos do mau rico o que se passa após a morte:

"mesmo que alguém ressuscite dos mortos, eles não se converterão". (Evangelho de São Lucas 16,31).

(1) *Verein für Tonbandstimmenforschung*. sede social em Düsseldorf Ver igualmente Schäfer, op. cit. pp 69-76.

Eu creio, cada vez mais, que cada um não acredita senão no que quer acreditar. Os motivos da ciência ou da razão estão longe de serem os mais profundos e os mais decisivos.

É muito surpreendente pois que esse fenômeno de gravação de vozes do além comporta quantidades de detalhes técnicos que, parece-me, deveriam varrer todas as hipóteses mais terra a terra. Por exemplo, se a fita girasse por ocasião da gravação, à velocidade de 9,5, por ocasião da audição poder-se-ia muito bem perceber, nos mesmos lugares três e mesmo quatro vozes de defuntos diferentes: uma na velocidade de gravação, isto é 9,5; uma outra na velocidade acelerada 19, com um outro texto, mas pronunciado na velocidade normal; uma outra, ainda, com um terceiro texto pronunciado na velocidade normal com a fita correndo em baixa velocidade, isto é, na velocidade de 4,75; e, às vezes, o que é ainda mais inexplicável, uma quarta voz, normal, com um quarto texto, girando-se a fita de trás para a frente. Pesquisas foram feitas em laboratórios de acústica para se tentar compreender esse último fenômeno, mesmo independentemente da origem paranormal dessas vozes, mas por enquanto o mistério permanece total.

A hostilidade instintiva das pessoas da Igreja tem certamente também seu papel neste abafamento, quase universal, da grande novidade. Que a fé não seja mais necessária para se crer na sobrevivência, que ela se encontre de certa forma atropelada por miseráveis aparelhos transistorizados, parece-lhes intolerável.

Entretanto, como já vimos, o antigo arcebispo de Canterbury, Monsenhor Lang, não hesitou em se fazer ouvir através de um médium, e precisamente para falar do espiritismo sem condená-lo em bloco, de maneira simplista. Um padre católico, Léo Schmid dedicou muito de seu precioso tempo a essas pesquisas. O prelado Karl Pflieger, cura de Behlenheim na Alsácia, acompanhava de perto os trabalhos de Constantin Raudive. Enfim, mais decisivo ainda, para um católico, o Papa Paulo VI havia sido informado diretamente por Jürgenson sobre suas pesquisas nesse campo, por ocasião de suas filmagens sobre o Vaticano, o que não impediu o Papa de tomá-lo “Comendador da Ordem de São Gregório, o Grande”, ainda que Jürgenson não fosse sequer católico. Em 1970, o Vaticano há mesmo criado uma cátedra de parapsicologia e a equipe que fez, no outono de 1970 no 3- Congresso Internacional da Imago Mundi, uma exposição sobre as vozes do Além, foi oficialmente encorajada pelo Vaticano a prosseguir suas pesquisas.(1)

(1) Sobre tudo, isto, ver Schäfer, *op.cit*, p.305

Acrescentarei ainda que essa recusa dos nossos interlocutores do Além de responder a algumas de nossas perguntas, como já o vimos, recusa esta muito frequente, sugere bem que essas comunicações são inteiramente permitidas por instâncias superiores e permanecem todo o tempo sob seu controle. Muitas dessas vozes afirmam-nos que tudo isso faz parte do plano de Deus, e vai continuar ainda a se desenvolver, completando-se em breve por uma certa imagem do corpo espiritual dos falecidos. Estabeleceremos, em breve, a audiovisão com o Céu!

Não estamos ainda lá. Nós encontramos aí, provavelmente, um outro motivo da lentidão da divulgação desta grande nova. O sistema de fitas magnéticas funciona bem, mas não é assim tão fácil e é, sobretudo, muito irregular. Às vezes a voz é extremamente límpida, bem timbrada, a pronuncia clara e todos podem escutar e compreender o texto sem nenhum treinamento. Mas, frequentemente, não passam de débeis murmúrios, a tal ponto que, em velhas fitas, quando não se conhecia ainda esse fenômeno, existiam já vozes que ninguém havia notado. Haviam sido confundidas com ruídos de fundo. Em numerosos casos, para maior segurança, tem-se decifrado a fita, não em grupo, mas um após outro, em um cômodo isolado, cada qual anotando aquilo que acreditou ter ouvido e compreendido. É preciso muita perseverança e paciência. Todavia, as técnicas têm sido, pouco a pouco, melhoradas.

Vimos que Constantin Raudive havia montado o psicofone para facilitar essas comunicações. Uma firma alemã de gravadores entrega, aliás sob encomenda, um modelo adaptado a esse tipo de gravação. A obra muito completa da senhora Schäfer indica dezenove métodos diferentes para captar as vozes do além. Parece ser conveniente provocar certos barulhos no local onde se faz a gravação.

Não é raro que esses barulhos, perfeitamente audíveis quando da gravação, desaparecem, em parte ou na totalidade, no momento da reprodução. Por exemplo, Jürgenson nota seis latidos de cães, bem claros, quando da gravação. Durante a escuta, apenas dois permaneceram. As vibrações dos outros latidos foram utilizadas pelos nossos caros falecidos para imprimir suas vozes sobre a fita magnética. Os ruídos simples da rua são também propícios, ou o murmúrio regular de uma fonte, ou ainda a emissão de uma estação de rádio em língua estrangeira, impossível de ser confundida com as línguas que se conhece. O livro de Hildegard Schäfer descreve como preparar toda essa matéria-prima para registrar as vozes dos falecidos. Ela descreve também, minuciosamente, como exercitar-se para ouvir. Mas o melhor é, sem nenhuma dúvida, unir-se a um grupo ou a algumas pessoas já bem treinadas tanto

em gravação quanto em audição.

Uma derradeira razão para explicar a indiferença geral: é preciso reconhecer honestamente que o conteúdo das mensagens é muitas vezes decepcionante. Não que o mundo do qual eles falam seja decepcionante. Mas é que eles não dizem quase nada a respeito. Nossos cosmonautas pelo menos falavam quando desembarcaram na lua. Eles nos contavam que estavam muito emocionados, que a luminosidade da terra era extraordinária vista da lua, que era surpreendente dar enormes saltos à menor pressão sobre o solo, etc... Nossos correspondentes particulares do além não nos enviam qualquer relatório detalhado sobre suas condições na vida nova. Isto deve fazer parte dos famosos assuntos proibidos. Contudo, veremos que se pode saber muitas coisas por outras vias. Porém menos seguras. Inversamente, a via mais direta não nos transmite, ainda, grandes coisas.

O padre Schmid havia tentado preparar um catálogo dos temas às vezes abordados nestas mensagens. Ele observava assim que um conteúdo interessante pode atingir, às vezes, 60% do conjunto da mensagem; mas que, em média, não ultrapassa 15%. Ele evoca o garimpeiro de ouro que apanha muita areia mas recolhe muito pouco ouro.⁽¹⁾ Mas nós estamos ainda no início. Nos primeiros tempos, parece que a grande preocupação dos finados tenha sido de fazer-nos admitir que a comunicação estava realmente estabelecida. Tem-se a impressão, pela leitura dos registros das mensagens, que o grande receio deles era de que desistíssemos. Em seguida, buscaram melhorar o sistema, dando-nos conselhos técnicos. Mas sobretudo, a grande preocupação deles era a de se fazer reconhecer, de provar sua identidade evocando detalhes pessoais, pequenos segredos da vida que apenas eles podiam conhecer.

Mas talvez sejamos, também muito gulosos. Aqueles que perderam um ente querido e que, após meses, às vezes anos, ouvem novamente a voz familiar e as palavras características daquele ou daquela que amaram, não pedem tanto. Hildegard Schäfer evoca sua emoção quando Raudive fez-lhe escutar uma fita magnética, com a voz de uma mãe ainda viva neste mundo e que chamava, desesperadamente, em italiano, seu pequeno filho morto. Este apelo era imediatamente respondido pela voz fresca da criança. ⁽²⁾

Jean Prieur conta-nos também como a senhora Gabriella Alvisi

(1) cf. Schäfer, op.cit, p.64

(2) op.cit: p. 110.

Gerosa ficou transtornada de alegria quando voltou a escutar, pela primeira vez, a voz de sua filha:

“Eu estava destruída pela dor, tinha a impressão de que a luz havia-se apagado para sempre junto com ela. O desespero me havia tomado totalmente insensível; parecia que mais nada poderia atingir-me. Enquanto eu estava mergulhada nesse estado de torpor e de aniquilação, a manchete publicada numa revista conseguiu atrair minha atenção: *alguém nos chama do além...* Decidi, então, tentar a experiência e esperei, angustiada, a resposta das vozes do além”.

Mas também para ela não foi assim tão simples. Primeiramente, levou vários meses para decidir-se realmente a fazer a primeira experiência. Mais tarde percebeu que, se hesitara tanto tempo, era porque tinha muito medo de, com um fracasso, destruir sua última esperança. Ela recebeu primeiro algumas palavras em alemão, em inglês e, depois, parece, a palavra francesa “balancer”.(1) Nada tinha qualquer sentido. Mas ela perseverou, tentando a toda hora do dia e da noite. Em seguida, uma voz grave, pausada, pronunciou claramente em latim; “opus hic, hic opus, hic opus...”, qualquer coisa como: “É uma obra para nós”, ou, “há uma obra a ser realizada”. Em seguida, enfim, alguns dias após, a voz tão esperada emitiu suas primeiras palavras: “Do que você precisa?”

“Parecia que esta voz não se havia jamais afastado de sua casa e que provinha do quarto ao lado... Roberta fez todo o possível para dar-me sinais de reconhecimento. Ela me repetiu palavras e frases que costumava dizer quando era pequena, frases que apenas ela e eu conhecíamos. Ela citou objetos que lhe haviam pertencido. Chegou mesmo a assoviar, modulando as mesmas notas com as quais costumava, por brincadeira, acordar sua irmã”. (2)

Evidentemente não existe aí material para fazer uma reportagem sensacional sobre o além. Mas para os pais, esposos, amigos, separados pela morte daqueles que amaram, o que haverá de mais emocionante que ouvir outra vez a voz amada, tão direta, tão próxima? que descobrir que eles estão aqui, perto de nós, que a vida deles continua, que eles continuam a evoluir e que um dia nós os reencontraremos?

(1) N.T.: balançar, lançar, balancear

(2) cf. Jean Prieur, op. cit, pp. 171-180.

Tudo mudou em 1984, quando a Rádio Luxemburgo convidou, por ocasião de um programa de televisão em alemão, o professor Hans Otto König a fazer, em público e ao vivo, uma demonstração do seu já famoso “generator”. O aparelho, transportado até os estúdios, foi remontado, sob os olhos perscrutadores dos técnicos da estação, para se assegurarem que ali não havia truque. O aparelho trazia grande novidade: as vozes recebidas eram muito mais claras na gravação e, sobretudo, eram ouvidas diretamente através de alto-falante ao mesmo tempo em que eram gravadas. Estabelecia-se, pois, enfim, um verdadeiro diálogo direto, sem precisar retornar a fita após cada resposta. O aparelho era suficientemente confiável para que a experiência pudesse ser reproduzida à vontade. Era o sonho de George Meek que enfim se realizava. Aliás ele assistiu à demonstração e teve a surpresa de ser chamado por seu nome. Cada um pôde fazer perguntas. As respostas vinham após uma curta espera, muito claras, como se a voz ressoasse diretamente na sala. O sucesso foi considerável e a audiência, calculada em dois milhões de ouvintes. König retomou várias vezes aos mesmos estúdios. Após uma de suas demonstrações a estação recebeu três mil cartas numa semana. O muro do silêncio estava quebrado.

2. A experiência de Luxemburgo: “Uma parcela de eternidade escapa da destruição”

Todavia, as respostas eram ainda muito curtas e não permitiam uma longa explicação. Mas, desde então, as pesquisas têm progredido muito. Eu mesmo pude constatar isto, maravilhado, em casa de meus novos amigos H.F., em Luxemburgo.

Foi a senhora Schäfer quem me colocou em contato com eles. Antes de me aceitarem, consultaram seus correspondentes habituais do além, ou seja: Constantin Raudive, que, como já vimos, ocupou-se muito tempo dessas gravações insólitas durante os últimos anos de sua vida. Hoje em dia, do outro lado, não abandonou sua velha paixão. Ele continua, pacientemente, a mesma obra, com o mesmo objetivo espiritual, acreditando que esta comunicação com o além terminará por mudar em pouco nossos corações e, por conseguinte, nosso mundo. Ele apóia pesquisas de vários grupos do mundo e, notadamente, desse casal luxemburguense e de seu amigo J.P.S., engenheiro em Luxemburgo.

Um outro interlocutor também intervém regularmente; alguém que afirma não haver jamais vivido em nosso planeta, de não ter jamais encarnado. Como meus amigos lhe haviam um dia pressionado para que

se apresentasse, recusou fornecer-lhes um nome; mas disse-lhes, poeticamente: “Eu sou como um desses que, invisíveis, acompanham as crianças quando passam por sobre uma ponte”. E acrescentou: “Podem chamar-me *o técnico, o bibliotecário, o arquivista*. Eu sou um pouco de tudo isso para o planeta terra”.

De fato, é sobretudo o “técnico” que lhes deu os conselhos necessários para melhorar a comunicação. Ele fez com que meus amigos adquirissem, pouco a pouco, uma série de aparelhos capazes de fornecer ondas de todos os comprimentos. Ele também orientou-os quanto ao posicionamento desses aparelhos. Ele indica, às vezes, o lugar que cada um dos participantes deve ocupar numa sala dedicada às comunicações. Trata-se de um verdadeiro pequeno laboratório hoje em dia, com lâmpadas ultra-violeta, como as dos filatelistas, um pisca-pisca, um aparelho emissor de ondas de alta frequência, um televisor branco e preto ligado a uma tela branca, com ruídos de fundo, um pequeno aparelho de rádio. É muito importante esse aparelho porque é por meio dele que nós escutamos a voz do além, ao vivo.

Eles haviam pois consultado Constantin Raudive e “o técnico” sobre meu desejo de participar, se possível, de uma das sessões. Havia obtido sinal verde, e nós estávamos lá, todos os quatro no laboratório. Todos os aparelhos funcionavam, emitindo luzes, sons estranhos e um forte ruído de fundo. A moça, com ajuda do microfone ligado ao gravador, chamava: “Caro técnico, caro Constantin Raudive, nós pedimos que nos falem, se possível; *lieber techniker, zwanzig Uhr und sechzehn Minuten*, vinte horas e dezesseis minutos, 22 de junho de 1987, segunda-feira à noite, saudamos todo o grupo... (Silêncio preenchido por ruídos dos diversos aparelhos)... Vinte horas e dezoito minutos, 22 de junho de 1987... (ruídos estranhos, luzes). Afinal, lentamente, emerge do ruído de fundo uma voz grave, bem timbrada. A de Constantin Raudive que, em minha honra, fala em francês:

“...um substrato imaterial, qualquer que seja o nome que lhe dê, *princípio, alma, espírito*, uma parcela da eternidade escapa da destruição, (ruído dos aparelhos)... A infelicidade é que, hoje em dia, as pessoas têm medo da morte. Ora, a morte não é para ser temida, mas sim a enfermidade e o que precede a morte... A morte, caros amigos, resulta em uma eternidade radiosa, uma liberação que põe termo às vossas tragédias. A morte é uma outra vida”.

Em seguida intervem a voz do “técnico”. De início, em alemão: mais aguda, mais rápida, entrecortada, grupando as palavras. Eu só compreenderia bem o texto, ao repassar as fitas em velocidade reduzida. Seguiu-se enfim uma longa citação de São Paulo, um dos grandes textos da Escritura sobre a ressurreição. *Primeira Epístola aos Coríntios*, anuncia o “técnico”, capítulo 15, versículos 35-45: “Mas alguém dirá:

“Como os mortos ressuscitam? E com que corpo retomam? Insensato! O que tu semeias não retoma a vida se primeiramente não morre... Toda carne não é a mesma carne, mas outra é a carne dos homens, outra aquela das aves, outra aquela dos peixes. Existem também corpos celestes e corpos terrestres. Mas o esplendor dos corpos celestes é diferente daquele dos corpos terrestres. Um é o esplendor do Sol, outro é o da Lua, outro o das estrelas. E mesmo o esplendor de uma estrela difere do de outra estrela. Assim o é na ressurreição dos mortos. O corpo semeado em corrupção, ressuscita em incorrupção. E semeado em desprezo, ressuscita em glória. Semeado em enfermidade, ressuscita na força. Semeado corpo animal, ressuscita corpo espiritual. Se há um corpo animal, há também um corpo espiritual...”

Em seguida o “técnico” acrescenta uma citação da epístola de Tiago, capítulo 1, versículo 12:

“Feliz o homem que resiste à tentação, porque, após ter sido posto à prova, ele receberá a coroa da vida que Deus prometeu àqueles que O amam”.

Pareceu-me que nosso interlocutor não se utilizava de qualquer tradução já feita, pois de todas aquelas que pude consultar, a mais próxima seria a de Segond.

Enfim a voz grave e lenta de Raudive retoma:

“Caros amigos, que prova poderíamos dar-lhes de que não buscamos enganá-los? Nenhuma, senão a certeza interior, absoluta, de uma aproximação, de uma troça, de um tocar de almas. Caros amigo, eu mesmo precisei travar longas e grandes lutas para aceitar colocar-me em uníssono com esta presença que eu sentia nas fronteiras de mim mesmo, à escuta desta voz que procurava penetrar até em minha consciência. Então, eu chamei e

ele me respondeu. Caros amigos, vocês ouvem vozes. Façam o que julgarem necessário"

“Kontakt ende” disse ainda várias vezes o “técnico”, enquanto nós agradecíamos a todos os nossos amigos invisíveis e tão próximos.

As vozes são claras, limpas. As palavras, bem pronunciadas. Uma ou duas vezes, com respeito a Raudive, uma consoante soava um pouco, numa sílaba nasal, como ocorre no sul da França. É verdade que ele viveu vários anos na Espanha.

Acabo de transcrever esses textos ao reescutá-los em meu pequeno gravador. Sou reconhecido a esses amigos do além. Eles escolheram bem seus textos e suas mensagens. Eu creio ter sentido esse “*tocar de alma*”.

Uma outra surpresa me estava reservada por meus amigos de Luxemburgo. Eu havia lido que já se havia obtido, algumas vezes, fotografias dos mortos. No início, acidentalmente, sem que se tivesse procurado. Jean Prieur conta que alguém havia fotografado o túmulo de sua cadela para guardar da mesma uma última lembrança. Qual não foi sua surpresa de ver, na foto revelada, a imagem do animal familiar, perfeitamente reconhecível.(1)

Nos Estados Unidos, quando de uma sessão de gravação de vozes de defuntos, onde foram recebidas vinte e três vozes diferentes, fotos foram tiradas, aleatoriamente, sem que se estivesse vendo qualquer pessoa. Ao serem reveladas, seis dessas fotos continham a imagem desses defuntos.(2) Mas já era sabido, há muito tempo, que certos médiuns têm este estranho poder de fixar sobre o filme, com um simples aparelho, a imagem daqueles que sua mediunidade faz ver. Essas fotos têm um nome: *extras*.(3)

3. As primeiras imagens do além

Tudo isso está bem ultrapassado! O que Jürgenson fez pela gravação de vozes, Klaus Schreiber, conseguiu fazer, pela primeira vez, pelas imagens, em Aix-la Chapelle, no início dos anos 80. Esses nomes serão em breve célebres em todo o mundo, e todos os futuros estudan-

(1) *Les morts ont donné signe de vie*, Fayard, edição de bolso, 1976, pp 29-30.

(2) cf. Harold Sherman, *The dead are alive*, Ballantine Books, 1987, pp 39-40: 1ª edição em 1981.

(3) cf. T. Patterson, *100 Years of Spirit Photography*, Regency Press, Londres 1965.

tes aprendê-lo-ão como aprendem os de Branly ou de Marconi. Desde então, vários grupos de pesquisadores têm, por seu turno, feito o mesmo. Sobretudo Hans Otto König que trabalhou muito com Klaus Schreiber. Por ocasião de um congresso internacional em Milão, em junho de 1986, perante 2.200 participantes, H.O. König apresentou uma série de dispositivos a partir dos trabalhos de K. Schreiber. Entre essas fotos havia muitos falecidos da família de K. Schreiber, naturalmente, mas também Romy Schneider, Curd Jürgens, muitos desconhecidos, e ainda duas fotos de crianças cujas mães, presentes na sala, com a emoção que se pode imaginar, reconheceram perfeitamente.(1) A maior parte dessas fotos encontram-se reproduzidas na obra consagrada aos trabalhos de Klaus Schreiber realizada por Rainer Holbe (assinalados, a esse respeito, que o videocassete é mais nítido ainda que as fotos do livro). (2)

As primeiras imagens do além! Fantástico, incrível! Contudo... meus amigos de Luxemburgo também receberam tais imagens. O professor Ernest Senkowski, da Escola Superior Técnica de Mayença, ajudou-os a montar, em seu pequeno laboratório, os aparelhos necessários. Mas, ainda nisso, eles foram ajudados por seus amigos do além. O boletim do Círculo de Estudos sobre a Transcomunicação publicado por eles, contém uma lista desses conselhos dados na véspera pelo “técnico”. As imagens aparecem em uma tela de televisão, e podem ser gravadas em vídeo por uma câmera. O resultado, eu vi:

Duas vistas de paisagens arborizadas, ainda um pouco fora de foco. Uma paisagem montanhosa com um vale. Em seguida, a visão de uma espécie de planeta, maior do que a nossa lua, elevando-se no céu, acima do horizonte. Depois, uma espécie de cidade por trás da qual corria um rio que o “técnico” chamou, a seguir, de *rio da Eternidade*. No centro da tela erguia-se a silhueta de um edifício maior que os outros. Era, segundo o “técnico”, o centro emissor para as transcomunições com a terra.

Mas a sequência mais emocionante, e também sem dúvida a mais nítida, era a imagem de meio-corpo de uma jovem, no centro da tela voltada para os espectadores. Atrás dela, o mar; o equivalente ao mar do além. Via-se perfeitamente o movimento das vagas, e as ondas que vinham quebrar-se na praia do além. Esta jovem surgia com a mão di-

(1) *Die Parastimme*, nº 3, agosto de 1986, pp 19-20

(2) *Bilder nus dem Reich der Toten*. Knaur. R.T.L. Ed. 1987

reita sobre a boca e enviava um beijo aos espectadores que éramos nós, um beijo àqueles que ela deixara na terra.

Todas essas imagens, de acordo com o “técnico”, correspondiam ao terceiro nível, segundo a terminologia de F. Myers. Nós veremos mais adiante que existem muitos níveis, muitos planos no além, e muitas maneiras de contá-los. Conhecemos aqui muitos sistemas para medir a temperatura ou a intensidade dos tremores de terra, como por exemplo a escala Richter. Pois há também a escala de Myers! Contemos-nos, por enquanto, em dizer que a classificação de Myers comporta sete níveis, ou melhor sete etapas, uma vez que o instante mesmo da morte é contado como o primeiro nível e a etapa intermediária seguinte, imediatamente após a morte, como a segunda. Esta terceira etapa corresponde, pois, na sua classificação, ao primeiro nível de existência um pouco durável no além.

Meus amigos do C.E.T.L. (Círculo de Estudos sobre a Transcomunicação de Luxemburgo) já haviam recebido várias outras imagens, dentre as quais uma merece particularmente ser mencionada: em 16 de janeiro de 1987, a tela de televisão mostrava o rosto de um homem bem jovem, completamente desconhecido. Como a imagem e o som não poderiam ser obtidos ao mesmo tempo, não havia qualquer meio de identificá-lo.

Entretanto, em 2 de maio de 1987, uma nova comunicação (desta vez verbal) ocorreu com meus amigos do C.E.T.L. Estavam presentes, além do grupo habitual, o padre Andreas Resch, doutor em teologia e doutor em psicologia, professor de psicologia clínica e de paranormologia no Alfonsianum da Universidade de Labrão, em Roma, e também diretor do Instituto para os Problemas das Fronteiras da Ciência em Innsbruck; George Meek, engenheiro americano sobre o qual já falamos; o professor Senkowski e sua esposa. Após a voz de Constantin Raudive, uma outra voz declarava, em inglês, mas com um sotaque francês bastante claro (eu mesmo ouvi a gravação):

“My name is Henri Sainte-Claire Deville. I left your world in 1881... Meu nome é Henri Sainte-Claire Deville. Deixei o seu mundo em 1881 e lhes falo em meu nome e em nome de toda a nossa equipe de sábios da *Life-Line*...”

Life-Line é o nome da equipe que trabalha, no além, em ligação com George Meek e sua *Metascience Foundation*.

Henry Sainte-Claire Deville reencontrava, pois, em Luxemburgo

seu colaborador terrestre habitual e falava-lhe em inglês. Mas era a primeira vez que ele se apresentava.

Tão logo terminou a emissão, na mesma noite, um dos membros do C.E.T.L. abriu seu dicionário Larousse Universal e encontrou as seguintes linhas:

“Sainte-Claire Deville, (Henri Etienne), químico francês, nascido nas Antilhas, morto em Bolonha sobre o Sena (1818-1881); autor da dissociação e de importantes trabalhos sobre a química dos metais”.

Em uma “transcomunicação” posterior, o “técnico” revelaria que o rosto de homem surgido na tela em 16 de janeiro, era o de Sainte-Claire Deville. A viagem que George Meek efetuaria ao Luxemburgo era conhecida há muito tempo no além.

Essas histórias de pioneiros farão, talvez, sorrir compassivamente quem tiver seu pequeno videofone para comunicar-se com o além. No momento, os pesquisadores organizam-se por toda a parte. Harold Sherman avaliava, em 1981, o número de pesquisadores na Alemanha em cerca de mil. (1) Os ingleses e os americanos recuperam, pouco a pouco, seu atraso devido, em parte, segundo H. Sherman, (2) à obra malévola de um jovem diplomado de Cambridge em busca de celebridade. Na Inglaterra, G. Gilbert Bonner teria se comunicando durante meia-hora. (3) Na Escócia, Alex MacRae, engenheiro eletrônico que trabalhou para a NASA (Skilab e nave), estudando aparelhos de comando verbal para deficientes, teve a idéia de tentar captar as vozes do além, em janeiro de 1983, com pleno sucesso imediato; mas, ao menos naquela época, unicamente para a reaudição, não ao vivo como König. (4) Os italianos ocupam um bom lugar no movimento e assim provaram em diferentes congressos. Um artigo do boletim da *Metascience Foundation* criada por Meek (5) assinala que tentativas têm sido feitas por todo lado, notadamente no Egito, pela americana Sarah Estep: na grande pirâmide de Gizeh, no templo subterrâneo de Dendera, e com sucesso! Mesmo os russos se engajaram. Este artigo menciona também os nomes do professor Romen da Universidade de Alma-Ata e do profes-

(1) op. cit: p. 264.

(2) p. 272-274.

(3) ibidem p. 5.

(4) Cf. John, G. Fuller, op. cit; pp 203-206.

(5) *Unlimited Horizons*, vol. 5. n° 2, verão de 1987.

sor Krokhavev da Universidade de Perm. Na Igreja Católica, enfim, a boa vontade manifestada por Paulo VI não foi frustrada. Claro, não houve o entusiasmo que se poderia esperar, mas vários eclesiásticos engajaram-se. Aos nomes dos padres Leo Schmid, Gemelli, Karl Pflieger, Eugenio Ferraroti, Andreas Resch, deve-se juntar ainda o do padre beneditino Pellegrino Ernetti.

4. O Cronovisor e as imagens do passado

O padre Ernetti colabora com pesquisas talvez mais fantásticas, pois trata-se de captar, com o *cronovisor*, imagens e vozes de defuntos, mas no momento de suas vidas sobre a terra. O padre Ernetti tem cerca de sessenta anos e é titular de uma cátedra absolutamente única no mundo. Ele ensina, na Universidade de Veneza, música arcaica (pré-polifônica), voltando, portanto, no tempo, desde o ano mil da nossa era até o décimo século A.C. Um dos problemas que o preocupavam há muito tempo era o da rítmica da música antiga. Ele foi levado a trabalhar com o padre Gemelli na Universidade Católica de Milão, no momento em que este havia captado, em 1952, vozes do além. Nomeado em Veneza, em 1955, para ministrar aquela nova matéria, pôde reunir em torno de si uma dezena de cientistas de alto nível, especialistas vindos de várias partes do mundo. Foi então que se elaborou lentamente, no maior segredo, um novo aparelho. Lá pela metade dos anos 70, ter-se-ia captado o som e as imagens de uma tragédia antiga, encenada em Roma em 169 A.C. Tratar-se-ia de Tieste de Quintus Ennius, tragédia hoje quase que completamente perdida. Ela só era conhecida por 25 fragmentos, citações de três autores latinos diferentes: Probius, Nonius e Cícero. O “cronovisor”, restituiu o texto, com seu acompanhamento musical: recitação cantada ao modo dórico. Sabe-se ainda, por algumas fugidias confidências, que uma outra vez o aparelho transmitiu uma cena de mercado em Roma. Informações sobre o passado imediato podem também ser obtidas. Assim, um dia, o padre Ernetti recebeu em seu aparelho os planos que acabavam de ser elaborados para um assalto. Ele pôde prevenir a polícia e fazer fracassar a operação.

Imagina-se facilmente todas as implicações militares, comerciais ou políticas de um tal aparelho. Compreende-se melhor a relutância dos inventores em colocar tais meios nas mãos de todos. O padre Ernetti parece temer ainda as possíveis consequências psicológicas, tão surpreendentes são seus efeitos.

Evidentemente, admitir a autenticidade de tais experiências é dar um grande passo. Seria desta vez, plena fantasia? O futuro dirá. O pró-

prio padre Ernetti se fecha, no momento, por trás de uma barreira de condicionais: uma equipe de sábios, diz ele, sem falar de si mesmo, teria desenvolvido um aparelho, que parecería... Foi apenas com autorização do Vaticano que o padre beneditino fez esta exposição em Trento, às margens do lago, em outubro de 1986. A revista Oggi mencionou o fato (nº 44, de 29 de outubro de 1986, pp. 111-112); o professor Senkowski, que não é nenhum extravagante, traduziu este artigo para o alemão, acrescentando seus próprios comentários. (1)

O testemunho a seguir tomará as pretensões desse “cronovisor” um pouco menos absurdas para nossos leitores:

Pierre Monnier e as imagens do passado

Pierre Monnier, um jovem oficial francês morto em 1915, do qual já registrei, resumidamente, comunicações por escrita intuitiva com sua mãe, revelava-nos do além, já em 1919, um fenômeno que poderia explicar, parcialmente ao menos, o funcionamento desse fantástico aparelho.

Sua mãe quis fazer, com um antigo colega de seu filho, sobrevivente da Grande Guerra, uma peregrinação aos lugares da última batalha onde seu filho tombara. Ela teve a estranha impressão de ver e ouvir alguma coisa daquele horrível combate. Pierre explicou-lhe que não se tratava de uma ilusão, uma invenção de sua imaginação, mas de um fenômeno natural, muito generalizado, mesmo que ainda poucos homens percebam:

“Permanece sempre uma ‘imagem indelével’ dos quadros do passado - o que vocês chamam de psicometria. Então, se você souber ver, uma espécie de ‘clichê’ da nossa passagem permanece visível aos olhos do espírito. Vocês têm, às vezes, exemplos, que tomam como alucinações, mas que são absolutamente reais, revelados excepcionalmente a seus olhos... Nos campos de batalha, mãezinha, nossas sombras permaneceram! A música toca ainda os brados furiosos e a Marselhesa; a bandeira drapeja... mas são imagens prolongadas e não uma realidade objetiva. Esses fenômenos permanecem ainda desconhecidos de sua ciência; entretanto, eles foram constatados por ‘videntes’, seres cuja constituição espiritual possui um desenvolvimento que os outros ignoram. Tu-

(1) Publicado pelo boletim do C.E.T.L., (nº 2/1987) - reproduzido na obra *Magie Madonnen und Mirakel, Unglaubliche Geschichten aus Italien*: Rainer Holbe et Elmar Gruber-Knauer, RTL Edição/1987, pp. 229-236

do o que atinge as diversas ondas que as envolvem, aí deposita uma imagem indelével; uma fotografia... Vocês compreenderão este processo num tempo bem próximo”. (1)

Pierre volta ao assunto mais longamente, (2) e explica que entre os milhares de clichês registrados num mesmo local, é o choque provocado por uma emissão de ondas de nossa parte que vai selecionar, como numa memória, o quadro desejado ou temido e colocá-lo em movimento:

“Trata-se de uma variedade da telepatia, que chamaria de material, entre ondas e ondas, que libera, assim como uma mola, o quadro de certo modo estabilizado; ele põe-se em movimento, estimulado que está pelas ondas análogas àquela que o banhou quando foi formado”.

Parece, igualmente, que condições atmosféricas particulares, regulares, periódicas ou excepcionais, podem favorecer o fenômeno. Isto explicaria, talvez, certos casos da aparição de fantasmas. Temos sempre tendência de simplificar, mesmo que involuntariamente, e de querer reduzir a uma explicação única os fenômenos que apenas nossa ignorância faz com que consideremos idênticos. Mas enfim, as inumeráveis visões, devidamente constatadas, de exércitos de fantasmas, travando eternamente o mesmo combate, encontrariam uma explicação por esse mesmo mecanismo, descrito por Pierre Monnier.

O desfile de soldados de infantaria, por exemplo, que se vê regularmente na primavera, na alvorada ou ao crepúsculo, perto de Frango Kastelli, velha fortaleza veneziana em ruínas, ao sul de Creta. Os habitantes da região chamam esse exército de sombras de *Drosulites*, isto é: *os homens do orvalho*. Os testemunhos são numerosos, totalmente dignos de fé. Mais de um cético teve de se render à evidência. As narrativas se cruzam e se completam. Sabe-se que se pode atravessar este exército sem ser incomodado nem o embaraçar. As vezes só podemos vê-lo colocando-nos muito baixo, ao nível do solo, agachados. Ele pode desaparecer progressivamente e não apenas por atenuação da imagem, mas por camadas; as pernas dos soldados desaparecem primeiro, depois seus troncos. Só se vê, então, os capacetes e as lanças. A visão é talvez bem nítida, mas a descrição não é bastante precisa para permi-

(1) *Lettres de Pierre*. vol. I, pp. 387-388

(2) *Lettres de Pierre*. vol. I, pp 394-396, pp 425-426.

tir a identificação do exército. Fala-se apenas de capacetes, cotas de malha, lanças e escudos.

Louis Pauwels, de quem extraio todos esses detalhes, (1), relata que “um conservador da Biblioteca Nacional, Jean-Pierre Seguin, declarou (num artigo publicado no jornal *Le Monde*), dispor de cerca de uma centena de publicações que registram a aparição de tropas armadas, de figuras humanas, de animais, de diversos objetos assustadores, às vezes projetados no céu”.(2) Nosso autor cita então, brevemente, a batalha entre dois exércitos, em pleno céu, acima da paróquia de Sarlat, em 11 de setembro de 1587:

Em 27 de janeiro de 1795, perto de Ujest na Silésia, em campo aberto, diante de uns cinquenta camponeses, um corpo de infantaria apareceu de repente, formado em três colunas e precedido por dois oficiais que carregavam bandeiras vermelhas. Em certo ponto a tropa parou e a primeira linha atirou na direção dos camponeses que não ouviram, contudo, qualquer ruído. Dissipada a fumaça, os soldados da cavalaria ligeira apareceram e desapareceram, também repentinamente. A cena se repetiu em 3 de fevereiro do ano seguinte, diante de quatrocentas pessoas, e ainda em 15 do mesmo mês, perante trinta pessoas. Desta vez preveniram, imediatamente, o general Von Sass que se deslocou logo para o lugar com um destacamento. O exército fantasma que, nesse meio tempo, havia desaparecido, apareceu de pronto. Os dois oficiais a cavalo, de um e de outro exército, deslocaram-se ao encontro um do outro. O vivo interpelou o fantasma, que não respondeu. O vivo ia atirar no fantasma quando tudo desapareceu.

Outros casos são narrados nesta obra. Uma terrível batalha que se reproduziu por cinco vezes, no mesmo lugar na Inglaterra, em 1642, dois meses depois de realmente travada. Dois enviados de Carlos I da Inglaterra chegaram a reconhecer, entre os combatentes fantasmas, alguns dos que ali haviam morrido. Mais curioso ainda: em 1574, cinco soldados da guarda, em Utrecht, vêem no horizonte, perto da meia-noite, um combate feroz que só ocorreria de fato, doze dias mais tarde. Enfim, mais recentemente ainda, o Ministro da Defesa de “Sua Majestade” Elizabete II deveria abrir um inquérito sobre um combate de “es-

(1) Ver Louis Pauwels e Guy Breton, *Nouvelles histoires extraordinaires*, Albin Michel 1982, pp. 131-141.

(2) *op. cit.* p. 137.

pectros” que acontece a cada 23 de outubro, em Keinton... num campo do exército que serve de depósito de munições. (1)

Conheço pessoalmente uma pessoa a quem aconteceu aventura parecida, porém, sem combates inquietantes, de forma bem mais simples. Esta pessoa, em visita à casa de um amigo médium, quis filmar um lindo jardim que acabara de atravessar ao descer por uma escada. Qual não foi o seu assombro, quando viu a si mesma, através do visor da filmadora, descendo a escada como fizera alguns minutos antes. Surpresa, ela abaixou de imediato a câmera para olhar novamente a escada, sem o intermédio do aparelho. Os degraus estavam vazios. Ela perguntou a seus amigos se haviam visto alguém descer aquela escada. Não, responderam eles, um pouco espantados com sua pergunta, não há outra pessoa aqui, além de nós. Mas quando da revelação, ela aparecia no filme, somente da cintura até os pés, por causa do rápido movimento que havia feito com a câmera.

Como se vê, esse mistério de ondas remanescentes existe em todas as épocas e é menos raro do que se poderia crer. Sem dúvida é um mecanismo físico semelhante, ainda desconhecido, inexplicado, mas nada fantástico ou “sobrenatural” que está na origem daquilo que a senhora Monnier percebeu quando de sua peregrinação aos locais do combate onde havia perecido seu filho Pierre.

O que acontece com as imagens, é também possível para os sons. Se os camponeses da Silésia não ouviram os tiros, em contra-partida os espectadores da batalha de Edge Hill, na Inglaterra, ouviam muito bem o rufar dos tambores, os tiros de canhão, o ruído dos mosquetes e os gritos de agonia dos soldados, e ficaram muito apavorados.

Pode mesmo acontecer que apenas os sons sejam perceptíveis. Assim é para a “horda selvagem” (das Wilde Heer) que se houve perto do castelo em ruína de Rodenstein, nas montanhas d’Odenwald ao sul de Hesse. Os testemunhos remontam até 1750. Cada vez que uma guerra ou uma catástrofe está iminente, ouve-se ruídos de veículos, de marcha, de cavalos. O fenômeno era tão conhecido que certos governos europeus procuravam saber, nos períodos de tensão internacional, se alguém havia escutado a célebre horda. Cada um pense o que quiser, mas Werner Schiebeler, professor de física e eletrônica da Escola Técnica Superior de Ravensburg, apaixonado pela parapsicologia, contou-me que fizera viagens a Oldenwald e que novamente uma testemu-

(1) (*ibid* p 141).

nha havia escutado a horda, às vésperas da guerra do Yom Kippour.

Mas, se o universo está assim repleto de ondas do passado, que, em certas circunstâncias, podem encontrar-se reativadas e tomando-se, por um curto instante, novamente visíveis e audíveis, é muito possível que, às vezes também, nossas gravações em fitas magnéticas não nos transmitam senão ondas sonoras remanescentes de diálogos do passado entre vivos sobre a terra, de outros tempos, hoje já falecidos.

Foi o que aconteceu talvez, desta vez em Paris, em 1968, a uma pianista que morava à rua Ordener. A senhorita Marie-Claude X, havia composto algumas melodias que registrava no gravador. Escutando sua fita percebeu, além de sua composição, alguns sons bizarros, depois palavras confusas e, finalmente, muito claro, sempre impressas sobre sua música, algumas palavras pronunciadas muito claramente: “Você! Eis! Rocking”(1) e depois: “Com vocês... oh! que frio!.. É preciso voltar...” Ela morava no 6º andar, as janelas estavam fechadas, o apartamento estava completamente silencioso. De qualquer forma, se uma voz houvesse ressoado bastante forte para ser gravada na fita magnética, ela a teria escutado. Deixemo-la contar:

“Eu recoloquei meu aparelho em funcionamento. Havia gravações. Um instante mais tarde, eu me sobressaltei: um grito estridente, aterrorizante, cobria meus acordes”.

Ela parou de imediato o aparelho e depois, finalmente, tomou coragem, apesar de sua perturbação, para escutar o último trecho.

“O início não foi perturbado por qualquer ruído anormal, mas quase no fim, uma voz grave de repente, encobria a musica para dizer: ‘É muito gentil...’. Depois, ‘Eu voltarei’. Esta voz pareceu-me tão presente, que senti um calafrio”.

Por curiosidade, ela deixou sua fita correr até o fim, mas nenhum outro som saiu do aparelho. Após haver longamente refletido e pensado em todas as hipóteses possíveis, ela quis escutar novamente a fita. Ouviu de novo os sussurros, as palavras estranhas e o grito estridente. Meditou sobre tudo isso, sem pensar em parar a fita após as últimas palavras. Foi então que, de repente, no fim da fita, onde um momento antes não havia nada, ela percebeu muito claramente o ruído de uma res-

(1) N.T.: balançando. Em inglês. no original

piração; depois, um momento de silêncio e, de novo, "palavras ecoaram na peça, gritadas por uma voz de homem: "Louise! Louise!... Onde está você?", E novamente o silêncio. Silêncio que foi quebrado várias vezes por gritos longínquos e arquejos. Depois, bruscamente, uma voz feminina surgiu gritando: "A casa é mais baixa!". Finalmente, após um longo intervalo, a voz masculina retornou para dizer em tom decrescente: "Escutem!... Escutem!... E preciso escutar!".

Na manhã seguinte, Marie-Claude fez vir seu primo e novas gravações foram feitas à noite, deixando o aparelho ligado antes de irem se deitar. Uma voz de mulher pronunciou então, claramente, várias vezes: "Robic, Robic, meu pequeno...". O primo chamava-se Robert e "Robic" era o apelido afetivo que sua mãe lhe havia dado. Robert reconheceu a voz. Uma outra voz chamou por Marie-Claude.(1)

A comunicação, se bem que sempre imperfeita, acabou tomando-se relativamente normal: apelo de falecidos e viventes terrestres. Mas o mais estranho, e para nós o mais interessante desse acontecimento, foi a primeira frase: Marie-Claude teria recebido em seu aparelho pedaços remanescentes de conversações passadas que flutuavam ainda na atmosfera da peça? O que daria mais a pensar são os chamados: "Louise... Louise, onde está você?". E mais ainda o grito estridente. Ou então o gravador surpreendeu um diálogo que se desenrolara no próprio fevereiro de 1968, mas entre pessoas para nós invisíveis e inaudíveis: entre vivos de um outro plano. O final da história seria mais favorável a esta segunda interpretação. Onde, talvez, a exclamação: "A casa é mais baixa...", como se tratasse de seres viventes em outro espaço que teriam marcado encontro no nosso mundo e tivessem necessidade de coordenar seus esforços para encontrar o lugar escolhido?

Pode-se efetivamente captar, hoje em dia, com a ajuda de aparelhos, as imagens e os sons do passado? O "cronovisor" está já no ponto ou só terá, até o momento, realizado explorações isoladas e sem futuro, como os primeiros diálogos diretos obtidos por Bill O'Neil? Não estou em condições de responder. Penso, contudo, que de qualquer modo, isto será em breve uma realidade.

Em 1919, Pierre Monnier anunciava-nos que compreenderíamos logo o "processo" dessas ondas. Em 1922, sem visar particularmente esta área de pesquisa, é verdade, ele nos explicava como ocorreriam nossos progressos:

(1) Encontrar-se-á o relato completo em *Histoires Fantastiques*. Louis Pauwels e Guy Breton. Albin Michel 1983. pp. 49-57

“Temos entre nós numerosos amigos das ciências que, na vida terrestre, contribuíram para decifrá-las, para detectá-las, e que se esforçam agora em esclarecer os pesquisadores da terra: este é o papel deles, esta é sua missão, que para eles, é uma incomparável alegria...”.(1)

Um pouco como Constantin Raudive para com meus amigos de Luxemburgo, ou como Doc Nick e George Müller para com Bill O’Neil e George Meek. Mas, sem dúvida, também para muitos outros pesquisadores que não sabem donde lhes vêm intuições mais geniais.

Mas, lendo-se atentamente Pierre Monnier, tem-se a impressão de estar diante de um mistério em vários graus que ultrapassa, de longe, as simples imagens do passado captadas pelo “cronovisor”. Trata-se da objetivação de todos os nossos pensamentos e de todos os nossos sentimentos, de sua projeção sob a forma de ondas. Imenso problema, sobre o qual retomaremos mais extensamente. Contentemo-nos, por enquanto, com esse texto ainda extraído das *Cartas de Pierre*.(2) Ele se dirige, como sempre, à sua mãe:

“Em uma palavra, você pode admitir que a acuidade de um sentimento seja uma *figura* com uma *forma*, da qual você sentirá a qualidade que eu posso definir: “espiritualmente sólida”. Não lhe será impossível dar a esta sensação exteriorizada, um corpo (imaginário, mas ao mesmo tempo real). Esse sentimento que lhes parece totalmente subjetivo, não o é tanto quanto vocês supõem, na ignorância que têm da realidade objetiva da sensibilidade psíquica. Um dia virá, em breve, em que vocês descobrirão o que se pode chamar de *fantasmas* dos seus sentimentos e de seus pensamentos”.

O “cronovisor” poderá, um dia, captar esses *fantasmas*?

4. Os chamados telefônicos do além

Não acabamos ainda com o fantástico. Graças a todos os nossos instrumentos, as provas da sobrevivência multiplicam-se e vão além de

(1) vol. IV. p. 173.

(2) vol. I. p. 323.

todos os nossos dons particulares. Há algum tempo, um novo tipo de provas nos são dadas, menos conhecidas que os fenômenos de “transcomunicação”, não reproduzíveis à vontade, ao menos no momento, mas não menos espetaculares: são as chamadas telefônicas a partir do além. Um artigo de Theo Locher, presidente da associação suíça de parapsicologia (Schweizerische Vereinigung für Parapsychologie), analisa este assunto em dois números do *Parastimme*, o boletim da Associação Alemã de Transcomunicação (abril e agosto de 1986).

Seu telefone toca normalmente. Você atende e, de imediato, escuta a voz, o timbre, as palavras familiares da mãe ou filho que você “perdeu” (ou acreditou ter perdido) na véspera, há alguns dias, alguns meses ou alguns anos. O choque pode ser terrível. Uma mãe que pranteava sua filha há dois anos, escutou, dessa forma, um dia ao telefone, sem qualquer sinal de advertência, a voz de sua filha que lhe lembrava um incidente típico e familiar “Mamãe, sou eu; preciso de vinte dólares para voltar para casa”. A mãe caiu, desmaiada, ao lado do telefone.

O fenômeno não é contestável porque, em certos casos, um tanto excepcionais é preciso admitir, mas que provam que os outros casos são muito verossímeis, defuntos fizeram, ao telefone, revelações que puderam ser verificadas depois.

Uma atriz, Ida Lupino, que vivia em Los Angeles durante a Segunda Guerra Mundial, recebeu uma chamada telefônica de seu pai, morto há seis meses. A casa da família, em Londres, acabara de ser destruída por uma bomba, e a família encontrava-se em situação muito difícil por não ter o respectivo título de propriedade. Seu pai revelou-lhe de modo muito preciso, o lugar do porão onde havia escondido seus documentos. Essas indicações foram comunicadas a Londres, os documentos foram facilmente encontrados e tudo voltou à normalidade. Uma amiga dessa atriz, a senhora Pendleton, testemunhou o chamado telefônico e confirmou a autenticidade do relato.

Esses fatos são ainda pouco conhecidos por boas razões. Aqueles a quem eles acontecem não ousam falar, com medo de serem considerados por “desequilibrados”. Ignorando que isso já aconteceu a outros, terminam por duvidar de si próprios. Em certos casos, felizmente, havia várias testemunhas. Algumas obras começam a reunir esses relatos em estudos. Theo Locher assinala, assim, dois livros; um de S. Ralph Harlow *A Life After Death*, e outro, de Scott Rogo, *Phone Calls from the Dead*, que analisa cinquenta casos entre os setenta reunidos pelo autor e Raymond Bayless durante três anos de trabalho intenso.

Os estudos atuais mostram que o chamado pode vir de parentes ou amigos, mas geralmente de crianças a seus pais ou inversamente. As chamadas entre esposos parecem, ao contrário muito mais raras. O intervalo entre a morte e os chamados pode variar desde a manhã seguinte à morte até alguns anos depois. Em várias dessas chamadas o falecido parece não haver compreendido que não pertencia mais ao nosso mundo. Aqueles que chamam pouco depois de sua morte têm um ar, geralmente, perdido e a chamada é curta. Aqueles que, ao contrário, fizeram a grande passagem há um certo tempo, expressam-se mais calma e longamente. As vezes os "vivos da terra" não reconhecem de imediato a voz de seu falecido. Cabe então aos vivos-do-além insistir para serem reconhecidos, como já o vimos com as gravações. Enfim, em alguns casos extremos, quando a comunicação é estabelecida, a surpresa é tão grande no além quanto na terra.

O motivo dessas chamadas pode ser tanto uma espécie de necessidade do defunto de retomar contato com aqueles que deixou, quanto o desejo de tranquilizá-los e consolá-los.

Um simples bom dia, de passagem pode também acontecer. A filha da senhora H.S. não tinha mais que vinte anos quando morreu após numerosas operações. Sua mãe, entretanto, depois de um longo período de desespero já havia obtido alguns sinais incontestáveis da sobrevivência de sua filha em outro mundo. A dor de separação ainda existia, certamente, mas não o desespero. Um belo dia, enquanto a mãe falava ao telefone com uma amiga, a voz da jovem interveio no meio da conversa. Não para dela tomar parte, mas simplesmente para manifestar-se, reafirmar seu carinho com diminutivos familiares que restabelecem rapidamente a intimidade perdida. Certas pessoas, particularmente sujeitas a esse gênero de fenômenos, terminam gravando, sistematicamente, todas as suas chamadas telefônicas. Como neste caso. A mãe fez-me ouvir a fita cassete. A voz de sua filha é débil mas perfeitamente reconhecível, com a pronúncia muito rápida, bem característica das vozes dos falecidos registradas em gravador. As exclamações da mãe e de sua amiga suavizam-se.- A mãe agradece, mas não ousa fazer perguntas. A amiga encarrega-se de perguntar à jovem se ela pode recommear. E por três ou quatro vezes, as palavras retomam: "Eu sou feliz. mamãe, eu te amo".

Quanto ao mecanismo dessas chamadas, perdemos-nos atualmente em hipóteses. Pode ser que apenas a campainha passe pelo cabo telefônico e que, em seguida, os sons sejam diretamente transmitidos no ouvido ou nos centros auditivos da pessoa receptora. Mas, pelo menos em

um caso tal explicação não satisfaz, porque a telefonista anunciou uma chamada de longa distância. No local indicado, a chamada não foi registrada.

Nós estamos pois, em novo período da história humana, onde a sobrevivência pessoal de cada um não é mais uma questão de fé, de crença, de intuição ou de opinião, mas de conhecimento: como no tempo em que alguns sabiam que a terra girava em torno do sol enquanto outros o ignoravam, por estarem mal informados. O mesmo ocorre hoje em dia, quando existem uns que sabem que a sobrevivência é um fato e outros que pensam que isso é apenas uma hipótese a ser considerada.

Agora vocês sabem!

II

A MORTE É UM SEGUNDO NASCIMENTO

1. A alegria de morrer

Portanto, a morte não é a morte. Ela não é senão uma passagem para uma nova forma de vida, como um novo nascimento. Mas como se dá essa passagem? Em que consiste esta nova existência? Procedamos por etapas.

Antes de tudo, é preciso dizer, porque é sempre útil saber, caso... mais exatamente, para o momento em que for preciso fazer essa passagem: é maravilhoso morrer. Reconheçamos honestamente que antes pode-se sofrer, e até mesmo terrivelmente. Mas é da passagem propriamente dita que quero falar.

Já durante a última guerra, bem antes das revelações do Dr. Moody sobre as Experiências nas Fronteiras da Morte, o professor Eckart Wiesenhütter encontrava-se muito intrigado com as reações de um jovem soldado de 28 anos. Os intestinos em pedaços devido a uma explosão de obus, havia sido salvo por um triz. Voltando a si, durante vários dias inteiros recusou-se a falar. Enfim, deixou escapar: “Por que vocês fizeram isso?”. Apenas mais tarde ousou contar a respeito do sentimento de libertação extraordinária de alegria paradisíaca que havia experimentado e que lhe haviam roubado.

Algumas semanas mais tarde, o professor Wiesenhütter recolhia outros testemunhos, mais precisos, de dois rapazes que quase se haviam afogado e que haviam sido salvos com muita dificuldade. Eles guardavam uma lembrança tão maravilhosa de sua experiência que era da mesma morte que desejavam partir definitivamente no dia em que a hora chegasse. Eles não ignoravam que passariam outra vez pela mesma angústia. Mas sabiam que ela não duraria e que a alegria em seguida seria imensa...

O professor recolheu testemunho semelhante de um estudante quase morto de frio durante um passeio de esqui após ter-se perdido devido a neblina. Ele teve amputados dedos da mão e dos pés. Entre-

tanto, declarou que desejava morrer assim - caso tivesse escolha - Wiesenhütter soube, por intermédio de montanhese experientes, que tal sensação é temida pelas equipes de socorro. As vítimas, passado o momento de pânico, sentem tal felicidade que a vontade de lutar desaparece.

A mesma observação já havia sido feita, há muito tempo, a respeito de quedas ocorridas nas montanhas. A tal ponto, que alguém já escreveu: “Morrer caindo de uma grande altura é muito agradável”.(1) É verdade que hoje se sabe qual o papel desempenhado pela secreção da endorfina nesta sensação de euforia, mas, como veremos adiante, isto não explica tudo.

Quando não se traz o moribundo de volta à vida, quando o mesmo não é trazido de volta, à força, para nosso mundo, como as coisas acontecem? Vamos descrevê-los, inicialmente, em seu aspecto exterior.

Parece não haver aí regras absolutas, uniformes. Cada um inventará um pouco a sua própria morte. Neste momento, seremos todos criadores.

Entretanto, parece também, que não se pode tomar como modelo o que ocorre quando a morte é apenas momentânea, provisória, como o caso daqueles que se traz, finalmente, de volta à vida. Neste caso, quem está morrendo encontra-se fora de seu invólucro carnal, sem ter um outro corpo completamente constituído. Ele pode ver, às vezes ouvir tudo o que se passa neste mundo, atravessar paredes e tetos, deslocar-se instantaneamente, e encontrar-se onde desejar, livremente; mas, na maioria dos casos, ele não tem a impressão de possuir um verdadeiro corpo, ou então sente-se em um corpo vagamente esférico, sem contornos precisos e sem consistência, como uma espécie de “bruma”, de “nuvem”, de “vapor”, ou de “campo de energia”. (2)

Sabe-se que tal fenômeno de desincorporação, ou de saída para fora do corpo, pode, muito bem aliás, produzir-se independentemente do contexto da morte, de um acidente ou de uma operação. É verdade, não obstante, que muitas pessoas que se desincorporaram ou se desdobraram pela primeira vez fizeram-no depois espontaneamente fora de

(1) Eckart Wiesenhütter *Blick nach druben. Selbsterfahrungen in Sterben*: Güstertloher Verlagshaus 1974.

(2) Raymond Hoody, *La vie après la vie, Lumières Nouvelles sur la vie après la vie*, Robert Laffont, 1977/78. Michaël Sabon, *Souvenirs de la Fort*, Robert Laffont 1983 - Kenneth Reng, *Sur les Frontières de la vie*, Robert Laffont 1982. - Georges Ritchie, *Retour de l’Au-delà*, Robert Laffont 1986 - Karlin Osis e Enleudur Haraldsson. *Ce qu’ils ont vu... au seuil de la mort*. Ed. du Rocher 1977.

qualquer perigo. Algumas terminam mesmo podendo fazê-lo por sua própria vontade. Enfim, é preciso notar que existem agora na França e em outros lugares, centros onde se pode treinar essa viagem fora do corpo, no “astral”. Há, inclusive, manuais, guias práticos, métodos, onde se descreve, minuciosamente, como se preparar para isso, e nisso se exercitar.

Segundo **pesquisas** conhecidas, 80% daqueles que fizeram esta experiência de desincorporação provisória sentiram-se mais como espírito, como consciência desencarnada, do que como viventes em um novo corpo. É ao menos a esse resultado que chegaram, separadamente, Celia Green e K. Ring.(1)

Parece que ficam tão cativados por tudo o que vêem e ouvem, que não têm tempo de se perguntarem sob qual forma continuam a viver. Assim, a senhora Yolande Eck contou-nos que, estando fora de seu corpo, em um magnífico jardim, teve a impressão de ali ver um banco e de nele *sentar-se*; um pouco mais tarde, *levantou-se* para ir ao encontro de um ser maravilhoso que vinha ao seu encontro. Cheia de respeito diante da elevação espiritual daquele ser de luz, e transtornada pelo amor que dele emanava, *caiu de joelhos* diante dele. Mas, na realidade, apenas mais tarde, quando ele a fez retomar à terra, apesar de suas súplicas, ela lembrou-se de verificar se tinha um corpo, muito cuidadosamente ela conta que tentou apalpar-se. De tal forma que, ao contar sua aventura, ela faz sempre o gesto de beliscar o próprio braço. Ela tem, pois, o impulso de fazer gestos, o que significa que ela tinha a impressão de ter um corpo: mas teve, contudo, a surpresa de não encontrar nada consistente.

A CONSTITUIÇÃO DO CORPO ESPIRITUAL

No caso dos que morrem a morte definitiva, com efeito, tudo leva a crer que as coisas acontecem de outra forma. Um verdadeiro corpo constitui uma cópia, mas isso leva tempo.

O fenômeno, aliás, era conhecido dessa forma há muito tempo, mas os testemunhos diretos não eram muito numerosos, e nossa cultura, nos últimos séculos, tomou-se distante disso. Uma guinada colossal está em curso, atualmente. Eis então, a narrativa feita por um missionário,

(1) *Out of the Body Experiences*, Ballantine, New-York 1968 - K. Ring. op. cit.
p. 252.

no século XIX, das crenças dos taitianos sobre a morte: eles acreditam que, no momento da morte:

“A alma é atraída, fora do corpo de que foi retirada, para ser lenta e gradualmente unida com o deus do qual ela emanara... Os taitianos concluíram daí que uma substância, tomando forma humana, saía do cadáver pela cabeça. Pois, entre os raros privilegiados que possuem o dom sagrado da vidência, alguns afirmam que pouco após a parada da respiração do corpo humano, um vapor eleva-se da cabeça e paira um pouco acima dele, ligado ao mesmo por uma corda vaporosa. A substância, dizem, aos poucos aumenta de volume e toma a forma de um corpo inerte. Quando está completamente fria, a corda de ligação desaparece e a alma, com forma corporal, afasta-se flutuando, como levada por carregadores invisíveis”.(1)

Esta narrativa é totalmente confirmada pelo testemunho de observadores modernos e ocidentais. R. Crookall na sua obra “*Out of the Body Experiences*,”(2) fornece cerca de vinte exemplos, dos quais dois são citados por K. Ring.(3)

Estelle Roberts descreveu dessa forma a transição de seu marido:

“Vi seu espírito deixar o corpo. Saiu por sua cabeça e foi, pouco a pouco, modelando-se em uma réplica exata de seu corpo terrestre. Permaneceu em suspensão, a cerca de trinta centímetros acima do seu corpo, estendido na mesma posição horizontal e ligado à cabeça por uma corda. Depois a corda se rompeu, a forma espiritual afastou-se flutuando e atravessou a parede”.

A outra narrativa provém de um médico do século XX que possuía, certamente, dons mediúnicos. Eis aqui, pois, como o doutor R.B. Hout descreve-nos a morte de sua tia:

“Minha atenção foi atraída... logo acima de seu corpo físico, para alguma coisa em suspensão na atmosfera, a pouco mais de sessenta centímetros da cama. Eu não distingui de imediato nada além do vago contorno de uma substância brumosa semelhante à

(1) Greenhouse H.B.. *The Astral Journey*, Avon, New-York 1974, p. 26, citado por Kenneth Ring: *Sur la frontière de la vie*, Robert Laffont 1982, p. 253.

(2) R. Crookall, *Out of the Body Experiences*. University Books 1970, New-York.

(3) Op. cit, pp. 253-254.

neblina. Parecia não haver lá, em suspensão, senão uma bruma imóvel. Mas, como eu a olhava, pouco a pouco aquele vapor inexplicável ganhou volume, tornou-se mais denso, compacto, e condensou-se à minha frente. Depois, fiquei assombrado de ver que se formavam contornos precisos, enquanto aquela substância brumosa tomava uma forma humana.

Compreendi rapidamente que via um corpo parecido ao corpo físico de minha tia... o corpo astral (o termo é de Hout) permanecia suspenso horizontalmente, a menos de um metro acima de sua contrapartida física... Continuei a olhar e... o corpo do espírito (este termo é, novamente, de Hout) pareceu tornar-se completo. Eu distinguia perfeitamente seus traços. Eram similares aos do rosto físico, mas irradiava paz e exprimia vigor ao invés de velhice e dor. Os olhos estavam fechados como em sono tranquilo e uma luminosidade parecia irradiar-se do corpo do espírito.

Enquanto eu observava o corpo do espírito em suspensão, minha atenção foi atraída, de novo intuitivamente, por uma substância prateada que saía da cabeça do corpo físico em direção à do espírito da cópia. Depois, eu vi a corda de ligação entre os dois corpos. E enquanto olhava, eu dizia a mim mesmo: "*a corda de prata*". Compreendia seu significado pela primeira vez. Aquela corda de prata era o elo de conexão entre os corpos físico e espiritual, como o cordão umbilical que une a criança a sua mãe...

A corda era ligada a cada um dos corpos na protuberância occipital, bem na base do crânio. No ponto de ligação com o corpo físico, ela abria-se em leque e numerosos raminhos separados ligavam-se, isoladamente, à base do crânio. Mas fora desses pontos de ligação, a corda era roliça, com um diâmetro de cerca de dois centímetros e meio. Sua cor era aquela de um raio luminoso, translúcido e prateado. Ela parecia vibrar sob o efeito de uma energia intensa. Eu via pulsações luminosas percorrerem-na, do corpo físico ao espírito da cópia. A cada pulsação, o corpo do espírito ganhava vigor e densidade, enquanto o corpo-físico parecia mais calmo e inerte... Nesse momento, os traços se tomaram bem distintos. Toda a vida encontrava-se no corpo astral... as pulsações da corda haviam parado... Eu olhava suas ramificações abertas em leque na base do crânio. Cada ramo partia-se... a separação final era iminente. Um duplo processo de morte e nascimento iria acontecer... O último ramo de conexão da corda de prata partiu-se e o corpo do espírito foi libertado.

O corpo do espírito, que se encontrava em levitação (estendido sobre o dorso) ergueu-se... Os olhos fechados abriram-se e um sorriso clareou os traços iluminados. Ela deu-me um sorriso de adeus e desapareceu.

Fui testemunha do fenômeno acima como de uma realidade inteiramente objetiva. Vi as formas do espírito com meu olhar físico.(1)

Em caso de morte definitiva, a existência de um segundo corpo, corpo “sutil”, ou “espiritual”, é certa. Bem como, muito provavelmente, a existência de muitos corpos embutidos uns nos outros como bonecas russas. Mas a forma como esse segundo corpo se desliga do invólucro carnal pode variar.

Parece, quanto a isto, que se pode aceitar os testemunhos recolhidos a respeito das mortes provisórias, como igualmente válido para as mortes definitivas.

A saída, bem como o retomo, podem ocorrer pelo alto da cabeça, praticamente pela moleira. Alguns têm a impressão de serem aspirados para fora de seus corpos ou neles introduzidos como por um funil, mas com dor; outros sentiram-se deslizar para fora do seu corpo pela lateral: “entre o colchão e a beirada da cama”, relata-nos uma dessas testemunhas, “parecia que eu passava *através* dessa beirada”. (2)

A saída pode, também, acontecer pela boca, como a idéia do “último suspiro” bem sugere. A esse propósito, nós temos sorte de ter um texto bem antigo, bem anterior a todas essas pesquisas, onde a testemunha fez um esforço todo particular para acompanhar todas as fases do processo. Eis aqui, pois, a narrativa desta saída do corpo pela boca, tal como foi várias vezes vivida pela grande mística alemã, Marie-Anne Lindmayr.

Trata-se, nesse caso, para ela, de um tipo particular de êxtase, o mais profundo. Ela conhecia outros dois tipos. Seu confessor havia lhe pedido, em 1705, um relatório detalhado a respeito:

“Pedi ao Senhor para me fazer perceber o desenrolar do êxtase, mantendo o pleno uso de minha razão, como muitos que estão morrendo conservam, até o derradeiro momento, suas consciên-

(1) O leitor terá feito, sem dúvida, a ligação entre essa narrativa e certos desenhos de William Blake onde se vê, acima do corpo estirado, sua cópia flutuar na horizontal, a pouca distância, começando a desligar-se.

(2) Cf. Moody, op. cit. I. p. 54-55.

cias... Conheci o início, o ponto culminante e o fim deste êxtase. Estava tomada de grande fraqueza. Não era consequência de uma debilidade natural, mas porque Deus queria fazer-me ver suas maravilhas. Esta debilidade era acompanhada e seguida de um frio de intensidade inexprimível, indescritível, que começava pela parte inferior do corpo e tomava, pouco a pouco, meu corpo inteiro que perdia assim, toda a sensibilidade. Eu sentia meu coração parar, pouco a pouco, de bater e minha respiração tornar-se cada vez mais curta. Sentia, ainda, um pouco de vida em meu coração. Como um moribundo - a quem Deus dá a graça da consciência - sente que piora cada vez mais, e que sua alma está a ponto de deixá-la, eu tinha a alma como que saindo pela boca. Antes da partida da alma, sentia-me ainda presente; mas estava exteriormente como morta, absolutamente insensível, fria como gelo, sentindo sobre mim um sopro frio. Num instante a razão havia desaparecido com o espírito, e ao mesmo tempo via-me sendo conduzida ao local onde Deus queria que eu estivesse. Permaneci assim durante mais de duas horas fora do meu corpo. O senhor fez-me sentir, igualmente, quando meu espírito voltou a meu corpo. Como se o espírito me invadissem - o que durou um curto instante - recuperei toda a razão. Era para mim como se, pelo poder de Deus, um gigante forte e poderoso me sacudisse e minha alma entrasse pela minha boca, como por ela havia saído. Pouco a pouco, sentia de novo a vida em meus membros e, após uma hora, recuperei um pouco a sensibilidade corporal (embora meu corpo estivesse ainda enrijecido pelo frio que só desapareceu após alguns dias). O Senhor Deus fez-me também, então, compreender que sempre que isto acontecia era por um milagre de sua onipotência".(1)

Mas a grande passagem pode, igualmente, produzir-se sem que se perceba, como ocorre, com frequência, em caso de acidente. O corpo espiritual encontra-se projetado para fora de seu invólucro carnal. Há numerosas narrativas de pessoas que se viram a alguns metros de distância de seus carros - surpresas por perceberem pessoas correndo até o veículo e, ainda mais, por verem que dele retiravam seu próprio corpo.

(1) Cf. Marie-Anne Lindmayr, *Mes relations avec les âmes du Purgatoire*. edição Christana, Stein am Rhein 1974, pp. 17-18.

Esta saída imediata do invólucro carnal pode também produzir-se em casos de febre muito alta e de intensa preocupação, sem qualquer choque físico brutal. A narrativa do jovem soldado americano George Ritchie é muito significativa.

Após exercícios um pouco rigorosos, ele ficou resfriado; mas, com a despreocupação natural da idade, fez pouco caso dos médicos e enfermeiros embora sua temperatura atingisse 41,4°. Sua única preocupação era não perder o táxi que deveria levá-lo, durante a noite, até a estação de onde iria para casa, para as festividades do Natal. Ele desmaiou quando o faziam passar pelo raio X. Subitamente, em plena noite, ele despertou em um minúsculo quarto onde fora isolado:

“Levantei-me sobressaltado. Que horas eram? Olhei para a mesa de cabeceira, mas haviam levado o despertador. Aliás: onde estavam minhas coisas?... O trem! Eu havia perdido o trem! Saltei da cama, tomado de pânico, procurando minhas roupas... Meu uniforme não estava sobre a cadeira. Olhei embaixo dela, atrás. A mala também não estava ali. Onde poderia ter colocado minhas coisas senão no guarda-roupa? Debaixo da cama, talvez? Dei a volta e, de repente, senti-me paralizado... Havia alguém na cama!

Cheguei mais perto. Era um jovem de cabelos castanhos cortados bem curto, deitado calmamente. Mas, era impossível! Eu acabara de sair dessa cama! Durante um tempo lutei contra este mistério. Era verdadeiramente estranho, mas eu não tinha tempo...”

Ele sai precipitadamente para ver se suas roupas não estariam com o guarda... Apenas bem mais tarde ele compreenderia que o corpo sobre a cama era o seu. Era ele mesmo. Segue-se, então, uma procura de seu próprio corpo em várias barracas, todas semelhantes, uma verdadeira busca mística à procura de si mesmo. Procura realmente assombrosa.(1)

Lendo essa narrativa, não se pode deixar de imaginar a situação e de ver aquela cópia que se senta à beira da cama, dissociando-se de seu invólucro carnal como na célebre sequência de “Vampyr” de Karl Dreyer, onde a cópia de um homem levanta-se, enquanto que seu corpo carnal permanece sentado sobre um banco. A cópia, evidentemente, não projeta qualquer sombra sobre o solo. Mas que ninguém se engane:

(1) C.f. George Ritchie. *Retour de l’Au-delà*, Robert Laffont 1986. pp. 49-50

a história de George Ritchie é bem autêntica. É até mesmo "uma das três ou quatro mais extraordinárias" que R. Moody conhece, e a primeira que ele escutou levando-o às pesquisas que conhecemos.

Estaríamos tentados a crer que essa passagem para o além, sem que se perceba, só é possível no caso de morte provisória. Aqueles que morrem de verdade, pelo menos eles, devem perceber a passagem, senti-la. Só podemos sabê-lo se confiarmos em outros tipos de testemunhos e, sobretudo, nos médiuns.

Citarei apenas duas histórias, rapidamente, todas elas relatadas por Jean Prieur (1)

A primeira é um pouco trágica. Um trabalhador morre, instantaneamente, ao acender um maçarico em um tanque de gasolina vazio, mal limpo e mal ventilado. O que não o impedira, naturalmente, de voltar tranquilamente para sua casa... sem seu corpo carnal, o único, infelizmente, que a maioria das pessoas pode ver. Em sua casa todo mundo está chorando e comentando sua morte. Ele tenta tranquilizar sua mãe, mostrar-lhe que está ali, falar-lhe... em vão. Finalmente, em casa de uma vizinha, ele vai encontrar ajuda. De início, uma mulher, sem enxergá-lo, sente sua presença e pode, em pensamentos, dialogar diretamente com ele. Ela não ousa, entretanto, explicar-lhe o que aconteceu. Uma outra pessoa, em visita à casa da primeira e que pode vê-lo, começa a ajudá-lo. Somente com muita paciência essas duas mulheres conseguiram fazê-lo admitir que passara para o outro mundo. Enfim, um de seus parentes, morto antes dele, veio buscá-lo. Este jovem permaneceu um amigo fiel das pessoas que o socorreram, vindo assistir, do invisível, a seus círculos bíblicos e trazendo-lhes alguns de seus novos amigos, tão invisíveis quanto ele. Um dia declarou:

"Como é possível que coisas tão importantes não sejam ensinadas na Igreja? Eles cometem um crime por não falarem a respeito. Se as pessoas soubessem o que vocês sabem, e que eu sei agora, não se ficaria angustiado aqui, como eu fiquei nos primeiros tempos. Se as pessoas soubessem o que vocês sabem, não teriam medo de morrer". (2)

É verdade que, até um certo ponto, os tibetanos estão, de há muito, mais bem preparados para esta prova. O célebre Bardo Thödol, seu

(1) *Les morts ont donné signe de vie*, Edition de Poche: Fayard 1976.

(2) op. cit. p. 178.

livro de preparação para a morte, explica o seguinte:

“Sem cessar, involuntariamente, tu erraras. A todos aqueles que chorarem (tu dirás): ‘Estou aqui, não chorais’. Mas como não te escutarão, tu pensarás: ‘Eu estou morto’, e nesse momento ainda tu te sentirás infeliz. Não fiques infeliz por isto”.(1)

A outra história de morto, realmente morto, mas sem o haver percebido, tem algo de francamente engraçado. É a de um pobre caminhoneiro português que sofreu um acidente. A cabine ficou completamente carbonizada, mas ele deve ter morrido sem ter conhecimento do fato, pois continuou a fazer esforços desesperados para desvirar seu caminhão. Foi uma moça que, passando de carro pelo local do acidente, graças às suas faculdades mediúnicas, pôde compreender e descrever a cena. Um pouco mais tarde, passando outra vez pelo mesmo local, ela não viu mais o caminhão que teria sido rebocado. Mas, para sua surpresa, ela viu à beira da estrada o mesmo caminhoneiro português, tentando, ainda desesperadamente, conseguir uma carona. É verdade, como veremos adiante, que uma vez no além, o tempo não é mais o mesmo!

Temos ainda confirmação, por uma outra fonte, do caso em que o morto se vê tão bruscamente projetado no além que sequer o nota. Trata-se de numerosas mensagens recebidas por escrita intuitiva. O fenômeno tem, evidentemente, ligações com a mediunidade, mas é, de qualquer forma, um pouco diferente. O caso que vou contar é o de um jovem oficial de cavalaria “morto em combate” e foi-nos transmitido pela viuva e pela filha do célebre coronel Gascoigne, oficial britânico, herói da batalha de Cartun e antigo companheiro de Cecil Rhodes:

“Eu acreditava que somente a exterminação poderia vir após tal inferno. De todos os lados, inglês como alemão, era uma hecatombe. Os blindados, a metralha e os aviões! Tinha a impressão de que estávamos sendo exterminados pelas máquinas que havíamos criado... Sentia-me doente e deplorável. Depois essas sensações desapareceram e eu me encontrei do lado de fora falando com o meu coronel. Ele parecia não notar as balas que caíam sobre nós, sem cessar. Eu corri para abrigar-me, mas ele chamou-me dizendo-me que não me preocupasse. Ele tinha um ar juvenil co-

(1) *Le Bardo Thödol, Livre des morts Tibétain*, Librairie d'Amérique et d'Orient. Maisonneuve 1977. p 139: mesma idéia p 86, 138...

mo o de um recruta e parecia alegrar-se com a batalha. Pôs as mãos sobre meus ombros e disse: “Não vê você, Kit, que estamos mortos? Contudo, estamos mais vivos que os outros...”(1)

Outros, também definitivamente mortos, tiveram, ao contrário, tempo de ver sua morte chegar. Isto não é, contudo, tão terrível como poder-se-ia temer. Mais precisamente, mesmo nos casos mais dolorosos e angustiantes, o horror parece sumir, pelo menos no último instante. Temos uma multidão de testemunhos de moribundos que, em seus últimos momentos, viram chegar até eles aqueles que haviam amado na terra, e que haviam feito a passagem antes deles. Em vários desses casos, alguns tiveram mesmo a surpresa de ver chegar a seu encontro amigos e parentes cuja morte ainda ignoravam. Em razão de seu estado já grave seus acompanhantes haviam preferido não lhes infligir a prova suplementar dessa “triste” notícia.

Mais emocionante ainda é o testemunho de Pierre Monnier sobre sua morte, durante a Primeira Guerra Mundial. Já citei seu nome e serei levado a fazê-lo várias vezes ainda, nesta obra. Já é tempo, pois, de apresentá-lo ao leitor.

2. Pierre Monnier e a aprendizagem do invisível

Pierre Monnier é um jovem oficial francês, morto aos vinte e três anos de idade, em 8 de janeiro de 1915, no front de Argonne. Filho único, nascido numa família protestante, muito crente e praticante, teve a felicidade de ser uma criança muito amada em um lar unido. Boa saúde, estudos brilhantes, família afortunada. Também uma boa educação cristã, com leitura cotidiana da Bíblia, preces antes das refeições, formação da consciência para a retidão e para senso do dever. Ferido uma primeira vez, ele retoma à sua família, em convalescença. Novo adeus. Desta vez, não retomará mais.

Para os pais foi a ruína total. Contudo, pouco tempo depois da morte de seu filho, a senhora Monnier reconheceu claramente a voz de Pierre que a chamava três vezes. Transtornada, ela perguntou: “É você, Pierre?”...“Certamente, mamãe! não tema nada, eu estou vivo!”

(1) Cf Louis Pauwels e Guy Breton: *Nouvelles histoires extraordinaires*. Albin Michel 1982. pp 119-120

A senhora Monnier não tinha nada de fanática. Foi, além do mais, a única vez em sua vida em que ela escutou, sobre a terra, a voz de seu filho morto. Mas, desde então Pierre continuou a comunicar-se com ela. Ela percebia interiormente seus pensamentos, reconhecia-os muito claramente como não oriundos dela mesma.

Em 5 de agosto de 1918, ela recebeu dessa forma a ordem interior: "Não pense em nada! Escreva!" Ela apanhou rapidamente o que estava ao alcance de sua mão: um bloco de notas e um lápis e começou a escrever sem parar: "Sim, fui eu quem pediu para escrever. Creio que por esse meio conseguiremos comunicar-nos bem mais facilmente". As comunicações duraram até 9 de janeiro de 1937, por quase dezenove anos! De início eram diárias; depois, um pouco mais espaçadas. Sete grossos volumes, com cerca de 450 páginas cada um, foram escritos dessa forma. Eles estão sendo reeditados pela Editora Femand Lanore.(1)

Este caso não é único. Outras comunicações foram estabelecidas entre defuntos e vivos, sem que houvesse, necessariamente, um laço afetivo. Às vezes, o morto e o vivo nunca se conheceram, na terra. Para informar mais exatamente o leitor já conhecedor desse gênero de fenômenos de escrita "automática" ou "intuitiva", direi que nessa imensa literatura eu distingo claramente, de todo o resto, quatro grandes textos: as mensagens transmitidas por Pierre Monnier, Bertha, Paqui e Roland de Jouvenel. A estes acrescento um pequeno texto, curto mas muito denso, recebido pessoalmente de Simone por Jean Prieur. Por um grande número de razões, muito fortes, mas que seria demasiado longo enumerar e discutir aqui, tenho esses textos em particular estima, em pé de igualdade com os maiores textos místicos. Eles têm, também, a imensa vantagem de serem compreensíveis e atraentes para um grande número de leitores e; além do mais, são mais precisos, em muitas áreas que os místicos: estes últimos apenas conseguiram entrever o que essas testemunhas diretas do além puderam ver.

Pierre Monnier, em sua terceira mensagem, de 8 de agosto de 1918, deixa-nos perceber uma parte do mistério da morte, do mistério da passagem propriamente dita:

(1) Mais detalhes podem ser encontrados na introdução dessa reedição feita por Jean Prieur. Ver igualmente, do mesmo autor, os capítulos consagrados a Pierre Monnier em *Lcs témoins de l'invisible e La nuit devient lumière*.

“Mãezinha, não tema a morte! Eu tive medo, embora sem querer...

Eu a desconhecia, era um rosto desconhecido que eu imaginava coberto de sangue - Sim! Eu tinha medo dela! Mas quando ela veio, tinha uma face luminosa que se parecia com a sua! Eu adormeci em seus braços; ela consolava-me com uma voz que tinha as mesmas inflexões da sua... não seria a sua, oh querida mamãe, para a qual se voltava toda a ternura do meu pensamento? Tudo isso não durou mais que um momento... não houve tempo para ter medo, eu asseguro-lhe! O senso de responsabilidade... as decisões a tomar... a vontade de defender meu posto independente do que pudesse acontecer... depois, um grande choque no peito e na cabeça... como um soco que me impedisse de respirar, mas não de gritar minhas ordens a meus homens... em seguida, uma vertigem... depois, nada mais!!! Nem mesmo *a sensação da queda*... e, de repente, sua voz, sua voz desesperada que chamava: “Pierre! Pierre! meu pequeno! meu pequeno! e o despertar completo para correr ao seu encontro”.(1)

Pierre, então, percebendo a dor de seus pais, encontra-se imediatamente junto deles, mas invisível, e tenta, em vão, consolá-los. Nós já vimos esta situação.

Muitos anos depois, Pierre volta a essa passagem para o outro mundo, e conta-nos mais sobre o segredo de sua serenidade nos últimos momentos:

“Ah! mamãe, durante as horas trágicas de nossa última prova terrestre, quantas vezes eu senti junto a mim a presença abençoada de meu Salvador! Quantas vezes, sob a ameaçadora efígie da morte provável, eu descortinei a luminosa face do Cristo triunfante, que ternamente me dizia: “Coragem! Sou eu, não tenha medo!” E, contudo, diante de meus olhos emocionados, só havia chamas e sangue! Meas ouvidos só escutavam o fragor das batalhas e os gemidos dos agonizantes! Mas, além dessas visões, mais alto que esses estrondos e esses apelos, a radiosa figura do Ressuscitado e sua palavra consoladora dominavam a poeira do furacão: “Coragem!... *Sou eu!*... Não tenha medo”.

“Minha querida, são muito numerosos aqueles que abertamente ou em segredo viveram esta experiência: por isso aguardaram tranquilamente a vontade de Deus. A intervenção de Cristo

(1) *Lettres de Pierre*. vol. I, pp. 3-4.

é um fato, não um sonho. Nós vimos, ouvimos, tocamos o Invisível. O exército espiritual sustentou-nos e guiou-nos até a dupla vitória, a vitória sobre nós mesmos e a vitória de nossa causa.”(1)

Um outro texto de 24 de dezembro de 1919, já evocava esta consolação trazida pelo Cristo, insistindo, com veemência, no caráter real dessas visões:

“As crianças que morrem sozinhas nos campos de batalha, e os homens sinceros que *“colocam seus espíritos nas mãos de Deus”* (Lucas XXIII, 46), têm sido constantemente amparados e aliviados por esta visão consoladora. Não emprego a palavra “visão” no sentido “imaginativo”, mas naquele da vista desenvolvida, do olhar intensificado. Eu entendo que o Cristo estava lá, Ele Mesmo, em sua forma humana, e visível àqueles que Ele vinha fortificar! Não classifiquem, indistintamente entre as lendas, as narrativas onde se afirma que tal ou qual dentre os seus irmãos viu seu Salvador; não é um sonho, uma fantasmagoria... o pensamento do Amor divino, objetivamente expresso, encontrava-se realmente diante deles.”(2)

Eu creio que estes textos são muito importantes para nós e para aqueles a quem amamos. Acredito que, frequentemente, talvez sempre, Deus intervem no momento supremo. Mas no último instante, quando o agonizante não está mais em estado de dizê-lo ou não tem mais tempo. Deus não quer forçar a liberdade daqueles que ficam. É pois, secretamente que ocorre o encontro. Mas todos são assistidos na hora da maior prova, não pelo amor dos seus, mas pelo amor de Deus, por seu Cristo, ou por “mensageiros”, ou seja, por anjos.

Esses anjos, esses enviados de Deus, podem às vezes, parece, como em certos filmes, enganar-se quanto ao agonizante. Karlis Osis e Erlendur Haraldsson assinalam vários casos na Índia, enquanto que nos Estados Unidos não encontraram incidentes semelhantes quando de suas pesquisas. Na Índia, esses “erros” parecem acontecer independente da religião do moribundo. Já aconteceu a cristãos indianos (um padre e um professor) ou mesmo a estrangeiros (um missionário sueco). Num desses casos, dois doentes com o mesmo nome encontravam-se no

(1) *Lettres de Pierre*. vol. IV. p. 364.

(2) *Lettres de Pierre*, vol. II. p. 238.

mesmo hospital. Quando o primeiro voltou a si, acreditava-se que estivesse morto, contou que havia sido levado a “um local maravilhoso por mensageiros vestidos de branco. Ele viu, então um homem, igualmente vestido de branco e com um grande livro nas mãos, que disse aos mensageiros que eles haviam conduzido a pessoa errada. Ordenou-lhes reconduzir o paciente à terra”. O fato é que, quando este voltava a si, o outro doente que tinha o mesmo nome morreu. Em alguns casos o moribundo, levado por engano, volta com marcas físicas em seu corpo de carne, após sua aventura no além.(1)

Muitos também tiveram a impressão de terem podido escolher com toda a liberdade, entre retomar à terra para cumprir uma tarefa que julgavam importante, ou permanecer no além. Mas esse adiamento parece só haver sido concedido para a realização de missões de caridade junto a uma criança ou um doente.

Outros, ao contrário, são mandados compulsoriamente de volta à terra, apesar de suas súplicas, ou levados deste mundo sem que se compreenda o motivo, sem que tivesse havido imprudência ou atitude inconsequente de sua parte. Alguns defuntos chegam mesmo a dizer que nós somos protegidos do além, a tal ponto que mesmo nossas imprudências são quase sempre compensadas. Mas, ao contrário, quando chega a hora, nada nos pode reter.

Belline, médium bem conhecido, contou num belo livro que, após a morte de seu filho único, Michel, conseguiu comunicar-se com ele, por pensamento. Esse testemunho é muito emocionante por ser muito sincero. Poder-se-ia pensar que um grande médium como Belline não teria qualquer dificuldade para comunicar-se, assim, com seu próprio filho. Ele fazia isto tantas vezes para outros, e com tanto sucesso! Poder-se-ia pensar que em caso de fracasso Belline tentaria ao menos dissimulá-lo, o que não teria sido muito difícil. Quem poderia verificar?

Mas, não! Belline conta-nos como precisou buscar durante horas, dias, noites, esse contato, esse pensamento interior que sentiria em si mesmo, como vindo verdadeiramente de seu filho. Ele poderia muito bem iludir-se com outros, mas apenas a comunicação autêntica poder-lhe-ia trazer algum consolo. O livro não nos conta toda essa espera, mas nos faz conhecê-la de forma bastante fiel. Com frequência Belline observa: “Silêncio. São 9h45. O contato foi desfeito”. Ou: “a comunicação foi interrompida brutalmente. São 5h22. Eis aqui o primeiro diálogo:

(1) Cf. Osis e Haraldsson, *op.cit.* pp.230-231 e 268.

“Eu: Michel? Sou eu, seu pai. São cinco horas da manhã. Meu coração está apertado, sinto uma imensa dor ao pensar em você. Depois do seu acidente e sua partida, em 5 de agosto de 1969, eu não quis atormentá-lo, tentando uma comunicação. Michel, sou eu, papai. Você está me escutando?”

Michel: Eu estou ouvindo.

Eu: Michel, seu desaparecimento permanece um mistério para nós. Como foi que aconteceu?

Michel: Aquilo deveria acontecer de qualquer maneira. Minha vida estava traçada, e suas angústias a meu respeito eram fundadas.

Eu: Michel, você pode ser mais claro?

Michel: O que você quer saber?

Eu: sobre o acidente.

Michel: O acidente aconteceu brutalmente. Meu carro deu uma guinada para a esquerda e eu tentei controlá-lo. Depois, foi a noite total.

Eu: Michel, houve avaria mecânica, negligência ou imprudência de um terceiro?

Michel: Não, minha hora havia chegado, eu precisava partir.

Eu: Michel, você pode ajudar-nos a viver?

Michel: Não, mas vocês devem viver. É a vida que é mais forte. Minha morte só tem sentido pelo sofrimento e pela sobrevivência de vocês.

Eu: Michel, nosso sofrimento tem, pois, um valor, uma utilidade?

Michel: Sim, todo sofrimento traz em si os germens da vida "(1)

Uma outra criança, morta muito mais jovem, e sobre a qual ainda falaremos muito, declarou o mesmo a sua mãe, por escrita intuitiva (como Pierre com a senhora Monnier): “Minha morte não foi um acidente, mas o efeito da vontade Divina. Toda separação tem seu motivo”. (2)

(1) Belline, *La troisième*. Robert Laffont 1972. pp. 109-110.

(2) Marcelle de Jouvenel *Au seuil du Royaume*, Lanore 1981, p.32.

3. O chamamento do infinito

Elisabeth Kübler-Ross, a grande iniciadora de todas as pesquisas modernas sobre a morte, e mais exatamente sobre o acompanhamento de moribundos, interessou-se particularmente pelas crianças que estavam morrendo. Sua convicção é muito clara: as crianças sabem, quase sempre, por antecipação, que vão morrer, qualquer que seja a causa da morte. Sabem mesmo em que circunstâncias, ou melhor, é seu subconsciente que o sabe e expressa-o, exprime através de desenhos, cartas, poemas, cujo sentido só se compreende, geralmente, após sua morte. Mas pressentem também o que vem depois, a etapa seguinte, o encontro na luz, o país do amor universal e incondicional que as aguarda, e do qual, às vezes, chegam a ouvir o chamamento. (1)

Poder-se-ia, no caso de morte por doença, atribuir o pressentimento da criança ao afloramento, ao nível do subconsciente, do processo biológico já desencadeado. Mas, quando se trata de um acidente provocado por terceiros, ou de um assassinato, a explicação deve ser procurada noutra parte. Ora Elisabeth Kübler Ross fornece-nos sobre esses dois últimos casos, vários exemplos muito convincentes. Contentar-nos-emos aqui com o mais extraordinário. A narrativa foi feita pela mãe da criança:

“Minha filha acordou cedo naquela manhã, num estado que se poderia chamar de grande superexcitação. Ela havia dormido em minha cama e despertou-me, abraçando-me e sacudindo-me: “Mamãe, mamãe! Jesus me disse que eu vou para o céu! Estou muito contente de ir para o céu, mamãe. Lá tudo é belo, de ouro e prata, e brilha. É lá que estão Jesus e Deus”, etc. etc. Ela falava tão rápido que eu mal conseguia acompanhá-la. Como num estado de beatitude. Aquilo me deu medo, antes de tudo por ser muito estranho. Não era, afinal, um assunto habitual para uma conversa.

Eu estava sobretudo inquieta com a sua superexcitação. Era uma criança calma, quase contemplativa, muito inteligente, mas não era uma criança dada a entusiasmos. Ela possuía um extenso vocabulário e expressava-se com precisão. Era extraordinário vê-la tão agitada, com as palavras atropelando-se em seus lábios a ponto de fazê-la gaguejar. Não me lembro de jamais tê-la visto

(1) Cf. Elisabeth Kübler-Ross, *La mort et l'enfant*, Editions du Tricorne, Genève, 1986, pp.33-40; 111-122.

em tal estado, nem no Natal, nem nos aniversários, nem no circo.

Disse-lhe que falasse mais baixo, que se acalmasse, que não dissesse mais aquilo (era de minha parte uma crença supersticiosa, porque, desde o seu nascimento, eu tinha - como numa espécie de pressentimento - a idéia de que ela não permaneceria muito tempo comigo). Eu só falara disto a uma amiga muito íntima. Eu não queria que me fizessem pensar nisso, e não desejava ouvir falar disso, sobretudo daquela maneira súbita, inesperada, um pouco louca. Ela só havia falado antes na morte, mas de maneira abstrata. Porém, jamais de *sua* morte.

Não conseguia acalmá-la e ela continuou a falar do “lindo céu todo dourado, cheio de maravilhas, e anjos dourados, diamantes e jóias, mamãe!” E falava de como estava contente de ir para lá, de como se alegrava, e do que Jesus lhe dissera... Lembro-me do seu comportamento mais que de suas expressões literais, mas consegui reter algumas de suas palavras.

Disse-lhe então: “Descanse um pouco”, e quis deitá-la de novo. “Se você for para o céu me fará falta, minha querida. Estou muito contente porque você teve um sonho muito bonito, mas agora repouse um pouco, está bem?” Foi inútil. Ela respondeu-me: “Não foi um sonho, foi *verdade!*” (e que ênfase ela colocou naquela palavra, aquela criança de quatro anos!) “mas você não precisa se preocupar, mamãe, porque Jesus me disse que eu tomarei conta de você, que eu vou dar a você ouro e pedras preciosas e que você não precisará se preocupar com nada”...! Eu cito apenas as frases de que me lembro totalmente, palavra por palavra.

Ela falou-me ainda algum tempo sobre as maravilhas do céu, mas foi acalmando-se pouco a pouco. Quando eu disse novamente que ela havia tido um sonho muito bonito, ela repetiu que era *verdadeiro, verdadeiramente verdadeiro*. Ela aninhou-se em meus braços dizendo que eu não me inquietasse porque Jesus cuidaria de mim. Depois, saltou da cama e foi correndo brincar.

Eu também me levantei para preparar o café da manhã. Era um dia como outro qualquer. Mas entre 3h e 3h e meia, na tarde daquele mesmo dia, minha filha foi assassinada (afogada intencionalmente).

A conversa que eu havia tido com ela, pela manhã, fora tão surpreendente que eu imediatamente falei a respeito com uma pessoa, por telefone, a qual se recorda disso muito bem. Quando ela soube da morte de R., um de seus primeiros pensamentos foi:

como a criança pudera saber?

Para mim, creio ser impossível conhecer o futuro. As leis físicas não podem ser modificadas. Minha filha *não poderia saber* que “iria para o céu”, mas assim aconteceu: ela acordou-me em estado de superexcitação pouco comum, afirmando que Jesus dissera-lhe que ela iria para o céu (sinceramente, não me recordo se ela disse “hoje”). E ela morreu naquela tarde. Aproximadamente sete horas mais tarde. Eu não posso explicar isto.

Nós não éramos uma família muito praticante. Minha filha tinha ido à Igreja conosco duas vezes e, naturalmente, nós líamos para as crianças as histórias de Moisés, Jesus, Maria e José. Elas frequentavam a escola dominical, mas sem regularidade. Eu me esforcei para ensinar a meus filhos a amar e respeitar os outros, a serem bons e prestativos, mais do que a praticar uma religião. Eu não podia ensinar-lhes o que não conheço. Embora tivesse estudado, orado, meditado, quando minhas filhas perguntavam sobre o céu, eu respondia nada saber sobre o que se passa após a morte. Não foi em casa que elas ouviram a palavra “céu” e imagens como “as estradas douradas do céu”. Nós jamais falamos a respeito..”(1)

A convicção de Elizabeth Kübler-Ross liga-se à mensagem de Constantin Raudive que recebi em Luxemburgo:

“E isso talvez que podemos oferecer de melhor (escreveu ele a pais que haviam perdido um filho), esta certeza de que nosso corpo material é apenas uma crisálida, um invólucro. E que a morte faz surgir aquilo que, em nós é indestrutível, imortal, e que a borboleta pode simbolizar”.

“As crianças do campo de concentração de Majdanek, antes de entrar nas câmaras de gás, desenharam pequenas borboletas com as unhas, nas paredes. Seus filhos, também, na hora de morrer, sabem que vão penetrar, livres, sem obstáculos, em um lugar onde não se sofre mais, em um país de paz e de amor onde o tempo não existe e do qual poderão vir ao seu encontro com a velocidade do pensamento”. (2)

(1) op.cit., pp.115-117.

(2) ibid. p.47.

Observemos que em grego antigo ou moderno, para se dizer “borboleta”, diz-se “alma” (ou inversamente, se preferirmos). É a mesma palavra que designa as duas coisas.(1)

(1) Existe, todavia, uma outra palavra em grego demótico.

III

NOSSO NOVO CORPO NA OUTRA VIDA

Todos os cemitérios estão vazios. Isto nunca será repetido o bastante. Mais exatamente: os túmulos não contêm mais do que velhas vestimentas em processo de decomposição. Velhas roupas de tecidos e velhas vestimentas de carne. Infinitamente respeitáveis sem dúvida, pois que foram as últimas vestimentas daqueles que amamos. Mas eles estão em outro lugar. Sob estas lajes não *jaz* ninguém, não *descansa* ninguém.

Requiescat in pace - descanse em paz, diz sempre o padre quando do sepultamento. A paz em questão não é exatamente um repouso. É uma mudança de sentido devido a uma tradução muito literal, primeiramente para o grego (eirèné), depois para o latim (pax), finalmente para o português (paz), da palavra hebraica shalom, cujo sentido é muito mais amplo. É a paz, mas também a felicidade, a plenitude de vida. Em muitas religiões os ritos que supõe-se, garantem que o “repouso” dos mortos visavam sobretudo tranquilizar os vivos para que não tivessem muito medo de ver os mortos retomarem sob a forma de fantasmas insatisfeitos. Isto, provavelmente, causou essa mudança de sentido. Deseja-se muito mais que eles permaneçam tranquilos a que vivam na plenitude.

Não é esta, contudo, a verdadeira fé cristã. O Cristo na cruz promete ao bom ladrão arrependido: “*Em verdade, te digo, hoje comigo estarás no paraíso*”. A vida continua sem prazos. Daí as preces pelos mortos. Daí as preces aos santos para que nos assistam agora.

A teoria de um desaparecimento completo de todo o ser após a morte e de uma reconstituição ou recriação por Deus, no fim dos tempos, é apenas uma invenção muito recente, de certos meios protestantes.

1. A alma é um corpo sutil

Restava, todavia, um problema importante e mal resolvido, mesmo na melhor teologia católica tradicional. Ensinava-se a sobrevivência

imediate, mas apenas da alma, não do corpo. A alma era concebida como absolutamente imaterial, segundo a filosofia grega. A teologia ensinava pois a possibilidade desta alma imortal, não somente continuar a existir, mas se purificar, ou fruir imediatamente à contemplação de Deus, considerada como a recompensa eterna dos justos. Ela podia conhecer, desde então, a beatitude eterna. Sem seu corpo. Mas ele ressuscitaria, mesmo assim, no último dia, no fim do mundo. O problema era pois o seguinte: se as almas já estavam plenamente felizes sem seus corpos, para que ressuscitar? se a ressurreição lhes trazia alguma felicidade, é por que antes não eram plenamente felizes.

Em realidade, na tradição judaica, que era ainda aquela do Cristo e dos seus apóstolos, não se havia jamais concebido a alma como imaterial. Muitas nuances intervieram, apareceram e desapareceram ao longo de muitos séculos, mas sempre com esta constância: a alma, a *nephesh*, era um corpo, animado, consciente, dotado de personalidade do vivo. Um corpo feito de uma outra matéria, mais leve, menos densa, mais sutil. Pensou-se, durante muitos séculos, que esta concepção vinha simplesmente de uma espécie de enfermidade, de uma incapacidade inata do pensamento hebraico, muito primitivo, muito concreto, de se elevar até o nível das abstrações filosóficas. Muitos pensam hoje que era mais por fidelidade à realidade, que não sabíamos ver além.

Mas se os cristãos pouco a pouco adotaram a idéia de uma alma totalmente imaterial, é preciso reconhecer que, inversamente, a maioria tinha, e tem ainda, uma idéia da ressurreição excessivamente terra a terra. A famosa profecia de Ezequiel sobre os esqueletos descarnados que ele viu, pouco a pouco, recobrirem-se novamente de carne, nervos, depois de pele, e de novo animados pelo espírito,(1) foi, com frequência, tomada ao pé da letra, como uma imagem da nossa ressurreição. O texto é, todavia, explícito: esta visão é uma imagem da restauração de Israel.

A consequência disto é que muitos cristãos acreditam que nossa ressurreição será uma recuperação de um corpo de carne como este que agora temos, um pouco melhorado, sem doenças, sem cansaço, sem perigo de indigestão...

Encontramo-nos, pois, frente a dificuldades intransponíveis. Qual corpo recuperaremos? O último? Todos os nossos corpos sucessivos, com todos os átomos que pelo menos por um instante, o tiverem com-

1 - Ezequiel, Capítulo 37.

posto? Em que haverá continuidade?

E aí deparamo-nos com uma nova contradição. Se nosso corpo ressuscitado é composto da mesma matéria que nosso corpo atual, como poderia escapar das leis desta mesma matéria e encontrar-se imune à dor e à decomposição?

Em verdade, todos os testemunhos que hoje podemos colher dos mortos provisórios ou definitivos levam-nos ao verdadeiro ensinamento cristão: o corpo ressuscitado, o corpo de glória, é um corpo espiritual. Nossas velhas roupas poder-se-ão decompor tranquilamente, em paz, nos cemitérios, pois não desceremos jamais com elas aos túmulos.

Quando começamos a falar de corpo “espiritual”, segundo a expressão de São Paulo, e a explicar que este corpo tem, sim, uma consistência correspondente àquela do novo mundo onde deverá viver, muitas pessoas, crentes ou cristãos, entram totalmente em pânico. A consistência espessa e pesada de nosso corpo de carne atual convém-lhes perfeitamente. As necessidades biológicas deste corpo não repugna-lhes de forma alguma e eles não sentem qualquer necessidade de trocá-lo.

Entretanto, um ponto do testemunho da senhora Yolande Eck chamou minha atenção: quando, enviada de volta à terra pelo ser de luz, ela voltou em seu invólucro carnal, teve uma horrível impressão, comparável ao efeito produzido ao colocarmos luvas de borracha, frias e molhadas. Algo assim gelado e viscoso. Ela teve, aliás, uma reação de repulsa tão violenta que, imediatamente, tornou a sair de seu corpo. Apenas com a ajuda de seu guia espiritual do além ela conseguiu reasumir o corpo carnal.

Pierre Monnier confirma-nos esta impressão. Explica-nos que, por mais atroz que tenha sido o suplício da Crucificação, a aceitação da simples vinda de Cristo em nossa carne, a Encarnação, foi, na realidade, uma provação ainda maior e, portanto, uma maior prova de amor por nós:

“Vocês compreendem mal o sacrifício realizado na Encarnação. E, no entanto, o sofrimento da Pureza Integral, ao penetrar na carne, ultrapassou o maior dom, que foi o do sofrimento na Cruz... Ser a Plenitude da Beleza e revestir-se de uma matéria aviltante pelas tentações vulgares que ela faz com que a alma sofra - é uma provação que ultrapassa tudo o que podemos pensar ou sentir. Até nós mesmos, agora, mal saídos do corpo físico, rejeitamos com pavor, com horror, as conseqüências de uma possí-

vel reencarnação... Que o Eterno, por amor, tenha aceitado rebai-
xar-se ao nível da carne é motivo de nossa adoradora meditação...
e ficamos confusos perante tal caridade!”(1)

Alguns falecidos parecem até levemente aborrecidos com a len-
tidão com a qual nos deslocamos e com os limites de nossa audição e
de nossa vista. Amavelmente, nestes casos, chamam-nos de “larvas”.

E claro que nosso novo corpo, nosso corpo espiritual, deve ser
mais agradável de ser vivido que nosso invólucro carnal atual. O pri-
meiro, o espiritual, assemelha-se ao carnal, porém em seu maior es-
plendor. As crianças, no outro mundo, continuarão a crescer e desen-
volver-se até chegarem à idade adulta. Inversamente, os anciãos reen-
contrarão a juventude. Para que tenhamos uma idéia a respeito, a maio-
ria dos mensageiros do além dá-nos, como referencial, a idade de trinta
anos. A idade aproximada com que o Cristo morreu.

Nosso corpo espiritual será libertado de qualquer enfermidade. Se
tivermos tido um membro amputado, nosso novo corpo será completo.
Se tivermos nos tomado surdos ou cegos, ou se o tivermos sido desde o
nascimento, ainda assim nosso corpo espiritual enxergará e escutará. O
livro dos mortos dos tibetanos já mencionava isto.(2) Os testemunhos
dos mortos, de morte provisória, o confirmam.(3) Pierre Monnier, do
além, repete-nos a mesma coisa com bastante frequência.(4)

Nós enxergaremos muito melhor. Enxergaremos tanto à noite
quanto de dia. Ou melhor, para nós não haverá mais noite. Enxergare-
mos à distância. Bastará vislumbrar ou querer ver... e encontrar-nos-
emos no local que nosso olhar desejou ver, para satisfazer nossa curio-
sidade, como ho “zoom” de certas câmeras, dizem alguns. Johann
Christoph Hampe, em obra publicada em alemão no mesmo ano da pu-
blicação do livro de Moody em inglês, também relatou casos recentes
de desencorporação. Mas ele também começou a procurar, sistematica-
mente, no passado, testemunhos de tais experiências. Desta forma, pô-
de fornecer-nos trechos de uma conferência feita em 26 de fevereiro de
1927 pelo doutor Sir Auckland Geddee, perante a Sociedade Real de
medicina de Londres, sobre sua própria morte (provisória, evidente-
mente):

(1) *Lettres de Pierre*. vol. IV.p. 344 - mesma idéia, vol. III, pp. 130 e 379.

(2) cf. op.cit, p. 136.

(3) cf. Moody, *La vie après la vie*, p. 71.

(4) *Lettres de Pierre*. exemplo: vol. II, p.319.

“Pouco a pouco eu percebi que podia ver não apenas meu corpo e a cama sobre a qual estava deitado, mas também tudo que estava na casa e o jardim. Depois, percebi que podia ver não somente a casa, mas o que estava em Londres ou na Escócia, para onde minha atenção voltava-se sempre. Soube, por um instrutor que não conhecia, a quem chamo de meu mentor, que eu estava totalmente livre, em uma dimensão temporal do espaço onde “agora” correspondia, em certa medida, ao “aqui” do espaço tridimensional habitual”.(1)

Pierre Monnier repete o mesmo, à sua moda:

“Nós não perdemos a aparência humana, mas deixamos na terra as enfermidades de nossa carne...

... nossos olhos vêm como outrora e assemelham-se àqueles que vocês amaram... Trata-se de uma evolução ascendente de acordo com o plano geral adotado pelo Criador. Isto dá a nosso novo corpo facilidades de ação muito grandes. É uma transformação magnífica e não a renovação integral... Permanecemos sendo nós mesmos, definitivamente, pois a morte é uma transdução pela qual nosso corpo, glorificado pelo amor do Cristo e pelo dom da vida eterna, passa através do corpo material - do qual mantém a forma e conserva a personalidade inteira.”(2)

Os teólogos dos primeiros séculos já haviam compreendido este fato. Eis, entre várias outras, uma passagem de São Gregório de Nysse, do século IV:

“Tu verás este invólucro corporal, agora desfeito pela morte, tecido novamente a partir de seus próprios elementos, não segundo a constituição atual, espessa e pesada, mas em trama leve e etérea, de forma que teu corpo bem-amado esteja presente, restabelecido em beleza maior e mais graciosa.”(3)

É-nos difícil determinar, entretanto, se esta visão - consideravel-

(1) *Sterben ist doch ganz anders, Erfahrungen mit dem eigenen Tod*, Kreuz Verlag Stuttgart, Belim 1977. p. 102.

(2) *Lettres de Pierre*. vol II. p. 175 e p.318.

(3) *De l'âme, et de la résurrection*, P.G. XLVI, 108 (dossiê reunido pelo Padre Georges Habra, *La mort et l'Aud-delà*, p. 110.

mente melhorada - é verdadeiramente mais nítida, apesar da distância, ou se é o próprio corpo espiritual que se encontra direta e imediatamente no local onde o falecido deseja estar. É difícil dizê-lo segundo nossos conceitos. Na realidade, é o próprio espaço que não é mais o mesmo. Este corpo espiritual pode encontrar-se no espaço, bem distante da terra. Isto já é sabido há muito tempo, mas a ciência oficial não dispunha de armas para estudar tais fenômenos. Johann Christoph Hampe elaborou um resumo da imensa literatura que trata deste assunto, já bem antes da obra de Moody. Encontrei aí alguns títulos que datam de 1884!

Este corpo glorioso pode ser-nos mostrado, às vezes, pelos falecidos. Pierre Monnier, sempre muito claro, distingue dois tipos de manifestações bem diferentes. Uma, onde a forma do defunto aparece-nos bem nitidamente, mas translúcida: “a luz atravessa-a e as sombras dos objetos perante as quais passa sua imagem desenham-se através dele.” Neste caso, nós o vemos tal como é. Em outras visões, há verdadeiramente uma materialização. Mas Pierre rejeita fortemente tal tipo de manifestação.

Parece, entretanto, que o além permite certas exceções, quando estas são motivadas pelo amor. Jean Prieur relata a história de uma mãe que, vários anos após sua morte, conseguiu manifestar-se, bem concretamente, a um padre de Nantes, durante a guerra:(1)

Ela tocou a campainha do presbítero, falou com o padre e escreveu, em um bloco que ele lhe dera, o endereço de seu filho. Ela insistiu tanto, declarando que o rapaz estava correndo perigo de vida, que o padre aceitou partir a seu encontro na mesma noite. O rapaz que encontrou no referido endereço estava gozando de perfeita saúde. Os dois conversaram mesmo assim. O rapaz confessou-se. Durante a noite, foi morto em um dos grandes bombardeios de Nantes...

Mas, por mais impressionante que seja esta história, Harold Sherman relata dois outros testemunhos ainda mais convincentes. Eis o mais extraordinário:

“Arlis Coger, que possuía e dirigia um “drugstore” em Huntsville, no Arkansas, há vários anos, dizia que a coisa mais interessante que já lhe ocorrera em sua existência era a de ter conseguido, concentrando sua atenção na nuca de um colega de escola,

(1) Jean Prieur; *Les morts ont donné signe de vie*, édition de poche Fayard 1976, pp. 196-202: reeditado por F.Lanore.

que o mesmo se voltasse e olhasse para ele.

Sua mulher, Anna, com a qual viveu durante quase 45 anos, morreu de insuficiência renal. Ele amava-a com ternura e teve dificuldade em readaptar-se após sua morte. Uma bela noite, dois meses depois, acordando, encontrou-a na cama a seu lado. Seu corpo estava quente e firme, tão real que ele estendeu a mão e bateu-lhe na testa duas vezes antes que a mesma desaparecesse bruscamente. Segundo suas próprias palavras: “não era um sonho. Como todas as demais pessoas, eu sonhei durante toda a minha vida. Era diferente. Não sou uma pessoa agitada e sou mentalmente são. Anna havia realmente voltado dos mortos. Nada pode fazer-me mudar de idéia.”

O tempo mostrou que aquilo fora apenas o início de uma série de treze voltas espirituais, visitas que se prolongaram, em intervalos regulares, por um período de mais de um ano. Na primeira vez, ele não teve o reflexo de ver as horas; mas depois, passou a tomar notas cuidadosamente. Não havia qualquer regularidade. Às vezes era despertado logo após haver adormecido; outras vezes, em plena noite ou de madrugada.

Para mostrar que tais visitas pareciam-lhe reais e concretas, em um nível verdadeiramente excepcional, eis alguns trechos de suas anotações:

“Da primeira vez, foi quase aterrorizante - mas não creio ser esta a palavra exata para expressar o que senti. A segunda aparição, diferentemente da primeira, constituiu-se em um acontecimento feliz. Abraçamo-nos e ela desapareceu repentinamente, deixando-me desperto.

O que mais me marcou foi o fato de sentir seu corpo quente. Saibam que não era um sonho. Eu abraçava-a realmente, e estava acordado.

Esta aparição não era como as outras. Ela ficava perto da cama. Eu sempre pensei que os anjos vestiam-se de branco. Mas ela, ao contrário, trajava um vestido longo, leve e dourado. Eu estendi a mão e segurei a dela. Minha mão deslizou sobre seus dedos, e eles eram firmes.

Ha passou para o meu lado direito e disse qualquer coisa. Não creio que tenha utilizado sua voz, mas era tudo perfeitamente claro. Ela disse-me:

“Aqui, as coisas não são o que deveriam ser”. Pensei que

ela desejasse que eu estivesse com ela, lá no alto. Na vez seguinte, ela apareceu-me na cama, e quando perguntei-lhe se estava feliz sua resposta foi, simplesmente: “Sim”, e pude sentir-me bem melhor.

Eu não ousava esperar por ela, e no entanto Anna estava ali novamente, na noite seguinte. Foi rápido mas temo e eu pude abraçá-la. Disse-lhe que seria bom se ela visitasse um de nossos filhos que não acreditava em sua volta. Ela não respondeu... mas deu-me um maravilhoso beijo na boca.

Duas noites seguidas... à meia-noite e cinquenta e seis minutos. Tanto quanto eu sabia, nunca estive em contato com ela em seu mundo espiritual.

Bruscamente, os lençóis que me cobriam ergueram-se sobre a cama e Anna apareceu. Tudo durou um ou dois segundos, mas ela estava realmente ali.

Apertei-a contra mim e ela descansou sua cabeça em meu ombro. Senti sua cabeleira abundante encostada em meu rosto.”

Estes trechos podem parecer um tanto incoerentes, pois estão fora de seu contexto. Mas o testemunho é claro. Harold Sherman, que dedicou cerca de setenta anos ao estudo dos fenômenos paranormais, e sobretudo às P.E.S. (Percepções extra-sensoriais), assim apresenta o trecho seguinte:

“Na vida de inúmeras pessoas, muitos incidentes ocorrem e provam que nossos bem amados, que deixaram esta vida, voltam com frequência por ocasião de aniversários, de eventos terrestres.”

Arlis Coger relata agora aquela que foi, talvez, a mais importante da série de visitas do espírito de sua mulher Anna:

“Hoje, seis de outubro, é dia de meu septuagésimo quinto aniversário, e do primeiro da morte de Anna. Eu esperava ficar deprimido, mas não estou porque na noite anterior Anna voltou aqui. Ela estava perto da cama. Tomou-me em seus braços, ergueu meu tórax, abraçou-me fortemente e beijou-me os lábios com força. Depois, deixou-me cair novamente sobre a cama. O que mais me surpreende é sua força. Com seu corpo, ela ergueu a parte superior do meu. Com seu corpo físico, jamais teria sido capaz de fazer isto. Fico com os olhos cheios de lágrimas ao escrever estas palavras, mas não de tristeza. Sinto Alegria em meu co-

ração pois sei que um dia estaremos, ela e eu, reunidos por toda a eternidade.

...Hoje é 1º de novembro de 1982. Ontem foi o quadragésimo sexto aniversário de nosso casamento. Em determinado momento, entre duas e três horas da manhã, percebi, de repente, que Anna estava comigo, na cama, sob os lençóis. Tomei-a em meus braços e falei-lhe de meu grande amor por ela. Ela como que desapareceu por alguns instantes e depois voltou. Tal fato repetiu-se sete vezes durante, pelo menos, trinta minutos. Espero que ela continue vindo até mim... até que eu possa unir-me a ela em seu mundo espiritual. Não tenho, verdadeiramente, nenhum medo da morte. Sei que há uma outra vida além do túmulo.”

Arlis Coger resume, assim, suas experiências:

“O corpo de Anna não era mais aquele que havia sido colocado no túmulo. Era mais jovem. Tinha o poder de passar através de objetos materiais. Havia um lençol e um colcha sobre a cama. Quanto ela ia embora, simplesmente desaparecia sem que o lençol que estava sobre ela sequer estremecesse. Seu corpo era firme ao toque. Era quente. Nós podíamos conversar, embora pense que não usávamos a voz. Anna possuía uma espécie de corpo espiritual diferente do corpo físico que possuía antes. Cheguei a vê-la normalmente, várias vezes, quando ela ficava perto de minha cama.”

Prova absoluta de que estas aparições não eram alucinações, fruto de uma imaginação delirante, as materializações terminaram. Em 21 de dezembro de 1982, H. Sherman recebeu de Arlis o seguinte cartão de Natal:

"Anna não voltou mais, desde 31 de outubro. Espero que venha durante as férias. Reze, por mim, para que ela volte.

Arlis

Sempre poder-se-á argumentar, contra este tipo de testemunho, que o bom homem esteve delirando. Mas, como vimos, as aparições não correspondiam sempre a seu desejo. Aliás, ele insiste no caráter concreto das manifestações. O corpo era firme e tinha o calor da vida.

Devemos reconhecer que estes fatos, raros (pelo menos quando apresentam-se com tal grau de materialização), são mais frequentes do que poder-se-ia imaginar. Mas poucas testemunhas ousam falar a respeito.

O professor Werner Schiebeler relata um caso também claro:(1)

Trata-se de uma mulher do cantão de Zurique, sujeita a fenômenos paranormais desde sua adolescência, mas muito discreta a respeito e muito equilibrada. Seu marido morreu em agosto de 1976, e duas semanas após sua morte começou a ocorrer uma série de manifestações. Por ocasião da terceira, ela pensou em pedir-lhe que a ajudasse a encontrar a chave de um cofre onde estavam guardados documentos importantes. É interessante notar que, normalmente, a materialização de seu marido acontecia em seu quarto e era progressiva. No dia em que ele trouxe-lhe a chave, a materialização já ocorrera ainda na rua. Ela ouviu-o abrir a porta de sua casa, andar pelo corredor, abrir a porta de seu quarto. Então ela viu quando ele abriu a gaveta da cômoda, onde habitualmente guardava a chave, e ouviu o barulho familiar da chave caindo no interior da gaveta. Ela levantou-se, então, agradeceu-lhe e pôde apertá-lo, por um instante, em seus braços. Mas, nas outras vezes, ela via-o sair da parede, porém ainda pouco consistente. Seu rosto e todo seu corpo iam ficando mais densos, rapidamente, perante seus olhos, a tal ponto que ela podia levá-lo pela mão até a sala de estar onde sentavam-se para conversar mais à vontade.

Após um ano de ausência, ele reapareceu, pela última vez, no início de 1978, com seu irmão, morto em 1969, e com um terceiro homem que sua mulher não conhecia.

Há, portanto, materializações de vários falecidos de uma só vez! Mas aí havia apenas uma única testemunha. O inverso também existe, e até mesmo a combinação dos dois: vários fantasmas e várias testemunhas, como ocorreu na célebre história do *fantasma do vôo 401*. Os acontecimentos situam-se entre o dia 29 de dezembro e a primavera de 1974. Dois fantasmas, os do comandante Bob Loft e do segundo oficial Don Repo, mortos em um acidente de avião, durante o voo 401, Nova Iorque/Miami, apareciam, com frequência, no mesmo vôo, para a tripulação da cabine, passageiros, aeromoças, mecânicos, com o objetivo, parece, de cuidar da segurança do aparelho.(2)

(1) *Wir überleben den Tod*, Herderbücherei 1983, n- 1088, pp. 58-61.

(2) Este caso foi relatado por John G. Fuller, em 1976, *The Gosl of Flight 401*.

Daí foi extraído um roteiro e um filme de grande sucesso.

Com que corpo todos estes falecidos aparecem-nos? Talvez com seu verdadeiro novo corpo, normalmente invisível para nós. É por este motivo, que ele foi visto, na história de Anna, vinda treze vezes após sua morte visitar o marido. Os falecidos aparecem com um rosto e um corpo que irradiam juventude. Mas os mortos podem, ao contrário, para melhor se fazerem reconhecer, reassumir momentaneamente suas enfermidades passadas: a mesma idade, os óculos, os ferimentos, e até antigas roupas que nós conhecíamos. (1)

Este corpo glorioso, espiritual, esta cópia, não é, aliás, verdadeiramente novo, na realidade. Ele já está em nós desde nossa concepção. As antigas representações medievais, ou ainda as de hoje, das igrejas ortodoxas, não são assim tão ingênuas quando mostram a alma saindo pela boca do defunto sob a forma de uma pequena boneca. A representação é imperfeita, certo. O corpo glorioso não é menor que o corpo de carne. Mas é verdade que só se forma progressivamente e marca a entrada em uma nova vida, ou, mais exatamente, em uma nova fase da vida.

A IMORTALIDADE PARA OS EGÍPCIOS

Os Egípcios conheciam a existência desta cópia, o Ka. Não se pode, contudo, pensar, de modo simplista, que a morte não tinha segredos para eles. É muito fácil imaginar que eles sabiam tudo, como muitas obras fazem crer. A sobrevivência desta cópia era, para eles, ligada à conservação do corpo de carne. O que explica o trabalho extenuante que tinham para colocar o invólucro carnal ao abrigo da decomposição e, também, dos saqueadores. O que explica, ainda, seu desespero, sobre tudo em períodos de crises políticas quando nada podia garantir-lhes, de forma absoluta, que seus corpos não seriam destruídos.

A interpretação deste Ka como “cópia” é, aliás, bastante incerta. Seria, antes, dizem-nos os egiptólogos *o princípio vital*, e a autonomia de sua existência parece bem restrita. Segundo algumas correntes religiosas, parece que a imortalidade seria assegurada pelo Ba, que corresponderia mais à nossa noção de alma, representado por um pássaro.

Mas, de um modo ou de outro, é verdade que os Egípcios foram os primeiros de nossa civilização do Ocidente a acreditar na possibilidade de uma verdadeira vida após a morte, primeiramente apenas para os reis, depois para todos os homens. “*Meu pai não morreu de morte,*

(1) *Lettres de Pierre*, vol II, p. 320-321.

mas espírito tornou-se meu pai”, ou, ainda nos textos dos sarcófagos: “*Levanta-te vivente, tu não estás morto. levanta-te para viver, tu não estás morto* (1).”

2. Roland de Jouvenel: construir a sua morada na eternidade

Cabe a nós, já nesta vida terrestre, através de nossa vida espiritual, fazer com que este corpo glorioso, esta cópia, evolua em direção a um esplendor maior.

Roland de Jouvenel, um dos grandes místicos do além, já o repetia sem cessar a sua mãe. Roland era filho de Bertrand de Jouvenel, filósofo, economista, forte personalidade um tanto marginal, e de Marcelle de Jouvenel, romancista e jornalista. Muitas celebridades conviviam com o casal: Maurice Leblanc, Jean Rostand, Maurice Maeterlinck, Marcei L’Herbier, Pierre Lecomte du Nouy, Maurice Barrès. A romancista falava de uma Paris mundana, um pouco convencional. A jornalista não recusava reportagens ousadas, como aquela sobre a prisão para menores de Roquette, em Rio de Oro, em plena guerra de conquista espanhola, na Etiópia, pouco antes do assalto final das tropas italianas.

, Inteligência, coragem, mas nenhum misticismo. Os Jouvenel não praticavam qualquer religião. Haviam-se casado apenas no civil.

Roland, filho deles, encontrou sozinho o caminho de Deus. Como a senhora E. Kübler-Ross bem mostrou em experiências vividas por várias crianças, Roland pressentia sua morte. Várias frases por ele pronunciadas comprovam seus pressentimentos. Ele rezava nas igrejas, em particular na Igreja de São Roque, situada próximo à casa de sua mãe.

Em 1946, ele ficou doente. Uma dor de garganta foi diagnosticada, provavelmente por engano, como sendo paratifo. Prescreveram-lhe uma dieta, o que enfraqueceu suas últimas resistências.

Esperou-se, em vão, a chegada de um novo remédio milagroso: a estreptomicina. Todos os dias seu pai, ou algum amigo da família, ia espiar os aviões que chegavam da América. Em vão. A 12 de maio de 1946, quando tinha apenas quinze anos, Roland, maravilhado, viu sua avó, morta há dois anos, vir até ele e levá-lo consigo. (2)

Bertrand e Marcelle já estavam separados. Marcelle encontrava-se completamente sozinha. Desespero, revolta, pensamento de suicídio.

(1) Textos citados por S. Morenz, *La religion égyptienne*, Payot 1962, p. 265.

(2) A este respeito, ver Jean Prieur, *Les tablettes d'or*. F. Lanore 1979

Depois, uma lenta melhora. Ela encomendou uma missa para seu filho e comungou. Começam, aí, os sinais. Um universo feérico de cores produzia-se naquela igreja. E ela teria a oportunidade, em seguida, de voltar a ter muitos outros sinais como este. A conselho de uma amiga, pegou um lápis, apesar de muita relutância. Um arrepio percorreu sua mão e palavras formaram-se sobre o papel em branco. Era 24 de outubro de 1946. Como no caso de Pierre Monnier, as mensagens foram, inicialmente, diárias, mas depois espaçaram-se. A última delas data de 16 de fevereiro de 1969. Esta simples frase: “Mãe, nós nos alimentamos daquilo que damos aos outros”(1)

Roland dizia sempre a sua mãe:

“A sobrevivência já começa nos seres por ocasião de seu nascimento. Esta sobrevivência é esta cópia que vive no corpo e que desabrocha na morte. Já que a alma desenvolve-se como uma planta, devemos cultivar nossos climas internos.”(2)

“Não se preocupe muito com este segundo personagem que, no entanto, está ligado a você tão estreitamente quanto sua sombra. Com mãos de escultor você deve modelar a construção física de sua cópia. Cuidados nunca serão demais no aprimoramento de seu ser invisível.” (3)

“Você encara muito levianamente a construção de sua cópia. Pedra por pedra, você deve construir sua morada da eternidade...” (4)

Este corpo espiritual, esta cópia de nós mesmos, radia permanentemente. É o que se chama de “aura”. Quanto a isto, parece-me que não há unanimidade entre os testemunhos, tampouco entre os especialistas. Alguns distinguem várias auras e atribuem-lhes nomes bastante eruditos. Outros afirmam que se trata da mesma aura percebida pelos médiuns e que agora já pode ser fotografada graças aos processos Kirlian ou Lichtenberg. O que outros contestam.

O que extraio dos testemunhos do além é que nossos corpos espirituais radiam, como aliás todas as coisas, uma luz que nossos olhos de

(1) **Jean Prieur, op. cit, p. 263.**

(2) *Au diapason du ciel* Lanore 1981, p. 94.

(3) *Quand les sources chantent*, Lanore 1978, p. 31

(4) *ibid*, p. 196-197.

carne não percebem. Esta luz é colorida e corresponde, em cada um de nós, desde já e durante toda nossa evolução futura, a nosso grau de espiritualidade, a nossas disposições internas. A maioria das obras consagradas ao além fornece um pequeno quadro de equivalência entre as tonalidades da aura e os sentimentos dominantes que ela revela.

Os místicos muitas vezes reconheceram este fenômeno. Como Anne Catherine Emmerich em suas visões:

“Vejo também, muitas vezes, quando devo ser instruída a respeito, os movimentos da alma, os sofrimentos internos; em resumo, todos os sentimentos mostram-se através do peito e de todo o corpo sob mil formas luminosas ou tenebrosas, seguindo direções diferentes, com diferentes graus de lentidão ou rapidez.”⁽¹⁾

A tradição cristã, entretanto, prende-se apenas ao último grau da evolução, à luz branca com reflexos ligeiramente dourados. Esta luz é mencionada em quase todas as narrativas da vida dos santos. Ela já era citada, inclusive, no Antigo Testamento. Sua mais alta manifestação continua sendo a que aparece na narrativa da Transfiguração do Cristo no Monte Tabor. Seus trajés aparecem, então, “*de uma alvura tal que nenhum lavadeiro na terra as poderia alvejar*”. São Marcos, IX, 3; ou ainda “*brancos como a luz*”, São Mateus, XVII, 2; ou “*seu rosto resplandeceu como o sol*”.

Todos os teólogos dos primeiros séculos, em particular os do Oriente cristão, viram aí a melhor manifestação de nossa glória futura. Aliás, para São João Damasceno, no século VIII, não foi Cristo, na realidade, que, por um instante, radiou uma glória nova e excepcional. Mas, sim, os apóstolos Pedro, Tiago e João que, por um momento, tornaram-se dignos de ver o Cristo na glória que ele possuía. Hoje poderíamos insistir no fato de que eles viram, ali também, Elias e Moisés, mortos há muito tempo, em longa conversa com o Cristo. É o corpo de glória, a cópia dos apóstolos, já presentes neles desde sua concepção - como afirma Roland de Jouvenel - que vê, diretamente, através de seus corpos de carne, o que seus corpos de carne não podiam ver. Os apóstolos passam, por um breve instante, de um plano para outro, do plano de nossa matéria pesada para o plano de glória. Como ocorre com os desincorporados questionados pelo doutor Moody ou por J.C. Hampe,

(1) *La doulouseuse passion de Notre Seigneur Jésus-Christ*. Téqui 1922, p. 230.

esta passagem de um plano para outro é feita por uma espécie de túnel: é um “sono” estranho, ou antes, um torpor que se abate sobre os apóstolos naquele momento.

Não é possível descrever, com exatidão, esta glória do corpo espiritual. Muito menos pintá-la, diretamente. Mas, para dar-nos uma certa idéia ou para manter em nós o desejo insatisfeito, o Oriente cristão inventou esta forma de arte tão particular: o ícone.

Nela, tudo está posto sobre um fundo de ouro, sobre um fundo de Deus. Nem os corpos, nem os objetos, projetam sombras. Os corpos são alongados, achatados, quase como fantasmas. Os rostos são iluminados do interior para o exterior, lançando todos os sombreados em forma de halo em redor do rosto. Os olhos quase não têm a parte branca, não têm cílios, nem pálpebras semi-cerradas. Eles estão sempre abertos para o além. Contemplam o invisível.

Quando Santa Teresa de Ávila, ou Santa Bernadete, em Londres, veem esta mesma luz, notando que ela é mais fulgurante que o sol sem, entretanto, ferir os olhos, penso que se trata do mesmo fenômeno: é a cópia que vê através de seus corpos de carne.

3. Os poderes do corpo espiritual

É, talvez, o mesmo mecanismo, que se produz durante as levitações: O corpo de glória ou corpo astral, sutil, levando consigo o corpo de carne, fazendo-o flutuar como já ocorreu com tantos mortos, de morte provisória, que foram parar no teto das salas de operações. Roland de Jouvenel parece sugerir a mesma idéia quando escreve a sua mãe:

“A levitação não é apenas uma manifestação física; é um começo de metamorfose. Uma mudança de peso ocorre no corpo.”(1)

É, sem dúvida, ainda o corpo sutil que possuímos desde o momento de nossa concepção, mas sob o efeito de forças prodigiosas, que pode projetar no ar o corpo de carne por ocasião de possessões demoníacas. Eis um breve trecho de um exorcista célebre e totalmente

(1) *Au seuil du royaume*, Lanore 1981. p. 236. Ver também: Aimé Michel, *Métanoia. phénomènes physiques du mysticisme*, Aibin Michel 1986, pp. 212-240 - Herbert Thurston, *Les phénomènes physiques du mysticisme*, Rocher 1986. pp. 4-45.

digno de fé, o Reverendo Padre Mathieu, de Besançon. Aí veremos que o estilo não é o de um intelectual, mas não se trata também nem de um simplório nem de um iluminado.

“Eles seguraram-no (o possuído) bem firme mas, ao primeiro sinal da cruz que fiz, ele conseguiu escapar. As cordas afrouxaram-se e ele ergueu-se no espaço. Eles, finalmente, conseguiram amarrá-lo como puderam. Colocaram-no deitado no chão, segurando-o, agarrando-o - não gostaria de dizer brutalizando-o, não seria exato. Mas os seus movimentos eram tão violentos que era preciso usar de toda força para poder lutar contra ele. As freiras também estavam lá, assistindo, pois era uma sessão pública. Quando ele foi imobilizado no chão, deitado de costas, e eu quis recomeçar os exorcismos, disse:

“É preciso que algumas pessoas sentem sobre ele. Com este peso, haverá maior resistência e eu poderei recomeçar o exorcismo”.

Depois de alguns minutos, eles começaram a gritar:

“Padre, Padre, para onde estamos indo?”

O homem (o possuído) subia no espaço, com seis homens sentados sobre ele.

Eles não sabiam que ele pararia no meio do caminho e diziam a si mesmos:

“Tomara que ele não suba até a abóbada da igreja”, pois não havia razão para que o homem, parasse de subir!

Mas ele parou. Depois desceu, sempre com os homens sentados sobre ele, sem qualquer apoio, claro, e pousou no chão. Os homens estavam lívidos...”(1)

É também, provavelmente, esta mesma propriedade (de poder imediatamente encontrar-se onde se deseja) que carrega, em alguns casos, o corpo de carne e o faz desaparecer, de repente, de um lugar para surgir, em outro. Relata-se, sobretudo, como Santa Catarina de Siena,

(1) Abade Schindelholz, *Exorcisme, un prêtre parle. Petite anthologie de la possession aujourd'hui*, Ed. Pierre-Marcel Favre, Lausanne 1983. pp. 77-78.

em sua infância, tendo afastado-se da cidade para levar uma vida de ermitã, foi milagrosamente levada, uma noite, ao interior dos muros da cidade. Mas é sempre fácil duvidar de uma história do século XIV.

Na nossa época, a mesma história pode ser encontrada. O Padre Isaac, do monastério de Dionísio, no Monte Atos, havia sido enviado, às pressas, de Karies, capital daquela república monástica, até seu monastério. Era inverno, e ele foi surpreendido, nas montanhas, por uma tempestade de neve quando mal havia atingido os limites de um outro monastério, o de Simonos Petra. Eu imagino bem o local. Nenhum abrigo. A neve, acumulando-se, impedia-o de avançar. O frio era terrível. Ele estava condenado a ser soterrado rapidamente. Mal teve tempo de fazer uma oração, um grito de fé, e já se encontrava à porta de seu monastério no exato momento em que o porteiro fechava os portões.(1)

A vida de Madre Yvonne-Aimée de Malestroit é repleta de fenômenos semelhantes. Desta forma, ela escapou, um dia, das torturas da Gestapo. Várias testemunhas podem comprovar o fato.(2)

É preciso, evidentemente, comparar tais casos com aqueles de bilocação. Nestes últimos, o corpo de carne não é levado. Aliás, às vezes é difícil distinguir os dois processos. Só se pode ter certeza de que houve bilocação quando testemunhas confiáveis declaram ter visto a mesma pessoa, no mesmo instante, em dois lugares diferentes.

Madre Yvonne-Aimée aparece em “stalags”(3) para ajudar os prisioneiros a fugir, lança-se à procura de hóstias profanadas. O maravilhoso surge com tal frequência em sua vida que a Igreja romana intervem, com vigor, para impedir que se fale a respeito. Entretanto, Madre Yvonne recebeu seis medalhas, dentre as quais a Cruz de guerra com palmas, a Legião de honra (que o General de Gaulle entregou-lhe pessoalmente), a King’s Medal, a Medalha da resistência, a Medal of Freedom americana.

As maravilhosas propriedades deste corpo de glória que já está em nós podem manifestar-se de modo ainda mais espetacular. Anne-Catherine Emmerich percorria, assim, a terra inteira, conduzida por seu anjo. Ela sofria, ao mesmo tempo em seu corpo e em sua alma, os can-

(1) *Figures contemporaines de la Sainte Montagne*, fascículo 5,1981, em grego, pp. 41-44.

(2) René Laurentin, *Un amour extraordinaire: Yvonne-Aimée de Malestroit*, O.E.I.L. 1985, p. 168.

(3) N.T.: nome dado, durante a guerra de 1940-45, aos campos alemães onde eram colocados como prisioneiros de guerra os militares não oficiais. Os oficiais militares eram confinados nos “oflags”.

saços da viagem. No percurso, aprendia os nomes dos países, dos povos, das flores, das montanhas, as particularidades de suas arquiteturas e seus costumes.(1)

Os mesmos fenômenos aparecem na vida de Teresa-Helena Higginson, estigmatizada inglesa, simples professora primária em um colégio católico. Ela entrega um crucifixo a um chefe indígena e recupera-o alguns dias mais tarde...(2)

As perspectivas ampliam-se ainda mais quando Robert de Langeac, um dos maiores místicos de nosso tempo, nos fala da ação de Deus que a alma sente em si própria, e em outras almas. Como de hábito, os termos utilizados por este místico são simples e diretos, mas, quando se está habituado a tais textos, sabe-se que os mesmos devem ser tomados ao pé da letra: “Não é apenas em si mesma que a alma apreende o poder de vossa obra, ó meu Deus! é também em tomo de si mesma e até nos confins do mundo”.(3)

Durante o sono, parece, segundo bons autores, que este corpo espiritual que há em nós abandona bruscamente seu invólucro carnal. Ele pode, assim, passear por locais bem distantes, por este mundo terrestre, ou, da mesma forma, por outros planos onde pode encontrar, por curtos instantes, os mortos que amaram e aos quais, em breve, reunir-se-ão. Pode até mesmo acontecer, embora excepcionalmente, que nos lembremos do fato após o mesmo ter acontecido.

A senhora O.P. tinha um filho que era brilhante em seus estudos. Antes de concluir o segundo grau, teve a oportunidade de passar férias em São Francisco. Mas as condições psicológicas não foram tão favoráveis quanto havia desejado. Uma noite ele foi abruptamente despertado por sua mãe que intuira que o mesmo estava drogando-se. Voltando à França, tendo prestado os exames finais, o rapaz tinha apenas uma idéia na cabeça: estudar na Califórnia. Infelizmente, mais uma vez, as coisas aconteceram contrariamente às suas previsões. Ele chegou ao Minnesota e hospedou-se em uma família muito numerosa, onde ninguém dava-lhe atenção. Ele volta, então, para a França e inscreve-se, às pressas, na Faculdade de Jussieu. Seus estudos continuaram a ser coroados de sucesso, mas a saúde do estudante começava a declinar. A

(1) cf. P. Thomas Villanova Wegener, *Anna-Katharina Emmerich, Das Innere und äussere Leben der gottseligen Dienerin Gottes*. Paul Pattloch Verlag 1972, pp. 179-181.

(2) cf. Lady Cecil Kerr, *Thérèse-Hélène Higginson*, Desclée de Brouwer 1935. pp. 204, 269, 280-281 e, sobretudo, 401-410.

(3) *Vous... mes amis*, Lethielleux 1953, p. 136.

mãe percebeu e foi visitá-lo, tentando arrancá-lo do perigo que ela sentia estar rondando. Durante toda a noite seguinte ela rezou à Virgem Maria para que protegesse seu filho. De manhã, ficou sabendo que o mesmo havia-se jogado de uma janela, do sétimo andar.

Vários meses mais tarde, enquanto dormia, a mãe viu seu filho, trajando uma longa roupa branca, circundado por uma luz de um branco azulado como o diamante, com um ar feliz. Ele disse-lhe as seguintes palavras, incríveis, totalmente inesperadas, absurdas: “Eu não estou morto como você pensa. Eu afoguei-me no rio Nilo”. Pela manhã, a mãe acordou tranquila, feliz. Ela nada havia compreendido das palavras do filho que ficaram gravadas em sua mente; mas tinha a sensação nítida, a certeza interior, de que não se tratara de um simples sonho.

Alguns dias mais tarde, ao receber um amigo para jantar, contou-lhe a manifestação que tivera de seu filho. Seu amigo deu-lhe, então, uma explicação também inesperada: “Afogar-se no rio Nilo” é uma expressão antiga para indicar uma morte feliz. Ela não poderia nunca ter inventado, sozinha, esta expressão. Fôra, de fato, seu filho que, através desta expressão enigmática, havia encontrado o meio de tomar autêntica sua manifestação indubitável.⁽¹⁾

Este corpo espiritual está em contínua evolução. Já vimos que ele é formado progressivamente. No início, pode-se compará-lo a uma esfera luminosa de vapor. Isto aparece claramente, por exemplo, na narrativa a seguir onde a desincorporação não ocorre nem após um acidente, nem durante uma operação. Trata-se de um doente que deveria ser operado. Ele está em seu quarto de hospital, alguns dias antes da intervenção cirúrgica. Uma noite, é misteriosamente informado a respeito de sua morte iminente:

“Vi uma luz surgir no canto do quarto, um pouco abaixo do teto. Era uma bola luminosa, uma espécie de globo, não muito grande. Calculo que tivesse vinte ou trinta centímetros de diâmetro, não mais... Vi uma mão estender-se em minha direção, como que saída desta luz. E a luz disse-me: “Vem comigo, tenho, algo a mostrar-te”. Imediatamente, e sem a menor hesitação, também estendi minha mão para segurar aquela que eu via. Ao fazer isto, tive a impressão de ser atraído para cima e abandonar meu corpo. Eu olhei para trás e vi meu corpo estendido sobre o leito, enquan-

(1) Outra bela narrativa semelhante, onde o encontro em sonho tem continuidade pela escrita intuitiva, encontra-se em Belline, *La Troisième oreille*. op. cit. pp. 155-159.

to eu era erguido rumo ao teto do quarto.

Ao deixar meu corpo, assumi a mesma forma da luz... Não era um corpo: apenas uma névoa, um vapor... Esta substância espiritual não tinha a estrutura de um corpo. Era mais ou menos esférica e possuía o que poderíamos chamar de mão. Percebi isto porque, quando a luz lá do alto estendeu-me sua mão, foi com a minha mão que eu a segurei. Mas nos momentos em que eu não utilizava minha mão espiritual, meu espírito retomava sua forma arredondada...”

Este é, aliás, um dos casos em que, para concluir uma obra de amor junto a uma criança, um doente obteria um prazo de vários anos na terra, até que a referida criança atingisse sua maioridade. (1)

Observe-se que esta espécie de mão retrátil aparece apenas durante o gesto que deve ser realizado. Temos uma narrativa bem semelhante, feita por Theresa Neumann, quando das duas intervenções de Santa Teresa de Lisieux. A primeira, para curá-la de sua paralisia; e a segunda, de uma apendicite:

“De repente surgiu uma luz forte e tudo foi magnificamente iluminado à minha frente. Não posso descrever-lhe esta claridade... E alguma coisa pegou-me pela mão direita fazendo com que eu sentasse em minha cama... A Voz falou: “Sim, agora podes sentar, podes também andar.” E novamente algo segurou minha mão e eu tomei a sentar em minha cama.”

Isto aconteceu no dia 17 de maio de 1925. Na segunda vez, a narrativa da grande estigmatizada alemã refere-se à primeira cura:

“Tomei a ver a luz, uma mão direita, e voltei a escutar aquela doce voz...”(2)

Aí não encontramos a forma esférica. Entretanto, também não há corpo, já que são utilizadas expressões como: “alguma coisa pegou-me pela mão”.

(1) cf. Moody; *La vie après la vie*. pp. 122- 123.

(2) Johannes Steiner: *Therèse Neumann, la stigmatisée de Konnesreuth*, Ed. Meddens 1963, pp. 90-91 e 89.

A esfera não seria uma primeira fase anterior à formação completa do corpo de glória? Não se tem certeza.

Roland de Jouvenel deixa-nos entrever uma evolução, particularmente rápida em seu caso. Ele insiste bastante nesta evolução contínua. A cada etapa há gritos de alegria, de encantamento. Ele morreu a 2 de maio de 1946. Já em 18 de dezembro de 1949 comunicava a sua mãe:

“Mamãe, é preciso que você anote este dia e esta hora com uma cruz no calendário. Hoje, você já não pode imaginar mais nada a respeito das zonas que acabo de atingir. Estou em um plano que nada tem de semelhante ao seu mundo... Tudo aquilo que não tem mais nem corpo, nem forma, nem nada de sensível, escapa à concepção humana. Pare, então, de querer pensar em Deus através de imagens. (1)

Mas a ascensão continuou ainda por muito tempo. E, certamente, ainda continua. Em 12 de maio de 1952, ele transmite esta mensagem fantástica, prodigiosa, maravilhosa, que deveria impressionar as pessoas bem mais que todos os passos de nossos cosmonautas na lua:

“Aqui onde estou não há nem forma, nem contorno, nem expressão; nem palavra. Há o Infinito no Infinito. Além dos rios e das planícies, além das colinas e dos montes, além do sol e da lua, onde nem o pé nem o espírito pode pousar, há o ‘Tudo’ no ‘Tudo’ ”(2)

Pierre Monnier testemunha, também, esta evolução contínua de nosso corpo espiritual. Ele o faz em um estilo todo seu, correspondente a sua família e a seu meio, retomando as palavras de São Paulo:

"Vocês viverão eternamente, em um invólucro cada vez mais idealizado por uma espiritualidade sempre crescente, e que os levará 'de glória em glória' ”(3)

A etapa final desta evolução sem fim não teria sido ainda atingida por ele, mesmo se consultarmos as últimas mensagens do volume VII. Mas seus orientadores espirituais do além lhe falaram a respeito:

(1) *Au seuil du Royaume*, op. cit, p. 99.

(2) *ibid*, p. 258.

(3) *Lettres de Pierre*, vol. I, p. 310.

“Nossos orientadores ensinam-nos que a espiritualidade absoluta e essencial, uma vez obtida, separar-nos-á definitivamente de qualquer forma limitada. Ainda não somos capazes, nós mesmos, de compreender esta individualidade persistente fora de uma objetividade visível... mas seria a verdadeira semelhança com Deus.”(1)

Liszt, Franz Liszt, o famoso compositor, afirmou a mesma coisa à senhora Rosemary Brown.

O CASO ROSEMARY BROWN

Trata-se de uma das mais surpreendentes histórias de mediunidade do século. A vida desta respeitável senhora inglesa não tem mistérios. Nasceu em uma velha casa de Londres, de pais sem grande fortuna. Viveu sempre na mesma casa. Aprendeu um pouco de piano com um professor do bairro mas nunca passou de uma instrumentista medíocre. Parece que seus ouvidos também não eram muito sensíveis. Ela mal distinguia uma obra de Schubert das de Mozart ou Beethoven. Levou uma vida laboriosa como esposa e mãe de dois filhos. Estes tinham entre quatro e oito anos quando seu marido morreu após longa doença que acabou por arruiná-los financeiramente. Era o mês de junho de 1961.

Acontece que Rosemary, desde sua mais tenra infância, via pessoas que os outros não viam. Ela tinha aproximadamente sete anos e estava deitada em sua cama, em um canto do quarto do andar superior da casa de seus pais. Foi então que Franz Liszt apareceu-lhe pela primeira vez. Ele estava de pé, tinha a aparência de um ancião com longos cabelos brancos, e vestia uma espécie de longo vestido preto. Ele não se apresentou mas disse que, na terra, havia sido compositor e pianista e que voltaria mais tarde, quando ela fosse maior, para ensinar-lhe música.

Foi o que, de fato, ocorreu mais tarde, e durante anos. Ele trouxe, também, seu grande amigo Ghopin que ditou para ela todas as suas últimas composições, além de inúmeras outras de compositores de épocas e estilos bem diferentes, de Monteverdi a Francis Poulenc. Liszt explicou-lhe que havia organizado, no além, uma sociedade de compositores

(1) *Lettres de Pierre*, vol. II. pp. 317-318.

que aceitavam manifestar-se aos pobres terrestres, que somos nós, para tentar convencer-nos de nossa sobrevivência. Ele acreditava que se os homens fossem convencidos de que esta vida aqui só é um começo de uma vida eterna, comportar-se-iam menos mal. Liszt, já aqui na terra, era muito crente. No final de sua vida, preparava-se para o sacerdócio e já havia recebido os primeiros graus, as ordens menores. Isto explicava a batina preta que ele usava ao manifestar-se, bem como suas várias composições para igreja.(1)

Os maiores especialistas internacionais foram solicitados a dar um parecer sobre as composições recebidas pela senhora Brown. A eles não era fornecida a verdadeira origem das peças musicais. E os pareceres foram sempre categóricos a favor da autenticidade das mesmas. Apenas Chopin poderia ter composto tal obra. E era mesmo sua mais bela composição. Outra, era absolutamente típica de Debussy, etc...

Ora, Franz Liszt conversava frequente mente com a senhora Brown a respeito da vida do além. Ele dizia sobretudo coisas muito importantes sobre a Reencarnação, como veremos a seguir. Ele explicou-lhe, também, que em seu mundo havia diferentes esferas ou níveis de consciência:

“O último estágio é o de um estado de consciência celeste, onde a alma não se interessa pela aparência, mas pelo ser.”

“As almas neste estado, dizia ele, perderam todo o interesse pela representação corporal individual pois sabem que esta forma externa não é mais necessária... Alguns destes níveis mais evoluídos são imprecisos, porque aí as almas não precisam mais garantir para si uma forma externa.”

Como podemos, então, ser reconhecidos? perguntou a senhora Brown.

“Há uma espécie de percepção da alma, disse ele. Quando uma alma está perto de outra, reconhece-a ao perceber sua presença e pode identificar a atmosfera de uma pessoa. Isto acontece após um longo tempo. Pode levar numerosos anos. Assim, não se

(1) Rosemary Brown: *En communication avec l'Au-delà*, Collection J'ai lu 1974. A última edição inglesa traz prefácio do Bispo de Southwark. A senhora Brown narra o encontro entre os dois em: *Immortals at my elbow*. Bachman and Turner, Londres 1974.

trata de um movimento brusco de um certo estado de consciência rumo a um outro totalmente diferente. Isto faria com que a alma se sentisse pouco à vontade e fora de seu elemento.”(1)

Após lermos tais textos, compreendemos melhor a manifestação de Santa Teresa de Lisieux à Theresa Neumann. A enferma só viu a luz, ouviu uma voz e viu ou sentiu alguma coisa que a pegava pela mão. É um pouco menos nítido que a bola de luz que veio buscar o doente que deveria ser operado. Mas teria sido diferente? Ou seria apenas uma nuance na manifestação, na maneira de aparecer? Pois esta bola de luz é encontrada em vários outros casos.

A ESTRELA DE BELÉM É MENSAGEIRA DO ALÉM

Acho que tal era, na realidade, “a estrela” de Belém. Sabe-se, hoje em dia, graças às descobertas arqueológicas realizadas no Oriente Próximo, e sobretudo em Doura-Europos, que os primeiros cristãos jamais representavam os anjos como homens alados. A antiguidade pagã dava, entretanto, numerosos exemplos disto e as Escrituras falavam das asas dos anjos. Mas as Escrituras, como todo o antigo Oriente-Próximo, associava as estrelas aos anjos. Por este motivo, nos primeiros séculos, os anjos que aparecem aos pastores na noite de Natal, ou aqueles que as mulheres encontram junto ao túmulo vazio do Cristo, são representados por estrelas. Numerosos textos antigos, em grego, em siríaco, em armênio, explicam-nos que esta estrela de Belém - que guiava os magos rumo à gruta onde encontrava-se o Cristo - era, na realidade, um “anjo”, ou seja, um mensageiro de Deus, um mensageiro do além. De modo inesperado, esta interpretação é confirmada por Pierre Monnier.(2)

Esta bola de luz é encontrada na vida de Santa Ana-Maria Taigi (1769-1837). Durante 47 anos, dia e noite, ela via uma bola de luz que mostrava-lhe todos os acontecimentos do mundo, até aqueles ocorridos nos países mais longínquos e nos gabinetes mais secretos. Os Papas muitas vezes consultaram-na,

Napoleão I também percebia, junto a si, uma bola de luz. Ele sentia como que uma presença pessoal de bom agouro. São Gregório, o

(1) *En communication....* pp. 110 e 109.

(2) *Lettres de Pierre*, vol. IV, p. 144.

Grande, também viu, um dia, em um raio de luz, a alma de Germano, bispo de Cápua, que os anjos conduziam ao céu “em um globo de fogo”.

Tais experiências não têm idade e não estão ligadas a nenhuma cultura em particular. Em um texto do século VI, encontramos um eco longínquo desta experiência do corpo espiritual em forma de bola de luz e de sua primeira formação, como em uma cópia alongada, suspensa acima de um corpo de carne. Mas este texto faz-nos ir ainda mais longe, até o século III, pois trata-se da condenação de opiniões atribuídas a Orígenes pelo Édito de Justiniano, em 543:

“Se alguém diz ou pensa que na ressurreição os corpos dos homens revelar-se-ão esféricos e se não admitir que nós nos levantaremos na posição vertical, que seja anatematizado”.(1)

Compreende-se, evidentemente, que a perspectiva de encontrar-se, um dia, redondo como um balão, sem braços e pernas, ou na impossibilidade de ficar de pé, parecia insuportável a pessoas incapazes de imaginar um mundo totalmente diferente do nosso, que comportasse, além do mais, numerosas etapas. Ora, separados de qualquer contexto que lhes dê sentido, tais afirmações tomam-se falsas e, ao mesmo tempo, ridículas - e até perigosas, pois suscetíveis de confundir os espíritos. (2)

Não temos qualquer texto de Orígenes que permita afirmar que ele sustentava tal opinião. Mas é verdade que, uma vez condenado, sua obra foi em grande parte destruída. Para nós, entretanto, o essencial é saber que esta era uma opinião bastante conhecida, para ter merecido uma condenação. Encontramos, aliás, outros testemunhos em São Jerônimo, em Metódio de Olimpo e em Plotino, no século III d.C.(3)

Mas além deste problema da forma esférica, estava em discussão a própria natureza do corpo glorioso. Se a maioria dos teólogos, após São Paulo defendia, ao mesmo tempo, a continuidade e a mudança de um corpo para outro, outros defendiam, sobretudo, a continuidade, tal como São Jerônimo e Epifânio; um outro grupo insistia na mudança, como Orígenes e Evagro do Ponto (ou Evagro, o Pôntico).

(1) Anatematismo, aliás, retomado quase que nos mesmos termos por ocasião do Concílio de Constantinopla, em 553.

(2) A este respeito e sobre o parágrafo seguinte, ver: Antoine Guillaumont, “*Kephalaia gnostica*” d'Evagre le Pontique, Le Seuil 1962.

(3) cf. Guillaumont, op. cit., p. 143 nota 74.

É verdade que a mudança assustava-os pois pensavam que este corpo glorioso deveria dar lugar, um dia, a um outro corpo, ainda mais glorioso e mais espiritual, e assim sucessivamente, através de uma série de mortes sucessivas até que o último corpo espiritual desaparecesse completamente.(1)

Os mensageiros do além não associam a evolução ulterior do corpo espiritual a uma sucessão de *mortes*, com tudo que isto implicasse de necessariamente doloroso. Mas nada permite afirmar que Evagro compreendia o fato desta forma. Vemos, neste ponto (sem querer julgar aqui o conjunto de sua teologia, o que seria um outro problema), segundo tudo que podemos saber hoje através das comunicações com o além, que Orígenes e Evagro tinham razão.

(1) Guillaumont, op. cit, pp. 114-116.

IV

NAS FRONTEIRAS DA MORTE

A chegada ao outro mundo comporta diversos elementos que ocorrem em diferentes momentos. Mas sua ordem de sucessão pode variar e, segundo as circunstâncias, certos elementos podem ficar ausentes. Não há aí qualquer contradição ou incoerência nos testemunhos. Simplesmente ocorre que a realidade adapta-se indefinidamente a cada caso particular. Imagine-se tendo que contar a algum extraterrestre como as coisas acontecem em nosso planeta quando alguém está doente. Você poderá dizer que, geralmente, chamamos um médico, ou que vamos a seu consultório; que, em seguida, às vezes, somos enviados ao hospital, mas nem sempre; que, no hospital, somos examinados por um outro médico, mas nem sempre pelo mesmo; e que, aliás, em caso de acidente, vamos primeiro ao hospital, e não ao consultório... Tudo isto pode parecer muito complicado e desconcertante, quando - para nós - a realidade é muito simples.

As coisas acontecem mais ou menos assim nas diferentes fases que vamos descrever agora. Como são fatos relativamente bem conhecidos, sobretudo nestes últimos anos, limitar-me-ei, em cada caso, a citar somente alguns exemplos e as obras mais acessíveis sobre o tema.

1. Rever aqueles que amamos

No exato momento da morte, veremos surgir à nossa frente, vindos do outro mundo, alguns seres que nos são caros e que fizeram a passagem antes de nós. Na maioria das vezes: pai, mãe, irmãos e irmãs, mas também amigos queridos que vêm nos recepcionar festivamente e nos ajudar a dar os primeiros passos no além.

Os testemunhos são incontáveis. Sobretudo depois que as famosas E.F.M. (Experiências nas Fronteiras da Morte) se multiplicaram Eis a narrativa feita pelo doutor Moody:(1)

“O médico havia desistido de salvar-me, Mas eu, durante este tempo, sentia-me muito lúcido... Neste momento exato, percebi a presença de uma porção de pessoas, quase uma multidão, planando junto ao teto de meu quarto. Eram todas pessoas que eu havia conhecido no passado e que já haviam morrido. Reconheci minha avó e uma antiga colega de escola, bem como outros parentes e amigos. Eu via, sobretudo, os seus rostos e sentia-os ali. Todos pareciam contentes, Era uma ocasião feliz e eu sabia que tinham vindo para proteger-me ou guiar-me. Era como se eu estivesse voltando para casa e que estivessem todos ali para me receber, na porta, para me desejar as boas-vindas.”

O comitê de recepção é, às vezes, mais reduzido e pode, em circunstâncias movimentadas, limitar-se a uma pessoa desconhecida: pelo menos em um primeiro momento. Eis um destes casos, onde reduzimos a narrativa às frases que consideramos, aqui, essenciais:

“Eu estava em um petroleiro. Quando nosso navio afundou, afogamo-nos rapidamente. Eu não sofri... Fui sendo levado meio aos destroços e, após algum tempo, percebi que estávamos em águas profundas... afastamo-nos, sem saber direito o que fazíamos. Depois, descobrimos que havia um desconhecido conosco. Suas roupas estavam secas e ele andava como se a água que nos circundava não existisse para ele... Após ter andado em linha reta, à nossa frente, por um tempo enorme, eu vi que nos dirigíamos rumo ao que me parecia ser um nascer do sol. Eu nunca vira alvorada mais bonita. Olhei para trás... quando o desconhecido pôs a mão em meu ombro e disse: “Ainda não, você deve continuar até o Vale da Sombra da Morte. Só ao chegar lá você poderá olhar para trás, se quiser.”

Eles chegaram, em seguida, a um tipo de jardim maravilhoso onde adormeceram. Ao despertar, surpresos, tentaram reconstituir juntos a sequência dos acontecimentos.

(1) *La vie après la vie a*, p. 74.

“Durante todo este tempo o desconhecido estivera conosco, sem dizer uma só palavra. Finalmente, perguntei-lhe de onde vinha e por que nos havia conduzido até ali. Ele respondeu: “Oh, sou um simples marinheiro, como vocês. Mas tendo atracado já há algum tempo, pensei que poderia ajudá-los.”

Um pouco mais adiante, na mesma narrativa, surge outro episódio:

... “Papai veio ver-me e nós passamos maravilhosos momentos juntos. Fica engraçado chamá-lo de papai pois agora ele está mais jovem que eu: pelo menos, aparenta estar ...”

O leitor sabe, agora, como o pai deste marinheiro reencontrou sua juventude. A menção bíblica do *Vale da Sombra da Morte* é, também, muito interessante. Enfim, pudemos perceber que o testemunho anterior vinha de alguém que havia chegado bem perto da morte, mas sem dar o passo final. Foi um caso de morte provisória. Agora temos a narrativa de uma morte definitiva. A mensagem foi recebida pela viuva e pela filha do célebre coronel Gascoigne, em escrita intuitiva.(1)

Os céticos tentarão explicar tudo de outra forma, reduzindo tudo, como de hábito, a um simples jogo de projeções psicológicas ou a alucinações. Há, entretanto, numerosos casos que não podem ser reduzidos a esta espécie de explicação: são casos de crianças que ainda não sabiam ler, que ignoravam as obras do doutor Moody ou de J.C. Hamppe, e que identificaram, entre os mortos que vieram encontrá-las no além, pessoas cujas mortes ignoravam, pessoas das quais ignoravam até a existência. Eis alguns exemplos revelados por Elisabeth Kübler-Ross:

“Uma menina, julgada morta durante uma operação cardíaca muito delicada, contou a seu pai que havia sido abordada por um irmão ao lado do qual sentira-se muito feliz, como se já se conhecessem. Ora, ela nunca havia conhecido um irmão. O pai, emocionado com a narrativa da criança, contou-lhe que ela tivera, de fato, um irmão mas que o mesmo havia falecido antes de seu nascimento.”

(1) cf. Louis Pauwels e Guy Breton, *Nouvelles histoires extraordinaires*, pp. 112-113.

“... Sim, agora está tudo bem. Mamãe e Peter já estão esperando por mim”, disse-me um menino. E com um sorriso feliz entrou em estado de coma que antecedeu sua passagem para o que chamamos de morte. Eu sabia que sua mãe havia morrido no momento do acidente, mas seu irmão Peter havia sobrevivido: fôra hospitalizado em um serviço especializado em queimados graves (o carro incendiara-se antes que pudessem retirar o garoto). Eu quis ter notícias de Peter, mas não foi preciso: ao passar pela sala das enfermeiras soube, por um telefonema recebido do outro hospital, que ele havia morrido alguns minutos antes.”

“A senhora Kubler-Ross resume assim suas observações:

“Durante todos os anos de minhas pesquisas, da Califórnia à Austrália, junto a crianças brancas e negras, aborígenes, esquimós, sul-americanas, americanas, líbias, sempre constatei que quando falavam de alguém que as esperava, tratava-se de alguém que havia falecido antes, mesmo que minutos antes. Entretanto, nenhuma delas havia sido informada a respeito desta morte recente. Coincidência? Nenhum especialista, nenhum estatístico, conseguirá convencer-me de que isto ocorreu por “falta de oxigênio” (como afirmam alguns colegas) ou por outros motivos racionais e cientificamente explicáveis.”(1)

Mas, evidentemente, tais fenômenos não datam de hoje. Não estão ligados a qualquer aparelhagem ou a qualquer método médico recente. Eles são reconhecidos há muito tempo e poderiam, por si só, dar-nos a prova de nossa sobrevivência após a morte. Já no início de nosso século, por exemplo, o grande pesquisador italiano, Ernesto Bozzano, dedicava-lhes uma centena de páginas em sua obra. (2) No capítulo intitulado *Aparições de defuntos no leito de morte*, relata não menos que 55 casos cuidadosamente divididos por tipos:

- Casos em que as aparições dos falecidos foram percebidas unicamente pelos moribundos que sabiam da ocorrência das mortes.

- Casos nos quais as aparições de defuntos são ainda percebidas unicamente pelos doentes que ignoravam, entretanto, as referidas mortes.

(1) *La mort et l'enfant*. pp. 173 174.

(2) *Phénomènes psychiques au moment de la mort*. tradução francesa, Ed. de la Bibliothèque de Philosophie Spiritaliste. Paris 1923.

- Casos nos quais outras pessoas, juntamente com o agonizante, percebem um mesmo fantasma de defunto...

Bozzano distingue, assim, seis categorias de casos.

Sabe-se até, há algum tempo, que estas visões de falecidos no momento da morte acontecem em todos os países, qualquer que seja a raça, a cultura ou a religião do moribundo. Os doutores Karlis Osis e Erlendur Haraldsson realizaram uma dupla pesquisa, nos Estados Unidos e na Índia, sobre estas famosas E.F.M. (Experiências nas Fronteiras da Morte) onde constata-se que o fenômeno parece ser universal.(1) O trabalho relaciona mais de mil casos e é acompanhado de quadros estatísticos detalhados. Tais quadros mostram-nos que estas visões são mais frequentes em moribundos que atingiram um elevado nível de instrução. Os Indianos têm tendência a ver chegar até eles personagens falecidos com menos frequência que os americanos, o que se poderia explicar, talvez, por uma certa inibição do Indiano em relação à mulher. Os homens, na Índia, ao morrer, têm menos visões de falecidos - em geral - que as mulheres: isto parece confirmar a explicação anterior.(2)

2. O encontro de um Ser de luz

Um outro episódio, apesar de muito importante, foi pouco observado - mesmo pelos grandes pioneiros deste tipo de pesquisa. Ernesto Bozzano não o menciona em sua lista dos doze pontos fundamentais encontrados na quase totalidade dos casos. (3) Talvez por que, por um lado, este encontro não se diferencia muito claramente do outro tipo de encontro citado anteriormente. Assim, por exemplo, ocorre na narrativa de um soldado morto durante a última guerra na Líbia, e cuja mensagem - como muitas outras - foi recebida por escrita automática pela viúva e pela filha do coronel Gascoigne. Este soldado encontra-se com outros falecidos no campo de batalha, mas observa, de repente, que outra pessoa juntara-se a eles:

“O desconhecido não usava farda e durante alguns segundos perguntei a mim mesmo como um civil havia conseguido chegar ali. Ele assemelhava-se a um árabe. Quando virou-se para mim e

(1) *Ce qu'ils ont vu... au seuil de la mort*. Ed. du Rocher 1982.

(2) *Op. cit*, pp. 124, 192-193 e p 146.

(3) *La crisi della morte*, Armenia Editore 1976, pp. 264-265.

olhou-me, senti estar sendo recriado por ele. Ajoelhei-me e murmurei:

- O Cristo! com todo o respeito de uma criança.

- Cristo não, mas um de seus mensageiros, disse o homem frente ao qual eu estava prostrado. Ele quer você, disse-me ele.

Ele me queria!

- Mas para que? perguntei com uma voz entrecortada.

Ele ergueu seu olhar para os outros, mas eu nada vi além de uma gloriosa luz. Ela enchia minha cabeça e, queimando algo em mim, retinha-me naquele lugar. Depois, sua voz fez-se novamente ouvir:

- Por seu sacrifício, você atingiu o ápice da força.

Depois, não me lembro de mais nada.

Já foi visto que os moribundos nem sempre são recebidos, no além, no primeiro instante, por seus familiares. Sobretudo em casos de guerra ou acidente. A narrativa que acabamos de ler começa um pouco como a história do marinheiro morto que vinha auxiliar os outros quando os mesmos naufragavam. Aqui, este soldado da Líbia nota, primeiramente, apenas um desconhecido. Sua única surpresa foi: “o desconhecido não usava farda”. Mas, em seguida, a narrativa evolui quando o desconhecido olha-o: “senti estar sendo recriado por ele”. A expressão é muito bonita, mas extremamente forte, e compreendemos que tal impressão possa ter feito o soldado pensar em Cristo. Mas era apenas um de seus “mensageiros”. Não devemos esquecer que a palavra grega “angelos”, de onde tiramos a palavra “anjo”, não significa nada mais que “mensageiro”. A menção feita à luz vem um pouco depois, como se a mesma houvesse aparecido apenas em uma terceira etapa, e sem emanar diretamente do mensageiro.

Osis e Haraldsson mencionam, também, este encontro com uma “figura religiosa” (para retomar a expressão que utilizam), no relatório da dupla pesquisa realizada nos Estados Unidos e na Índia:

“A identificação da figura religiosa também representou um problema junto aos adultos. Com efeito, um grande número de pacientes viram um homem, vestido de branco, e com uma auréola de luz, que lhes provocou tranquilidade e serenidade inexplicáveis e no qual pensam ter reconhecido, segundo os casos: um anjo, Jesus, Deus, ou, entre os hindus, Krishna, Shiva e Deva. Em

(1) L. Pauwels e Guy Breton. *Nouvelles histoires extraordinaires*, pp. 126-127.

raríssimos casos, em compensação, os pacientes não se preocuparam em identificar a figura religiosa que lhes apareceu.(1) Encontraremos, assim, um grande número de testemunhos sobre esta luz nas duas obras do doutor Moody:

“Luz inicialmente fraca cujo brilho aumentou muito rapidamente até tornar-se “supraterrestre”, sem, no entanto, ofuscar. Mas, sobretudo, nem um único de meus entrevistados - continua o doutor Moody - expressou a menor dúvida quanto ao fato de que se tratasse de um ser, de um ser de luz. E, o que é mais interessante, este ser é sempre uma pessoa, com personalidade claramente definida. O calor e o amor que emanam deste ser, em relação ao moribundo, ultrapassam de longe qualquer possibilidade de expressão”.(2)

“As mesmas expressões voltam sem cessar: “Imagine uma luz feita de total compreensão e de perfeito amor”. “O amor que emanava da luz é inimaginável, indescritível.”(3)

A bem da verdade, o leitor já terá percebido que há, em todas estas experiências, sempre alguma coisa em comum e muitas variantes. Em outros testemunhos, o moribundo ouve apenas uma voz e sente uma presença. Às vezes trata-se de uma espécie de bola de luz, às vezes é um homem vestido de branco, ele também luminoso ou apenas cercado de luz. A experiência parece, assim, modelar-se segundo as necessidades ou as capacidades de cada um. Pode ocorrer, também, que em alguns casos seja verdadeiramente o Cristo que vem a nosso encontro. Pierre Monnier afirma isto e tenho todos os motivos para confiar nele. Pode ser, ainda, às vezes, um de seus anjos, ou mesmo algum humano falecido cuja evolução espiritual esteja bastante adiantada para irradiar tal luz. Por vezes, esta luz permanece sem forma determinada, assim como serão nossos corpos gloriosos ao final de sua evolução. Tom Sawyer, mecânico, esmagado em sua própria oficina por um pequeno caminhão que estava consertando, viveu uma experiência muito intensa de fusão com esta luz:

“Inicialmente, como uma estrela, um ponto no horizonte. De-

(1) op. cit, p. 71.

(2) *La vie après la vie*, p. 78-79.

(3) *ibid*, pp. 82-83.

pois, como um sol. Um sol enorme, um gigantesco sol, cuja clareza, apesar de extraordinária, não incomodava. Ao contrário, era um prazer olhá-lo. Quanto mais ele aproximava-se desta luz branca e dourada, mais sentia a sensação de reconhecer sua natureza. Como se uma antiga, muito antiga lembrança, escondida lá no recôndito de sua memória, despertasse incendiando pouco a pouco toda a sua consciência. Era extremamente delicioso... pois era uma lembrança de amor. Aliás, e seria possível, esta luz estranha parecia também exclusivamente composta de amor. A substância “amor puro”, era tudo que ele sentia do mundo...

Quanto mais aproximava-se da luz, mais o fenômeno crescia. E quando, finalmente, ele penetrou na luz ocorreu um êxtase indescritível, pois sua atenção e sua emoção intensificaram-se, diz ele, “milhares de vezes”...

... Tom Sawyer, quando narra este fato, chora a cada três ou quatro frases”. Como ele próprio diz, é uma experiência de *um amor total, infinito*.(1)

J-C. Hampe relata testemunho semelhante:

“E então fez-se a grande luz, uma luz branca irradiante, de intensidade supraterrrestre, ofuscante. Ela inundava todo o meu ser e levou-me a um êxtase de sublime elevação, indescritível, tornando-me um só ser com a essência divina.”(2)

Terminaremos, a respeito deste ser de luz, com uma citação de George Ritchie, o jovem soldado americano acometido de febre quando de um rigoroso treinamento e que, por isto, desencorporou. Ele encontra-se perto de sua cama, ao lado de seu corpo. Pouco a pouco a luz do cômodo começa a mudar, torna-se extremamente brilhante, preenchendo todos os espaços, sem que se possa ver de onde Vem:

“Todas as lâmpadas do setor não teriam podido fornecer tamanha luminosidade. Nem todas as lâmpadas do universo!”

Mas, de repente, ele descobre a fonte luminosa:

Era *Ele*.

Ele era muito brilhante para que pudesse ser olhado de frente. Eu via, então, que não era luz mas um Homem que havia en-

(1) Patrice Van Eersel. *La source noive*, Grasset 1986, pp 196-197.

(2) op, cit, p.82.

trado no quarto, ou melhor, um Homem feito de luz... Fiquei de pé, e enquanto levantava-me tive esta certeza plena: “Você está em presença do Filho de Deus”.

Novamente a idéia parecia formar-se dentro de mim, mas não era um raciocínio especulativo. Era uma espécie de conhecimento imediato e completo. Percebi outras coisas a Seu respeito. Inicialmente: Ele era o Ser mais totalmente viril que jamais havia encontrado. Se Ele era o Filho de Deus, Seu nome era Jesus. Mas... não era o Jesus de meus livros de religião. O Jesus que eu conhecera era gentil, amável, compreensivo e talvez um pouco frágil. Este Personagem agora era o Poder personificado, mais velho que o tempo e, entretanto, mais atual que qualquer um.

Para completar, com a mesma misteriosa certeza interior, soube que este Homem amava-me. Mais ainda que poder, o que emanava desta Presença era um amor incondicional. Um amor surpreendente. Um amor situado além de meus sonhos mais loucos...”(1)

Sem querer dizer que se trata exatamente do mesmo fenômeno, não posso deixar de sublinhar que um dos critérios das experiências místicas autênticas é a existência desta certeza interior, esta percepção que surge, internamente, à medida em que a experiência desenrola-se, sobre o sentido de tudo aquilo que está ocorrendo.

Observemos, a respeito de nosso mecânico que chora sempre ao contar sua história, que isto é o que acontece a muitos que viveram com certa intensidade a experiência do amor de Deus. A isto dá-se o nome de *dom das lágrimas*, bem conhecido na tradição dos cristãos do Oriente.

3. O que você fez de sua vida?

E então, geralmente, que o moribundo ouve uma pergunta que brota do ser de luz, embora ela seja mais uma comunicação direta de pensamento para pensamento que uma indagação pronunciada, verdadeiramente, por uma voz. Esta pergunta parece ser fundamentalmente sempre a mesma, embora cada morto provisório relate-a à sua maneira: “Você está pronto para morrer?”; Ou: “O que você fez de sua vida?”.

(1) George Ritchie *Retour de l'au-delà*. pp, 64-66.

Como que para ajudar o moribundo a responder à indagação, aparece, à sua frente, o filme de sua vida. O fenômeno é bastante conhecido. Pode-se produzir até sem que tenhamos deixado nosso corpo, sem acidente, sob o efeito de um choque violento, de uma violenta emoção, mas sempre em situações ligadas ao temor de uma morte iminente. Assim testemunha uma jovem:

“Tão logo apareceu, o ser de luz imediatamente perguntou-me: “Mostre-me o que você fez de sua vida”, ou algo parecido. E, no mesmo instante, tudo andou para trás. Eu perguntava-me o que estava acontecendo, porque, de repente, encontrava-me ainda menina. A partir daí, comecei a avançar no tempo, através dos primeiros tempos de minha existência, ano por ano, até o momento atual... Todas as coisas reapareceram-me na ordem em que eu as havia vivido. Elas pareciam reais. Os ambientes surgiam como se eu tivesse saído de casa e visse as coisas com todos os seus contornos, e em cores. E tudo movia-se. Mas eu não revivia a cena tal como a havia visto com meus olhos de criança: era como se a menina que eu via fosse outra pessoa, como acontece no cinema. Uma menina, entre outras crianças, brincando numa sala. Mas, entretanto, aquela era eu. Via-me fazendo o que eu fazia quando era pequena. Tudo acontecia exatamente como na realidade, lembro-me muito bem.”(1)

George Ritchie, o jovem soldado americano do qual falamos há pouco, conta sua experiência quase que nos mesmos termos. Ele explica que este ser de luz, que para ele é o Cristo, conhecia tudo a seu respeito, todas as suas fraquezas, seus erros, e que, mesmo assim, o amava:

“Quando eu digo que Ele sabia tudo sobre mim, falo a partir de um fenômeno observável. Pois, naquele cômodo, com Sua presença esplendorosa, havia entrado também cada episódio de minha existência... Tudo o que havia acontecido a mim estava ali, simplesmente, plenamente visível, atual e real, parecendo desenrolar-se à nossa frente... as imagens apresentavam-se em três dimensões, imagens animadas e sonoras.”

(1) cf. Moody, *La vie après la vie*, pp. 85-86.

Ele nota, então, como muitos outros, que a ontem dos acontecimentos parece não ter mais importância:

“Não era possível perceber se tal fato ocorrera antes ou depois de outro... Havia muitas outras cenas, centenas, milhares, todas iluminadas por esta luz crua, em uma existência onde o tempo parecia ter desaparecido. Eu teria precisado de semanas inteiras de tempo comum para assistir a todos aqueles acontecimentos. Entretanto, eu não sentia os minutos passarem”.(1)

O FILME DA VIDA PASSADA

Este detalhe, aliás, já era conhecido há muito tempo. O cura d’Ars via a vida de seus penitentes, em seus mínimos detalhes e de modo praticamente instantâneo. Isto era-lhe imposto como um tipo de evidência que o constrangia, pois nem sempre conseguia conter suas reações. Ele conseguia ver, no passado das pessoas que vinham vê-lo, gestos sem grande importância, mas que feriam sua extrema exigência do absoluto. Ele era, então, obrigado a tranquilizar seus pobres penitentes desconcertados. Este aspecto de seus carismas, ou seja, de seus dons paranormais, sempre pareceu inverossímil. Tal tipo de visão supõe a presença de milhões de percepções. Nosso espírito não é um computador. Não pode gravar e processar tudo instantaneamente. No entanto, o fenômeno aparece constantemente em todas as narrativas “nas fronteiras da morte”, com algumas variantes. Por vezes, temos a impressão de que todos os acontecimentos são vistos ao mesmo tempo, em um único instante. Outras vezes, desenrolam-se com extrema velocidade, em fração de segundos. Pode acontecer, até, que a ordem das cenas seja mostrada ao contrário. Como no testemunho colhido por J.C. Hampe:

“Começou então um fantástico teatro em quatro dimensões, formado por inúmeras imagens que reproduziam cenas de minha vida. Para ordenar as idéias, eu havia falado antes de duas mil, mas parece que havia mesmo quinhentas ou dez mil cenas. Nas primeiras semanas após meu acidente, eu conseguia lembrar de cento e cinquenta a duzentas cenas dentre as que havia revisto.

(1) op. cit, pp. 66-68.

Infelizmente não pude registrar tais lembranças em um gravador.

Mas no tocante ao essencial, o número não tem importância. Cada cena era completa. *O Diretor* havia, curiosamente, montado esta peça de teatro de tal forma que vi primeiro a última cena de minha vida, ou seja, minha morte em uma estrada próxima a Belinzona. A última cena do espetáculo mostrava minha primeira experiência, ou seja, meu nascimento. Cada cena era mostrada do início ao fim. Apenas a ordem das cenas estava invertida. Desta forma, então, comecei revivendo minha morte. A segunda cena era a de minha excursão em Gothard...”(1)

Alguns conseguem rever todas as cenas; outros, apenas as mais importantes. Alguns assistem a seu próprio nascimento; outros começam o filme quando já têm cinco ou seis anos... Mas, voltemos ao sentido desta “sessão especial”, com a narração de George Ritchie:

“Cada detalhe destes vinte anos de experiência estava ali, para ser visto. O bom, o mau, os pontos fortes, as fugas. Com este espetáculo que englobava tudo, surgia uma pergunta, implícita em cada cena, e que, como as próprias cenas, parecia vir da luz viva que estava a meu lado:

"O que você fez de sua vida?"

No caso, não se tratava de uma pergunta como se Ele estivesse desejando uma informação. O que eu havia feito da minha vida aparecia visivelmente ali. De qualquer forma, esta lembrança geral, perfeita e detalhada, provinha d'Ele, não de mim. Eu não teria conseguido lembrar-me de um décimo daquilo que era mostrado, salvo se me fosse mostrado por Ele.

"O que você fez de sua vida?"

Parecia ser uma pergunta ligada a valores, não a fatos: O que você fez deste tempo precioso que lhe foi concedido?”

George procura, então, em sua vida:

(1) Op. cit. p. 75. Como George Ritchie, a vítima desta aventura fez a narração completa de sua aventura: Stefan von Jankovitch *Ich war Klinisch tot Der Tod: Mein schönstes Erlebnis*, Drei Eichen Verlag 1984 Um resumo desta narrativa foi publicado em francês. *Ma plus belle expérience: la Mort*, Stefan von Jankovich, em Astral. n° 262-263, outubro-novembro 1973.

“Não havia pecados espetaculares, apenas imagens eróticas e os segredinhos de todo jovem. Mas, se não havia abismos terríveis, tampouco havia elevações. Somente uma preocupação clamorosa, míope e constante comigo mesmo...”

Vêm-lhe à mente, então, como se fossem atenuantes, condecorações de escoteiro, sua presença fiel na igreja aos domingos, e seus estudos de medicina. Mas, em presença do Ser de luz, não pode mentir para si mesmo e sente que fizera tudo aquilo apenas para si próprio.

“Compreendi que era eu mesmo quem julgava, de forma bastante severa, os acontecimentos que nos circundavam. Era eu quem os via insignificantes, egocêntricos, inconsequentes. Tal condenação não vinha da Glória que brilhava em torno a mim: ali não havia nem censura nem repreensão, simplesmente amor para comigo... Enchendo o mundo com Sua presença e, ao mesmo tempo, atento à minha pessoa... Aguardando minha resposta à pergunta que permanecia no ar, naquele sopro ofuscante: *"O que você fez de sua vida que possa mostrar-me?"*

A pergunta, como tudo o que vinha d'Ele, estava relacionada ao amor: quantas vezes você amou durante sua vida? Você amou os outros da forma como eu amo você? Totalmente? Incondicionalmente?

Foi então que uma espécie de indignação tomou conta Dele, como se houvesse sido apanhado em uma armadilha:

“Alguém deveria ter-me dito isto!”

E a resposta veio do homem de luz, imediata, sempre por pensamento direto, sempre sem censura:

“Eu disse isto a você!”

“Mas como?”

“Eu disse-lhe isto através da vida que vivi. Eu disse-lhe isto através da morte que sofri.

Neste instante, George Ritchie tem a confirmação de que o próprio Cristo era agora seu instrutor. E ele começaria, então, uma fantástica viagem educativa com o Cristo”.(1)

(1) op. cit, pp. 69-74.

Tudo isso é novo? Certamente que não! São João disse e repetiu: “*Deus é amor, Deus é luz*” (São João, Primeira Epístola). Eis que, de repente, ao lermos tal narrativa, estas palavras tornam-se incredivelmente concretas e adquirem uma nova força. Reconheçamos ainda que muitos teólogos, durante séculos, com a bênção da Santa Igreja, tudo fizeram para esvaziar de sentido estas palavras de São João.

Deus só pode amar. Nenhuma crítica, nenhuma censura, mas, ao mesmo tempo toda a exigência do amor. Mesmo que o ser de luz não seja sempre o Cristo, a exigência é a mesma. A senhora Yolande Eck ouviu também a mesma pergunta: “O que você fez pelos outros?” E, perante a intensidade da presença do ser de luz que erguia-se à sua frente, ela caiu de joelhos. Mas, embora cristã, não acredita - segundo disse-me - que fosse o Cristo. Acha que se tratava apenas de seu “guia”, de seu “anjo da guarda”, se preferirmos.

Deus é amor mas, para dividir a vida com Ele, é **preciso** aprender a amar com Ele. Este é o sentido de nossa vida. George sentiu que o Homem de luz conhecia todas as suas fraquezas. Apesar disto, amava-o totalmente, incondicionalmente. É isto que Ele também espera de nós:

“Fôra eu capaz de amar as pessoas, mesmo aquelas que eu conhecia a fundo, com seus defeitos? Perguntou-me Ele, conta um homem de aproximadamente quarenta anos que conseguiu escapar de um acidente automobilístico.

“...Ele mostrou-me tudo o que eu havia feito, e depois perguntou-me se eu estava satisfeita comigo mesma... Era o amor que interessava a Ele. Esta era a questão. Esta espécie de amor que me dá vontade de saber se meu próximo está vestido e alimentado, que me dá vontade de ajudá-lo, se necessário”, tenta explicar uma mulher, vítima de uma crise cardíaca durante uma cirurgia”.(1)

Uma outra mulher observa que, durante o desenrolar do filme de sua vida, não via mais o Ser de luz. Mas continuava a sentir sua presença e permanecia em comunicação direta com Ele, pelo pensamento.

“Ele não tentava informar-se sobre o que eu havia feito, pois já sabia perfeitamente a respeito de tudo. Escolhia certas passa-

(1) Moody, *Lumières nouvelles sur la Vie après la Vie*, op. cit. p. 132.

gens de minha existência e fazia com que revivessem à minha frente, para que eu me recordasse delas.

“Durante todo este tempo, ele aproveitava todas as oportunidades para destacar a importância do amor... Disse-me que eu deveria pensar mais nos outros, que deveria agir da melhor forma possível. Mas nada disto parecia uma acusação. Mesmo quando falava das vezes em que eu havia sido egoísta, queria mostrar-me que eu havia também aprendido a lição”.(1)

Assim compreender-se-á, facilmente, afirmações que poderiam parecer, à primeira vista, contraditórias. Alguém dirá que, de todas as cenas que lhe foram mostradas, desprendia-se paz e harmonia, mesmo onde a moral tradicional e religiosa teria visto pecado, e até *pecado mortal*.(2) Outro dirá, ao contrário, por ser um médico bastante racional, que nas mesmas circunstâncias sentiu “extrema culpabilidade ligada às *más* ações mais ínfimas”.(3)

Sem dúvida é porque, por um lado, apenas o amor tem importância; e porque a Igreja inventou erros graves onde nada havia de verdadeiramente grave. É, talvez também, por outro lado, porque a pedagogia do amor do ser de luz adapta-se às necessidades e possibilidades de cada um. Mas, definitivamente, apenas o amor tem importância.

É isto que o “guia”, ou o próprio Cristo às vezes, mostra àqueles que devem retomar à terra para concluir sua missão. Mas o testemunho daqueles que deixaram definitivamente este mundo confirmará ampla e detalhadamente esta mensagem essencial, com todas as suas implicações e consequências.

Já percebemos, também, que o julgamento definitivo é feito por nós mesmos. George Ritchie, no trecho que citei anteriormente, já dizia isto. Mas o ser de luz desempenha, entretanto, um papel importante quando deste julgamento. Às vezes, já vimos, quando o filme da vida só comporta algumas cenas, é ele quem as escolhe. Quando interiormente tentamos esquivar-nos da verdade sobre nós mesmos, ele nos ilumina. Vejamos um testemunho a este respeito:

“Eu estava tomado de vergonha por causa de uma série de coisas que havia feito e que, agora, via sob um prisma totalmente

(1) Moody: *La Vie après la Vie*, p. 87.

(2) cf. J.C Hampe op. cit, p. 76.

(3) Moody: *Lumières nouvelles...*, op. cit, p. 17.

diverso: a luz revelou-me o que era mim, em que ponto eu agira mal. E tudo era muito real”.(1)

Tudo isto corresponde exatamente ao ensinamento cristão mais tradicional, ao que chamamos de *juízo particular*, e que acontece logo após a morte. Na maioria das vezes dizia-se que era, provavelmente, a própria alma que se julgava, com o auxílio das luzes enviadas por Deus. Se alguém imaginava ainda, antes de ter feito tal experiência, que o julgamento envolve um tribunal com um trono e um velho juiz barbudo, não deve acusar precipitadamente as Igrejas. Da mesma forma, se acreditam ainda em Papai Noel e acham que são as cegonhas que trazem os bebês, devem incriminar a si mesmos.

Este julgamento parece atender a dois objetivos precisos. Primeiramente, permite ao falecido dar-se conta, por si só, do nível espiritual que atingiu e, entre os caminhos que se abrem após esta vida, escolher ou aceitar aquela que, de fato, melhor lhe convém. Em seguida, permite ao falecido começar, aos poucos, a purificação necessária. Este será, sem dúvida, um longo processo que deverá ser cumprido etapa por etapa. Entretanto, quanto ao essencial, o mecanismo será sempre o mesmo, como muitos mortos provisórios já notaram:

“...Eu via não apenas tudo o que havia feito, mas também as repercussões que meus atos haviam acarretado para Outras pessoas. Não era como um filme projetado em uma tela, visto que eu sentia tudo, havia sentimento... Descobri que até meus pensamentos haviam sido guardados. Todos os meus pensamentos estavam ali. Nossos pensamentos nunca são perdidos...”(2)

Tudo isto é-nos perfeitamente confirmado pelos mortos definitivos. Vejamos o que diz Pierre Monnier:

“O primeiro plano, onde as almas ficam após a morte, é, de certa forma, um local de ‘triagem’; mas os espíritos só ficam lá quando seu peso material os prende a um ambiente semelhante ao da Terra. As outras almas são aconselhadas e apoiadas por espíritos mais evoluídos, que lhes ensinam a elevar-se rumo a esferas mais puras”. Entretanto, aquelas que não evoluíram ainda o bas-

(1) Moody, *Lumières nouvelles...*, p. 72.

(2) Moody, *Lumières nouvelles...*, p. 73.

tante para poder deixar este plano primitivo não ficam abandonadas. “Estas estão destinadas a evoluir como as demais: um trabalho missionário, intenso e ativo, é realizado a seu favor. Vocês devem saber e aceitar que tais almas não são felizes: encontram-se esmagadas pela lembrança de seus erros... (entenda-se aqui os erros dos quais foram responsáveis devido a uma resistência *desejada*). Imediatamente após ser libertado de sua carne, Cristo foi visitar estes ‘espíritos prisioneiros’.”(1)

(Alusão, após a Ressurreição de Cristo, à sua Descida aos Infernos - segundo a Primeira Epístola de São Pedro, capítulo III, 19 e a Epístola de São Paulo aos Gálatas, capítulo VI, 7).

Isto se apresenta como sendo o fim da existência. No dia 27 de outubro de 1919, Pierre Monnier descreve a sua mãe:

“Vemos surgir a nossa frente, com uma forma definida, as consequências de nossos atos e de nossa influência terrestre. Recebemos, então, uma aula “cinematográfica”, por assim dizer, que nos emociona, que nos instrui e nos enche de remorsos ou de reconhecimento. Nós adquirimos também a faculdade de seguir o curso espiritual dos impulsos por nós produzidos, e a acompanhá-los, antecipadamente, até o fim de sua viagem... Que lição, querida Mamãe!”(2)

Sim eles sempre dizem que nós levaremos até as últimas consequências felizes ou infelizes, todos os nossos atos, todos os nossos pensamentos. Como conta um morto provisório: “Eu gostaria tanto de não ter feito as coisas que fiz, gostaria tanto de voltar atrás para poder desfazê-las (3)

Mas não nos deixemos também aterrorizar. Pierre Monnier frisa bem uma distinção de suma importância: só somos responsáveis pelos erros cometidos por uma *resistência desejada*. Em meu livro *Pour que l'homme devienne Dieu* (“Para que o homem tome-se Deus”), insisti muito nesta distinção.

Passo novamente a palavra a Pierre Monnier pois estamos aí frente à Revelação do sentido de nossa existência, tanto nesta terra quanto

(1) *Lettres de Pierre* vol. III, pp. 28-29.

(2) *ibid*, vol. II, p. 122

(3) Moody, *La vie après la vie*, p. 88.

nas etapas que estão por vir. Além do mais, seu testemunho estabelece um vínculo entre as narrativas dos mortos provisórios e as dos mortos definitivos:

“Quando a morte violenta e súbita atinge o homem da terra, toda sua existência, sua existência em seus mínimos detalhes,

atravessa sua lembrança. E o prelúdio do próximo futuro espiritual... Rapidamente, a consciência da existência espiritual, que foi aquela da alma durante seus dias terrestres, manifesta-se sob a forma de lembranças bem nítidas: os remorsos, os pesares, e também a satisfação do bem realizado... Vocês devem pensar nisso, pois tal experiência é tão inevitável para a alma quanto a própria morte. É a conclusão lógica da transição de uma condição para outra e dela depende sua vida nas esferas celestes...”(1)

A 6 de agosto de 1920 ele diz a sua mãe como ocorre esta purificação em suas diferentes etapas:

“As lembranças amontoam-se, numerosas... passam frente a meu olhar psíquico, como vários quadros animados, e fazem-me sentir novamente as emoções passadas. Desde que cheguei à esfera onde moro agora, constato uma maior capacidade da lembrança. Isto acontece porque nossas almas, cada vez mais livres e em busca de pureza, devem procurar mais minuciosamente todos os movimentos espirituais dos quais devem prestar conta. No início de nossa transição, este trabalho é feito (se posso falar assim) ‘no atacado’. Mas depois deve ser feito de forma mais Completa e perfeita. Para tanto, o afluxo das lembranças torna-se necessário, até em seus mínimos detalhes. É o que pode explicar o fato de ser-me bem mais fácil recordar agora as coisas do passado terrestre que quando do envio de minhas primeiras mensagens... Quando chega o momento, e quando chegamos a um nível de desenvolvimento absoluto de nossa alma face à integridade perfeita, revivemos os menores fatos através da lembrança pessoal, para nos alegrarmos ou arrependermos”.(2)

Acrescentemos, ainda, que às vezes Pierre Monnier fala de uma espécie de recapitulação final, quando a provação de toda a humanida-

(1) *Lettres de Pierre*, vol. III, p. 105.

(2) *Lettres de Pierre*, vol. III, pp. 88-89.

de estiver terminada. Então ele retoma, é verdade, o termo bíblico do *Julgamento final*, e fala de “tribunal” e “trono”. Mas, mesmo então, nada indica que se deva tomar estas expressões ao pé da letra. Há coisas que apenas a poesia permite sugerir. É preciso compreender.

Entretanto, quanto ao essencial, também neste ponto tenho total confiança nele. Inicialmente porque uma parte de suas afirmações, já antigas, encontra-se hoje confirmada, amplamente e independentemente de qualquer vínculo confessional. E também porque, quando ele *crê* que deve completar ou contradizer o ensinamento das Igrejas, não se constrange em fazê-lo. Finalmente, porque a lógica deste Julgamento final é sempre a mesma, a do amor:

“Então, as almas que tiverem sistematicamente se recusado a renunciar a si próprias, a seu orgulho, a seu egoísmo, em uma palavra, que tiverem recusado amar, serão abandonadas no fogo do remorso e da vergonha... elas aniquilar-se-ão: ‘Será a segunda morte’...”(1)

A última misericórdia de Deus para com elas será a de deixá-las voltar ao nada. Não há, portanto, inferno eterno, o que se afasta do ensinamento tradicional. Mas Pierre Monnier e muitos outros confirmam esta segunda morte de forma categórica.

3. Entre vida e morte: o túnel e o sono

Para evitar que você, leitor, fique surpreso e aterrorizado quando a hora da grande partida chegar para você, quando sua contagem regressiva chegar a zero, devo falar também das transições, das zonas intermediárias.

Ainda não o fiz até agora pois é difícil situá-las. Nem todos, ao que parece, têm direito a elas - que apresentam variantes importantes de um indivíduo para outro e não se situam, sempre, no mesmo ponto do percurso.

Raymond Moody fala longamente sobre uma espécie de túnel. Em sua primeira obra, situa-o no momento da desincorporação. Corresponderia, assim, à saúde do corpo... Entretanto, em seu segundo livro, relata vários casos em que o túnel encontra-se claramente após a de-

(1) *Lettres de Pierre*, vol. III, pp. 412-413.

sincorporação. O corpo espiritual flutua no cômodo, acima do corpo de carne, e é então que o moribundo sente-se aspirado para dentro deste túnel. Estudos posteriores, sobretudo os de Ring e Sabon, parecem confirmar esta colocação. O túnel corresponderia, então, não à saída do corpo, mas à passagem deste plano da realidade para um outro plano.

Sejamos bem claros. Quando o doente apenas sai de seu corpo de carne, permanece no mesmo plano que nós. Ele flutua junto ao teto do cômodo com seu corpo espiritual que não vemos. Mas ele vê a todos nós. Ele vê, ainda com este corpo espiritual, nosso mundo comum. Nota os desenhos da luminária do teto, as agulhas dos aparelhos de controle, o coque na nuca da enfermeira que está inclinada sobre seu corpo físico... Pode atravessar portas, paredes e tetos, mas só pode, apesar de tudo, enxergar o nosso mundo. Parece, ao contrário, que o túnel marca o acesso a um outro mundo.

As palavras para descrevê-lo são quase sempre as mesmas: “longo corredor sombrio; algo semelhante a um tubo de esgoto”, “um vazio na completa escuridão... cilindro sem ar”, “profundo e obscuro vale”, “espécie de tubo condutor estreito e muito, muito sombrio”, “túnel formado por círculos concêntricos”.(1) Lembremo-nos, ainda uma vez, do *Vale da sombra da morte* do qual fala a Bíblia.

Neste túnel desliza-se em velocidade vertiginosa, mas sem esforço. Não tenham medo se ouvirem aí algum barulho, mesmo que desagradável, como um tilintar de campainha ou um zumbido.

É geralmente no final deste túnel que se encontra o ser de luz e, com muita frequência, um jardim maravilhoso. É também, muitas vezes, apenas depois deste túnel que encontramos aqueles que amamos. Mas, quanto a isto, não há regra geral. Muitos moribundos viram chegar até eles seus queridos mortos sem terem passado pelo túnel, sem terem sequer desincorporado. Na maioria das vezes, sequer deixaram de ver as paredes de seus quartos, a equipe hospitalar ou os visitantes que se encontravam perto deles. Simplesmente atingiram um outro plano em uma espécie de superposição de imagens. Já vimos que Elisabeth Kübler-Ross foi testemunha de muitos casos deste tipo quando cuidava de crianças que estavam próximas da morte. Mas o mesmo fenômeno produz-se também com os adultos. Sir William Barret, professor de física

(1) Moody, *La vie après la vie*, pp. 50-51.

no Colégio Real de Ciências de Dublin organizou toda uma coletânea com narrativas desta natureza... (1)

Tenho a impressão, em relação a estes últimos casos, que os falecidos percorrem aí mais da metade do caminho em direção a nosso mundo. São vistos pelos moribundos que, contudo, permanecem em nosso plano. Tal fato estaria confirmado em alguns casos onde o moribundo não é o único a vo- os visitantes do além. Desta forma, a enfermeira inglesa Joy Snell (2) podia ver, sem contudo conhecer esta passagem obscura, amigos e parentes que vinham do além para buscar aqueles de quem ela cuidava. Assim ela pôde reconhecer duas amigas íntimas de uma agonizante, mortas anteriormente. A jovem, ao morrer, exclamou: “De repente ficou tudo tão escuro. Não estou enxergando mais nada”. Foi então que ela percebeu a presença de suas duas amigas que vinham a seu encontro. A moça estendeu as mãos e Joy Snell viu que as duas amigas seguraram-na durante um minuto. Depois as mãos separaram-se. As amigas esperaram que o corpo espiritual acabasse de se formar para irem embora, as três juntas.

Aqui o túnel foi reduzido a este instante de obscuridade. Mas foi suficiente para marcar a mudança completa de plano, a passagem das coisas deste mundo para o outro. Joy Snell, embora vendo as duas amigas falecidas, permanecia em nosso mundo.

Mas, em certos casos, a percepção, pelo menos momentânea, de coisas e pessoas de outro mundo pode, sem que se atinja este momento de obscuridade completa, vir acompanhada de uma espécie de torpor. Assim declara um homem de negócios que acaba de assistir à morte de sua mulher, quando percebe tanto a formação de seu corpo de glória quanto a aparição progressiva de três pessoas luminosas, vindas para recebê-la:

“Durante cinco horas, senti uma estranha sensação de esmagamento: um grande peso pousava sobre minha cabeça e meus membros; meus olhos estavam pesados e cheios de sono.”(3)

Parece-me que a mesma coisa aconteceu no Monte Tabor, quando da Transfiguração de Cristo frente a Pedro, Tiago e João. O texto de São Lucas é o que me parece ter melhor reproduzido o acontecimento:

(1) *Death-Bed visions*, Methuen, Londres 1926, citado por Osis e Haraldsson. op.cit, pp. 39-40.

(2) *The ministry of angels*.

(3) De um texto citado por W. Schiebeler, op.cit, p. 49.

"Pedro e seus companheiros estavam pesados de sono. Ao despertarem (ou "permanecendo despertos"), viram a glória de Jesus e os dois homens (Moisés e Elias) que estavam com ele." (Lucas IX, 32).

Como muitas vezes ocorre, a narrativa do Evangelho não segue uma ordem rigorosa. Ele já descrevera a glória do Cristo e a presença de Moisés e de Elias. Mas, de repente, lembra-se deste detalhe, muito importante para nós: os apóstolos estavam "pesados de sono". Apenas depois desta "sensação estranha", como diria o homem de negócios cujo testemunho acabamos de ver, os apóstolos puderam ver Jesus em sua glória e ver Moisés e Elias com ele. Portanto, após a passagem através de um sono esmagador, os apóstolos - sem deixar de perceber o mundo (e, portanto Jesus, vivo como eles) - puderam ter acesso, ao menos parcial, ao mundo do além e ver os falecidos (Moisés e Elias) que falavam com Jesus. Então, enquanto puderam ver este mundo do além, puderam ver a glória de Jesus, glória que Jesus sempre possui mas que não podemos ver, normalmente, com nossos olhos de carne.

Mas o moribundo não percebe apenas, por um instante, o outro mundo. É preciso que ele aí entre por inteiro. Entretanto, parece que podem ocorrer variantes neste processo. Alguns moribundos fazem a viagem em duas etapas: inicialmente, a desencorporação sem deixar o nosso mundo; e depois, a passagem através do túnel em um outro plano. Outros parecem saltar de seus corpos passando, imediatamente, pelo túnel para entrar diretamente em um outro nível de realidade.

Devo ainda preveni-los: se vocês, digamos, derem uma "falsa partida", como já aconteceu com algumas pessoas, não lhes será impossível voltar pelo mesmo túnel. Moody registrou vários casos desta espécie. (1). Enfim, um caso raríssimo: uma mulher diz ter encontrado neste túnel, quando ia em direção à luz, um amigo seu que pôde reconhecer perfeitamente... mas ele estava voltando! Quando passaram um pelo outro, como acontece nas escadas rolantes de uma estação de metrô, ele explicou-lhe - por transmissão de pensamento - que havia sido "mandado de volta" para nosso mundo. Foi isto também, aliás, que aconteceu à referida mulher que pôde, então, fazer-nos o referido relato. Tão logo pôde, ela procurou informar-se sobre o que havia acontecido ao tal amigo. Soube que o mesmo havia sofrido uma parada cardíaca, mais ou menos na mesma hora em que ela vivera sua expe-

(1) *La vie après la vie*, pp. 101 - 102.

riência. Seria, evidentemente, muito interessante saber se seu amigo, quando de sua volta à terra, também teve consciência de ter passado por ela. Mas quando Moody narrou este testemunho a K. Ring não havia podido ainda verificar o fato.(1)

Este túnel seria, então, uma passagem obrigatória entre os dois mundos? A qual espaço corresponderia? Os moribundos têm a impressão de passar por ele em grande velocidade e, muitas vezes, em movimento ascendente, em direção ao ser de luz. Entretanto, por mais concordantes que sejam estas descrições, não devemos tomá-las ao pé da letra. Quando alguém “entra” neste túnel, espaço e tempo são diferentes. Dar-nos-emos conta disto ao examinarmos (mais à frente, neste livro) os novos mundos aos quais ele conduz.

Parece, aliás, que há pelo menos uma outra forma de acesso aos mundos superiores ou, talvez, de travessia deste túnel: através do sono. Muitos de nossos caros falecidos afirmam que, com frequência, nós chegamos até eles durante nosso sono. Ocorrem, então, verdadeiros reencontros provisórios, doces conversas, das quais, infelizmente, quase sempre esquecemo-nos ao despertar.

Pierre Monnier diz-nos que, enquanto dormem, seus queridos pais não chegam até ele, de fato, no nível onde ele próprio, habitualmente, encontra-se realizando a nova missão que Deus, no outro mundo, confiou-lhe. Eles encontram-se em uma espécie de zona intermediária:

“Como são doces nossos reencontros!... nós três juntos percorremos uma esfera que lhes é acessível quando seus espíritos libertam-se das pesadas correntes da carne. Com efeito, vocês não vêm encontrar-se comigo no próprio plano onde encontra-se minha “morada” atual. Mas eu tenho a possibilidade e a alegria de poder retomar às esferas que os espíritos encarnados visitam quando estão momentaneamente libertos. Esta sagrada alegria das reuniões espirituais podem ser confirmadas por todas as vozes do Além... Entretanto, como é difícil convencê-los disto! Querida mamãe... querido Papai, às vezes eu os acompanho até o momento em que seus espíritos reencontram, com um sorriso de pesar, suas prisões cotidianas. Procuo deixá-los com uma intuição, uma impressão que prolongue em vocês a lembrança de nossa bem-

(1) cf. K. Ring. op. cit, p. 268.

aventurada reunião. As vezes, consigo alguma coisa, não é mesmo, Mamãe querida?”(1)

Uma vez, ao menos, o feliz adormecido não somente guardou a lembrança clara deste encontro, como também quase teve a prova de sua realidade. A conversa começou durante seu sono e continuou quando o mesmo já estava acordado. Mas é preciso que se diga que tratava-se de um médium. Foi em um dos últimos contatos de Belline com seu filho, morto aos vinte anos em um acidente automobilístico. Belline, célebre “vidente”, teve sempre contatos muito difíceis com seu filho, como já disse. Em janeiro e fevereiro de 1972, sequer podemos falar de diálogo. Ele tinha apenas a impressão de ouvir o riso do filho Michel, ou a palavra “papai”, apesar das longas horas de escuta e de vã tensão. Um pouco cansado e desencorajado, Beline desistiu e foi, com sua mulher, descansar em Florença:

“Nós buscávamos a serenidade. Eu não tentava mais chamar por Michel. Com certeza eu sequer pressentia a graça que me seria concedida. Uma noite, em nosso hotel à beira do rio Amo, Michel apareceu-me em sonho. Não posso lembrar-me das preliminares, mas estava com ele ao meu lado, em um carro, como fizéramos, tantas vezes, quando ele ainda estava vivo. Mas, desta vez, eu dirigia e ele deixava-se conduzir.

Disse-lhe: Michel, sei que estou sonhando. Como é possível que, depois de tantas tentativas vãs de encontrá-lo, apenas esta noite esteja-nos sendo permitido este encontro?

Michel respondeu-me: Você acha que estamos mesmo separados? A energia que era minha voltou para você e para mamãe. É sempre assim. O amor daqueles que ficam, e choram, e chamam, atrai um pouco do ser querido que se foi. Alguma coisa dele vive em seus pensamentos, mora em seus corpos.

Eu: Eu sinto que agora vivo para dois: para você e para mamãe. E mamãe sente a mesma coisa. Será verdade? Esta sensação não é ilusória?

Michel: Um dia, justiça será feita à presciência dos poetas e dos corações daqueles que amam.

Eu ouvi, ou melhor, vi seu riso pois ele voltou-se para mim e

(1) *Lettres de Pierre*, vol. II, p. 375.

eu olhei para ele: estava radiante. Sua alegria contagiava-me. Seus olhos estavam repletos de uma claridade que transmitia-se para mim. Havia uma espécie de fusão íntima. Nunca mais esquecerei este momento em que Michel e eu olhamo-nos um ao outro, fora do espaço e do tempo, face a face.

Eu: Michel, mal posso falar, tamanha a minha felicidade por revê-lo tão resplandecente. De repente, tenho a impressão de que o mundo não vai tão mal assim, que os homens podem encontrar - se desejarem sinceramente - uma solução para seus males.

Michel abraçou-me.

Eu: Vejo vir até mim tantos seres infelizes e deprimidos a quem a tristeza esmaga. Alguns estão à beira do suicídio. Como devolver-lhes o gosto de viver e esta alegria que estou sentindo agora?

Michel: Você pode dar-lhes força para subirem o rio da vida. São cinco horas. Acordo e ouço-me falando com Michel. Distingo perfeitamente a voz de meu filho.

Eu: Explique-me. Ainda tenho tantas perguntas a fazer!

Michel: Não force a verdade, papai. Ela vem sempre na hora certa.

Eu: Eu faço o que posso para esperar. Muitas das coisas que você me disse são estranhas. Talvez eu ainda esteja sonhando. Mas, no entanto, você está aqui.

Michel: A vida é uma energia, a morte é uma outra, e o sonho balança entre as duas.

Eu: Você acha que eu poderia ir mais longe, com você, em nossas investigações?

Michel: Pare de atormentar-se, papai. Evite desdobrar-se demais. As energias que você desprende podem não retomar a seus centros. Isto provoca sempre perdas de memória.

Eu: Quando a alma de uma pessoa deixa seu corpo, na hora da morte, encontra intactas as partículas errantes que dela escaparam?

Michel: Sim. Mesmo a loucura continua em evolução tão harmoniosa quanto possível. No além, os acidentes da alma não pesam mais que um ferimento ou uma enfermidade física. Apenas as faltas cometidas conscientemente na terra funcionam como freios.

Eu: Que freios?

Michel: Espere-me, papai, eu voltarei.

A voz apagou-se, mas permaneceu a impressão feliz.(1)

O SONHO DA MORTE

Gostaria de tratar de um outro sono. Aquele que se costuma chamar, comumente, de *o sono da morte*. Diz-se ainda: "dormir o último sono". Veremos, a seguir, que os mortos não dormem. Má, é verdade, no início, um período de sono. Mas este não corresponde ao momento em que nós, vivos, temos a impressão de que os moribundos adormecem. Na realidade, como já vimos, quando os moribundos fecham os olhos, não dormem, não perdem a consciência: apenas deixam o corpo e atingem um outro nível de realidade onde, normalmente, não percebemos o que fazem. É exatamente neste nível, e somente algum tempo após a morte, que se situa o "sono" sobre o qual gostaria de falar agora. A experiência do sono também não é absolutamente universal. Entretanto, parece ser habitual. Neste ponto abandonamos completamente o setor ainda acessível através da narrativa dos que voltaram da morte. Aqueles que podem contar a respeito deste sono são os que verdadeiramente morreram, os mortos definitivos. Este sono parece ser, um pouco, o que sela a morte definitiva. A passagem pelo túnel dá acesso aos mundos superiores, já vimos, mas podemos voltar à terra. Entretanto, não temos nenhum exemplo de alguém que tenha voltado a viver na terra após este sono.

As mensagens transmitidas à viúva e à filha do coronel Gascoigne, por soldados mortos na última guerra, fornecem algumas das variantes possíveis.

Eis, inicialmente, o que narra um escocês, ferido e feito prisioneiro em Creta. Ele não foi tratado e, após intermináveis sofrimentos, o infeliz, entrou em um sono absoluto:

“Ao despertar, a dor havia desaparecido e eu estava livre. Pensei, então, que havia escapado e comecei a passear, feliz por estar em liberdade. Mas era incapaz de compreender o que havia ocorrido...”

(1) Belline. *La troisième oreille*, op cit. pp 155-158 Jean Prieur, em *Les tablettes d'or*, p. 129 relata uma história hem semelhante acontecida à senhora de Jouvenel com seu filho Roland.

Ele estava, no entanto, morto. E aí está o sentido de seu primeiro sono. Mas ao encontrar-se vivo ao “despertar”, não compreendeu o que se passara. Ele tem dificuldade em andar, encontra-se em meio a uma espécie de nevoeiro;

“Fui ficando desesperado. Pessoas aproximavam-se de mim para ajudar-me. Quando começávamos a nos compreender, eu era levado pela vontade de esconder-me dos alemães. Parecia uma tortura. Depois, as pessoas conseguiram alcançar-me, e eu pude dormir o verdadeiro sono da morte - a extinção de nossa vida e o nascimento de uma outra”.(1)

Percebe-se, portanto, que, para aquele que está verdadeiramente morto, o “verdadeiro sono da morte” não acontece no momento em que fecha os olhos e quando os que estão próximos constatarem sua morte. Trata-se de um outro sono, de um sono do corpo espiritual. Observem, também, que as pessoas que chegavam para ajudá-lo eram, certamente, vivos do outro mundo.

Mesma narrativa por parte do marinheiro que já nos contou como afundou com seu petroleiro. Tendo-se encontrado “em águas profundas” com muitos de seus companheiros, começaram todos a andar. Depois, observaram - entre eles - a presença de um desconhecido, sem uniforme. E chegaram, desta forma, ao flanco de uma colina, a um jardim maravilhoso:

“Eu estava cansado, caía de sono e meus pés recusavam-se a carregar-me. O desconhecido propôs que repousássemos. Sentei-me ao chão, sobre a grama, e dormi imediatamente”.

Desta vez, as coisas acontecem bem mais simplesmente. De fato, eles vivem tudo isto como se estivessem em um segundo estado. Apenas ao despertar têm a grande surpresa. Os companheiros dormiram, como ele, e apenas ao reunirem suas recordações, e com a ajuda do desconhecido - um simples marinheiro que havia chegado ao além antes deles - conseguem admitir que haviam feito a grande passagem.(2)

Eis uma outra narrativa, agora de um piloto polonês abatido nos céus da França. Mesma surpresa por não mais sofrer, mesma surpresa

(1) Pauwels e G Breton *Nouvelles histoires....* p. 116

(2) Ibid, p. 113.

por ver que havia escapado, milagrosamente, dos alemães que não o haviam visto, embora tivessem aprisionado seu co-piloto. Mesma decepção por ver que os camponeses franceses, aos quais pedia ajuda, sequer respondiam-lhe.

“Estou atônito. Não sei onde estou. Peço, rezo, esqueço que não tenho religião. Peço ajuda e ela me é concedida. Alguém extremamente estranho, mas semelhante a nós, aproxima-se de mim. Diz-me para não me preocupar com a mudança, pois vai ser melhor para todos, e que eu vou ser feliz ali. Não entendo muito bem. Imagino que fui capturado. Em seguida, ele explica-me que não há prisão, nem prisioneiro, e volto a sentir-me livre. Ele conduz-me, então, e manda que eu durma. Toca meus olhos e eu imediatamente adormeço”.(1)

Pierre Monnier também fala deste sono reparador:

“Espécie de gestação que precede o novo nascimento da alma. Mas nós estaremos presentes, velando por este sono com a ternura de u’a mãe, de uma enfermeira vigilante, espreitando cada movimento anunciador do despertar, prontos a estender-lhe as mãos, a tranquilizá-lo (o espírito), a fazê-lo compreender que está cercado de amor, de bem-aventurança e de simpatia. Pouco a pouco, os olhos espirituais abrem-se para a luz: a primeira sensação após este despertar é a de um certo pesar pelo irreparável realizado (a morte). A alma recorda-se de tudo aquilo que ficou para trás, daqueles que ficaram sobre a terra, sem dar-se conta de que não separou-se deles. Mas logo encontra os bem-amados que esperam por ela e reconhece-os. Sente-se acolhida com uma alegria reconfortante. O ambiente de luz e de serenidade aquece-a, tranquiliza-a. A bondade de Deus permite que a lembrança de suas faltas, de seu pecado, não venha perturbá-la já em seu despertar. É pouco a pouco, progressivamente, que a alma culpada percebe a bagagem avariada que traz consigo...

...Imediatamente, para receber seu filho, o Pai envia até ele os mensageiros de seu amor. A alma, em seu novo corpo espiritual, desperta, portanto, em uma atmosfera desconhecida, onde

(1) ibd p. 117.

todas as suas aspirações parecem se deleitar, como pulmões que, após terem respirado um ar carregado de miasmas, dilatam-se ao contato de uma brisa pura e viva. É um alívio, uma sensação do intenso contentamento, intraduzível, que dura segundo a vontade de Deus. A alma, tendo experimentado neste momento uma alegria infinita e incomparável, conservará um intenso desejo de retorno a tal sensação, que poderíamos chamar de “possessão da alma, sedenta de amor, que um único Deus pode saciar”. Não nos esqueçamos nunca desta primeira sensação de *felicidade do céu*, que é uma graça do amor divino, pois esta lembrança é o mais poderoso estimulante a ajudar-nos em nossa evolução, indispensável para que retomemos a esta “voluptuosidade do espírito” (se é que tais palavras podem ser associadas)”.(1)

A FORÇA DO AMOR

Sim, é o mesmo “mecanismo”, por assim dizer, é a mesma pedagogia divina que encontramos operando na vida de tantos místicos. Deus faz sentir a doçura de sua presença, a qualidade, totalmente à parte, da felicidade de seu amor. Depois, retira-se, desaparece, cala-se, esconde-se. E então vem a dor, ainda maior face à fantástica felicidade anterior. E a alma fica disposta a tudo para reencontrar esta felicidade, disposta a passai; por todas as provações, a sofrer todos os tormentos, a aceitar todas as renúncias.

E esta dor tão lancinante, este desejo tão ardente, que tão bem expressou São Simeão, o Novo Teólogo - único místico das Igrejas do Oriente, talvez, a deixar-nos entrever os segredos de seu coração.

“Deixem-me sozinho, fechado em minha cela. Deixem-me sozinho com o único Amigo do homem, com Deus! Afastem-se, afastem-se, permitam-me morrer sozinho perante a face de Deus que me criou. Que ninguém bata à minha porta ou fale. Que nenhum de meus parentes ou amigos me visite. Que ninguém desvie, à força, meu pensamento da contemplação do Senhor, tão bom e tão belo. Que ninguém me traga comida ou bebida, pois para mim basta morrer perante a face de meu Deus, do Deus misericordioso que desceu à terra para chamar os pecadores e con-

(1) *Lettres de Pierre*, vol. I, pp. 201-202.

duzi-los à Vida eterna. Não quero mais ver a luz deste mundo, nem o próprio sol, nem nada do que se encontra aqui embaixo... Deixem-me soluçar, chorando pelos dias e noites que perdi olhando este mundo, o sol e esta lúgubre luz sensível que não ilumina a alma. Nesta luz, cega, eu vivi, alegrando-me e deixando-me seduzir, sem sequer pensar que havia uma outra luz, Luz de toda a vida... Ele dignou-se tornar-se visível para mim, infeliz, e depois escondeu-se. Permitam-me, pois, fechar-me em minha cela e até cavar um buraco na terra para nele me esconder. Eu viverei aí, inteiramente fora do mundo, contemplando meu imortal Senhor e meu Criador...”(1)

Esta pedagogia divina é necessária, mesmo no além, pois, como já sugerimos várias vezes, mesmo após nossa morte teremos ainda muito a progredir!

Ora, o que eu descobri aos poucos, e que agora admito - mesmo que não me agrada - é que seria preciso, neste esquema de conjunto, sempre válido, considerar mais atentamente a pequena purificação necessária. Ela durará, com certeza, bem mais que o previsto. É o que o ensinamento católico tradicional deixava-nos perceber com a doutrina do Purgatório, embora, de fato, nos detalhes, a realidade não corresponda às representações populares tradicionais.

Nós não seremos projetados em Deus simplesmente porque ainda não o poderíamos suportar. A maioria de nós ainda não está preparada para a morte. Para poder viver a vida de Deus, é preciso ter aprendido a amar com Ele. Eu já havia compreendido isto através da teologia dos Padres gregos dos primeiros séculos, dos místicos do ocidente e de toda a tradição das Igrejas ortodoxas. Mas simplesmente esperava que, por ocasião de nossa morte, como nos contos, quando o feitiço perde seu poder, acordaríamos transformados, purificados, e que o Cristo só precisaria, com uma varinha de condão, realizar a última Transfiguração.

A EVOLUÇÃO ESPIRITUAL CONTINUA NO ALÉM

Agora entendo melhor que esta visão das coisas é impossível, pois a transformação necessária é puramente interior. Deus, apesar de

(1) publicado em *Vie Spirituelle*. julho 1931. Depois disto, o texto grego integral foi publicado em *Lers soerces chrétiennes*.

todo seu Amor, não pode realizar esta transformação para nós sem nos, em nosso lugar. Ele pode ser uma espécie de dinamismo interior - e aí está toda a verdadeira teologia da Redenção mas ainda é preciso, creio eu, que deixemos desabrochar em nós este dinamismo interno e que nos transformemos a partir de nosso íntimo.

A grande lei que se desprende de todos estes testemunhos vindos do Além, é a do respeito absoluto à nossa liberdade. A consequência deste respeito absoluto é que a nossa evolução e sua rapidez de realização, etapa por etapa, de mundo para mundo, dependerão da boa vontade de cada um. Todos afirmam isto.

Pierre Monnier:

“A vida eterna é dividida em várias etapas, mas depende apenas de nós prolongá-las ou ‘queimar’ algumas...”(1)

“...Vocês sabem que nós avançamos, segundo nossas decisões voluntárias, no caminho que conduz a Deus, como ocorre na terra. Evoluímos por nosso livre esforço e aperfeiçoamo-nos, às vezes consideravelmente. Aquilo que vocês vêm à sua volta é a representação do que acontece nas regiões celestes... Uma evolução, sim, uma evolução que se acentua mais ou menos rapidamente segundo nossa vontade e porque desejamos obedecer a Deus, em um amor que, do mesmo modo, espiritualiza-se e aperfeiçoa-se...”(2)

Albert Pauchard insiste em outro aspecto, também muito importante. Pauchard era um genebrês (1878-1934), de origem protestante, que se interessou pelo Espiritismo ainda em sua infância. Foi membro da Sociedade de Estudos Psíquicos de Genebra; depois, tornou-se seu bibliotecário e, por fim, seu Presidente. Manteve estreitas relações de amizade com Léon Denis e, em 1911, estudou o Ocultismo, por um ano, com o célebre Papus (Doutor Encausse).(3) Não foi à sua mulher que transmitiu suas mensagens por escrita automática, mas a um pequeno grupo de amigos, na Holanda. Embora seus escritos não tenham, para mim, o mesmo valor espiritual daqueles de Pierre Monnier, de Ro-

(1) *Lettres de Pierre*. vol. IV, p. 271.

(2) *Lettres de Pierre*, vol. VI. 24 de outubro de 1930.

(3) A respeito de todas estas pessoas célebres, ver Jean Prieur *L'Europe des médiums et des initiés*, Perrin 1987.

land de Jouvenel, de Paqui ou de Miss Mortley, embora sejam, às vezes, um tanto desconcertantes, constituem um testemunho importante, na minha opinião. Albert Pauchard insiste, particularmente, no mecanicismo interno desta evolução.

Permanecemos na etapa da espera enquanto estamos interessados. Só trocamos de plano (de “nível” ou de “esfera”) quando começamos a ficar cansados do plano em que nos encontramos. Mas então, ao trocarmos de plano, nosso corpo passa para um novo estado, sempre em harmonia com o novo mundo que alcançamos.

“O espírito abandona um Mundo quando dele se desliga... É o interesse que sentimos por um determinado Mundo que nos faz conservar o instrumento - o ‘corpo’ - que pode servir a este referido Mundo”.(1)

Encontramos a mesma mensagem em Marie-Louise Morton. Trata-se de mais um dentre os inúmeros textos de grande interesse. Marie-Louise vivia em Nova Iorque. Havia perdido seu irmão e seu noivo, e não sentia mais o gosto de viver. Nestas condições um tanto excepcionais, foi atraída pela escrita automática. De 1940 a 1956 recebeu mensagens, principal mente de seus dois entes queridos falecidos. Marie-Louise é, geralmente, classificada no grupo dos mensageiros anglo-saxões. Mas, na realidade, era francesa e recebia diretamente suas mensagens em francês. Eis, portanto, sobre o nosso assunto, o que ela nos transmitiu:

“Ajudar alguém é desenvolver a si mesmo. É a lei do progresso. No além, significa ir em direção daqueles a quem cremos poder auxiliar, intelectual ou espiritualmente - encarnados ou desencarnados - se tivermos um pouco mais de visão que eles. Alguns aprendem rapidamente e outros são mais lentos... Quando se tem o espírito receptivo, aprende-se logo. Mas não podemos, neste plano totalmente subjetivo, apressar o desenvolvimento mental de um ser, da mesma forma como não podemos, na Terra, abrir o botão de uma flor para que a mesma desabroche mais rapidamente...”(2)

(1) *L'autre monde, ses possibilites infinies, ses sphères de beauté et de joie*, Les Editions Amour et Vie 1979. pp 263-264

(2) *Où et comment retrouverons-nos nos disparus*, Astra 1981, pp. 92-93.

Como vemos, pode -se ajudar na evolução de alguém. Mas não se pode forçá-lo. Pode-se ajudá-lo em seu interior: este é o papel do Cristo e da comunhão dos santos, como já tentei mostrar em meu primeiro livro. Pode-se ajudar do exterior através da palavra e do exemplo. Mas, de qualquer forma, o processo envolve nossa liberdade. E isto é, ao mesmo tempo, perfeitamente lógico e um tanto terrível. Nós conhecemos tão bem nossa fraqueza que temos sempre a tentação de acreditar em varinhas de condão. Os teólogos cristãos sempre foram tentados a interpretar desta forma os sacramentos. É o que chamavam de “objetividade” dos sacramentos, em oposição às disposições interiores do sujeito, ditas “subjetivas”. Melhor dizendo: se você não se sente bastante forte para subir pela escada, Deus coloca os elevadores (os sacramentos) à sua disposição. Você deveria, naturalmente, pensar nesta possibilidade, dar-se ao trabalho de entrar no elevador e apertar o botão. Mas, a partir daí a subida estava garantida.

Sempre combati esta concepção dos sacramentos. E tudo que descobri, ao ler estes testemunhos, não me levou - de forma alguma - a rever os princípios de minha teologia. Ao contrário, fez-me permanecer fiel a ela, até o fim, e dela extrair todas as consequências. Isto explica o valor e o papel do chamamento à perfeição, existente além das exigências da boa moral comum. Mesmo que eu não faça o mal, mesmo que faça um pouco o bem, enquanto eu me satisfizer com pequenas alegrias secundárias, permanecerei prisioneiro. Naturalmente, não se deve querer ir muito rápido, mais rápido do que poderíamos evoluir interiormente. Tal foi sempre, de certa forma, a tentação das Igrejas ao quererem, por constrangimentos internos, apressar a conversão e a evolução íntimas. Isto não faz qualquer sentido. É impossível.

Entretanto, o grande princípio lançado por Santa Catarina de Siena soará sempre como um apelo urgente:

“Tanto ci manca di Lui quanto ci riserviamo di noi: Deus faz-nos falta, precisamos d’Ele, somos privados d’Ele, na medida em que ficamos presos a nós mesmos.”

Ou seja: não há mal nenhum em assistir a um bom jogo de futebol, em ir a um concerto - e, talvez, até precisemos mesmo disto. Mas enquanto preferirmos assistir ao jogo ou ao concerto a mergulhar na contemplação de Deus, não podemos sonhar em ser aspirados em Deus. Deus não nos pode impor sua companhia.

Poderíamos, aliás, traduzí-lo de outra forma pois todos sabem que o segundo mandamento é semelhante ao primeiro: enquanto você preferir fazer uma boa refeição, deixando seu próximo na miséria, não estará totalmente amadurecido para dividir plenamente a vida de Deus.

Roland de Jouvenel, o místico, muitas vezes um tanto estonteante em suas formulações, evoca todas estas etapas que nos serão necessárias como novas vidas no além:

os olhos nus não podem olhar o sol de frente. São necessárias miríades de vidas para chegar-se à contemplação da luz divina. Construa sua vida interior por etapas...”(1)

Isto não chega a ser necessariamente desesperador. É preciso entendê-lo num sentido positivo. São Paulo diz que:

“Refletindo a glória do Senhor, nós somos transfigurados de glória em glória” (II Coríntios, 3, 18).

São Gregório de Nissa, no século IV, já dizia que iremos “*de começo em começo, por começos que não terão fim*”.

Em cada um destes planos, dizia ele, seremos preenchidos por Deus. É o próprio excesso do dom que aumentará nossa capacidade de Deus e nos tomará prontos para a etapa seguinte.

Quando compreendemos bem isto, simplesmente torna-se evidente que avançaremos em velocidades bem diversas. Nesta terra, neste primeiro nível, encontramos-nos todos misturados, embora já nos encontremos em “níveis” espirituais bastante diferentes. O que, para os melhores, representa uma das principais causas de sofrimento. Mas, no além, cada um atingirá, com rapidez, o nível correspondente ao grau de espiritualidade que tiver pessoalmente alcançado. Perceberemos, então, que as diferenças existentes entre cada indivíduo podem ser enormes. Alguns dispararão “como balas de canhão”, retomando a expressão do Cura d’Ars a quem foi perguntado como se deveria chegar a Deus. Outros arrastar-se-ão como caracóis.

Estas explicações eram necessárias para que se compreendesse a extrema diversidade dos testemunhos que nos chegaram do além. Vejamos, agora, os testemunhos.

(1) *Quand les sources chantent*, p. 150.

OS PRIMEIROS PASSOS NO ALÉM

1. Os mensageiros do invisível

Começamos citando mensagens relativamente incontestáveis: gravações ao vivo de vozes do Além. Comunicações seguras, mas curtas. Revolução capital para aqueles que necessitavam de provas. Continuamos com narrativas daqueles que haviam feito a ida-e-volta. Evidentemente, não tiveram tempo de se instalar no país do além-morte. Portanto, não puderam descrevê-lo. Mas eles fizeram, de qualquer forma, a parte essencial da viagem. E a convergência de seus testemunhos é totalmente convincente.

Depois, tentando progredir rumo ao desconhecido, encontramos o testemunho de pessoas completamente mortas (como no início de nossa pesquisa). Mas foram testemunhos transmitidos por “intermediários”; portanto, um pouco indiretos. Ainda assim, a convergência dos testemunhos dava-lhes uma forte verossimilhança, um índice de probabilidade muito elevado.

Tentemos, agora, ir ainda mais longe. Nós só teremos como material as afirmações de mortos, verdadeiramente mortos, transmitidas - quase sempre - indiretamente pelos médiuns, através de escrita automática ou pela prancheta. Mas nestes casos, e pela primeira vez, com uma dificuldade adicional bem conhecida por aqueles que mergulharam nesta vasta literatura: não encontraremos mais a formidável unanimidade que nos havia sustentado até agora. Ao contrário!

Os próprios mensageiros sabem disto. Eles são os primeiros a advertir-nos e a colocar-nos em guarda. Reconheçamos até que, neste aspecto, ainda há unanimidade. Sim, eles sabem que outros mensageiros, alguns antes deles, e outros depois, transmitiram-nos narrativas bastante diferentes das suas. Mas sobretudo, não devemos crer nelas. Os outros eram iniciantes, mal posicionados para julgar o conjunto da situação. Representavam casos isolados, um tanto atrasados. En-

quanto que a mensagem que temos em mãos é absolutamente segura, pois seu autor está mais bem posicionado que os demais. Julguem vocês mesmos. E a cada vez, o autor nos deve apresentar suas credenciais que, infelizmente, não podemos verificar; podemos acreditar ou recusar, apenas, da mesma forma que o conteúdo da mensagem.

É o caso de Georges Morranier (não confundí-lo com George Monnier o jovem oficial francês morto durante a Primeira Guerra Mundial). Com quase vinte e nove anos, matou-se, em 13 de setembro, com um tiro de pistola. Ele havia estudado Física até o nível de Doutorado, e pretendia prestar os exames finais. Porém, paralelamente realizava uma pesquisa filosófica e espiritual. Após uma estada na Índia, de onde retomou muito decepcionado, começou a dedicar-se ao ioga real, de forma imprudente, sem qualquer controle, sem conhecimentos suficientes. Caiu em depressão, deixou de lado seus alunos da Faculdade de Ciências, abandonou suas pesquisas. Numa triste manhã, trancou-se em seu quarto, deitou-se em sua cama e atirou em si mesmo. A senhora Jeanne Morrannier conta como, progressivamente, através de diversos sinais e certos encontros, começou a comunicar-se com seu filho pela escrita automática.(1)

Georges Morrannier explica-nos que está, atualmente, na quinta esfera. Mas, para melhor situá-lo, é preciso saber que, paia ele, há ao todo sete esferas - excluindo a Terra. A sétima esfera estaria reservada àqueles que se consagraram a Deus e que, portanto (não sou eu que o diz), permaneceram solteiros. Georges sabe que só chegará à sexta esfera. Está, então, na penúltima delas! Se levarmos em conta que, na quinta, ele goza diretamente dos ensinamentos fornecidos por guias provenientes da sexta esfera (é ele quem o diz), não está nada mal!

Georges não é o único a encontrar-se em sua esfera. Nela encontrou familiares e fez novos amigos que, evidentemente, comungam de suas convicções (que nos são, inclusive, transmitidas, sempre por intermédio da senhora Morrannier - volume II). Obtivemos, assim, as “revelações” de um antigo padre da diocese de Paris, de um antigo Pastor protestante, de um antigo monge, prior de seu convento, sem contar as de dois arquitetos, de u’a médica, de um antigo professor...

Todos eles dizem, com convicção:

(1) *Au seuil de la vérité*, La pensée universelle 1978. *Après cette vie*, 1983 *La mort est un réveil*, 1980. *La science et l'esprit*, 1983. *La totalité du réel* 1986. *l'Univers spirituel*, F. Sorlot et F. Lanore.

“É preciso que vocês acreditem em nós, pois dizemos o que é. Não há mais qualquer razão para que nossas explicações sejam alteradas por nossas próprias interpretações... Todas as nossas explicações coincidem pelo simples fato de serem, todas elas, a Verdade”. É o pastor quem fala!

Para Pierre Monnier, as coisas são claras. Ele é instruído diretamente pelos anjos Não se poderia querer mais.

“Querida mamãe, por que você prestaria tanta atenção às minhas palavras, se eu não fosse um mensageiro de Deus, soldado do exército celeste, instruído por estes espíritos ‘que estão a serviço de Deus, em prol dos homens’ (Epístola aos Hebreus, capítulo 1,14), aos quais chamo de anjos”.(1)

OS DIÁLOGOS COM O ANJO

Nem sempre, aliás, é preciso estar morto para ter direito às mensagens dos anjos. A Bíblia conta-nos como eles intervêm, com frequência, em nossas vidas, ou pelo menos nas dos Santos. Recentemente, aconteceu uma história semelhante, absolutamente extraordinária. A narração encontra-se hoje traduzida em todas as línguas. Tudo se passou durante a Segunda Guerra, em 1943-1944, em Budapeste, na Hungria. Três moças, duas judias e uma católica, tinham o hábito de se encontrar em uma pequena casa, durante o fim de semana, para tratar de seus problemas pessoais. Achando que tais encontros não eram profundos o suficiente, Hanna, uma das judias, propôs às duas outras que cada uma, para o fim de semana seguinte, fizesse um levantamento, escrito, de sua vida interior e de suas dificuldades. Então cada uma leria seu texto para as demais, como ponto de partida para uma discussão mais séria. Alguns dias mais tarde, Gitta, a católica, leu seu texto para as duas outras moças. Hanna estava decepcionada com o trabalho de sua amiga Gitta, muito superficial, e quis, então, falar-lhe a respeito. De repente, com os olhos arregalados, tem uma espécie de visão: uma força arranca o papel das mãos de Gitta e rasga-o em pedaços, que são jogados a seus pés, em sinal de desaprovação. Hanna sente crescer em si uma “tensão, e depois impaciência e cólera de grandezas desconhecidas”. Ela só tem tempo de alertar suas amigas, dizendo: “Cuidado! Não sou mais eu quem fala!”

(1) Pierre Monnier. vol. V, p. 470.

A força dirige-se severamente a Gitta, por intermédio da voz de Hanna:

“Você vai acabar perdendo o hábito de fazer perguntas inúteis! Cuidado! Em breve, ser-lhe-á pedida uma prestação de contas!”

Isto aconteceu a 25 de junho de 1943. A partir deste dia, todas as sextas-feiras, às três horas da tarde, salvo raras exceções devidas às circunstâncias, tais encontros continuaram a acontecer. Inicialmente as palavras eram dirigidas apenas a Gitta; depois, a Lili (a outra judia); a Joseph, marido de Hanna, que unira-se ao grupo; e, finalmente, a todos em conjunto. O fato durou até a sexta-feira, 24 de novembro de 1944. No total, oitenta e oito encontros. Os mensageiros, que falavam através de Hanna, manifestaram-se como sendo os diferentes Anjos de cada um dos membros do grupo. Fizeram com que se batizassem, afirmando claramente a divindade do Cristo e a visão de sua Ressurreição, embora os textos, sempre de grande beleza, nem sempre correspondam às fórmulas teológicas habituais. Mas neles está, apesar de tudo, o essencial da fé cristã, parece-me.

Logo os Anjos preparariam todo o grupo para enfrentar as perseguições nazistas. Os três judeus, Joseph, Hanna e Lili, morreriam ao serem deportados. Nenhum deles recorreu ao fato de ser batizado para escapar do massacre. Haviam sido preparados pelos Anjos para o martírio. Hanna e Lili deixaram-se capturar, voluntariamente, no último momento, para terem certeza de que Gitta, a católica, sobreviveria para transmitir ao mundo o testemunho de sua extraordinária aventura.

Os textos são difíceis, de fulgurante beleza. Houve ali um verdadeiro acontecimento, mais que uma experiência. Gitta Mallasz, que ainda vive, na França, publicou inicialmente os textos e os documentos. Em seguida, dois volumes de comentários que nos ajudam a penetrar neste mistério.(1)

Hanna possuía, certamente, dons mediúnicos. Mas não é mais necessário, agora, possuir tais dons para receber as mensagens dos anjos. Como já vimos, a equipe de Transcomunicação de Luxemburgo capta a voz, muito metálica, de uma entidade que diz jamais ter vivido na terra e que se auto-denomina “o técnico”. Isto não o impede, contudo, de conhecer bem São Paulo, como já pudemos constatar. Em Darmstadt,

(1) *Dialogues avec l'ange*, 1976. *Les dialogues tels que je les ai vécus*, 1984. *Les dialogues, ou l'enfant né sans parents*, 1986, Aubier Montaigne.

uma equipe recebe, também ao vivo, ou seja, através do alto-falante de um aparelho de rádio, a voz de uma entidade, diferente daquela do técnico. A voz do técnico é entrecortada e aguda; a outra é cavernosa e lenta, comparável à que ouvimos em alguns filmes de terror. Ela se auto-identifica pelo estranho nome de *ABX-JUNO*.

Quando perguntaram: “Quem é você?”, ela respondeu: “Vocês só poderão compreender quem sou com o passar do tempo da Terra”. Quando perguntaram:

“O que significa *ABX-JUNO*?”, ela explicou: “O A é de ‘ausßen’ ou ‘Ausserhalb’ (fora de seus limites terrestres); o B é de ‘biológico’; e o X é de ‘Experiência’. Compreendam como sendo uma experiência vinda do exterior e que se insere em sua forma de vida biológica. JUNO é meu nome, podem me chamar assim”.(1)

Em 27 de julho de 1987, ele dizia para tranquilizar-nos:

“*ABX* auxilia a comunicação entre duas formas de vida diferentes, não procura os pontos fracos do homem, e muito menos procura explorá-los... Também não interferimos diretamente no curso de suas vidas. Isto deve ficar bem claro para vocês todos”.

Seguem-se outras mensagens que são apelos a uma vida espiritual.

Então, anjo ou extra-terrestre?

Um extra-terrestre viveria nos mesmos níveis de matéria que nós, no mesmo plano da criação Mas *ABX* dá, para as diferentes famílias que formam o grupo de Darmstadt, notícias a respeito de seus familiares falecidos. Em uma mesma fita gravada, no mesmo instante, entre duas frases de *ABX-JUNO*, pode-se ouvir, simultaneamente, as vozes, bem mais normais, mais humanas, de alguns destes mortos que comentam o que ele acaba de dizer. Pude verificar isto, pessoalmente, em Darmstadt.

Entretanto, o estilo do “técnico”, bem como o de *ABX-JUNO*, é bem diferente daquele dos “anjos” dos Diálogos! Mas nenhum dos dois define-se como anjo, enquanto que, nos Diálogos de Gitta Malasz, os “anjos” assim se auto-intitulam. “Nós somos anjos”.(2)

Ou seriam eles extra-terrestres, mas de civilizações que estão

(1) Mensagem recebida em 13 de julho de 1987.

(2) Op. cit, p. 191. Ver também pp. 189, 216 e 264.

mais facilmente em contato com nossos mortos que nós mesmos? Seriam, talvez, extra-terrestres já falecidos que atingiram estas zonas onde progressivamente acontecem as reuniões, não somente de todas as raças da terra e de todas as religiões, mas também de povos dos diferentes mundos habitados?

Vê-se bem, de qualquer forma, a diversidade de origens das mensagens recebidas. E enfrentamos logo um enorme problema, é preciso reconhecer, quando queremos saber - através deles - um pouco mais sobre nosso futuro próximo. Estes mensageiros nem sempre estão de acordo, uns com os outros, em pontos bem precisos.

Será mesmo impossível avançar ainda um pouco mais, além do ponto ao qual já chegamos, com alguma segurança? Não creio. Mas é preciso tentar colocar um pouco de ordem em todos estes testemunhos, descobrir suas verdadeiras origens (que nem sempre correspondem ao que eles dizem), aprender a distinguir os diferentes planos dos quais eles emanam, tentar, pouco a pouco, reconstituir o conjunto (muitas vezes apenas parcialmente percebido por cada um deles). Esta é, lembro, uma das razões desta obra.

Direi, inicialmente, que um grande numero de falecidos confessa simplesmente, honestamente, sua ignorância, ou os limites de seus conhecimentos. Assim, por exemplo, como acontecia com os que se correspondiam, do Além, com Marie-Louise Morton:

“Você quer saber como a existência tem prosseguimento aqui em nosso plano? A este respeito só sabemos o que podemos ver. Mas, como chegamos há pouco tempo, ainda temos o espírito muito ligado às coisas da Terra...

“...Cada um de nós só diz o que pode ver. Estamos todos limitados por nós mesmos. Chegamos ao Além com nossos preconceitos, nossos hábitos mentais e nossa falta de visão”.(1)

Estes, ao menos, reconhecem que são ainda recém-chegados, iniciantes. Vejamos agora o que confessa (ousou dizer) o antigo pastor protestante que nos dizia que tanto ele quanto seus companheiros nos ensinavam a Verdade. Insisto nesta enorme afirmação: “Não há mais qualquer razão para que nossas afirmações sejam alteradas por nossas

(1) Op. cit p. 85, p. 198.

próprias interpretações”. Pois bem, o mesmo pastor, no decorrer da mensagem que nos foi transmitida pela senhora Morrannier, confessa mais humildemente:

“Nós ainda temos muitos mistérios a esclarecer. Isto nos será dado a conhecer quando chegar o momento. Temos, à nossa frente, muito tempo para pensar a respeito, para trocarmos, entre nós, nossas impressões e nossas próprias reflexões”.(2)

Agora o problema está colocado de forma bem diferente!

Alguns tentarão resolver a questão de outra forma. Dirão que em todas as mensagens até agora recebidas por médiuns, pela prancheta, ou por escrita automática, a consciência do receptor interfere necessariamente, em maior ou menor grau. Quarenta a sessenta por cento delas viria, sempre, do receptor, e não do mensageiro. Com as gravações das vozes dos falecidos, evitar-se-ia esta fonte, sempre possível, de deformação das mensagens. O risco estaria limitado a falhas de nossa audição.

O argumento vale, é verdade, ao menos parcialmente. Há, de fato, certas mensagens sobre as quais terminamos por nos perguntar se não são, pelo menos em grande parte, fruto de projeção inconsciente. Pierre Monnier ou Roland de Jouvenel reconhecem que sua mãe, às vezes, intervém involuntariamente na mensagem. Mas acrescentam que conseguem sempre recuperar esta diferença, e que o essencial do pensamento não é nunca alterado. Marie-Louise Morton conta que sentia passar por sua mão como que uma leve corrente enquanto transcrevia fielmente o que lhe era comunicado. Esta corrente era interrompida quando, mesmo que involuntariamente, ela estava prestes a introduzir no texto suas próprias palavras.(3)

Da mesma forma, as deformações da mensagem são certamente reduzidas quando são verdadeiros poemas. Eu penso, por exemplo, no famoso caso de Patience Worth. Suas mensagens foram recebidas pela senhora Pearl Lenore Curran, a partir de 1913, em Saint-Louis, nos Estados Unidos, por intermédio do ouija (sistema de copo emborcado que desloca-se de letra para letra, porém mais aperfeiçoado, sendo o copo substituído por uma peça montada sobre rodinhas). No início do século

(2) Op cit. p 136.

(1) Op cit. p 6

XX, Patience Worth, nos Estados Unidos, expressava-se, por meio deste pequeno instrumento, em inglês do século XVIII. Estudos rigorosos de seu vocabulário revelaram um conhecimento excepcional dos usos e costumes da vida inglesa daquela época, além de conhecimentos sobre a fauna e a flora do norte da Inglaterra, nas fronteiras da Escócia. (2) Os textos de Patience Worth são cheios de vida e de humor! Mas, às vezes, também surgem poemas inteiros cheios de nostalgia ou carregados de rara violência:

“Ah! Deus, eu bebi até a última gota
E lancei a taça sobre ti!...”(3)

Também não podemos admitir uma grande margem de erro de transmissão no caso do Brasileiro, praticamente inculto, que transmitia poemas de quase todos os grandes poetas de língua portuguesa já falecidos, da Europa, da África, da Ásia e da América. Esta coletânea de obras póstumas continua sendo um best-seller continuamente reeditada-
(4)

A margem de deformação era também muito reduzida no Diálogo com o anjo, sobretudo na segunda parte dos Encontros, quando o pequeno grupo já havia deixado a casa de Budaliget, indo para o centro da capital, devido à ocupação da Hungria pelos alemães. A partir de então, o preparo para a aceitação do martírio torna-se mais urgente e as mensagens são transmitidas em forma ritmada e rimada, pois a cadência dos versos marca muito mais profundamente até o subconsciente e alimenta-o melhor. Aliás, a prova, ao mesmo tempo dos erros possíveis mas também de seus limites, pode ser encontrada nos últimos encontros, quando uma amiga de Lili vem unir-se ao grupo. Terminado o encontro, ela diz a Hanna:

“Desde o início, eu ouvi interiormente tudo o que estava sendo dito e as palavras escritas correspondiam perfeitamente à mensagem, menos *uma*”.

Ela citou a palavra e Hanna respondeu-lhe:

“Foi você quem ouviu corretamente. Eu me enganei”.(1)

(2) Enbon, *Dialogues avec les morts?*, Fayard 1971, pp. 87-104

(3) Op. cit, p. 100

(4) N.T. segundo o autor, trata-se do célebre médium brasileiro Chico Xavier.

(1) Op. cit. p. 282.

O célebre caso das mensagens em mosaico, ou mensagens fragmentadas, é um outro exemplo:

FREDERICO MYERS E AS MENSAGENS FRAGMENTADAS

Frederico Myers (1843-1901) era um humanista conhecido por seus ensaios sobre a poesia da antiguidade. Era também um homem interessado por todas as últimas descobertas científicas. Foi um dos membros co-fundadores da Sociedade de Pesquisa Psíquica de Londres, particularmente conhecido pelo rigor extremo dos controles que exigia no estudo dos fenômenos psíquicos. Pouco após sua morte, foi publicada sua principal obra (de sua vida terrestre): *A personalidade do homem e sua sobrevivência após a morte do corpo*.

Depois de morto, iniciou uma obra ainda mais importante. Com outros falecidos, como ele, membros do mesmo instituto londrino, passou a transmitir a diversas pessoas que viviam na terra, mas em lugares por vezes bem distantes uns dos outros, mensagens fragmentadas, trechos de mensagens sem qualquer sentido, se tomados isoladamente, cujo encadeamento só surgia após serem agrupados segundo um código preciso (sistema de Clearinghouse).

Tudo isto, evidentemente (um pouco como no caso das obras póstumas de F. Liszt e outros compositores, ditadas à senhora Brown), com o objetivo de provar, tanto quanto possível, aos homens de boa vontade, que todos nós sobrevivemos após nossa morte.

No início, nenhuma descrição do além aparecia nas referidas mensagens. Com espírito científico, portanto metódico, F. Myers ganhou tempo. Somente após ter passado mais de vinte anos no além (pe-lo menos no tempo aqui da terra), ele começou a descrever-nos sistematicamente os novos mundos. A este respeito, a maior parte de suas mensagens chegou através de um único receptor, uma jovem irlandesa de Cork: Geraldine Cummins. A moça não era reconhecidamente médium. Embora filha de professor, não havia feito qualquer curso superior. Mas era autora de duas peças teatrais já encenadas em Dublin.

Ela procedia de forma bastante estranha: sentada à mesa, cobria os olhos com a mão esquerda e entrava, logo, em uma espécie de sonolência. Sua mão direita, pousada sobre a folha de papel, punha-se,

então, a escrever em velocidade inacreditável, sem separar as palavras, sem pontuação. Desta forma, podia produzir até 2.000 palavras em um pouco mais de uma hora, enquanto que, para escrever um simples artigo de 800 palavras, ela precisava de sete a oito horas! Alguém encarregava-se de retirar de sua frente a página escrita e de colocar uma nova folha em branco sobre a mesa, repousando novamente seu braço sobre o papel, como se faz com o braço de um toca-discos. Ela escreveu, assim, de 1924 a 1931, o equivalente a um volume de tamanho médio.

Mas se tomarmos toda a obra póstuma de Myers, teremos 2.000 páginas, transmitidas durante cerca de trinta anos. Alguns trechos não são, aliás, de sua autoria: sempre no desejo de encontrar novos sistemas para provar a realidade da sobrevivência pessoal, ele inseria, com frequência, em seus textos, longas citações latinas ou gregas, de obras antigas pouco conhecidas. Tudo foi publicado, com estudos e comentários, em cerca de 3.000 páginas.(1)

Uma regra geral não pode, contudo, ser aplicada a todas estas mensagens. Algumas podem ser, em sua totalidade, obra de seu transcritor, seja por fraude mais ou menos consciente, seja por ilusão de total boa fé. Outras podem apresentar garantias de autenticidade e fidelidade quase que absolutas. Não podemos, portanto, minimizar sistematicamente o valor das mensagens obtidas pelos antigos métodos (ouija, médiuns, escrita automática), em relação àquelas que recebemos hoje por intermédio de aparelhos. Se há contradição entre as diversas mensagens, não podemos sistematicamente, dar mais crédito às vozes gravadas.

Cada caso deve ser estudado especificamente. Da mesma forma, não podemos confiar cegamente em uma mensagem só porque foi recebida ao vivo do além. Mesmo que a transmissão em si esteja fora de questão, permanece o problema da qualidade do mensageiro.

A CIÊNCIA METAPSÍQUICA VAI TORNAR-SE EXPERIMENTAL

Roland de Jouvenel já havia anunciado, aliás, que um dia este tipo de comunicação tomar-se-ia possível. Mas também falou de seus li-

(1) *Journal of the Society for Psychical Research*, Londres 1906-1938 Ver também: J.G. Piddington, *A series of Concordant Automatism*, Proceedings of the Society for Psychical Research, Part. LVII vol. XXII. 1908. pp 19-417.

mites, que não estão ligados ao processo empregado, mas aos níveis do além que assim podem ser atingidos, qualquer que seja o meio empregado:

“O Ocultismo e a ciência metapsíquica tomar-se-ão uma ciência experimental baseada no real. Uma mesa que se ergue é resultado de um fenômeno de ondas; conversas mediúnicas são contatos com espíritos ainda próximos da terra. Aí ocorre o fenômeno de interpenetração de um plano em outro, mas esta zona é incomensuravelmente distante do Reino. Estas incursões de um plano em outro tomar-se-ão, então, de tal forma familiares quanto a aviação tornou-se corrente. Entretanto, não é porque construíram asas para si próprios que os homens se tomaram anjos; nem porque atingiram grandes altitudes que se aproximaram de Deus. Vocês conseguirão se comunicar com o invisível, mas este invisível está tão longe da Divindade quanto vocês estão de uma estrela.

Estes reservatórios de espíritos, vizinhos do universo onde vocês vivem, atingiram um grau superior ao de vocês, mas estão apenas no primeiro dos degraus que conduzem ao sétimo céu. Haverá um dia em que, cientificamente, este mundo estará em relação com o de vocês. Os estudos dirigidos a este plano não podem ser, de forma alguma, uma profanação do Divino, pois os raios celestes não penetram mais nestas regiões do que na de vocês. Os seres que aí circulam têm apenas um sentido a mais que vocês: o sexto.

Chegará um dia em que vocês captarão as vibrações deste plano, como já captaram a eletricidade, e elas serão perceptíveis a todos.

Mas Deus nem sempre está presente aí... A experiência mística ou espiritual é outra coisa”...(1)

Esta mensagem data de 3 de novembro de 1949. Ela anuncia e tem por objetivo, portanto, a situação atual.

2. A Cartografia dos países de além-morte

Não estou pensando, aqui, em mundos paralelos, em mundos mais

(1) *Au seuil du royaume*, pp. 87-88.

ou menos semelhantes ao nosso, onde vivem - provavelmente - seres convocados a realizar a mesma evolução que nós. Os grandes mensageiros, nos quais confio, dizem-nos que estes mundos existem e que chegará o dia em que, no além, todos os seres pensantes e capazes de amar encontrar-se-ão em planos superiores.

Não, o que me interessa aqui é saber quantos mundos deveremos atravessar, quantas etapas deveremos ultrapassar, antes de atingirmos a união completa com Deus.

OS DIFERENTES NÍVEIS DO ALÉM

Muitos distinguem sete planos (níveis ou esferas, todos os termos são sinônimos, aqui). Desta forma, Georges Murrannier diz que cada um deles comporta, por sua vez, sete patamares.⁽¹⁾ Mas, cuidado, a Terra é, em seu sistema, o plano Zero; e, ao final do percurso, nem todos atingem o sétimo. Há uma bifurcação após o quinto, o sexto ou o sétimo, sendo que este último plano está reservado aos santos, aos missionários, aos monges, aos grandes fundadores de religiões ou grandes iniciados, a todos aqueles que se consagraram a Deus e que, segundo Georges Murrannier, renunciaram, conseqüentemente, a fundar uma família ou a perpetuar a espécie. Perguntamo-nos, então, onde situa-se Maomé, que estava longe de ser considerado solteiro, com suas dezoito mulheres; e que lugar está reservado aos padres ortodoxos, casados e, no entanto, dedicados ao serviço de Deus, bem como tantos bispos da Igreja primitiva (que durou tantos séculos) a começar por São Pedro. Acrescentemos que, estando a primeira esfera de seu sistema cheia de criminosos, muitos de nós conseguirão - eu espero - escapar desta referida esfera e, quem sabe, também da segunda, cheia de pessoas carnais e muito ligadas à terra.

É verdade que Roland de Jouvenel, pelo menos por duas vezes,⁽²⁾ evoca os sete céus e explica a sua mãe que é preciso, primeiramente, “ultrapassar sete zonas de evoluções interiores”. Mas parece que estas sete zonas não se encontram no interior do primeiro céu, mas que, precisamos ultrapassá-las para atingi-lo, ó que altera tudo. Ele fala, aliás, mais de “símbolo” que de cartografia propriamente dita; e não temos certeza de que devemos entender estes “sete céus” de forma mais rigorosa do que quando falamos do “sétimo céu” para expressar a felicidade perfeita.

(1) Georges Murrannier, vol. III, pp. 37-53-54.

(2) Roland de Jouvenel vol. II. pp. 131-138

Outros reforçam esta vaga idéia dos sete céus ao se referirem a descrição dada sobre o além por Frederico Myers. Já vimos as condições extraordinárias em que este último transmitiu-nos tais observações. É verdade que ele, assim como Georges Murrainier, distingue sete planos. Mas os sete não coincidem. Para Myers, o nível 1 corresponde ao instante da morte. O nível 2 corresponde a um estado de transição, nele situando-se a projeção do filme de nossa vida. O nível 3, que chama de “região da ilusão”, é o do mundo existente após a morte. E portanto, de fato, este nível que corresponderia, para F. Myers, à primeira esfera citada por Murrainier. Corresponderia - mas não corresponde pois que, como já vimos, a primeira esfera é um mundo verdadeiramente infernal destinado aos criminosos. E isto não acontece com o nível 3 de Myers. Se acrescentarmos que F. Myers parece desconhecer o duplo terminal citado por Murrainier, que se abre em duas esferas paralelas, vemos que os dois sistemas de representação nada têm em comum, a não ser a referência ao número sete.

Não creio que possamos, por enquanto, elaborar, com alguma certeza, uma cartografia detalhada do além. É preciso admitir, como nos velhos mapas de outrora, a existência de vastas zonas em branco. Mas, sem ir muito longe, nem no tempo nem no espaço, também a cartografia de nosso cérebro ainda encontra-se um tanto indefinida. Portanto... paciência!

Onde situam-se esses mundos, esses níveis?

Mais uma dificuldade. Vamos tentar mostrar aquilo que parece certo, mencionando, *apenas* por alto, as probabilidades.

UM OUTRO ESPAÇO-TEMPO

Em tais mundos, o espaço certamente não é mais o mesmo. A isto se deve o embaraço presente nas respostas. Trata-se, antes de mais nada, de níveis de consciência. Quanto a isto há unanimidade. Cada um destes “níveis” corresponde a um nível espiritual, a certo grau de evolução interior. Na terra, vivemos todos em um mesmo mundo, submetidos às mesmas leis da gravidade, às mesmas condições físicas, qualquer que seja o nosso nível espiritual pessoal. Ao contrário, nos mundos que existem após a morte, cada um atinge, rapidamente, o nível correspondente ao que ele é. A cada nível de evolução da consciência corresponde um mundo onde a matéria, o tempo, o espaço, o próprio

corpo, encontram-se em harmonia com este nível espiritual. Do ponto de vista físico, todos descrevem estes diferentes estados da matéria em termos de *vibrações*. Já em nosso nível, o da terra, tudo é um turbilhamento de forças. Os físicos dizem-nos, agora, que é errado imaginar as partículas como pequenos grãos de poeira. Somos feitos de ondas. Todos os mensageiros do além, quaisquer que sejam suas preocupações dominantes, qualquer que seja o nível que declaram ter atingido, utilizam esta linguagem, seja ela literalmente exata ou apenas corresponda à melhor imagem possível para nossos conhecimentos atuais.

Eles dizem que estes diferentes mundos correspondem às velocidades de vibrações específicas, comparáveis às diferentes ondas de rádio que emitimos e captamos. Da mesma forma que as ondas de rádio podem se misturar sem que haja interferência, estes mundos podem se interpenetrar sem jamais se encontrar.

Por este motivo, a maioria dos mensageiros afirma que estes mundos encontram-se entre nós. Ou ainda, ao mesmo tempo em nossa terra, através de nosso globo terrestre e em tomo dele. Outros, é verdade, afirmam que estes diferentes mundos correspondem aos diferentes planetas de nosso sistema solar. Se nós não detectamos qualquer vida neles é porque em cada um destes planetas encontram-se formas de vida e de civilização que nos são invisíveis, indetectáveis.

Confesso não estar em condição de fazer a distinção entre estas diversas opiniões, pelo menos por enquanto, e talvez ainda por muito tempo. Eu teria tendência a insistir no fato de tratar-se verdadeiramente de um outro espaço. Mas não sei se tem sentido querer situar estes diferentes mundos em relação ao nosso.

O MUNDO É A RESULTANTE DE NOSSA CONSCIÊNCIA.

Em compensação, é preciso insistir a respeito desta harmonia entre o que somos, o nível espiritual que atingimos, e o mundo que nos cerca, começando por nosso próprio corpo. Trata-se de uma lei universal, de imenso alcance, cujos efeitos são encontrados em todos os níveis: o poder criador do pensamento (pensamento no sentido amplo, de sentimentos, desejos, temores) do qual dispomos, muitas vezes sem saber

Este poder fantástico torna-se evidente tão logo deixamos este mundo terrestre, pela morte ou por simples desincorporação provisória:

a projeção do corpo glorioso para fora de seu corpo de carne, (ada um pode constatar, então, por si próprio, a evidência do poder criador do pensamento. Não podemos medi-lo durante esta vida terrestre porque, neste primeiro nível, tal poder é exercido coletivamente. Ele é a resultante do pensamento do conjunto da humanidade que determina o estado físico atual do mundo e o nível de vibração, alcançado pela matéria que forma este mundo, começando por nosso corpo de carne. A harmonia entre o nível espiritual de consciência e o mundo no qual vivemos não provém de uma intervenção de Deus que nos colocaria no mundo que melhor conviesse ao estágio de nosso desenvolvimento espiritual. Da mesma forma, nosso nível espiritual não nos colocaria automaticamente no mundo que correspondesse a nosso nível. Esta harmonia é estabelecida por uma relação de causa e efeito. É a nossa consciência que produz o estado desse mundo, segundo o nível espiritual que ela atingiu. O tempo e o espaço, tal como os sentimos, são a consequência de nosso nível de consciência coletivo. A ciência moderna, em suas pesquisas mais avançadas, também chega a esta idéia:

“A origem dos acontecimentos (além do espaço e do tempo) engloba, igualmente, a atividade própria de nosso espírito, de tal forma que o curso futuro dos acontecimentos dependeria, em parte, desta atividade espiritual”.(1)

Na mesma obra, Marie-Louise von Franz, ao estudar a noção de “sincronicidade” (de Jung) em sua convergência com as novas perspectivas abertas pela física moderna, chega a afirmar que, pouco a pouco:

“...impõe-se a idéia de que os dois mundos da matéria e da psique poderiam ser mais que duas dimensões de leis semelhantes, mas poderiam formar um Todo psicofísico. Isto quer dizer que o físico e o psicólogo observariam um mesmo inundo através de dois canais diferentes. Este mundo apresentar-se-ia, visto do exterior, como ‘material’; e quando observado pela introspecção, como ‘psíquico’. Em si mesmo, ele não seria provavelmente nem psíquico nem material, mas totalmente transcendente”.(2)

(1) citado por Michel Cazenave. na obra coletiva *La synchronicité, l'âme et la science: existe-t-il un ordre causal?* Poiésis 1985, p. 62

(2) *ibid*, p. 163.

Marie-Louise Morton repete-nos várias vezes que este mundo físico é a “resultante do pensamento de todos”.(1) Alice Mortley, ou melhor, “Bertha”, é ainda mais explícita.

Trata-se aí de um dos maiores textos do além, chegado a nós por escrita automática no primeiro decênio do século. A receptora, Alice Mortley, era uma enfermeira inglesa de profunda vida espiritual pessoal. Em seus momentos de recolhimento, recebia os pensamentos de uma certa Bertha que jamais havia conhecido e que vivera há muito tempo no país de Gales. Suas mensagens foram consideradas de tal valor de pelo pastor Grosjean que o mesmo encarregou-se de traduzi-las para o francês. (2)

Nelas encontramos, em fortes afirmações, esta relação de causa e efeito entre o estado espiritual da humanidade e o estado físico deste mundo da matéria. Mais particularmente, ela destaca o aspecto intemporal desta relação causal, o que me parece ser a boa interpretação do mito do Pecado Original, tal como está na Bíblia.(3)

“A transmutação do Tempo em um *Eterno presente* faria desaparecer qualquer idéia errônea de mal hereditário”. (4)

“...A ‘queda’ é um fato atual e não alguma coisa que possamos relegar ao passado”.(5)

“O homem condiciona a qualidade da terra onde mora. São vocês, na realidade, que moldaram sua própria ilha, a Inglaterra, por seus pensamentos e suas energias latentes... Não há mudança de clima ou catástrofe que não tenha sua causa profunda na qualidade da vida do homem”. (6)

“...A qualidade das estações do ano é condicionada pela consciência profunda do homem, pela presença ou ausência de Deus em sua vida consciente”.(7)

Nós reencontraremos este poder verdadeiramente criador do pensamento, ainda com mais clareza, nas etapas seguintes. Podemos até dizer que os diferentes mundos do além não somente correspondem a

(1) op. cit. p. 139 e 156

(2) publicadas com o título *Le Christ en vous*, Astra 1978.

(3) François Brune; *Pour que l'homme devienne Dieu*, pp. 158-170

(4) *Le Christ en vous*, p. 105.

(5) *ibid*, p. 108.

(6) *ibid*, p. 109

(7) *ibid*, p. 111.

diferentes níveis de consciência, mas também que são apenas estes diferentes níveis em sua manifestação

Isto foi rapidamente compreendido por um jovem soldado, morto em 1942 pelos Japoneses, embora sua expressão seja menos absoluta que esta que acabo de propor.

Ele morre, em plena selva e em pleno combate. Fora de seu corpo de carne, ele tenta, inicialmente em vão, ajudar seus camaradas. Perante a inutilidade de seus esforços, desiste e sai passeando pela floresta. Após dar alguns passos, começa a sentir paz maravilhosa. Ainda encontra-se na selva que, apesar das circunstâncias, aprendera a amar. Mas agora vê nela uma beleza indescritível que seus olhos de carne jamais haviam podido contemplar. Meio a esta felicidade, surge uma forma brilhante e bela que o convida a segui-la para ajudar seus companheiros moribundos. Ele hesita um pouco, pois não quer deixar aquele local maravilhoso. “Aquele que brilha” (assim o soldado designa a forma) explica-lhe, então, para tranquilizá-lo, que “basta depois evocar tal lugar e querer retomar a ele, para novamente nele reencontrar-se”. Ele decide, assim, acompanhar a forma:

“Foi com pesar que o acompanhei. Nós nos deslocamos, por assim dizer; ou melhor, não, não houve deslocamento. Um ambiente apagava-se e outro assumia seu lugar. A selva mexia-se e dissolvia-se, e um outro trecho de selva apareceu: este estava repleto de homens que gritavam ordens e gemiam de dor. No começo, aquilo pareceu-me insuportável, mas ‘Aquele que brilha’ disse-me: ‘Venha ficar ao lado deste homem, ele virá ter conosco’. Um segundo depois, uma bala estraçalhava seu estômago e ele enroscava-se a nossos pés, gemendo. ‘Aquele que brilha’ inclinou-se em sua direção e tocou sua cabeça e seus olhos. Seus gemidos terminaram instantaneamente, e eu vi seu espírito abandonar seu corpo dilacerado. Ele uniu-se a nós, pálido e aturdido, meio à densa vegetação da selva. Antes que eu pudesse compreender o que estava acontecendo, já estávamos de volta à maravilhosa selva anterior. Foi magnífico”. Mais adiante, ele acrescenta: “...Sei que não há lugares diferentes. Todos correspondem a nossos estados de espírito. É como nos ensinaram quando éramos crianças: *O Reino de Deus está dentro de você*. Boa noite”.

Este trecho também foi extraído das mensagens recebidas pela viúva e pela filha do coronel Gascoigne, pois raramente encontramos,

nas narrativas do além, uma descrição tão precisa da mudança de nível, como se fosse uma superposição encadeada de dispositivos. Neste testemunho tem-se a impressão de que não são os personagens que se deslocam, mas sim o cenário que muda.(1)

Entretanto, os próprios falecidos sentem que estão realizando uma viagem de fato, com uma sensação de velocidade, como ocorre no famoso túnel do qual já falamos quando das E.F.M. As duas impressões não são, aliás, necessariamente contraditórias. Na falta de um referencial fixo, nunca sabemos o que está em movimento. Simplesmente, ao invés de uma passagem direta de um lugar para outro, muitos têm a impressão de atravessar lugares intermediários. Mas pode ser, também, que nosso soldado, na floresta, não tivesse ainda atingido regiões muito “afastadas” da nossa.

Um dos naufragos do Titanic, em 1912, conseguiu comunicar a narrativa de suas aventuras no além, à sua filha, por intermédio de um médium. O naufrago chamava-se William Sted. No momento da catástrofe, sua filha estava dirigindo um grupo teatral que havia reunido para interpretar Shakespeare. Um dos atores, Goodman, possuía, certamente, dons mediúnicos. Na mesma noite do naufrágio ele sentiu o que estava acontecendo no mar e contou a ela, sem mencionar o nome do navio. Disse-lhe ainda que um seu parente próximo estava enviando, por seu intermédio, sua última saudação. Quinze dias após a morte de seu pai, a senhorita Sted pôde entrar em comunicação direta com ele, por cerca de vinte minutos, inclusive vendo-o, durante uma sessão mediúnic. Os contatos multiplicaram-se, sob diferentes formas. A partir de 1917, William Sted começou a “ditar” a Goodman um certo número de mensagens. De 1921 a 1922, tais mensagens constituíram a narrativa de sua morte e de sua evolução no além.

Ele conta, inicialmente, sua estupefação ao encontrar, de repente, junto a si, pessoas que sabia estarem mortas há muito tempo:

“Com isto, compreendi, pela primeira vez, a mudança que havia ocorrido comigo. Compreendi, bruscamente, e tive medo. Após um momento de inquietação, procurei recuperar-me. Minha confusão durou apenas um instante e percebi, maravilhado, que tudo que havia aprendido era verdade. Ah! se eu tivesse um telefone, naquele momento, para mandar notícias a todos os jornais! Este foi meu primeiro pensamento. Depois, tive uma reação de

(1) Louis Pauwels e Guy Breton, *Nouvelles histoires extraordinaires*, pp 120-123.

inquietação. Pensei em meus familiares. Eles ainda não sabiam Que dizer de mim? Como comunicar-me com eles? Meu telefone não funcionava mais. Eu via tudo na terra, pois ainda estava muito próximo de nosso planeta. Eu vi o navio afundado, os náufragos, e isto deu-me energia. Eu tinha força para ajudar... e, de desesperado, tornei-me capaz de socorrer os demais. Em pouco tempo tudo estava acabado e nós esperávamos apenas o fim da catástrofe. Era como se esperássemos uma partida. Finalmente, os sobreviventes foram salvos; e os afogados viveram. Então, aqueles da segunda categoria, ou seja, nós, todos juntos, mudamos de cenário e de direção. Para todos nós teve início uma estranha viagem. Aliás, o grupo que formávamos também era estranho. Ninguém sabia para onde íamos. Esta cena era de uma tragicidade indescritível. Muitos, compreendendo o que havia acontecido, sentiam uma terrível inquietação, tanto pela família que haviam deixado, quanto pelo destino que os aguardava. “Quem cuidará de nós?”, diziam eles. “Seremos levados à presença do Senhor? E qual decisão nos será anunciada por ele?”. Outros pareciam indiferentes a tudo, mentalmente ausentes. Era, verdadeiramente, uma tropa de almas humanas esperando a matrícula no novo mundo.

Tudo durara apenas alguns minutos, e eis que ali estavam centenas de corpos, flutuando na água, mortos, e centenas de almas conduzidas através dos ares, vivas. E algumas delas, inclusive, muito vivas. Muitas, com efeito, tendo percebido que estavam mortas, estavam furiosas por não terem podido salvar seus preciosos objetos. Elas lutavam para salvar objetos aos quais, na terra, haviam concedido muito valor. O espetáculo do naufrágio era aterrorizante. Mas em nada comparável ao daquelas almas arrancadas de seus corpos contra sua vontade. A cena era desesperadora. Nós esperávamos ser reunidos... e quando tudo estava pronto, abalamos-nos rumo a outros horizontes.

A viagem foi curiosa, bem mais do que poderíamos ter imaginado. Subíamos verticalmente no espaço, com grande rapidez. Deslocávamo-nos em grupo como se tivéssemos sido lançados ao ar, de um amplo terraço, com uma força e uma velocidade gigantesca. Entretanto, não temíamos por nossa segurança. Havia em nós um forte sentimento de solidariedade. Não sei quanto tempo durou nossa viagem, nem a que distância da Terra estávamos, quando chegamos a nosso destino. Mas foi uma chegada maravilhosa. Era como se tivéssemos saído do inverno britânico para en-

trar na luminosidade de um céu meridional. Tudo era bonito e resplandecente neste novo país. Já o avistáramos de longe, ao nos aproximar. Todos aqueles que tinham algum conhecimento sobre o assunto pensaram que tínhamos sido enviados a este local de recepção devido a nossa separação brutal da vida terrestre. O infeliz neófito ficou aliviado ao chegar. Uma certa sensação de orgulho tomava conta de nós ao vermos que tudo era leve, resplandecente e, além disto, tão material e sólido, em todos os sentidos, quanto tudo que acabáramos de deixar na terra.

Nossa chegada foi motivo de alegria para muitos amigos e parentes que nos eram queridos quando estávamos na terra. Quando chegamos, todos nós, que havíamos naufragado, fomos postos de lado. Podíamos novamente dispor livremente de nossas energias, embora cada um de nós estivesse acompanhado de um amigo pessoal, falecido há anos.”(1)

Desta vez, como vimos, tem-se uma idéia da distância percorrida no espaço. O novo país hospedeiro chega até a ser visto antes da chegada a ele. É possível, aliás, que esta viagem seja mais nítida entre nosso mundo e as etapas seguintes que entre cada uma das etapas. O corte, de qualquer forma, é mais forte neste nível.

Roland de Jouvenel relata uma experiência um pouco semelhante. Vou citar um longo trecho seu onde poder-se-á notar, ao mesmo tempo, as analogias e as diferenças:

“Quando deixamos a terra, chegamos imediatamente a uma espécie de bolha fechada. Após nosso ultimo suspiro humano, não escutamos mais nada. Sem linha de ação, tendo perdido o sentido de orientação, volteamos pelas nuvens, sem nada reconhecer. Esta é nossa primeira etapa.

Depois, pouco a pouco, aprendemos a perceber as correntes divinas. E as estradas celestes abrem-se para nós.

A primeira camada, que domina o mundo e pela qual devemos passar, é como um céu inteiro que deve ser percorrido. Este espaço é sulcado por cometas. Ficamos desorientados no desconhecido deste universo. Sem asas, ou quase, volteamos no éter, tão sem habilidade quanto pássaros recém-nascidos. Com dificuldade, visamos correntes superiores que nem sempre podemos al-

(1) Traduzido de uma versão grega publicada em Atenas em 1924.

cançar. E então caímos. Finalmente, raios cada vez mais claros aparecem e nós reconhecemos os caminhos triunfais que devemos pegar para chegar a Deus.”(1)

Considerando o estilo sempre cheio de imagens, sempre poético, de Roland de Jouvenel, poderíamos perguntar se todo o texto não deveria ser tomado em sentido figurado. Mas não creio, pois ele volta ao tema outras vezes, e quase sempre o faz nos mesmos termos. Entretanto, é possível que a viagem espiritual gere concretamente suas próprias imagens. Indagar se devemos tomar os termos em um sentido concreto ou figurado é, provavelmente, um falso problema: os dois sentidos são verdadeiros, ao mesmo tempo. A aventura espiritual transpõe-se em imagens, em distâncias, em sensação de velocidade ou de obstáculos percebidos realmente por todo o ser, tanto espiritual quanto fisicamente.

Falando da morte da luz ao crepúsculo, Roland de Jouvenel acrescenta:

“Esta agonia do dia nas sombras é uma réplica daquilo que sentimos no momento da morte. A terra torna-se trevas. Não distinguimos mais o criado, e atravessamos, em seguida, uma região tenebrosa comparável à noite. Somos levados pelo espaço como nuvens na escuridão da noite, até que a aurora celeste chega para nós. Mas ainda estamos distantes de Deus, tão distante quanto o sol está distante da terra.”(2)

Várias vezes Roland compara esta zona de trevas que deve ser atravessada a uma zona de frio glacial. Pode-se ver bem, em tais textos, o duplo aspecto, ao mesmo tempo físico e espiritual:

“Para que você não sinta muito frio no momento em que deixar a terra, é preciso que sua vida interior tenha sido tórrida. As estepes geladas, nas quais você se encontrará, derreter-se-ão se seu fervor for quente como um braseiro: seu fervor derreterá o gelo...”(3)

(1) *Au diapason du ciel*, p. 139-140.

(2) *Quand les sources chantent*, p. 137.

(3) *ibid*, p. 60.

“...No dia de sua morte... agasalha-la-ei com todas as suas preces para que você possa atravessar as zonas frias que antecedem o paraíso.” (1)

Uma confirmação surpreendente desta impressão de espaço a ser atravessado encontra-se na maioria das E.F.C. (Experiências Fora do Corpo), de Robert Monroe. Assim, no dia em que ele decide tentar visitar “locais” onde situam-se inteligências muito evoluídas, tem verdadeiramente a impressão de realizar uma “viagem” mais longa que as habituais:

“... eu me deslocava com rapidez... não parava de me concentrar enquanto atravessava, na maior velocidade, um vazio interminável. Parei, por fim.”(2)

Roland de Jouvenel fala de correntes que nos levam pelos espaços, de cometas que cortam estas zonas... Robert Monroe descreve-nos alguma coisa semelhante:

“Por diversas vezes o movimento da viagem, que geralmente é rápido e sem sobressalto, foi interrompido por uma rajada violenta, como um furacão irrompido no espaço através do qual estávamos sendo levados. Tem-se a sensação de se estar sendo rejeitado por esta força incontrolada, lançado ao acaso, sem rumo, como uma folha ao sabor do vento. Lutar contra esta corrente é impossível. Só resta deixar-se levar. Em suma, somos projetados à margem da corrente e terminamos não sofrendo qualquer dano. Nada permite identificar a corrente, mas ela parece natural, e não criada de forma artificial.”(3)

Uma vez vencido o grande corte entre este mundo e o além, parece ser mais fácil circular no interior de um mesmo nível, ou de um nível para outro. Muitos afirmam, entretanto, que nunca se pode ir às etapas superiores, a menos que se seja chamado ou conduzido, por um breve tempo, por um motivo bem preciso. Inversamente, pode-se sempre visitar aqueles que ficam para trás, em estágios inferiores (não falo

(1) *ibid.* p. 84

(2) *op. cit.*, p. 89

(3) *op. cit.*, p. 91-92

aqui dos subsolos, se é que posso expressar-me assim, onde apenas podem se aventurar os espíritos mais evoluídos, com o objetivo de socorrer e iluminar os mais fechados sobre si mesmos, os mais rebeldes às forças do amor. Voltarei a tratar, mais adiante, destes penosos mundos).

OS ENSINAMENTOS DA VIAGEM ASTRAL

Frequentemente, aliás, tais visitas assemelham-se mais a uma bi-locação que a uma verdadeira viagem. Muitos relatam que, para visitar um amigo, enviam-lhe algo assim como uma cópia de si mesmos que surgirá junto ao referido amigo, permanecendo aí o tempo necessário ao encontro - como teriam feito eles próprios. No desenrolar da visita, eles percebem tudo aquilo que a cópia vê e ouve, como se eles mesmos estivessem no referido local.

Uma relação existe, provavelmente, entre esta forma de visita - um pouco estranha para nós, e as experiências frequentemente feitas por aqueles que, mais ou menos voluntariamente, viajam para fora de seus corpos. Eles observaram, muitas vezes, que seu corpo glorioso, astral, sutil, sua cópia se preferirem, podia entrar em comunicação com pessoas que vivem normalmente na terra, mas em um nível além de sua consciência; uma espécie de diálogo entre a cópia de um homem, cujo corpo físico situa-se a quilômetros do local do encontro, e um outro homem que, no nível consciente, não desconfia do que está acontecendo, que assiste, talvez, tranquilamente, a seu jogo de futebol pela televisão enquanto seu subconsciente, ou talvez também sua própria cópia, em sua própria casa, se assim posso falar, em seu próprio corpo físico, vê e responde ao visitante invisível. Há muitas observações desta natureza, muito precisas, feitas por Robert Monroe.

Monroe, grande viajante do astral, é especialmente confiável. Não se trata de um sonhador, mas de um homem de negócios. Em sua vida profissional, rica e diversificada, foi escritor, diretor e produtor de cerca de quatrocentos programas de rádio e televisão. Possuiu e dirigiu uma rede de rádio e televisão a cabo na Virgínia. Depois, fundou e dirigiu o Instituto Monroe, especializado no estudo dos efeitos das ondas sonoras sobre o comportamento humano.

Vale acrescentar que sua primeira desincorporação não está ligada, como muitas vezes ocorre, a um acidente ou a uma operação; nem tampouco ocorreu durante sua infância ou adolescência. O fenômeno ocorreu com ele na fase adulta. Ele submeteu-se, inclusive, de bom

grado a testes e controles do Departamento de Pesquisas do hospital de Topeka, tendo, muitas vezes, por sua própria iniciativa, solicitado a colaboração de médicos, psiquiatras e psicólogos na esperança de melhor compreender o mecanismo do que lhe acontecia.(1)

Ele criou um pequeno laboratório onde ensina seu método de projeção para fora do corpo, tendo sido com ele que Elisabeth Kübler-Ross aprendeu a desincorporar segundo sua própria vontade.(2)

Uma das grandes características das narrativas de Robert Monroe é a sua preocupação em observar rigorosa e objetivamente. Após cada uma de suas “saídas”, ele anotou, imediatamente, todos os detalhes importantes.

Ora, muitas vezes ele teve a impressão de ter sido visto e ouvido pelas pessoas com as quais havia se encontrado; teve mesmo a impressão de que estas pessoas reagiam em função de sua presença e daquilo que ele lhes dizia. Ele ouviu e anotou suas respostas. De volta a seu corpo, no momento das verificações, ao telefonar para as pessoas visitadas, essas confirmaram-lhe todos os detalhes externos de sua visita, a arrumação do local visitado, a atividade que estavam desenvolvendo na hora em que teriam sido visitadas, o assunto que tratavam com outras pessoas igualmente presentes no local. Mas elas nunca se lembravam de tê-lo percebido, visto ou ouvido; e muito menos de haver respondido a qualquer pergunta. Monroe observou até mesmo que certas pessoas, entretidas em conversas com terceiros, respondiam a suas perguntas sem notar e sem perturbarem a conversa que estavam mantendo. Um exemplo: Robert Monroe vai visitar, por meio de sua cópia, uma amiga se encontra em férias em sua casa na costa de Nova Jérsei. Quando ele chega, ela se encontra na cozinha com duas garotas (Monroe saberia mais tarde que se tratava da sobrinha de sua amiga e de uma colega desta sobrinha):

“As três conversavam, mas eu não ouvia o que elas diziam. Aproximei-me primeiro das duas garotas, colocando-me diretamente à frente delas. Mas não consegui chamar a atenção das mesmas. Virei-me, então, em direção a R.W. (sua amiga) e perguntei-lhe se ela tinha consciência da minha presença.

(1) Detalhes extraídos de sua primeira obra. *Journeys out of the body* Anchor Press/Doubleday 1977, que não foram mencionados na tradução francesa: *Le voyage hors du corps*, Ed. Garancière, 1986.

(2) cf. Patrice Van Eersel: *La source noire*, Grasset 1986, pp. 269-277.

- Ah, sim, eu sei que você está aqui - respondeu-me ela (mentalmente ou por meio desta comunicação supraconsciente que eu já conhecia bem) continuando a conversar com as duas garotas.

Perguntei-lhe se estava segura de que se lembraria de ter sido visitada por mim.

- Sem dúvida nenhuma - respondeu-me.

Disse-lhe que eu me certificaria de que ela não se esquecera.

- Eu me lembrarei, tenho certeza - disse R.W. continuando sua conversa oral com as garotas. Eu disse ainda que desejaria ter certeza disto e que, para tanto, iria beliscá-la.

- Mas você não precisa fazer isto, eu me lembrarei afirmou.

Eu não queria deixar nada por conta do acaso e, assim, tentei beliscá-la delicadamente, bem entre os quadris e a caixa torácica, do lado. Ela deixou escapar um grito de dor e eu recuei um pouco, surpreso. Eu não pensava que conseguiria beliscá-la...”

Entretanto, alguns dias depois, quando R.W. retomou de suas férias e Monroe foi verificar o fato, ela confirmou as circunstâncias: a cozinha, as bebidas, as garotas, etc. mas não havia qualquer lembrança nem da visita de Monroe nem da conversa que tiveram.

“Eu perguntei-lhe de forma incisiva, mas foi inútil. Impaciente, acabei por perguntar se ela se lembrava de ter sido beliscada. Um olhar estupefato respondeu-me.

Era você?”. Ela me observou por um instante, depois entrou em meu escritório fechando cuidadosamente a porta atrás de si. Ergueu, então, ligeiramente, a beirada de seu blusão, do lado esquerdo. Havia duas marcas marrons ou azuis no local exato em que eu a havia beliscado.”(1)

Assim sendo, é preciso sempre questionar a respeito das coisas, como quando tropeçamos em um degrau de escada, absolutamente sem motivo!

Quando, então, dessas conversações entre cópias, uma em seu corpo e a outra fora de seu corpo, parece-nos que, no primeiro caso, daquele que está em seu corpo, há dupla atividade simultânea, ao mesmo tempo da “cópia” e do “corpo”. Enquanto que geralmente, quando a cópia fora do corpo está em plena atividade, seu corpo - durante o mesmo período - está em repouso.

(1) op. cit. pp. 63-64.

Mas não é sempre assim. Jeanne Guesné conta como conseguiu levar, durante alguns instantes, uma dupla vida, perfeitamente consciente, ao mesmo tempo em seu corpo, estendido em uma cama, e em sua cópia, de pé junto a uma janela. Ela chegou a sentir, neste momento, e simultaneamente, duas sensações totalmente contraditórias: doçura e paz, na consciência de seu corpo, e dor pungente, na consciência de sua cópia.

Ela viveu até, certa vez, em três planos ao mesmo tempo, em três lugares, e em três épocas diferentes:

“Eu vivi uma experiência semelhante, na casa de minha filha, em Paris, quando lá estive em novembro de 1948. Enquanto que, em meu quarto, minha mãe, minha filha e meu marido falavam entre si, a alguns poucos metros de mim, e que, para eles, eu parecia cochilar, eu vivi “simultaneamente” três momentos diferentes no tempo e no espaço, viva e consciente em cada um deles, sem que se confundissem, durante vários minutos.

Insisto em que não se tratava de lembrança, memória ou sonho mas de três presenças de mim mesma, simultâneas. Eu existia em três situações físicas, psíquicas e psicológicas diferentes, em três épocas diferentes, com uma sensação de onipresença indiscutível e um espírito de clareza nunca vista, centralizando, sem qualquer esforço, as percepções das três presenças de mim mesma...”(1)

A obra de Jeanne Guesné não tem as mesmas pretensões científicas daquelas de Robert Monroe. Mas relata com delicadeza, simplicidade, prudência e reservas os fenômenos vividos. Ela tem, além disto, o verdadeiro talento de uma contista. Vale a pena ler de que forma uma mulher do campo iniciou-a, inocentemente, nestes terríveis mistérios.

Mas se a cópia, no interior do corpo, pode, por vezes, agir e responder, sem abandonar o corpo mas sem que a consciência normal deste mesmo corpo se aperceba, pode acontecer, também, que a cópia leve a iniciativa um pouco além, indo resolver alguns problemas fora do corpo, à revelia deste último.

Harold Sherman, o grande especialista americano de parapsicologia, sobre o qual já falamos, conta como foi testemunha de um caso desta natureza, quando escrevia o roteiro de um filme, em 1941, em

(1) *Le grand passage*, Le courrier du livre 1978. pp. 132- 133.

Hollywood. Ele havia travado amizade com um famoso detetive, em Chicago, especialista em criminologia. Este detetive estava agora aposentado e vivia a 25 ou 30 quilômetros, do outro lado de Los Angeles. Ele também se interessava muito por ocultismo, e Sherman reservava suas tardes de domingo para encontrá-lo. Os dois visitavam-se, alternadamente, na casa de um e na casa do outro.

O feriado do Thanksgiving Day⁽¹⁾ cairia, neste ano, em uma quinta-feira, 20 de novembro de 1941. Sherman e sua esposa haviam enviado a seus amigos Loose uma cesta de frutas como sinal de amizade. No domingo seguinte caberia aos Loose receber o casal Sherman. Na referida quinta-feira, Sherman chegou em casa por volta das 15 horas. Ele encontrou em sua caixa de correspondência um bilhete do porteiro avisando que o senhor Loose havia estado em sua casa para visitá-lo e que o esperava no domingo seguinte. Harold Sherman ficou espantado ao saber que seu amigo havia atravessado Los Angeles, em dia de grande movimento, sem mesmo ter telefonado para certificar-se de que o encontraria em casa. De qualquer forma, as coisas já estavam combinadas para o domingo seguinte! Estaria Loose querendo agradecer a cesta de frutas? O bilhete do porteiro mencionava 14 horas e 30 minutos. Sherman telefonou, então, para seu amigo às 15 horas e 30 minutos, dando-lhe tempo para chegar em casa. Queria dizer-lhe que lamentava não tê-lo encontrado... Para surpresa do senhor Loose... que afirmou não ter saído de casa durante todo o dia. Deveria haver um erro qualquer. Ele havia recebido a filha, o genro e o neto para almoçar em sua casa naquele dia; e não havia sequer tirado o carro da garagem... ou calçado seus sapatos. Ficara em casa, à vontade, de macacão, casaco de tricô marrom e chinelos.

Curioso! Sherman desceu para falar ao porteiro e pedir-lhe alguns detalhes. Poderia ele descrever o homem que havia deixado o recado? O porteiro respondeu que o homem parecia um operário, vestia um macacão e um casaco tricotado em lã marrom, camisa azul escuro e um boné. A surpresa de Sherman aumentou e ele explicou tudo ao porteiro. As duas descrições coincidiam tanto! O porteiro lembrou-se, então, que não vira o homem entrar. Simplesmente, ao erguer os olhos, deparara-se com ele. O homem falava devagar, como se tivesse dificuldade em formar as palavras. Uma senhora, presente naquele instante, lhe dissera depois que o homem parecia muito estranho. O porteiro também não o

(1) N.T. Dia de Ação de Graças. Em inglês, no original.

vira ou escutara sair. Nenhum barulho de passos, nem da porta abrindo-se ou fechando-se.

No domingo seguinte, Loose confessou a seu amigo que praticava, frequentemente, a desincorporação voluntária, mas perfeitamente consciente e sob pleno domínio. Inicialmente entrava em contato com seus amigos, por telepatia. Quando os mesmos estavam de acordo, ele visitava-os por projeção para fora do corpo. Ele tinha um amigo, padre católico na América do Sul, que dedicava-se ao mesmo “esporte” e vinha desta forma, encontrar-se com ele geralmente em um certo banquinho tranquilo de um jardim. Ele acrescentou que as pessoas que por ali passassem nunca perceberiam que se tratava de alguém fora de seu corpo físico (detalhe interessante para nós: tratava-se, portanto, de alguma coisa além da simples viagem astral. A cópia era visível e consistente. Uma verdadeira bilocação. No caso bem particular em que Monroe pôde beliscar sua amiga, houve uma espécie de início de consistência. As fronteiras não são sempre bem claras entre um fenômeno e outro).

O que inquietava Loose, e nós compreendemos bem, era o fato de que, pela primeira vez, sua cópia tomara uma tal iniciativa, sem sequer prevení-lo.

A contra-prova confirmou perfeitamente a hipótese. Na terça-feira seguinte, Loose apresentou-se ao porteiro, vestido da mesma forma que na quinta-feira anterior. O porteiro reconheceu-o rapidamente e, novamente inquirido, observou apenas que não se tratava da mesma camisa. A que ele vestia agora era mais clara. E era exato: a outra havia sido enviada para a lavanderia (1)

Será preciso, então, criar uma lei para regulamentar os deslocamentos das cópias não acompanhadas? Enquanto isto, cuidem bem de suas cópias, não deixem que tomem muitas iniciativas, se quiserem continuar donos de si mesmos

Robert Monroe explica-nos que, uma vez fora do corpo, o espírito consciente fica totalmente dominado pelo inconsciente. Ou, pelos menos, o consciente consegue, com o tempo, exercer uma certa função de controle:

“Ele é, de certa forma, o modulador de um senhor ou de uma força-motora. Quem é este senhor? Pode-se falar de supra-espírito, de alma ou do eu-superior - a etiqueta pouco importa. É, en-

(1) *You live after death*. Creative Age Press. New York 1950.

tretanto, capital saber que o espírito consciente obedece, de maneira automática, às ordens do senhor sem nunca questiona-las. No estado físico, nós nunca parecemos conscientes deste fato. No Estado-segundo (entenda-se, fora do corpo), trata-se de um fato natural. O supra-espírito percebe, instintivamente, o que é “bom”, e os problemas só aparecem se o espírito consciente recusar-se obstinadamente a reconhecer esta sabedoria superior. A fonte do conhecimento do supra-espírito das águas em vários caminhos, e a maioria deles como que ultrapassam nossa percepção do mundo-de-espírito-consciente...”(1)

H é isto que nos abre novas perspectivas sobre os mistérios do homem!

Acredito que estes poucos exemplos, extraídos das E.F.C. permitem-nos, sem muitas extrapolações, ter uma certa idéia a respeito dos deslocamentos através dos primeiros níveis do além, ou mesmo, em certa medida, de um nível a outro. Embora feitas por pessoas vivas deste nosso mundo, tais experiências já são, por si só, incursões no outro mundo e obedecem, portanto, pelo menos parcialmente, às suas leis. Mas isto só é válido, creio eu, para os primeiros níveis da vida do além. Depois daí, as coisas ocorrem de outra forma. Pois o tempo e o espaço também serão diferentes.

3. Os primeiros níveis no além

Já vimos que, com frequência, aqueles que amamos na terra e que morreram antes de nós vêm nos buscar antes mesmo que tenhamos feito a grande passagem.

Mas nem sempre é assim. William Sted, após o naufrágio do Titanic, foi levado, com todos os seus companheiros, em uma espécie de gigantesco elevador, rumo a um país maravilhoso ao qual chamou “ilha azul”; e que não é, no fundo, nada mais que um tipo de estação orbital de recepção para os recém-chegados. É ali que eles encontram, efetivamente, seus parentes e amigos.

Harold Sherman, em seu último livro, conta-nos que A.J. Plimpton, após a morte de sua esposa, interessou-se pelos fenômenos paranormais e obteve gravações da sua voz; Depois, conseguiu finalmente

(1) op.cit. pp 195.

comunicar-se com ela e com outras pessoas falecidas, diretamente por telepatia.

Assim, ficou sabendo que a terra era efetivamente circundada por uma série de estações orbitais de recepção para os falecidos das diferentes partes do planeta. Mas que eram apenas locais de trânsito.(1) Haveria mesmo espécies de Centros de Informações que permitiriam localizar, imediatamente, um morto cujos vestígios tivessem sido perdidos.

Robert Monroe tem a impressão de, durante uma de suas Experiências Fora do Corpo, ter visto rapidamente um destes centros de recepção. Mas ele não o situa no espaço, em relação à terra:

“Eu me encontrava, por ocasião de uma visita, em um ambiente semelhante a um parque, com flores, árvores e gramados, cuidadosamente mantido; talvez um jardim público entrecortado por caminhos. Estes últimos eram ladeados por bancos; centenas de homens e mulheres vagavam por ali ou descansavam nos bancos. Alguns pareciam perfeitamente calmos; outros, inquietos. A maioria tinha um olhar desorientado. Sem dúvida alguma, todos achavam-se inseguros quanto ao que deviam fazer.

Eu sentia, de uma forma ou de outra, que se tratava de um local de encontro, onde os recém-chegados esperavam amigos e parentes. Deste Ponto de Encontro os amigos levavam os que chegavam para o local a que pertenciam.”(2)

Não é totalmente certo que todos os que morrem passem automaticamente por tais centros de recepção que são, de certa forma, centros de triagem. Talvez cada um já chegue em um centro diferente, segundo o destino que lhe será atribuído em seguida.

Numa primeira etapa, com efeito, alguns não irão muito longe. Permanecerão, simplesmente, em nosso mundo. É o que nos testemunha Georges Murrainier, o rapaz que, após longa pesquisa intelectual e espiritual, aventurou-se, sozinho, no ioga real e terminou suicidando-se:

“Convença-se de que nós não vivemos “lá em cima”, em um local indeterminado, mas de que nós vivemos com vocês, em suas casas.” (3)

(1) The dead are alive, p. 161.

(2) op.cit. pp. 88-89.

(3) Georges Murrainier, vol. I p. 43.

Ele explica até que, com este novo corpo, muito mais leve, as coisas não são tão fáceis:

“É preciso aprender a ficar de pé, inicialmente. Depois, a andar, como os bebês da terra. No começo, damos saltos, como os cosmonautas na lua, sem a força da gravidade... Em seguida, aprendemos a nos sentar em suas cadeiras, pois nós não as temos. Aí, então, damos boas risadas, pois, você pode imaginar, levamos grandes tombos, caindo sobre nossos traseiros. Toda esta aprendizagem acontece rápido, sobretudo quando se é um iniciante inteligente.”(1)

Ele volta a insistir, mais à frente:

Eu gostaria de explicar uma coisa que muitos terrestres não compreendem: é que vivemos com vocês. Vocês estão de tal forma acostumados a responder às crianças que se preocupam com uma pessoa falecida: ela está no céu, ela está junto de Deus, que vocês acabam acreditando que nós estamos boiando na atmosfera, no meio das nuvens. É preciso rever esta opinião. Nós vivemos aqui embaixo e não lá em cima. Nós vivemos em seus apartamentos e em suas casas, nós deitamos em suas camas quando queremos e quando vocês estão ausentes... Nós nos sentamos em suas poltronas ou em suas cadeiras, e mantemos alegres conversas sobretudo enquanto vocês dormem, o que nos dá total liberdade de ação... nós ouvimos quando vocês conversam. Nós vemos vocês viverem, com uma alegria sem par... nós ajudamos vocês através do pensamento, às vezes por meio de uma intervenção que vocês sequer percebem, mas que é efetiva. Este é o nosso papel, mas é também uma grande alegria...”(2)

A descrição que faz do corpo glorioso ou corpo espiritual que possui naquele momento corresponde, de certa forma, a tudo que já pudemos dizer até aqui, pelo menos em dois detalhes. Inicialmente, o intercâmbio entre os mortos ocorre ainda, neste estágio evolutivo, por intermédio da voz:

“Estas pessoas... que nos ajudam... nos falam exatamente como se nós estivéssemos ainda sobre a terra. Nós as ouvimos pois elas têm vo-

(1) *ibid*, p. 33.

(2) *ibid*, p. 150-151

zes audíveis; aliás, nós rapidamente constatamos que nós também temos uma voz.”(1)

Em níveis mais elevados, entretanto acessíveis, ao menos por um breve instante, através de simples E.F.C., a comunicação acaba sendo feita diretamente de pensamento para pensamento.

“Em seguida, surge um detalhe curioso: sempre em seu nível de evolução, se o corpo espiritual “passa através das paredes, de portas e de todos os objetos do mundo terrestre, por outro lado - o que é curioso - ele não passa através dos seres vivos da terra. Quando um de vocês vem sentar-se em nosso colo, nós nos afastamos imediatamente. Nós não gostamos muito disto!... Temos que nos habituar... Aliás, com frequência sentamo-nos pelo chão, o que simplifica a questão. Os mais originais gostam de sentar sobre bufês e televisores, onde são menos incomodados.”(2)

Este detalhe, exatamente, não é habitualmente observado, nem mesmo durante simples E.F.M. ou E.F.C. (Experiências nas Fronteiras da Morte ou Experiências fora do Corpo). Assim, durante uma de suas experiências de controle, quando ainda duvidava do fenômeno e procurava reunir provas, Robert Monroe encontrava-se sentado, com seu corpo espiritual, na casa de algumas senhoras informadas a respeito de suas experiências; ele deveria descrever, em seguida, as instalações, as roupas e até, parcialmente, as conversas mantidas. Em um determinado momento uma das senhoras sentou-se, inadvertidamente, em sua poltrona, ou seja, em seu colo, ou mais exatamente, no colo de seu corpo espiritual. Monroe observa em seu relatório de visita:

“Eu não senti o seu peso”. A senhora também não se sentiu de forma alguma incomodada. Apenas quando uma das amigas gritou: “Não se sente sobre o Bob!”, ela ergueu-se abruptamente. Quanto a isto, Monroe observa simplesmente: “Ouvi risos, mas meu espírito estava ocupado com outros pensamentos.”(3)

Entretanto, Georges Murrainier conheceu bem a existência possível de outras formas de vida. Ele conheceu sobretudo o poder criador extraordinário do pensamento, dele tendo-se, por vezes, utilizado. Mas, por questões bem secundárias:

(1) *ibid*, p. 141

(2) *ibid*, p. 150

(3) *op.cit*, pp 60-61

“No além, apenas por força do pensamento, conseguiu ler o cavanhaque com o qual tanto sonhara na terra, mas que nunca conseguira cultivar a contento! Da mesma forma, certos dias veste-se de branco: “é nosso pensamento que nos veste. Tudo é pensamento no Astral, e é muito importante compreender isto.”(1)

Mas no conjunto, este poder criador do pensamento, exercido necessariamente de modo subjetivo, é para ele apenas ilusório. É verdade que, para alguns, tal poder poderá ser exercido sem controle, quando projetarão suas angústias em um universo de pesadelos. Outros, também, tentarão indefinidamente, inocentemente, e inutilmente, criar um universo de palácios ou jardins maravilhosos. Mas Morrannier parece ignorar que existe um outro uso deste poder que permite evoluir em direção a zonas cada vez mais espirituais.

Morrannier não vê neste poder criador do pensamento senão ilusão e, por conseguinte, tentação. Entretanto, parece-me que tal recusa advém, por um lado, do fato de que, no fundo, nosso mundo, um pouco melhorado, como ele o vê, já lhe é suficiente. Por outro lado há, nele, uma certa recusa de maior espiritualização. Pelo menos por enquanto este nível lhe basta, e ele não tem qualquer vontade de abandoná-lo!

“Este pensamento, liberto da matéria, prega-nos peças desagradáveis. Ele cria todo tipo de romances e tragédias. Basta pensar em comer para ver uma mesa bem posta. Basta crer que se está doente para ter-se a impressão de se estar deitado em um quarto de hospital. De fato, não há nada de real nisto, mas o pensamento torna-se tão forte que cria ilusões. Esta é a razão pela qual muitos desencarnados descrevem casas, palácios e paisagens encantadoras.”(2)

Veremos mais adiante que tais criações do pensamento não são assim tão ilusórias. Os mortos podem de fato, comer ou beber os alimentos que mencionam. Os palácios que criam são realmente habitados por eles pelo tempo que desejam. Tais realidades correspondem simplesmente ao corpo que possuem naquele momento. Assim como o cavanhaque ou as vestes brancas que Georges criou para si.

(1) *ibid*, p. 26

(2) Georges Morrannier, vol. II, *Après cette vie*, p. 161.

Georges Morranier contenta-se com o nosso mundo, percebido em profundidade, como já o podem fazer alguns médiuns: “É verdade que as paisagens são encantadoras, mas são as de vocês, aureoladas por suas ondas espirituais coloridas... Nossos corpos são formados por ondas; os de vocês, os dos animais e dos vegetais são circundados por um halo luminoso, às vezes faiscante...(1)

A mesma afirmação aparece ao longo dos seis volumes já publicados:

“Nosso pensamento, no Invisível, pode criar formas que nos parecem reais. É por isto que tantos desencarnados descrevem paisagens ou construções que pensam ver de fato, pois eles mesmos as criaram em pensamento. São apenas imagens vivas, sem realidade objetiva. Não fazem parte de nosso mundo, são criações irreais do pensamento destes desencarnados pouco esclarecidos a respeito das coisas do além.”(2)

Estudando as etapas seguintes, veremos melhor que tais criações do pensamento são perfeitamente reais, reais para cada um daqueles que as criam. Esta é exatamente a grande lei da evolução espiritual. É isto que Georges Morranier ainda não compreendeu, parece-me, nem tampouco aqueles que vivem em harmonia com ele, formando, todos, um pequeno grupo. Estão longe de concluir sua evolução espiritual, contrariamente ao que pensam. Acreditam estar na quinta esfera do sistema que imaginaram - quer dizer, na penúltima etapa deste sistema. Parece-me que, ao contrário, estão no início de uma lenta evolução que ainda sequer aceitaram. Inversamente, penso que um dia poderão evoluir sem precisar passar pela prova de uma nova vida na terra.

Cada um continuará nesta primeira etapa, ou seja, continuará a viver entre nós, pelo tempo que desejar. Normalmente, após um certo tempo, ele deveria ser tentado a utilizar mais o poder criador do pensamento para coisas mais importantes que a criação de um cavanhaque ou de vestes brancas. Este seria o início de sua evolução. “O Reino de Deus está dentro de vós”. Cada um vai criar, em tomo de si, o mundo que esteja em harmonia com o que ele é. Ele o fará quase que involuntariamente pelo menos enquanto não tiver aprendido a controlar seus pensamentos.

(1) *ibid.*

(2) Georges Morranier, vol. V, *La Totalité du réel*. p. 205.

Robert Monroe, sem ter morrido, unicamente durante suas E.F.C., teve provas deste processo. Ele observa, com precisão, que nossas ações seguem os pensamentos. Fora do corpo físico, não é a mesma coisa.

“A ação é posterior ao pensamento no estado físico; constituem, ambas, uma só coisa. Não há tradução mecânica do pensamento em ação... É a idéia de movimento que cria a ação.”(1)

O texto a seguir é bastante esclarecedor e permite-nos rever nossas idéias sobre os meios de transporte do além; ao mesmo tempo, explica-nos o que ocorre em tal estado de evolução. As palavras foram sublinhadas pelo próprio autor. Trata-se de Albert Pauchard que transmite a seus amigos holandeses uma mensagem destinada a sua irmã:

“É curioso, mas não consigo ver-te bem em teu novo apartamento. Quando estou contigo, estamos sempre na rua C... Procurei a causa deste fato, e descobri que não me desloco no espaço para estar contigo, mas utilizo (se posso expressar-me assim, e quase que reluto em usar tal palavra) uma “telepatia” mais íntima que a telepatia comum. Torno-me um com teu sentimento e teu pensamento.

Mas tua imagem está ainda, para mim, cercada por um ambiente familiar. Assim, sinto sempre nossa casa da rua C... e esta continua a ser sempre minha casa. *Pois em nossos momentos passivos, nosso antigo ambiente forma-se em torno de nos automaticamente.* Não há nada de estranho nisto, e trata-se, sem sombra de dúvida, de uma *morada real. Estamos ainda tão próximos da terra, aqui onde estou, que precisamos de um mundo objetivo.*

Se ele não for criado por nossa própria vontade positiva, e se nossa curiosidade não nos levar a mundos criados por outrem, nós entramos, então, geralmente, no mundo criado por nossos hábitos.”(2)

Não devemos nos iludir: Albert Pauchard não assombra esta casa da rua C..., aqui na terra. Aliás, ele encontraria lá, provavelmente, outras pessoas que não sua irmã que mudou-se de lá. O que ele faz não é lembrar-se, nem reconstituir o ambiente através de lembranças, no sen-

(1) op. cit, p. 196.

(2) op. cit. p. 56

tido em que entendemos isto habitualmente. Não, ela se constrói por si só, em tomo dele, e ela é então real para ele, de uma realidade que corresponde a do corpo que ele possui naquele momento.

Se esta etapa parece-lhe um pouco ultrapassada e só reaparece em momentos de desatenção, em momentos passivos” não é - como poder-se-ia pensar, segundo Georges Murrainier - porque trata-se para ele de algo mais sério, mais evoluído, permanecer sobre a terra. E, ao contrário, porque - e veremos mais tarde - tais duplicatas do nosso mundo são ainda muito semelhantes à terra, dado ao nível espiritual que ele atingiu.

Mas antes de estarem prontos para um mundo mais espiritual, muitos vão, inicialmente, reconstituir em tomo de si um mundo bem semelhante ao nosso. Eles vão, inicialmente, reencontrar sua casinha, aumentando-a talvez, acrescentando-lhe o terraço com o qual sempre sonharam, circundando-a de um jardim, situando-a no alto de uma colina com uma bela vista... As coisas se formarão em tomo deles, mantendo as formas dadas pelo pensamento, pelo tempo em que lhes for atribuída alguma importância. As coisas das quais desprendemo-nos perdem sua importância, esvaem-se. Neste mundo novo, tudo aquilo que aqui consideramos com certo desprezo, como “subjetivo”, tornam-se “objetivo” no além. Nossos sentimentos, mais ainda que nossos pensamentos racionais, objetivam-se sem parar. Daí a dificuldade de se descrever estes novos mundos.

Pierre Monnier explica a sua mãe:

“Falei-lhe muito pouco das condições de vida no Céu: elas são infinitas e difíceis de serem contadas, pois variam para cada espírito. As ocupações (tantas as de distração quanto as de estudo), as coisas que nos cercam, tudo tendo-se tomado espiritual, desloca-se ou transforma-se sob o efeito de nosso pensamento... Pensa-se em um palácio: ele se constrói; em um templo: e nele pode-se rezar; em um oceano: e nele é possível navegar. Isto faz com que, quando se pergunta aos amigos a respeito dos planos que sucedem ao da terra, as respostas, às vezes, sejam muito diferentes... Nós nos cercamos de “realidades irreais“, se é que posso dizer assim, que respondem a nosso grau de evolução. O espírito chegado a alturas espirituais muito elevadas só terá pensamentos belos e elevados, de forma que tudo que o circunda, tendo sido

criado por emanções de seu “eu” espiritual, estará revestido de formas puras em relação a ele mesmo.”(1)

É o *mundo imaginal*, parece-me, tão caro a Henry Corbin, grande especialista dos místicos muçulmanos e, sobretudo, de Ibn’Arabi:

No nível de ser e do consciente do imaginai, os incorporais tomam corpo e os corporais se espiritualizam.(2)

Quando estava gravemente enfêrmo, tomado por um acesso de febre, Ibn’Arabi viu-se cercado por figuras ameaçadoras:

“Mas eis que surgiu um ser de maravilhosa beleza, de suave perfume, que afastou as figuras demoníacas com uma força invencível.

- Quem é você? Perguntou Ibn’Arabi.
- Sou a sura Yasin.(3)

Na realidade, seu infeliz pai, angustiado à sua cabeceira, recitava, neste momento, este capítulo do Corão, o trigésimo sexto, que se entoa especialmente para os que agonizam. Que o verbo proferido emite uma energia suficiente para que ganhe corpo, no mundo intermediário sutil, a forma pessoal que a ele corresponde, não é fato insólito na fenomenologia religiosa. Este fato marca uma das primeiras entradas de Ibn’Arabi no “alam al-Mithal”, mundo das Imagens reais e subsistentes ao qual nos referimos desde o início: o “mundus imaginalis”.(4)

Direi apenas, resumidamente, que Henry Corbin parece insistir muito na ruptura entre o nosso mundo e o mundo sutil. Pare ele, o tempo deste nosso mundo é totalmente irreversível e quantitativo; o espaço é o da fragmentação, da separação. O mundo imaginai corresponderia a um outro tempo e a um outro espaço. A ciência moderna mostra-nos que até mesmo nossos átomos já vivem neste mundo. Os fenômenos de E.F.M. e de E.F.C. mostram que este corpo sutil já está aqui, provisória e misteriosamente ligado a este corpo físico.

Aliás, Henry Corbin insiste várias vezes sobre a impossibilidade de se atingir Deus fora deste mundo imaginário.

(1) *Lettres de Pierre* vol. I. pp 185-186.

(2) Henry Corbin, *L’imagination créatrice dans le soufisme d’Ibn Arabi* pp 141, 147, 271-272, Flammarion 1958.

(3) N.T. Um dos 114 capítulos (“sura”) do Corão.

(4) op. cit., p. 38. cf.p 38, outro episódio semelhante onde a forma sutil criada pela prece parece intervir, desta vez neste nosso mundo

Para ele, não há passagem possível. Ibn'Arabi, entretanto, afirma explicitamente o contrário(1):

É talvez um eco desta experiência que encontramos nas descrições do Dharma-dhatu, a morada dos Bodhissattvas, embora a diferença das culturas seja tão profunda que as comparações tornam-se um pouco difíceis. Eis, segundo D.T. Suzuki, alguns pontos onde a aproximação torna-se bastante clara:

“Neste mundo espiritual, não há divisões de tempo, tais como passado, presente e futuro; elas se contraem em um momento único, sempre presente, onde a vida estremece segundo seu verdadeiro sentido... O mesmo acontece com o espaço. O espaço... não é uma extensão dividida por montanhas e florestas, rios e oceanos, luzes e sombras, pelo visível e pelo invisível.”

Entretanto,

...“há, é verdade, rios, flores e árvores no país da pureza... O que temos é uma infinita fusão mútua, uma interpretação de todas as coisas, cada uma com sua individualidade, embora haja nelas algo de universal.”

É também, curiosamente, o mundo dos ícones onde o espaço é fragmentado, as arquiteturas, incoerentes, escapando não somente à gravidade e à perspectiva mas à coerência das formas.

...“mas não há, em nenhum lugar, sombras visíveis, continua Suzuki. As próprias nuvens tornam-se corpos luminosos...”(2).

Nos ícones também os corpos e os objetos não projetam jamais sombra alguma!

Digamos então que tais ensinamentos sagrados e secretos, reservados a uma pequena elite de iniciados, tornem-se, de repente, muito mais acessíveis à luz destas experiências ou destas mensagens vindas do além.

Assim, ao menos numa primeira etapa, reconstituímos espontaneamente, em tomo de nós, nosso universo familiar. Mas também, com

(1) Mohviddin Ibn'Arabi, *L'Alchimie du bonheur parfait*, L'île verte, Berg International 1981, pp 126 e 131.

(2) cf.D.T. Suzuki: *Essais sur le Bouddhisme Zen*, 3^a série, Albin Michel 1972, pp. 71 - 72. cf. Henry Corbin, op.cit, p. 272 nota 169 e p 275 nota 200.

muita frequência, nossos hábitos e, portanto, nossas atividades. Nós chegaremos ao além sem saber, sobre todos os grandes mistérios da existência, muita coisa além do que tivermos podido descobrir neste nosso mundo. Para saber mais a respeito, sobre Deus, sobre a origem do mal, sobre a liberdade... ser-nos-á preciso continuar refletindo, lendo, rezando, e, talvez, ouvindo conferências e discutindo com outros sobre esse assunto:

"...nas regiões astrais mais próximas da terra, a vida continua amplamente como antes - comparativamente — com escolas, igrejas, cidades inteiras, até mesmo hospitais e edifícios públicos; mas, à medida que se progride, tais coisas desaparecem.”(1)

Fiquem tranquilos quanto aos hospitais! Parece que os mesmos servem para o sono reparador dos recém-chegados ou para ajudar médicos e cirurgiões do nosso mundo em suas pesquisas!

William Sted, salvo no naufrágio do Titanic (salvo no além, é preciso que se frise; em nosso vocabulário habitual, morto no naufrágio) descreve-nos admiráveis concertos executados ao ar livre com músicas mais ricas que aquelas que conhecemos aqui na terra pois que comportam sons que nossos ouvidos de carne, enfêrmos, não podem captar. Além disto, tais sons correspondem a cores. Muito melhor que o som de Xenakis(2) ou de Jean-Michel Jarre ! Ele conta-nos também que, para comunicar-se telepaticamente com a Terra, há um prédio especial com pequenas cabines e monitores muito amáveis que ensinam como proceder para estabelecer o contato. Lembrem-se que entre as imagens do além que já vi em casa de amigos, no Luxemburgo, havia uma paisagem urbana, com um grande edifício mais alto que os demais. Nos comentários, feitos do além e recebidos diretamente pelo alto-falante do rádio, foi explicado que deste prédio eram enviadas as imagens em direção à Terra.

As mesmas afirmações são feitas por alguém muito simples e, talvez por isto mesmo, bastante digno de crédito. Um amigo de Paul Misraki recebeu tais mensagens por escrita automática. Paul dá a este amigo o pseudônimo de Julien. Julien captou, pouco a pouco, diversas mensagens, de diversos falecidos, mas sobretudo de um rapaz chamado Alain. Um incrível diálogo foi estabelecido entre Julien e Alain. Julien

(1) Albert Pauchard. op.cit, p. 284.

(2) N.T Compositor contemporâneo francês de origem grega, autor de musicas de estrutura matemática.

mostrou-se bastante desconfiado, com medo de ser, simplesmente, um brinquedo nas mãos de seu próprio sub-consciente; ou ainda, de estar em relação telepática, relativamente banal, com seres vivos que tentavam ludibriá-lo fazendo papel de mortos. A partir daí estabelece-se na relação um estranho desequilíbrio: por um lado, Alain deseja apenas ajudar Julien a evoluir espiritualmente. Para isto, seria melhor se Julien aceitasse crer sem necessidade de muitas provas, sem exigir muitos detalhes sobre a vida no além. A conversão do coração e da vida é mais importante que a satisfação das curiosidades do espírito. Mas, por outro lado, Julien deseja sobretudo provas, sinais cada vez mais evidentes e narrativas cada vez mais detalhadas sobre a vida além-morte.

Segue-se um longo interrogatório, cheio de interrupções, como uma verdadeira história policial, durante o qual Julien fica sabendo, não apenas o sobrenome de seu interlocutor do além, mas o essencial de sua infeliz história terrestre. Alain Tessier era uma criança de orfanato. Aos vinte anos de idade tornou-se ascensorista em um hotel. Seu grande sonho era praticar equitação. Como outros rapazes, precisou contentar-se com uma moto. E foi assim que morreu. Paul Misrak pôde localizar o hotel onde Alain trabalhara e entrar em contato com pessoas que se lembravam do rapaz e de sua paixão por cavalos. Quando Julien começou a receber as mensagens de Alain, este último encontrara, enfim, sua felicidade e realizara seus sonhos.

“O mundo está em má situação. Você não imagina como aqui é melhor ! Ama-se o tempo todo, ri-se, vê-se coisas maravilhosas. É o paraíso tal como se imagina quando se sonha com tudo aquilo que se deseja, mas aumentado. Eu gostava da idéia de montar a cavalo; aqui, monto em sonho e é muito bom... A moto era meu cavalo. Mas eu teria preferido cavalos de verdade. Agora eu os tenho !”(1)

Mas, aí também, temos a mesma evolução: um pouco mais tarde Julien dirige-se a Alain:

- Fale-me a respeito de seus cavalos.
- Alain: Meus cavalos, meus cavalos, isso é coisa antiga. Eu tenho outra coisa para fazer, e agora prefiro isto. Sabe, eu cuido de pessoas. Eu amo as pessoas de quem cuido. Posso fazer bem a

(1) Paul Misraki, *L'expérience de l'après-vie*. Robert Laffont 1974, pp. 101-102.

elas e isso toma conta de mim por inteiro. Quando se percebe que o bem está sendo feito, é embriagador, eu garanto a você!"(1)

Aí está, a evolução ocorrera e os cavalos desapareceram.

Acrescentamos ainda que eles parecem muito ocupados, nossos caros desaparecidos!

“Uma alegria que nasce dentro de você precisa de um verdadeiro trabalho de nossa parte; nós temos equipes encarregadas por Deus de atender às necessidades dos homens... Suas alegrias custam-nos, muitas vezes, labor pois são a realização de ordens dadas por Deus... Trata-se apenas de forças que se atraem e se repelem e somos, às vezes, levados a tentar conduzir os homens para onde devem ir. Quando se trata de desgarrados, travamos batalhas esgotantes; e aqueles que se dedicam a tais tarefas sofrem mais que os outros...”

Resulta daí que nossos mortos não estão sempre tão disponíveis quanto gostaríamos. Ou estão muito esgotados, como menciona Roland de Jouvenel.

“E se eu dissesse que o sono existe também para nós e que eu sinto vontade de dormir? Você está atrasado (sic!). Eu deixei com um amigo uma mensagem que deveria ter sido transmitida a você, e este camarada despreocupado foi embora sem fazer o que eu lhe havia pedido.” (3)

Ou estão presos a tarefas muito importantes que exigem a presença de todos. Pode tratar-se de uma instrução geral ou de uma festa comum. Mas eles deixam, geralmente, alguém de plantão para atender aos casos de urgência.

Foi assim que uma noite Julien, sobre quem acabamos de falar, não recebeu o pensamento de Alain Tessier. O diálogo assumiu um tom nada habitual:

Do além: “Boa noite. Você está esperando em vão, não há ninguém para falar com você, todos saíram.

Eu: Quem está falando?

(1) *ibid.* p. 190.

(2) Roland para sua mãe, vol. I, *Au diapason du ciel*, p. 184.

(3) *ibid.* p. 155

- Um empregado.

Eu: Para onde foram todos?

- Saíram em missão. Estão fora.

Eu: E você, o que está fazendo?

- Eu cuido dos casos de necessidade. Mas você não tem necessidade de nada, não é urgente.

Eu: Obrigado, mesmo assim.

- Não há de quê. ”(1)

Foi também o que aconteceu à senhora Simonet, de Reims; mas, desta vez, durante uma gravação de vozes em fita magnética. A senhora Simonet é uma pessoa bastante simples que teve a oportunidade de receber uma boa instrução. Sabe alemão, o que lhe permitiu entrar em contato, bem cedo, com círculos já bem experimentados. Estudou latim, o que lhe permitiu, certa vez, compreender uma frase recebida de forma totalmente inesperada, dita em romeno. Mas, sobretudo, trata-se de uma pessoa de grande fé e grande bondade. Não direi mais para não ferir sua modéstia. Ora, a partir de 1979, pouco após a morte de seu pai, tendo lido, por acaso, um artigo sobre as vozes do além, publicado em dezembro de 1978, a senhora Simonet pôs-se, regularmente, à escuta dos falecidos: Conseguiu, várias vezes, auxiliar famílias desesperadas, muitas vezes pais que haviam perdido um filho. Naquela noite, ela tentava ajudar a senhora G., mãe do jovem Olivier. Desde a visita feita à senhora Simonet, a senhora G. sabe fazer, ela mesma, as gravações. Mas até agora só obteve algumas palavras murmuradas: “Mamãe, minha mamãezinha...” Agora cedo a palavra à senhora Simonet pois os detalhes psicológicos têm sua importância na reconstituição da cena em toda sua autêntica simplicidade.

“Eu estou com vontade de chamar o rapaz esta noite, e se conseguir alguma coisa boa, enviarei a fita cassete amanhã à senhora G.. São vinte e duas horas. O pequeno gravador de meu pai está sendo útil. Parece, infelizmente, que será em vão: após quinze minutos, nada ainda... Olivier não se manifesta. Isto me aborrece, pois desejo, de fato, dar esta alegria à senhora G.. Além disto, não estou registrando nada hoje à noite, além do silêncio da casa. Ninguém fala comigo. Será que todos estão ocupados? Nem mesmo um simples “boa noite”... Atualmente estou tão habituada a essas gentilezas... Eu insisto mais um pouco: e acho que faço bem. Eis, de repente, distante mas clara, a voz ide meu pai:

(1) op cit.p. 114-115.

“Não há ninguém aqui hoje à noite, Munique. Será preciso chamar depois.”(1)

Portanto, as primeiras etapas, desde que se começa a deixar este mundo, a aceitar deixá-lo verdadeiramente, são ainda muito semelhantes a nossa vida da terra. Nossas preocupações, nossos desejos, em consequência nossas possibilidades, são ainda muito limitadas. Vale ainda esta extraordinária lei do respeito absoluto a nossa liberdade. Esta lei é, no fundo, apenas a consequência da estrutura profunda do mundo, dos mundos, que deseja que, a cada instante, seja nosso interior a construir nosso exterior.

Alguns vagarão, indefinidamente, em sua evolução. Já ouvimos falar de pessoas que continuaram a viver na Corte de Versalhes como fizeram no século XVIII. Elas não são infelizes, sem dúvida. Têm o mundo que lhes convém. Mas se você puder, tente colocar seus desejos em nível mais elevado! Desde já.

Volto a citar Albert Pauchard:

“Sua idéia a respeito da vida astral é ainda, apesar de tudo, muito material. Você busca nela uma continuação da vida na terra. Nela você encontrará, certamente, este tipo de coisa, em razão de mecanismos fruto de hábitos adquiridos e sobre os quais lhe falei nos primeiros momentos. Mas tais hábitos perdem, pouco a pouco, aquilo que os alimenta: a necessidade de mantê-los enfraquece cada vez mais com o tempo... A manutenção do corpo em boa forma não exige qualquer esforço. Não há sentidos físicos, e portanto, nenhuma atividade correspondente...

Em compensação, cada movimento emotivo é intensificado a um ponto dificilmente descritível - o que coloca a base vital de nossa existência em um plano totalmente diferente... Nós vivemos, de modo preponderante, no subjetivo... é no “sentimento” que encontramos, agora, nossa subsistência vital... Entretanto, tudo está contido no Universo e, em um dado plano - o nosso, por exemplo - encontra-se o reflexo de todos os outros. Se você compreende este ponto, terá aberto mais de um horizonte. Digamos, por enquanto, que os fatos e as imagens da vida terrestre têm sua contrapartida Aqui.”

Em um primeiro momento, ele havia dito:

(1) *A l'écoute de l'invisible*. F. Sorlot - F. Lanore.

“Em um plano muito próximo da terra. As almas ainda estão muito impregnadas das condições terrestres que há pouco abandonaram. Por este motivo você encontra aí tantas instituições e construções semelhantes ou equivalentes às da Terra.

Estas coisas são naturalmente úteis de se conhecer, mas não se deve tomá-las excessivas...

“Morre-se” em um Mundo após o outro. Porém, mais diáfana é a substância, mais ela está submissa ao poder da vontade. Desde então a questão de “mudança” torna-se mais uma questão de “vontade.”(1)

É este mistério da projeção objetiva de nossos pensamentos e de nossos sentimentos que aprofundaremos nos capítulos seguintes.

(1) op. cit, pp. 210-213 (alternado, por vezes, a ordem dos parágrafos).

VI

NO CORAÇÃO DO BEM E DO MAL

1. Nosso pensamento fabrica nosso destino à nossa revelia.

Nos Evangelhos, o Cristo menciona, sem cessar, o controle que devemos exercer permanentemente sobre nossos pensamentos e sobre nossos sentimentos. Qualquer um que olhe uma mulher, desejando-a, já cometeu o adultério com ela, em seu coração. Quem trata seu irmão de louco já é passível de descer às geenas. Não é a poeira de nossas mãos que corre o risco de nos sujar, mesmo se a engolirmos, mas o que nasce em nosso coração. A espiritualidade dos Padres do deserto insiste muito a respeito desta guarda do coração. Quando da pesagem das “almas”, frequentemente representada nos papiros egípcios, é exatamente o coração que é pesado, como a sede ao mesmo tempo de pensamentos e de sentimentos. No outro prato da balança, encontra-se a pluma Maat, verdade-justiça.

Já vimos, sobretudo, até aqui, através de mensagens do além, o poder criador do pensamento que nós podemos exercer voluntariamente e em nosso proveito. O pensamento parece produzir, construir, a partir, sem dúvida, de um campo de forças, tudo o que se deseja, tudo o que a ele se pede para produzir.

No entanto, já vimos também que um desejo implícito pode, com frequência, ser suficiente. Em um momento de desatenção, em que nos encontramos “passivos”, o desejo inconsciente de encontrar nosso meio ambiente terrestre habitual pode formar-se em nós; e isto basta para que o poder criador desta onda seja eficaz e reconstitua, rapidamente, em tomo de nós, este mesmo ambiente.

Porém isto pode ir ainda mais longe: tal poder criador pode escapar ainda mais de nosso controle. Ele pode até mesmo voltar-se contra nós.

Nós estamos de fato no centro do grande mistério. Tanta gente se

um tempo de provação. Eles têm uma certa impressão de que Deus nos põe de lado, ou priva-nos de sobremesa como se faz com as crianças. Pensam que Deus é necessariamente um tanto sádico, mesmo que tenhamos agido mal; e que, exigindo assim nosso castigo, no fundo não vale muito mais que nós. Ora, trata-se aí de compreender que Deus não tem nada a ver com isto, e, mesmo com todo seu Amor infinito, é-lhe impossível poupar-nos das provações que nós nos infligimos. Agindo assim é que ele nos trataria como crianças impedindo-nos de evoluir e, finalmente, de sermos capazes de nos unir a ele. Ora, graças ao acúmulo de testemunhas e pistas convergentes, eis que começa a se tornar possível entrever o mecanismo pelo qual podemos construir nossa infelicidade.

Isto já é verdade neste nosso mundo. Roland de Jouvenel adverte-nos:

“Uma parte da humanidade, perdendo o gosto de viver, cria sem saber, na estrutura cósmica, o embrião que pode precipitar seu destino.

O fermento de uma catástrofe coletiva já está semeado nas imponderáveis de um super-universo onde tudo se forma por projeção... Cada estado de consciência espalha-se em um além onde tudo forma apenas um... O homem, separando-se de Deus, envolveu-se em um suicídio coletivo.” (1)

Porém sua análise é ainda mais precisa:

...“O pensamento, coisa invisível, indefinível, pode ter projeções muito poderosas para animar a matéria.

O que você pensa ser o acaso, na maioria das vezes é resultante de descargas do psiquismo, e os acontecimentos são conduzidos por essas correspondências desconhecidas.”(2)

Esta “projeção” de nosso pensamento no mundo material que nos cerca parece, entretanto, mais difícil de ocorrer que no mundo do após-morte. Nós não fazemos surgir palácios, lagos e florestas à vontade, como todos afirmam no outro mundo.

(1) Roland de Jouvenel, vol. V, *La seconde vie* op.cit, pp. 127-129.

(2) *ibid*, p. 27. Mas Roland de Jouvenel volta sem cessar ao assunto: p. 46, 83, 104, 106, 148-149, 163-164.

Quando das E.F.C. (Experiências Fora do Corpo), o pensamento parece ter já, em grande parte, o mesmo poder. R. Monroe, como já vimos, insiste nesta identidade de fato entre idéia e ação. Mas ele observa também a total plasticidade do novo corpo no qual realiza suas “saídas”. Não somente os braços parecem telescópicos, capazes de atingir objetos muito distantes, mas ele está convencido de que se pode dar a este corpo espiritual a forma desejada: gato, cachorro, lobo. A forma humana vem naturalmente por si só quando se deixa de desejar uma outra. (1) Pode ocorrer, no entanto, que pela interferência de uma causa desconhecida, nosso corpo espiritual assuma, mesmo à nossa revelia, uma forma insólita. Parece que ele já foi percebido assim, com alguém sob a forma de um pedaço de tecido flutuando no ar.(2)

Além disto, esta “projeção” não diz respeito apenas à forma de nosso corpo, mas a todo o mundo que nos cerca:

“Neste lugar, a realidade é composta de desejos os mais profundos e de medos os mais vivos. O pensamento está em ação e nenhuma camada superficial de condicionamento ou de inibição dissimula seu eu interior... A emoção bruta, tão cuidadosamente escondida em nossa civilização física, fica totalmente liberada. Dizer que inicialmente ela afoga o indivíduo seria um eufemismo. Este estado seria considerado, na vida física consciente (a nossa), como merecedor do qualificativo: psicótico.”(3)

Que o pensamento seja ação, é exatamente o que a ciência moderna começa, por sua vez, a descobrir.(4) Mas que ela o seja a este ponto, pelo menos no outro mundo, eis algo inconveniente se não estivermos espiritualmente avançados. Vejamos o que nos diz a respeito Jeanne Guesné:

“Uma constatação faz-se fundamental neste novo estado do Ser: o menor pensamento atualiza-se instantaneamente, quer dizer que se você pensa “gato”, o gato surge; “rosa”, e a rosa ali está. Mas se você pensar “serpente”, “leão”, a serpente e o leão lá

(1) op.cit, pp. 183-184, 197.

(2) ibid, p. 184-185.

(3) ibid, p. 85.

(4) *La science face aux confins de la connaissance*, le Colloque de Venise, Ed. du Félin 1987.

também aparecerão, numa realidade impressionante. Deixo-os imaginar que terrores, que pânicos derivam deste fato.”(1)

A senhora Guesné conta-nos que ela conheceu assim uma pessoa: “Inteligente, muito culta, que havia recebido uma educação religiosa muito rigorosa, marcada pelo horror ao pecado e pela certeza de que o erro impregnava a natureza humana.”

Ora, esta pessoa julgava-se sinceramente perseguida pelo diabo. Ela via seres horríveis que a perseguiam, a arranhavam... Jeanne Guesné estava inicialmente cética. Mas quando a mulher aprendeu a deixar seu corpo, a senhora Guesné interrogou-a e compreendeu:

“...ela saía de seu corpo, aliás fraco e doente, mas encontrava-se imediatamente mergulhada em um inferno que seu subconsciente, saturado de pensamentos de bruxarias, de sabás infernais, de feitiçarias, de maus agouros, projetava instantaneamente em sua consciência, mantendo-a prisioneira de suas próprias criações.”(2)

O que se produz então, mas passageiramente, quando destas viagens fora do corpo, produz-se também, mas constantemente, no além-morte. O célebre Bardo Thödol, o livro dos mortos dos Tibetanos, é, na opinião de alguns, bem carregado do medo da aparição destas figuras monstruosas:

“Neste momento, quando as cinquenta e oito Deidades Bebedores de sangue, saídas de teu próprio cérebro, vierem brilhar sobre ti, caso as reconheças como sendo radiações de tua própria consciência, fundir-te-ás em união instantânea... se não souberes isto, as Deidades Bebedores de sangue dar-te-ão medo, ficarás fascinado, aterrorizado e desmaiarás. Tuas próprias formas-pensamentos transformar-se-ão em aparências ilusórias e errarás pelo Sangsara...”(3)

Os antigos egípcios temiam também numerosos monstros com corpos de animais do Reino dos Mortos. Mas não viam neles a projeção

(1) *Le Grand Passage*, op. cit. p. 17

(2) op. cit, p. 51.

(3) op. cit, pp. 124-125. Quanto ao valor simbólico das Bebedoras de sangue, ver p. 113 nota 1.

de seus fantasmas. E apenas aqueles que haviam mal vivido deveriam temê-los. Não há dúvida, no entanto, de que na origem destas tradições completamente independentes pode-se reconhecer autênticas experiências de uma mesma realidade.

A tradição sufista,⁽¹⁾ sobretudo em Ibn'Arabi, o "Príncipe dos Místicos Muçulmanos", tende a restringir claramente este poder criador do pensamento apenas ao místico. É pela concentração de sua energia espiritual que o místico consegue, verdadeiramente, produzir, projetar, para fora de seu coração, o objeto de seu desejo. Não pode haver, pois, aqui, senão projeções serenas e benéficas. Todo o estudo de Henry Corbin caminha nesta direção. Entretanto, ele observa a relação muito provável entre este "poder criador do coração" e "bom número de fenômenos hoje designados como fenômenos de vidência, telepatia, visões na sincronicidade". (2)

A mística muçulmana dos sufis conhece, aliás, também o aspecto negativo possível desta projeção mas inscreve-o numa perspectiva mais ampla. Tudo que existe é vivo, portanto também nossos pensamentos.

"O mesmo ocorre com as formas, as aparências, as palavras e os atos, como pregam as tradições seguras segundo as quais (após a morte) os atos assumirão formas e interpelarão aquele que os praticou, colocando-o tranquilo em seu túmulo, se os atos forem piedosos, e tornando-o infeliz se os atos forem maus". (3)

2. Nosso pensamento cria símbolos vivos

Esta "projeção" não será sempre direta. Nem sempre é necessário ter efetivamente pensado em um leão ou em um dragão para ver, neste mundo novo, um leão ou um dragão. O aspecto do mundo que nos cerca, os acontecimentos dele decorrentes, podem muito bem ser apenas uma transposição simbólica de nossos pensamentos e de nossos sentimentos. Este é, aliás, um processo natural, muito desconcertante para nosso espírito racionalista, mas universal.

A clarividência dos médiuns funciona por um lado, da seguinte forma:

(1) N.T.: Do sufismo. misticismo arábico-persa que sustenta ser o espírito humano uma emanção do divino, no qual se esforça para reintegrar-se.

(2) Henry Corbin, *L'imagination créatrice...*, pp. 166-167; citação pp. 170 173.

(3) Emir Abd el-Kader, *Ecrits spirituels*, Le Seuil 1982, p. 102.

“Você vai viajar? Pergunta-me a senhora B., durante uma sessão pública de vidência.

- Exato.

- Ah, sim. Eu vejo uma mala. E você vai mesmo partir em breve, pois a mala já está cheia”

Ou ainda:

- Estou vendo um buquê de flores. Em breve será seu aniversário ou seu onomástico?

O mesmo processo de transposição simbólica ocorre quando dos sonhos. O fenômeno é bem conhecido. Você sonha, de repente, que a paisagem está mudando a seu redor e que você se encontra no deserto, sob um sol inclemente. Ao acordar, suando muito, você percebe que estava excessivamente coberto. Seu corpo recebeu um calor excessivo, insuportável. Seu cérebro traduziu esta sensação em imagem.

OS SONHOS E A VIDA NO ALÉM

No entanto, a maior parte de nossos sonhos corresponde a um mecanismo muito mais complexo. São todos os nossos problemas, todas as nossas preocupações que entram em cena, frequentemente com indicações quanto a uma possível solução. Mas surgem também nossas aspirações profundas, nossas alegrias. É um trabalho fantástico de transposição em símbolos que nós realizamos, aproximadamente de quatro a cinco vezes por noite, durante períodos inicialmente muito curtos; depois, em períodos um pouco mais longos que podem atingir até vinte minutos. Cada noite, em média, oferecemos a nós mesmos uma hora e meia de cinema.

Ora, nestes programas onde somos ao mesmo tempo autores e espectadores, numa improvisação perpétua impressionante, apenas de “projeções” de nós mesmos, de diferentes aspectos, diferentes elementos de nós mesmos, porém transformados em símbolos.

Jean-Robert Pasche, que criou em Genebra um “Centro de Estudos e Pesquisas sobre os Sonhos”, observou e analisou 4.000 de seus próprios sonhos, sem contar os de inúmeros colaboradores e pacientes. Ele afirma, com autoridade:

“Em nossos sonhos, todas as personagens são apenas representações de nós mesmos. Os animais, as crianças, os locais do sonho, os veículos são também partes distintas de nossa psique”.

(1)

A mesma evidência surge para Christian Genest que dirige um laboratório de estudos dos sonhos na Universidade Psiquiátrica de Antioch, nos Estados Unidos, e que trabalhou na França com técnicas de relaxamento baseadas em hipnose e neuro-psicologia:

“Quando você sonha, cada objeto, cada personagem viva (animal ou humana) é uma parte de você mesmo!” (2)

Isto explica os dicionários de símbolos que acompanham cada obra relativa a sonhos, mesmo se a cada vez o autor nos previna que esta decifração é feita apenas a título indicativo e que cada leitor deve corrigí-la, adaptá-la e completá-la para si mesmo.

Aprendemos, assim, que exceto os sonhos premonitórios diretos, relativamente raros, todos os outros devem ser reinterpretados. Mesmo a visão de sua própria morte não significa, necessariamente, que em breve se vai morrer, mas que se deve aceitar uma profunda mutação. (3) É a “morte” do homem velho de que fala frequentemente São Paulo. É a “morte” em si mesma da moral tradicional.

Este mecanismo de simbolização no sonho pode ser tão semelhante àquele produzido quando das E.F.C. que, finalmente, uma distinção torna-se difícil. Monroe já observava que muitas vezes sonhava estar voando pelo espaço, tomava consciência e acordava, descobrindo que, na realidade, havia simplesmente deixado seu corpo físico para planar acima de campos. Para ele, quando nós, ao dormir, temos a impressão de cair, de afundar, de naufragar, é porque, simplesmente, realizamos um retomo um pouco precipitado de nosso corpo astral para nosso corpo físico. (4)

É assim que Hélène Renard, fundadora com Christian Charière do *Serviço de Sonhos*, apresenta-nos - como se fosse um sonho - duas experiências que são, muito mais provavelmente, duas viagens astrais. Trata-se, inicialmente, de um texto do século XII que nos conta a

- (1) Jean-Robert Pasche: *Les rêves ou la connaissance intérieure*, Buchet-Chastel 1987, p. 53.
- (2) Christian Genest, *ABC des rêves*, Jacques Grancher 1986. p. 102
- (3) Helmut Hark: *Träume vom Tod*, Kreuz Verlag 1987. pp. 68-82.
- (4) op. cit, pp 201-202.

vida fantástica de Milarepa, mágico, poeta e eremita que viveu no Tibete no século XI e cuja lembrança estava ainda muito viva, dizem, na região do Himalaia:

“Durante o dia, eu trocava de corpo à vontade. Meu espírito imaginava inumeráveis transformações voando no céu, as duas partes do corpo desaparecidas. À noite, em meu sonho, eu podia explorar, livremente e sem obstáculos, o universo inteiro desde o inferno até os cumes...”(1)

Milarepa frisa: “em meu sonho”, o que explica a interpretação dada por Hélène Renard. (2) Mas a expressão “as duas partes do corpo desaparecidas” mostra bem, na realidade, do que se trata. Aliás, no desenrolar do texto, Milarepa termina sendo visto, assim voando nos ares, por um camponês e seu filho, o que não teria qualquer sentido se fosse um simples sonho.

R. Monroe também teve a impressão, um dia em que se encontrava sentado no telhado de uma casa, de ter sido visto por uma mulher que varria tranquilamente seu jardim e que, tendo erguido a cabeça, correu para dentro de casa, com ar aterrorizado, fechando, em seguida, violentamente a porta.(3)

Alexandra David-Néel relata uma outra história tibetana, mencionada igualmente por Hélène Renard,(4) que, decididamente, não se trata de sonho mas de uma viagem para fora do corpo: um homem consegue derrubar seu irmão de um cavalo provocando sua morte.(5) Lembremo-nos, da mesma forma, que R. Monroe conseguiu beliscar alguém de forma bem decidida. Isto tenderia a provar que a viagem pelo astral não está muito afastada do processo de bilocação.

Hélène Renard também relata, com interesse e simpatia, a hipótese formulada pelo biólogo Lyall Watson, segundo a qual os sonhos seriam obra de uma espécie de *segundo corpo*, aquele que, exatamente, sobreviverá à nossa morte física. (6)

(1) *Milarepa, ses méfaits, ses épreuves, ses illuminations*, Fayard 1971, p. 200.

(2) Hélène Renard, *L'après-vie*. Philippe Lebaud 1985, p. 172.

(3) op. cit, p. 71.

(4) op.cit, p. 179.

(5) Alexandra David-Néel: *Immortalité et Réincarnation*. éditions du Rocher 1978, pp. 116-125.

(6) op. cit, pp. 179-181.

Mas é preciso ir mais longe. Se os sonhos são difíceis de serem distinguidos das viagens para fora do corpo, efetuadas neste nosso mundo (como nos exemplos precedentes) eles o são mais ainda quando se trata de E.F.C. vividas em outros planos que não o nosso, nos diferentes níveis do além. Ora, Monroe observa, em diversas oportunidades, que nosso corpo glorioso, astral, o que ela chama simplesmente de “segundo corpo”, tem grande dificuldade em permanecer em nosso mundo. O espaço que lhe parece conatural, aquele para o qual parece feito, é o outro-mundo, o além, o que ele, prosaicamente, chama de “Lugar II.”

Tentando compreender por que é tão difícil fazer com que outros admitam a realidade de suas E.F.C. e, mais ainda, a existência deste “Lugar II”, ele nota o poder do esquecimento que parece abater-se sobre nós após cada experiência:

“É a mesma cortina que desce quando você emerge do sono, encobrendo seu último sonho, ou a lembrança de sua visita ao Lugar II. Isto não significa que todo sonho seja o produto de uma visita ao Lugar II. Mas alguns podem muito bem ser a tradução de experiências no Lugar II.

Creio que muitos, a maioria, até mesmo todos os seres humanos, visitam o Lugar II, em um ou outro momento do sono.”(1)

Este poder criador do pensamento acaba tendo alguma coisa de assustador. Se na Vida eterna, e nos diferentes planos do além, tudo acontece verdadeiramente como nos sonhos, então, se eu entendo bem, estamos condenados a ficar sempre sozinhos? Talvez circundados por nosso pai, nossa mãe, nossa família e nossos amigos. Mas, na realidade, eles serão - como nos sonhos - apenas projeções de nossa imaginação. De quem estamos zombando? A vida eterna, então, seria apenas uma gigantesca farsa! Estaríamos, cada um em seu canto, apenas assistindo aos vídeo-cassetes fabricados por nós mesmos? Monstruoso!

As coisas parecem ser mais complicadas e, ao mesmo tempo, menos decepcionantes. A solução, aliás ao menos por um lado, pode estar, exatamente, no próprio mecanismo da simbolização.

Se podemos fazer, para decifrar os sonhos, dicionários de símbolos, é porque há uma certa tendência a se traduzir as mesmas realidades

(1) op. cit, p. 93.

pelos mesmos símbolos. Os espíritos da mesma família, entenda-se aí do mesmo nível espiritual e com os mesmos gostos, teriam, portanto, tendência a criar em tomo de si o mesmo mundo.

A universidade dos símbolos manifesta-se em outros setores. Não é por acaso que Marie-Louise von Franz, antiga colaboradora de C.G. Jung durante trinta anos e continuadora de sua obra, habituada com a técnica e arte de interpretar sonhos, interessou-se também pela *Interpretação dos contos de fadas* a ponto de dedicar várias obras ao assunto. Ora, como Jung, neste trabalho de decifração, ela recorre ao simbólico da alquimia, ao inconsciente coletivo.

Este trabalho de simbolização encontra-se por todo lado e sobretudo na arte. Neste campo também pôde-se escrever numerosos dicionários de símbolos. Recordo-me, particularmente, de um psiquiatra alemão, Siegmund Wolfdietrich, Presidente da Associação Européia para o Estudo dos Contos e Lendas. Ao final do estágio que realizou sobre pintura de ícones, explicou-me as numerosas proximidades que julgava evidentes entre a arte do ícone e a estrutura de tempo e de espaço dos contos.

No entanto, apesar desta proximidade criada pelas afinidades de gostos e equivalência do nível espiritual atingido, a subjetividade de cada um continua, por muito tempo, a desempenhar um importante papel na construção do mundo circundante. Isto vale, sem dúvida, para aqueles que estão de fato mortos e dos quais podemos, de uma ou outra forma, receber mensagens. Isto vale ainda muito mais para aqueles que, ainda vivos sobre a terra, só podem fazer breves incursões no mundo do além. Jeanne Guesné reconhece isto sem dificuldade. A respeito dos “seres encontrados nestas regiões do espaço”, ela pergunta:

“Quem são eles? Honestamente, devo dizer que ignoro quem sejam.

Projeções de meu próprio espírito? Sem dúvida sim, em muitos casos, mas não em todos.

Seres que habitam realmente estas dimensões, constituídos de sua materialidade? Talvez.

Projeções do espírito de outras pessoas? Talvez, também...”(2)

(1) “L’interprétation des Contes de fées”. *La Fontaine de Pierre*. 1978. Retomado por Dervy-Livres em 1987.

(2) op. cit. p. 32

Tais incursões no além parecem, por vezes, acontecer como sonhos, simplesmente mais coerentes pois que realizadas em plena consciência desperta, mas onde nossos desejos, nossos temores, nossas convicções, nossas crenças, e até nossos preconceitos, projetam-se, como em um sonho, mas transformando-se em realidade do mundo astral, segundo a matéria correspondente a nosso novo corpo. Daí advém o caráter tão fortemente psicodélico e onírico de certas narrativas de grandes viajantes fora-do-corpo. São, em boa parte, sonhos tornados realidade. Os mundos visitados e descritos existem de fato, em todos os seus detalhes, seus ensinamentos e suas revelações, mas só existem para aqueles que os criaram ou para aqueles que desejarem, que sonharem conhecê-los. (1)

Atingimos aí o problema dos próprios limites de grandes experiências. Acredito que, de fato, o célebre “miradj” de Maomé, sua ascensão celeste, situa-se neste nível e neste universo. Henry Corbin tem certamente razão ao observar que aqueles que o interpretaram de modo muito literário, pensando que o Profeta havia subido ao céu com seu corpo físico, caíram em “inverossimilhanças e dificuldades intransponíveis”. Ele tem certamente razão também ao refutar uma interpretação muito fraca segundo a qual tratar-se-ia de uma “ascensão puramente mental”. O “miradj” não seria mais que uma alegoria. Mas, como ele mesmo frisa:

“Os teósofos mais profundos, dispendo de uma ontologia do mundo sutil, viram aí uma ascensão ao mesmo tempo “in mente” e “in corpore”. O corpo em questão era, bem entendido, o corpo espiritual sutil, único apto a penetrar nos universos sutis do Malakut onde ocorrem os acontecimentos visionários.”(2)

São Paulo já dizia:

“Conheço um homem em Cristo que, há quatorze anos - seria em seu corpo? não sei. Seria fora de seu corpo? não sei, só Deus sabe - e este homem foi erguido até o terceiro céu. E eu sei que este homem - seria em seu corpo? seria sem seu corpo? não sei, só Deus sabe - este homem foi erguido até o paraíso e ouviu

(1) cf. sobretudo com as narrativas de Anne e Daniel Meurois-Givaudan: *Récits d'un voyageur de l'Astral; Terre d'Emeraude; De mémoire d'Essénien, Le voyage à Shambhalla*, Ed. Arista.

(2) Henry Corbin, *Le paradoxe du monothéisme*, L'Herne 1981, pp. 167 e 168.

palavras inexpremíveis, que não é permitido ao homem repetir...”. (São Paulo, Segunda Epístola aos Coríntios, capítulo 12, versículos 2-4).

Sem dúvida trata-se do mesmo problema em muitas visões, por mais autênticas que sejam e qualquer que seja o prestígio ou a autoridade de quem as tem. Permanecemos em nosso tema, pois algumas delas, particularmente célebres, fazem parte de nossas fontes e estão classificadas entre as mais diretas pois são consideradas como vindas do além.

Por este motivo, nas grandes visões da Vida e da Paixão de Cristo, ao lado de proximidades bem evidentes, encontramos também diferenças importantes. Mesmo nas visões de Teresa Neumann, que me parecem as mais próximas do que pode realmente ter acontecido, assistimos, por vezes, a este processo de transposição simbólica. Para nós, trata-se de um importante testemunho onde pode-se perceber, diretamente, a atuação deste mecanismo.

AS VISÕES DE TEREZA NEUMANN

Tereza Neumann (1898-1962) era uma simples moça de fazenda, sem grande cultura, incapaz até, em seu estado normal, de falar bem o alemão. Conhecia apenas o dialeto de sua região natal. Ora, ela viu e viveu a Paixão de Cristo aproximadamente setecentas vezes, vendo, a cada vez, as cenas em três dimensões a seu redor, ouvindo pessoas falarem aramaico. Ela podia repetir as palavras ouvidas. Professores da Universidade reconheceram a correção das palavras repetidas. As cenas desenrolavam-se sempre de forma absolutamente idênticas. As variantes ocorriam simplesmente porque ela não ficava sempre no mesmo lugar no quadro e podia, assim, dependendo da ocasião, ouvir e ver coisas que não havia podido ver e ouvir nas vezes anteriores.

Ora, ao menos por duas vezes, mas sem dúvida deve ter ocorrido com mais frequência, a cena que ela viu e ouviu e que se passava no tempo de Cristo, há cerca de dois mil anos, transformou-se levemente em função da vidente do século XX.

Na primeira vez, Teresa encontra-se em um canapé, em seu quarto, e assiste à chegada dos Magos que vêm adorar o Menino Jesus. A cena acontece, para ela, longe de Belém e bem antes da cena da Natividade. Ela vê o Cristo menino correr em direção aos Magos e esten-

der-lhes as mãos. Ela ergue-se do canapé, atravessa o quarto e tropeça em sua cama. Com o rosto radioso, de uma alegria extraordinária. joga-se em sua cama, sem sentidos. Ela explicaria, mais tarde. em uma espécie de segundo estado, que Cristo, tendo visto-a, estendera-lhe também as mãos. Por isso ela correrá, e ao sentir em sua mão a pequena mão do Cristo, quentinha e de carne, desmaiara de felicidade(1).

Em outra vez ela assiste à Crucificação. Por instantes, o cura de sua paróquia, Padre Naber, encontra-se sozinho com ela em um como do. De repente, ela abre os olhos e olha para ele, rapidamente, com tristeza. Da mesma forma, ela explicaria mais tarde que vira-o ao pé da cruz. “Você olhou para o Salvador com compaixão e ele para você com bondade”, disse-lhe ela.(2)

Portanto, nestas duas cenas, percebemos, ao vivo e em ação, o mecanismo de transformação do mundo, visto em função da vidente e das circunstâncias da visão.

O mesmo mecanismo não funciona necessariamente apenas para os detalhes, como vimos nos dois exemplos acima citados. Em muitos casos ele pode intervir maciça e continuamente, mas sem que tenhamos pontos de referência para identificá-lo, nem para avaliar a importância das modificações que ele introduz.

É o que ocorreu com as célebres visões de Swedenborg, fonte quase que “incontornável”, atualmente, em qualquer descrição do além.

"UM BUDA DO NORTE": SWEDENBORG

Swedenborg (1688-1772) era filho de um bispo luterano. Mas foi pela matemática e pelas ciências que logo se interessou, e não pela teologia. A bem da verdade, era um verdadeiro gênio universal: conhecia perfeitamente o latim, o grego e, mais tarde, o hebraico. Capaz de expressar-se em inglês, holandês, alemão, italiano ou francês, bem como em sueco, sua língua materna. Executava com talento o órgão da catedral de Upsal, tornou-se engenheiro e viajou por toda a Europa conquistando a admiração do mundo científico devido a uma série de obras sobre os assuntos mais diversos: matemática, astronomia, geologia, metalurgia, economia, botânica, zoologia, etc...

(1) *Visionem der Therese Neumann*, vol. I, Schel und Steiner 1974. p. 1.

(2) *Ibid*, p. 222.

Mas em 1743, aos cinquenta e cinco anos, sofreu uma completa transformação. Cristo aparece-lhe, diz-nos ele, e encarrega-o de uma tarefa.

“Fui chamado para cumprir uma função sagrada pelo próprio Senhor que manifestou-se em pessoa perante mim, seu servidor. Ele abriu meus olhos para que eu pudesse enxergar no mundo espiritual. Concedeu-me falar com os espíritos e com os anjos...”(1) Outras visões ocorreram, em 1744 e 1745... e as experiências multiplicaram-se:

“Há cerca de trinta anos, por um privilégio especial do Senhor, me foi dado estar, ao mesmo tempo, no mundo espiritual e no mundo natural, falar com os espíritos e com os anjos como falo com os homens...

Sou conduzido em meu corpo espiritual pelo Senhor ao mundo intermediário, aos Infernos e aos Céus, e meu corpo físico permanece no mesmo lugar”. (2)

A autoridade de Swedenborg deriva, inicialmente, de seu incontestável valor científico e de seu rigor. Em seguida, da sinceridade de seu engajamento, provado durante toda sua vida. Enfim, mais recentemente, da homenagem que lhe foi prestada por D.T. Suzuki, grande senhor do budismo zen, que traduziu quatro de suas obras para o japonês. Este foi, praticamente, o primeiro grande encontro do mestre japonês com a espiritualidade do Ocidente. A convergência de Ibn'Arabi, do Zen e de Swedenborg, nosso “Buda do Norte”, como o chamava Suzuki, estava assim quase que oficialmente reconhecida pelos melhores especialistas.(3)

Ele possuía, certamente, dons mediúnicos que se tomaram incontestáveis quando, em 1759, descreveu, em Göteborg, o incêndio que acabara de iniciar-se em Estocolmo, a quatrocentos quilômetros dali em linha reta. Sua descrição foi tão exata e tão bem confirmada pelos emissários do rei que a história correu a Europa.

Ora, assumindo o risco de decepcionar alguns leitores, farei disto um uso muito moderado. Tanto eu fico contente por vê-lo traduzido,

(1) Jean Prieur, *Swedenborg, biographie, anthologie*, Sorlot, Lanore 1983, p. 30,

(2) Tradução de Jean Prieur. *Les visions de Swedenborg*, texto de 29 de janeiro de 1772; Sorlot, Lanore 1984, p. 14.

(3) Henry Corbin, *L'imagination creatrice...* op. cit, p. 275, nota 200.

tanto ele fervilha de detalhes interessantes, quanto eu permaneço incerto sobre o valor do que ele narra... posto que encontro nele erros grosseiros, preconceitos mesquinhos, e até afirmações delirantes.

Quando ele nos descreve como os católicos romanos descobrem, enfim, ao chegar ao céu, que é a Cristo que devem adorar, e não o papa, e isto dito durante várias páginas, sem traço perceptível de humor, fico inquieto quanto ao valor do conjunto.(1) Da mesma forma, quando nos afirma, tranquilamente, que os Pagãos descobrem, com surpresa, durante sua vida na terra que: “Os Cristãos vivem em meio a adultérios, ódios, querelas, embriaguez...”, enquanto que eles próprios, os Pagãos, têm, “horror a tais vícios, contrários a seus princípios religiosos”,(2) podemos perguntar-nos o que significa, em um homem de tal cultura, tamanha ingenuidade.

Mais grave ainda: segundo ele, ao terminar sua grande obra *Vera Religio Christiana*, Cristo convocou ao mundo espiritual todos os apóstolos e enviou-os até os falecidos para difundir a boa doutrina de Swedenborg...(3) Perante tanta conversa fiada, há motivo para ficar desalentado!

Não é, claro, a partir de narrativas deste gênero que tento construir uma espécie de síntese das grandes linhas de nossa vida futura. O que não significa que as experiências de Emmanuel Swedenborg sejam totalmente sem valor. Mas é preciso distinguir entre todos os testemunhos, comparar, interpretar. O que o grande sábio viu, certamente, em grande parte, foi a projeção de seu espírito. Aí está o problema. Suas convicções, suas idéias pessoais, suas aversões, transformavam-se em imagens animadas e falantes como em um sonho. Ele encontrava pessoas, fazia-lhes perguntas, gravava as respostas em sua memória, mas, de fato, com frequência, encontrava apenas a si mesmo ou pessoas que partilhavam de seus gostos e prevenções, pessoas “à sua imagem”.

3. Nossos pensamentos são energias vivas

Já vimos que podemos, no além, criar pelo pensamento tudo aquilo que queremos. Acabamos de ver, bastante longamente (mas era uma etapa importante) que nosso pensamento pode criar, também, independentemente de nosso querer. Precisamos mostrar agora de que forma o **

(1) Jean Prieur, *Les visions de Swedenborg*, op. cit. pp 93-96.

(2) *ibid.* p. 199.

(3) *ibid.* p. 37.

pensamento, no sentido amplo, a nossa consciência, os nossos desejos, os nossos temores, os nossos ódios, já são criações. For nossos sentimentos, criamos sem cessar, e já neste nosso mundo, forças, correntes de ondas, fluxos, que, uma vez produzidos, continuarão seu curso, indefinidamente, como ondas de rádio lançadas no espaço.

Pierre Monnier, oficial francês morto durante a Primeira Guerra Mundial, falava com sua mãe, por escrita automática, a respeito da forma que poderiam assumir nossos sentimentos e nossos pensamentos.(1)

Ele explica, pouco a pouco:

“Eu disse a você que seus pensamentos prolongam-se em ondas vibrantes e animadas; ora, esses eflúvios têm uma composição análoga à da matéria, esta também vibrante e animada. Eles agem e comportam-se do mesmo modo, contêm vida imanente. Disto resulta que os pensamentos vivem e produzem vida.

O mesmo ocorre, eu já disse, com o olhar... com o raio emitido pelos seus olhos... este raio é vivo, fisiologicamente vivo, se assim posso dizer".(2)

Há não apenas vida, mas inteligência e vontade:

“Com efeito, se você admitir que o pensamento é esta energia viva que se transporta e se transmite, não poderia tratar-se mais de uma força, mecânica ou servil, pois seria desprovida de vontade. Neste caso, são decisões tomadas por uma vontade atuante, propulsora ou restritiva segundo sua livre escolha, colorida por uma opinião pessoal fruto de reflexão”.(3)

Pierre Monnier explica a sua mãe que os homens são criaturas verdadeiramente extraordinárias que têm o poder de fazer nascer não apenas outras almas:

“...mas também ‘entidades espirituais’ (emanações de suas forças psíquicas’, que assumem um corpo e podem ser boas ou perversas... Já lhe foi dado, às vezes, percebê-las: quando elas nascem de impulsões elevadas e puras, elas aparecem-lhe sob ^{1 2 3}

(1) *Lettres de Pierre*, vol. I, p. 323.

(2) *Lettres de Pierre*, vol. II, p. 235.

(3) *Lettres de Pierre*, vol. III, p. 128-129

forma de estrelas, de labaredas, até de fantasmas, subjetivos e passageiros; mas elas podem também assumir o aspecto monstruoso de bestas fantásticas quando provêm de um sentimento vicioso ou baixo. Estas ‘larvas’ cuja assustadora positividade foi com frequência verificada pelos pagãos, não são nem um sonho nem uma alucinação...”(1)

Aliás, até mesmo as forças cósmicas são dotadas de vida e:

“consequentemente, têm uma missão (bem difícil de provar lhe)... elas devem cumpri-la para evitar enfraquecimentos solidários que poderiam ser de importância capital. Nada, entretanto, as obriga a obedecer...”(2)

Roland de Jouvenel segue também a mesma linha:

“Saibam que as idéias têm vida própria e que, por existirem verdadeiramente, são como pessoas que procuram locais ou sítios onde sintam-se mais à vontade. Por este motivo há, em cada uma delas, uma porção de vagabundagem e de infidelidade. Às vezes, entretanto, elas erram e vão, por engano, instalar-se onde não deveriam estar: neste instante, tomadas de pânico, voltam a seus lugares de origem”.(3) “É preciso domesticar as idéias... Semelhantes às pessoas, elas têm vida e temem ser feridas ou mortas por aqueles que estariam em condições de combatê-las”.(4)

A afirmação mais explícita e mais completa encontra-se, talvez, em uma comunicação de Pierre Monnier, recebida pessoalmente por Jean Prieur em 24 de outubro de 1968:

“Satã não pode ser uma pessoa, mas sim uma acumulação de energia do mal dotada de consciência. É um centro de desagregação, de destruição, um ventre inteligente. Por isto, os homens dizem que ele existe como se fosse uma personalidade. Podemos considerá-lo uma personalidade e ele pode, até, assumir esta forma. Vários espíritos do mal podem adquirir esta forma frente aos homens. É uma acumulação de energia humana. São ema-

(1) *Lettres de Pierre*, vol. II. p. 426.

(2) *ibid.* vol. II, p. 393.

(3) Roland de Jouvenel, vol. IV, *En absolue fidélité*. op. cit, p. 54.

(4) *ibid.* p. 107.

nações do mental humano que conseguem condensar esta força. Os homens criam-no, ele não tem vida concreta. Apenas Deus vive e pode criar. Somente Deus vive. Satã tem vida efêmera que os homens podem aniquilar em um instante, desde que queiram pensar no pensamento de Deus. O mal não durará para sempre, enquanto Deus existirá eternamente...”(1)

Aliás ele já havia dito, várias vezes, muitos anos antes, em cartas destinadas à sua mãe:

“O diabo!... símbolo...” dizem os espíritos fortes de seu século! Oh! de forma alguma!... Satã é uma entidade espiritual de grande poder que vive em cada uma de suas falhas: o resíduo de seus erros é seu alimento, seus pecados alimentam-no”.(2)

Ou ainda, em 27 de agosto de 1922, esta fórmula, digna do Cura d’Ars:

“Livre, o homem é culpado no pecado. E cada um de seus pecados gera um demônio”.(3)

Existem, sim, anjos caídos - quer dizer, seres espirituais que nunca encarnaram, nem na terra nem em outro planeta, e que, no mistério de sua liberdade, como certos homens, escolheram a revolta contra Deus, ou seja, a recusa do amor. Mas, assim como a distinção acaba ficando difícil, no além, entre os falecidos que escolheram o mal e as entidades más produzidas por seus pensamentos (e pelos nossos), também é difícil distinguir entre os anjos caídos e as entidades produzidas por seu ódio.

Tais anjos existem, e *Diálogos com o anjo* é uma prova. Eles anunciam também que, tudo estando acabado,

“os demônios tornam-se novamente Anjos”. E que, mesmo... “aquele, entre nós, o “Portador de Luz”, o enganador, o rebelde, a serpente, será resgatado. Ninguém mais morará no inferno”. (4)

Este mecanismo não vale unicamente para as forças do mal. Nos-^{1 2}

34

(1) Jean Prieur, *Les témoins de l'invisible*, Livre de poche 1972, pp. 304 e 307.

(2) *Lettres de Pierre*, vol. III, p. 298.

(3) *ibid*, vol. IV. p. 241.

(4) *op. cit.* pp. 228 e 263.

soos bons pensamentos, nosso amor, podem fazer nascer entidades luminosas:

“Entretanto, há também espíritos admiráveis, espíritos luminosos, cujos trajes brancos resplandecem como a neve sob o sol. e que não são anjos - embora nunca tenham vivido em carne. Eles planam acima das nações, como um elemento protetor, nasceram de grandes pensamentos que germinaram no coração e no cérebro dos povos.

“...Deus concede o sopro de vida (quero dizer uma alma) a esta ‘energia’ saída da humanidade. Ela torna-se, na verdade, uma força independente que tem por personalidade aquela de seus numerosos pais. Sua missão é cuidar do local que foi seu berço e sua pátria...”(1)

Pensemos no Anjo de Portugal, “visto” pelas crianças de Fátima. Todas estas entidades, essas acumulações de energia, acabam por formar imensos exércitos, de amor ou de ódio. É então que se trava, no mundo invisível, uma imensa batalha. Isto é-nos contado, em termos verdadeiramente militares, mas como na própria Bíblia, não apenas por Pierre Monnier - o que é perfeitamente natural - mas ainda por Paqui - o que é mais surpreendente e, por isto, ainda mais revelador.

Paqui Lamarque é uma moça que morreu prematuramente como Pierre Monnier e Roland de Jouvenel. Mas suas mensagens não foram captadas nem por seus parentes nem por seu noivo. Ela morreu em Arcachon, em 1925. Nos dois anos que se seguiram à sua morte, foi um amigo que recebeu suas mensagens, escrevendo-as. Porém, o mais curioso desta história é que, a partir de 1º de janeiro de 1928, a tarefa ficou a cargo de uma desconhecida:

“Durante o verão de 1926, o casal Godefroy estava passeando em Arcachon e foi ao cemitério para rezar no túmulo do hotelero que os hospedava e que acabara de morrer. A atenção do casal foi atraída por uma capela de construção recente, estilo 1925, que dominava, entre os pinheiros, todas as outras sepulturas”.(2)

Impressionada pelo retrato da moça, pelos textos que o rodeavam, pelas flores, por toda a atmosfera desta capela funerária, a senhora Go-

(1) *Lettres de Pierre*, vol. II. p. 426.

(2) cf. prefácio de Jean Prieur em *Entretiens célestes de Paqui*, Sorlot Lanore 1984.

defroy procurou conhecer a família Lamarque. Travou-se, então, uma amizade alimentada ao longo das estadas cada vez mais numerosas da família Godefroy em Arcachon, em parte por questões de saúde.

“Em 1º de janeiro de 1928, às onze horas da noite, no hotel em que estava hospedada, Yvonne Godefroy, católica praticante, que nunca se envolvera com espiritismo ou literatura, sentiu necessidade urgente de escrever o que lhe ditava uma voz interior, imperiosa e doce, vinda do mundo invisível. Ela pegou um lápis e pôs-se a traçar, com grandes letras inclinadas, muito diferente da sua, palavras que lhe chegavam sem esforço, sem rasuras, de uma só vez, sob a influência da música que emanava de seu coração”.(1)

Foram escritas, finalmente, seis mil páginas - das quais apenas algumas figuram na obra citada.(2)

O estilo pode parecer um pouco pueril, como, às vezes, em Santa Teresa de Lisieux. Mas, como ocorre com “Teresinha”, é preciso saber ler além. Eis, no entanto, a respeito do tema que tratamos, o que ela ditou à senhora Godefroy:

“Todos os pensamentos, bons ou maus, formam ondas que vão soltas pelo espaço. Segundo sua natureza, elas se encontram, unem-se e constituem legiões que se enfrentam umas às outras. Como em todas as batalhas, o fim do confronto depende do mais forte. Se o elemento mau triunfa sobre o elemento bom, é o mal que recai sobre a terra. Ao contrário, se é a força benfazeja, a felicidade e a paz descem sobre os homens.

“Os sentimentos de inveja, de vingança, de orgulho, e com mais forte razão o de ódio, criam turbilhões que explicam o que acontece neste momento na terra... Povoem de pensamentos puros, de raios caridosos, os campos de batalha espirituais das tropas aliadas...”(3)

Da mesma forma, diz Pierre Monnier:

(1) *ibid*, p. IX

(2) Uma outra coletânea, publicada sob o título *Missel de Paqui*, contém as mensagens recebidas por seu primeiro correspondente terrestre até 1927, e de 1939 a 1945.

(3) *op. cit*, pp. 216-217

“As formidáveis batalhas de que vocês são testemunhas são apenas uma repercussão daquelas travadas entre os espíritos. Não menciono exclusivamente os espíritos das esferas extra-terrestres... falo também dos espíritos que vivem na carne humana as forças rivais e inimigas do Amor, que provocaram a batalha, organizavam-se e mediam-se. Tais forças emanavam de regiões invisíveis e de regiões terrestres e ambas erguiam-se nos dois campos de batalha. Querida Mamãe, a vitória deve pertencer aos exércitos de Cristo!”(1)

Mas, como frisa Jean Prieur, esta é a linguagem da própria Escritura.(2)

O Anjo dos *Diálogos* nada esconde, sobre os horrores deste mistério, dos judeus que ele prepara para o sacrifício:

“Dura palavra: a guerra é boa.

Estejam atentos!

A força que fracassa, a devastadora, a destruidora, não pararia nunca

se não houvesse os fracos, se não houvesse vítimas para absorvê-la.

É o passado, era preciso que acontecesse.

O mal, o ato iniciado não pode ser corrigido.

A vítima absorve os horrores.

O perseguidor encontra o perseguido e a morte é saciada,
(silêncio)

Seu caminho é o da criação, criação pela Força Santa,
círculo que vem de Deus, volta para Deus
na embriaguez criadora.

O fraco será glorificado,

O Cordeiro não será mais sacrificado no altar.

Era preciso que houvesse guerra.

O cálice amargo já se enche.

Não temam!

Quanto mais ele contém o amargo,

Mais está cheio da Bebida Divina,

(1) *Lettres de Pierre*, vol III, pp. 112-113.

(2) *Les témoins de l'invisible*. Jean Prieur, op. cit, p 301.

(3) Raymond Ruyer, *La gnose de Princeton*. Fayard 1974.

Compreendamos bem. O Anjo não quer dizer que ama a guerra enquanto guerra, mas na medida em que ela preenche o vazio do mal. Nós temos tendência a considerar o efeito pela causa, ou, pelo menos, a ver apenas o efeito. Quando há guerra, na realidade é porque o mal está reinando no coração dos homens há muito tempo. Se o abscesso não fosse esvaziado, a infecção tomaria conta de todo o corpo. Seria ainda pior. Uma vez o abscesso formado, é preciso esvaziá-lo.

4. Nossa consciência constrói o universo

Não cabe fazer aqui uma comparação detalhada entre estas mensagens e estas experiências, por um lado, e as novas perspectivas da ciência de hoje, de outro. Lembremos apenas que numerosos são hoje os físicos que acreditam que uma certa forma de consciência e mesmo de liberdade está presente já nos níveis mais ínfimos da matéria. O homem não é mais o único junco pensante, como julgava Pascal. Alguns crêem até que a cada grupamento corresponde uma espécie de consciência superior. É a teoria dos "campos" desenvolvida na escola dita da gnose, de Princeton. À quase-consciência da partícula corresponderia uma quase-consciência globalizante no nível do átomo; depois, uma outra mais globalizante, no nível de molécula; depois, no nível do órgão; depois, no nível do corpo; depois... talvez, no nível de cada grande grupo como o dessas entidades", reflexos da consciência coletiva das grandes cidades ou de um país inteiro, como dizem numerosas mensagens do além.

Mas outras relações poderiam ser feitas e encontraríamos, novamente, convergência de todas estas mensagens com as ciências modernas e tradições religiosas.

Já mostrei, em obra anterior, (1) que toda uma grande tradição - na Bíblia, e depois nos grandes teólogos do Oriente cristão, em místicos do Ocidente, e, enfim, em vários teólogos contemporâneos - interpretava o Inferno, o Purgatório e o Paraíso como sendo, em última análise, o modo como cada um sentiria Deus, tendo antes recusado ou aceitado amar como Deus. Deus seria, ao mesmo tempo, Inferno, Purgatório e Paraíso para cada um, segundo o nível espiritual que tivesse atingido.

Uma outra grande corrente religiosa, mais conhecida, insistia fortemente na descrição de quantidades de provações que nos estariam

(1) *Deus e o Homem*, Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1955, pp. 255-270.



destinadas se não nos comportássemos de forma conveniente. A iconografia cristã, sobretudo no Ocidente, é particularmente rica nesta área.

Ora, parece-me que todas estas narrativas ou testemunhos que acabamos de ver (e outras que virão nos capítulos seguintes), por um lado, e várias hipóteses científicas “de ponta”, de outro, podem ajudar-nos a perceber a síntese das duas correntes. Com efeito, um bom número de cientistas começa a conceber que, sob os fenômenos físicos ou psíquicos, encontra-se uma espécie de campo de forças não diferenciado, de onde surgem - numa espécie de interação contínua - formas e consciências. O Deus da Bíblia, já no Antigo Testamento, e depois no Novo, e em toda a tradição cristã oriental, ou nos místicos do Ocidente (ao contrário daquele da escolástica medieval latina), é essencialmente dinâmico. Ele lança, sem parar, energias que produzem e mantêm este campo de forças. Nossa consciência, reagindo neste campo de forças, molda-o segundo suas angústias, seus desejos, seus ódios. Aquele que se fecha para o amor, fonte de todas as energias, encontra-se nas trevas, entregue a seus pesadelos. Aquele que se abre para o Amor encontra-se na luz, transfigurado por estas energias, “*De glória em glória*”, como diz São Paulo, até tornar-se Deus em Deus, Deus por participação, como aparece em toda a tradição mística.

O Anjo diz isto, à sua maneira, nos célebres Diálogos:

“A LUZ é a mesma que a luz.
Apenas a intensidade é diferente”.(1)

A religião dos antigos egípcios e de tantos outros povos não eram assim tão absurda. O símbolo é ainda mais profundo do que normalmente se imagina, faz nascer o Salvador Deus na noite mais interminável do ano, no momento em que a luz vai, novamente, começar a aumentar.

Compreender-se-á melhor, também, a partir de tudo que precede, a que ponto nós forjamos, nós mesmos, nosso além - se não para a eternidade, pelo menos nas primeiras etapas:

“*O Reino de Deus está dentro de nós*” (São Lucas, capítulo 17, versículo 21).

Os chamamentos à conversão não são, portanto, uma forma de
(1) op. cit, p. 40.

pregar a moral, mas servem para tornar-nos atentos às leis da evolução. Roland de Jouvenel adverte-nos:

“Todos os caminhos de purificação que os seres ainda não tiverem percorrido aqui na terra, serão percorridos em sua vida futura. Não é uma lei severa contra a espécie humana. Não, é simplesmente uma necessidade”.(1)

Esta “necessidade” poderia, entretanto, parecer injusta quando sabemos a que ponto dependemos das circunstâncias, não somente para nossas oportunidades materiais e sociais, mas também, e mais ainda, talvez, para a formação de nossa personalidade. É preciso, portanto, repetir aqui o que nos afirmam sem cessar todos os grandes mensageiros: apenas podem nos atrasar em nosso desenvolvimento espiritual, no além as faltas que tivermos cometido com plena responsabilidade e com obstinação, “pois qualquer outro impedimento desaparecerá em nome da justiça divina”.(2)

Mesmo levando em conta este aspecto capital que altera toda a questão, muitos, apesar de tudo, serão levados a acreditar que, se Deus nos tivesse criado melhores, nós só poderíamos fazer o bem, ou quase, e que, assim, não haveria mais problemas.

Isto seria pensar que um autômato pode fazer o bem, que um autômato poderia amar. Mas nós vemos na ficção científica que quando um autômato começa a amar... é porque deixou de ser um autômato. A partir daí, ele pode também odiar e fazer o mal. Os andróides, dividindo conosco nossa grandeza, começam a dividir também nossas fraquezas.

Os verdadeiros robôs não podem amar. E também não podem conhecer a felicidade.^{1 2}

(1) Au diapason du Ciel, p 99.

(2) *Lettres de Pierre*, vol. IV, p. 221.

VII

O EXÍLIO NOS MUNDOS DA INFELICIDADE

1. Nas trevas exteriores

Tudo acontece, então, a cada instante, tendo Deus ao fundo, tendo ao fundo o ouro dos ícones que, aliás, tecnicamente, chama-se “a luz”. E a cada instante forma-se o mundo, pela interação entre nossa consciência e este fundo, este campo de forças, produzido e penetrado por Deus. A influência de nossa consciência é, em cada nível, coletiva. É a soma dos eflúvios de todas as consciências humanas, além do tempo e do espaço, que dá ao mundo sua forma atual, com as nuances possíveis segundo as épocas ou as regiões. Aliás, o espaço e o tempo, tal como nós os sentimos, são produzidos pela interação desta consciência coletiva e deste campo de forças.

Mas também no além, nos numerosos países do além-morte, cada nível de existência é a resultante desta interação, segundo os diferentes níveis atingidos pelas consciências daqueles que se reúnem, seja por afinidade, seja por proximidade espiritual. As projeções de uns e de outros encontram-se, então, e dão origem à emergência de um novo mundo comum, próprio a este grupo.

Cada um destes mundos, cada uma destas numerosas “moradas” será mais ou menos transfigurado pela Luz, segundo o nível espiritual de cada uma destas consciências coletivas.

Mas há, inicialmente, o nível daqueles que sequer vêem a luz. Perdendo-a, parecem perder contato, também, com os outros homens. Quem se afasta de Deus afasta-se de seus irmãos. (Como sempre, trata-se, aqui, de afastamento voluntário).

OS PERDIDOS PODEM SER SALVOS?

De acordo com esta lei natural (segundo a qual cada um cria, por projeção, seu próprio ambiente), quem não crê em nada, quem só crê

no nada, encontra-se no nada. Nesta terra, estes infelizes gozariam, sem saber, do nível de consciência coletiva. Entregues a si mesmos, deixados no nível espiritual que lhes é próprio, encontram-se na escuridão e na solidão. O pior é que, neste momento, são até mesmo incapazes de perceber a presença de mortos que os amaram e que vêm ajudá-los. Eis um primeiro exemplo, extraído da obra de Jean Prieur:(1)

"Alexandra observa, em uma loja de antiguidades da rua do Bac, uma pequena cruz de chumbo, esculpida a canivete e incrustada de minúsculos pedaços de vidro. Pega-a, gira-a e vê gravadas, também a canivete, três datas: 1916-1917-1918. Ela percebe, então, que a cruz, tão rude, foi fabricada com balas derretidas por um soldado daquela época".

Ela compra a cruz sem ousar usá-la. Inicialmente, coloca-a em uma gaveta, e somente quatro anos depois, com certa vergonha, deposita-a sobre um móvel, em um lugar de destaque. Dois ou três dias depois, sente-se mal. Finalmente, "certa manhã, ao despertar, toma consciência de uma presença desesperada perto dela:

"Era uma massa de tristeza e abatimento que se deslocava pelo quarto. Havia alguém ali, alguém que eu sentia perfeitamente, sem poder ver".

Um diálogo telepático teve início, então, entre Alexandra e a presença:

Quem é você?

- Fui eu quem esculpiu a cruz. Eu morri na guerra de 14-18. Eu estou sozinho... eu estou sozinho...
- Mas, no seu mundo, ninguém está sozinho.
- Eu estou lhe dizendo que não vejo ninguém".

Alexandra fica perturbada com esta revelação:

Como? Depois de tantos anos? Você ainda não encontrou o seu caminho?

(1) *Les morts ont donné signe de vie*, op. cit, pp. 169-172.

Durante todo o dia Alexandra, cristã ortodoxa fervorosa, rezou por ele, apesar de seu trabalho. À noite, o diálogo é retomado:

“Você não pode permanecer sozinho por mais tempo. Chame seu anjo da guarda!

- Eu não conheço o meu anjo da guarda.
- Eu vou pedir ao meu e ao seu para que cuidem de você”.

Após cinco minutos de prece... ela vê, enfim, um braço e u'a mão feitos de luz e ouve:

- Eu vim buscá-lo. Eu também morri na guerra de 14 e sou encarregado de receber os camaradas”.

No início, o infeliz nada enxerga. Alexandra continua a lutar em oração. Depois, ela sente que numerosas entidades vêm, do além, ao encontro do retardatário. Ela sente quando ele “sobe” com seus camaradas rumo a zonas misteriosas para onde todos nós iremos brevemente. Foi um grande alívio para Alexandra e a paz foi encontrada.

Parece, aliás, que nas E.F.M. pode-se ver estes mortos perdidos. O doutor Moody cita vários testemunhos que fazem menção a este facto.(1) Os que escaparam da morte, frequentemente, em dado momento de sua aventura encontram estes seres que nos são descritos como “presos em armadilhas”, “inaptos para progredir no além pois seu Deus continua morando do outro lado”, “espíritos embrutecidos”, “tristes, deprimidos, arrastando os chinelos como forçados acorrentados... seres absolutamente esmagados, sem esperança, que não sabem o que fazer, nem onde ir, nem quem eram, nada”. Parecem não ter consciência de nada, nem do mundo físico, nem do mundo espiritual...”. “Eles não me viam, não me davam qualquer sinal de que tivessem consciência de minha presença...”.

É por isto que os mortos mais evoluídos não podem sequer ajudá-los. Estes infelizes, prisioneiros de si mesmos, não percebem os outros, nem pela audição, nem pela visão. Parece que muitas vezes nós estamos mais bem situados, nós que ainda vivemos na carne, para poder ajudá-los. Mas também não é nada fácil.

Muitos deles podem estar assim bloqueados pela lembrança de u'a morte horrenda, explica-nos Harold Sherman,(2) ou por um arrependi-

(1) *Lumières nouvelles sur la Vie après la vie*, op. cit, pp. 54-59.

(2) *The dead are alive*, op. cit, pp. 119 122, 123-127.

mento intenso, por um remorso,(1) ou apenas pelo fato de não terem acreditado na sobrevivência,(2) Nós vimos que o infeliz soldado, libertado pela intervenção de Alexandra, não era totalmente desprovido de fé, pois havia fabricado uma pobre cruz de chumbo com as balas derretidas. Mas ele, certamente, não teve fé suficiente. Ele deve não ter rezado. Entretanto, ele sabia que havia morrido... mas não acreditou, com certeza, que a vida podia de fato continuar.

Harold Sherman conta-nos a respeito de uma curiosa forma de auxiliar os falecidos retardatários, ainda presos à terra:

A.J. Plimpton era um homem desesperado, após a morte de sua mulher. Para evitar o pior, tentou comunicar-se com ela por intermédio de um gravador. E acabou conseguindo contactá-la. Mas obteve, também, uma quantidade de outras vozes que pediam-lhe ajuda. Isto era um sofrimento para ele, sobretudo porque, após algum tempo, podia ouvir os falecidos diretamente, por telepatia, sem precisar mais passar através de um aparelho.

Um dia, em que se sentia especialmente oprimido por todos aqueles chamados aos quais não sabia bem como responder, rezou interiormente, intensamente, para obter alguma resposta do além. "Para sua surpresa, uma voz grave e pausada respondeu-lhe:

“Estas pessoas precisam que se lhes dê uma direção para que se libertem das condições em que se encontram. Diga a elas que repitam com você: ‘Eu quero deixar esta região sombria e lúgubre para atingir a 25ª dimensão que é quente, alegre, luminosa e bela, onde amigos e seres queridos me esperam para me acolher.

“Disseram-me, continua A.J. Plimpton, que o que se chama de Primeiro Nível comporta vinte e cinco dimensões; e que estes retardatários encontram-se, atualmente, no décimo-sexto. Eles podem atingir o vigésimo-quinto sem auxílio de um guia?

Eu sugiro, respondeu a voz, que você peça a seu sobrinho Jason (já falecido) para levar consigo aqueles que quiserem.

Pode me dizer quem é você?, perguntou A.J. Plimpton.

Não é necessário, respondeu a voz. Você tem a resposta”.

A continuação da narrativa faz-nos saber como Amour J. Plimpton, na terra, com a ajuda de sua mulher e de seu sobrinho, no além, pôde ajudar, assim, centenas, milhares de falecidos a falecer um pouco^{1 2}

(1) *ibid.*, pp. 135-140.

(2) *ibid.*, pp. 29-31.

mais - por assim dizer: das primeiras camadas do além rumo a zonas mais serenas.(1)

A DOENÇA MENTAL COMO POSSESSÃO: AS DESCOBERTAS DO DOUTOR CARL WICKLAND.

O doutor Carl Wickland, médico psiquiatra americano (1862-1937) fez, no início de nosso século, mais ou menos a mesma descoberta referente aos mortos retardatários. Mas foi levado pelas circunstâncias e, com a ajuda do além, estabeleceu um outro processo para libertá-los.

Trata-se de uma história absolutamente fantástica que deveria ter provocado uma revolução considerável em todos os métodos psiquiátricos desde que adaptada, modificada, diversificada. Mas seria necessário, para tanto, que se admitisse a sobrevivência após a morte e até a possibilidade de uma comunicação entre o mundo visível e o nosso. Para o materialismo extremamente limitado de vários cientistas (também eles um tanto retardatários), seria pedir muito. O obscurantismo científico, nós sabemos, não fica nada a dever ao obscurantismo religioso.

Quando o jovem Carl Wickland estava iniciando seus estudos de medicina, realizou a dissecação de uma perna que havia pertencido a um homem de aproximadamente sessenta anos.

Por volta das cinco horas da tarde, voltou para sua casa. Mal acabara de entrar quando sua mulher sentiu-se mal. Ela dizia estar sentindo -se estranha, e balançava como se fosse cair. Carl colocou uma mão em seu ombro, mas ela empertigou-se tomada por uma entidade. Ela fez um gesto ameaçador e gritou: “O que lhe deu na cabeça para me cortar assim?”. Eu respondi, conta Carl Wickland, que não tinha consciência de ter cortado nada, mas o espírito continuou, colérico: “Mas é claro que sim! você cortou minha perna!” Foi então que o jovem estudante de medicina compreendeu que o espírito do homem em questão o havia seguido até sua casa e se apossara de sua mulher. Ele então acomodou sua esposa em uma poltrona e iniciou uma conversa. Mas o espírito estava furioso e protestava por ter sido manipulado. Carl fê-lo ver que tinha o direito de tocar em sua mulher. “Sua mulher? De quem você está falando? Eu não sou sua mulher. Eu sou um homem!”

(1) Harold Sherman. op. cit. pp. 28-31.

Foi assim que Carl Wickland descobriu mais uma coisa importante: os espíritos dos falecidos infelizes podem apossar-se de nós sem qualquer má intenção. E mais: até mesmo sem perceber!

O espírito acabou aceitando a situação e retirou-se sem criar caso. Mas o mesmo fenômeno aconteceu, mais uma vez, com o espírito de um negro. Carl tentava inutilmente mostrar a ele que o corpo no qual se encontrava não poderia ser o seu, pois este corpo tinha as mãos brancas. O espírito do negro respondia que isso era normal, já que ele trabalhava com cal. Caiar era sua profissão!(1)

Os espíritos evoluídos do além propuseram a Carl e a sua mulher ajudá-los a libertar os mortos presos à terra. Tratava-se, aliás, de uma dupla libertação, pois muitos destes espíritos retardatários tomam conta dos vivos sem saber, provocando-lhes os maiores problemas, levando-os, com frequência, aos hospitais psiquiátricos e hospícios.

A mulher de Carl era médium. A operação consistia no seguinte: fazer com que o espírito retardatário deixasse o corpo do doente mental e, com a ajuda de espíritos evoluídos, se incorporasse no corpo de sua mulher. O diálogo direto tomava-se então possível entre Carl Wickland e o espírito retardatário, graças ao médium. Várias sessões eram, às vezes, necessárias. O médico psiquiatra observou logo que os espíritos que nos obsecam ou nos possuem sentem, bem mais fortemente que nós, as dores de nosso corpo. Ele aproveitou para montar um aparelho bem simples que enviava ao doente mental pequenas descargas elétricas totalmente inofensivas e indolores para ele, mas intoleráveis para o espírito parasita que o possuía - Ele trabalhou assim, com a colaboração de sua mulher e do além, durante mais de trinta anos, tratando de várias centenas, ou talvez milhares, de casos - libertando, a cada vez e ao mesmo tempo, um morto infeliz e um vivo também infeliz. Ele adquiriu, assim, através de uma longa experiência, a convicção de que a maioria das doenças mentais são devidas, na realidade, a uma possessão. Ele conheceu, como no Evangelho, casos onde vários espíritos de mortos possuíam a mesma pessoa.

Em uma obra inédita (não publicada ainda devido ao mesmo obscurantismo científico), mas da qual recebi um exemplar datilografado, o Professor W. Schiebeler conta como utiliza um método bastante se-

(1) Carl Wickland. *Thirty years among the dead*, obra publicada pelo Instituto Nacional de Psicologia de Los Angeles, em 1924 Tradução alemã citada: *Dreissig Jahre unter den Toten*. Otto Reichl Verlag. Remagen 1957. pp. 44-45.

melhante em um grupo de oração formado por vários médiuns. Ele não recorre ao pequeno aparelho do doutor Wickland, infinitamente menos doloroso que os horríveis eletrochoques praticados por tanto tempo, e que o Largactyl que provocava angústias terríveis. Numerosos “doentes”, que retomaram sua vida normal, apodreceriam - sem sua ajuda - em um hospital psiquiátrico, prostrados pelo efeito de tranquilizantes.

Mais uma vez verificamos que eram, pelo menos em parte, as pessoas da Idade Média, os feiticeiros da África, que tinham razão.

O doutor Wickland e o Professor Schiebeler trazem, ainda assim, alguma coisa nova e de capital importância ao destacarem que é insuficiente — como no ritual católico romano dos exorcismos - expulsar os maus espíritos, os demônios. Estes maus espíritos vão, em seguida, procurar uma outra vítima na qual investir. É preciso, ao contrário, iluminá-los e convertê-los, devolver-lhes a esperança na misericórdia, no Amor de Deus; convencê-los de que, mesmo para eles, tudo ainda é possível.

W. Schiebeler assinala pelo menos dois casos em que estes “maus espíritos” voltaram para dizer que haviam enfim compreendido e que haviam mudado de campo. Agora lutavam pela libertação dos homens, mortos e vivos, pelos espíritos retardatários (que se apossam com frequência, sem saber, dos corpos de carne), e por suas infelizes vítimas.

Mas com o testemunho do Professor Schiebeler já modificamos um pouco a abordagem, pois os espíritos por ele convertidos sabiam muito bem o que estavam fazendo. Eles declararam-se, no início, a serviço de Lúcifer e encarregados de perturbar o trabalho deste grupo de oração. Assim, a luta foi longa. Em um dos casos, durou três anos.(1)

Espontaneamente, talvez com um pouco menos de método e rigor, numerosos grupos de oração encontram, em vários locais, como nos primeiros tempos da Igreja, a força da oração.

"Esta espécie só pode sair através da prece" (São Marcos, IX, 29), dizia Cristo a seus discípulos.

Mesmo que eles não soubessem, esta prece podia servir, aliás, para libertar tanto o demônio quanto o possuído.

Mas, infelizmente, para algumas centenas, alguns milhares de espíritos libertados, milhões de “almas penadas” erram, sem parar.

(1) Werner Schiebeler, *Besessenheit und Exorcismus, Wahn oder Wirklichkeit*, Ravensburg 1985.

através do mundo, procurando restabelecer, a qualquer preço, o contato com o que perderam.

2. A revolta das “almas penadas”

Não darei muitos detalhes a este respeito pois seria preciso, para ser um pouco sério, escrever um livro inteiro. Aliás, livros há sobre o assunto, e muitos, e contentar-me-ei, algumas vezes, em referir-me a eles. Mas é indispensável falarmos disto. Nós vemos, com frequência, a ação de “maus” espíritos apenas sob o prisma dos viventes. Entretanto, não se deve esquecer que para os mortos também existem tais fenômenos, embora os mesmos vejam as coisas sob outro ângulo. Este é, por vezes, um tempo importante de sua evolução, um período crucial, em que vão viver a triste experiência do impasse total que representam o ódio e o egoísmo. Somente então, durante esta prova, tão dolorosa para eles quanto para o possuído, poderão retomar o caminho estreito e longo da conversão.

OS COMPONENTES DO MAL

Seria preciso, aliás, pelo menos teoricamente, poder distinguir vários componentes entre as forças do mal. Os espíritos (com um corpo espiritual, evidentemente) dos falecidos, cuja vida foi fortemente contrária à lei universal do amor. As acumulações de energia, produzidas por seus maus pensamentos e maus desejos, antes da morte ou mesmo após. Provavelmente, da mesma forma, entidades falecidas mas provenientes de outros mundos, de outros planetas. Enfim, os seres que nunca encarnaram, nem em nosso mundo nem em qualquer outro, aqueles chamados, tradicionalmente, de “anjos”, entre os quais, parece, alguns fascinados por sua própria beleza a ponto de permanecerem prisioneiros de si mesmos, no ódio de Deus e dos outros.

Na prática, evidentemente, esta distinção não será de forma alguma possível e é, aliás, sem grande importância.

Eis, de início, uma narrativa que confirma totalmente as afirmações do doutor Wickland. Trata-se de um episódio da extraordinária aventura vivida por George Ritchie por ocasião de uma, E.F.M.. Lembremo-nos que este jovem soldado americano, desincorporado após forte ataque de febre, foi levado em uma espécie de fantástica viagem de iniciação pelo Ser de luz que era, para ele, sem qualquer sombra de

dúvida, o próprio Filho de Deus. Ora, eles sobrevoam juntos uma cidade da América e, em certo momento, o Ser de Luz o faz entrar em um bar imundo:

“Uma multidão enorme, com muitos marinheiros, estava formada em três fileiras junto ao balcão, enquanto outros espremiavam-se nos compartimentos instalados ao longo da parede. Alguns bebiam cerveja, mas a maioria bebia muito whisky tão rápido quanto rápidos pudessem ser os dois suados garçons.

Eu observei, então, uma coisa chocante. Um certo número de homens, junto ao balcão, parecia incapaz de levar a bebida aos lábios. Eu os via tentar agarrar seus copos, mas suas mãos passavam através do espesso balcão de madeira, através dos braços e corpos dos beberrões que os cercavam.

Estes homens não tinham a auréola de luz que circundava os demais.

O casulo de luz parecia, então, um atributo apenas do corpo físico.”

Isto confirma que existem vários tipos de aura.(1) O doutor Wickland explica que, na noite dos espíritos, os que estão perdidos percebem esta luz e ela os atrai.(2)

A continuação da narrativa de Georges Ritchie conta-nos ao vivo!

“Vi um jovem marinheiro cambaleante levantar-se de um tamborete, dar dois ou três passos antes de cair ao chão. Dois dos seus companheiros abaixaram-se e começaram a afastá-lo da aglomeração.

Mas não era bem aquilo que eu via. Eu estava vendo com estupefação, abrir-se o casulo luminoso em torno do marinheiro inconsciente. Começava abrindo-se no alto de sua cabeça descobrindo todo seu rosto e seus ombros. De repente, mais rápido do que eu jamais vira alguém se mover, um daqueles seres desencarnados, que estava por perto, já estava em cima do rapaz!... No segundo seguinte - eu não compreendia mais nada - a forma havia desaparecido... Durante um minuto, eu vira, distintamente,

(1) Jean Prieur, *L'aura et le corps immortel*, Sorlot, Lanore 1983.

(2) *op. cit.* p. 32.

dois indivíduos; mas quando eles largaram o marinheiro perto da parede havia apenas um.”

Nosso viajante fantástico tomou a assistir, por mais duas vezes, a mesma cena.(1)

O doutor Wickland adverte-nos, com sua experiência de mais de trinta anos, que a pureza de vida ou a inteligência não nos protegem contra tal tipo de desventura. A mediunidade latente, o esgotamento nervoso, os choques psicológicos, e até simples problemas físicos, que enfraquecem a resistência do organismo em geral, podem favorecer tal situação.(2)

A receita é, pois, bem simples; nunca fiquem doentes!

Mas seria ainda necessário acrescentar outras recomendações. Sobre tudo no que se refere a todas as formas de comunicação com o além!

Atenção, pois estamos pisando em um terreno muito delicado. As soluções simplistas são as mais fáceis: negar qualquer perigo, de forma global, ou ver fraude ou ação do diabo em tudo.

A INCOMPREENSÃO DA IGREJA

O melhor meio de colocar “o rebanho” dos fiéis ao abrigo dos falsos místicos é através da negação de todo o movimento místico. O melhor meio de evitar a presença de “malucos” no seio dos movimentos carismáticos é através da supressão paulatina destes mesmos movimentos, ou pela tentativa de recuperá-los, o que dá no mesmo.

Foi assim que vimos a hierarquia católica romana conseguir pôr fim, pouco a pouco, às correntes místicas da Europa do Norte, nos séculos XIII e XIV; depois, na Espanha, no século XVI; e, por fim, na França, no século XVII, com a condenação de Fenelon. Isto provocou a desertificação espiritual assustadora que hoje vivemos. E isto explica, por sua vez, os movimentos carismáticos. Quando Deus não pode passar pela sua Igreja, Ele a contorna!

Mas é verdade que a busca de Deus pode facilmente sofrer desvios, e os tem sofrido com frequência, com muita frequência. O papel da Igreja seria o de indicar o perigo e o de fornecer, tanto quanto

(1) Georges Ritchie, op cit, pp. 80-82.

(2) op cit, p. 22



possível, critérios necessários para que as almas sinceras, ao menos elas, evitassem ser desviadas. A Igreja tem feito isto com certa regularidade. Mas a tentação de arrancar todas as plantas para extirpar o joio sempre aparece. Este não é, entretanto, o método aconselhado pelo Evangelho.

O mesmo acontece, na minha opinião, com tudo o que diz respeito às comunicações com o além, ou de modo geral, ao estudo dos fenômenos “paranormais” ou “parapsicológicos”.

Tudo isto, é verdade, pode conduzir a verdadeiras catástrofes, sobretudo para pessoas de frágil equilíbrio psicológico que, muitas vezes, são especialmente atraídas por tal gênero de experiências. Igualmente para pessoas de pouca vida espiritual, ou para aquelas movidas por simples e vã curiosidade, muito superficiais ou demasiadamente interessadas. Inversamente, estes fenômenos podem ser benéficos sobretudo, ao que parece, para aqueles que não tentam provocá-los.

É o que acontece, por exemplo, com a mesa ou tábua ouija que pode ter várias formas: em uma prancha de dimensões bastante grandes são dispostas as letras do alfabeto, os algarismos de 0 a 9 e as palavras “sim” e “não”, além de alguns sinais de pontuação. Uma segunda prancha, de dimensões reduzidas, com rodinhas, ou um copo emborcado, é colocado sobre a prancha maior. Duas ou três pessoas pousam levemente um dedo sobre a tabuinha ou sobre o copo que, desta forma, desloca-se de letra em letra, formando textos.

Nos Estados Unidos, o casal Ed e Lorraine Warren está convencido de que a tábua ouija conduz, quase sempre, à possessão diabólica. Eles consagram, pois, há vários anos, suas atividades ao auxílio de pessoas possuídas. Eles trabalharam para padres e para a polícia.(1) Ed Warren é um demonólogo católico de grande reputação. Mas, na mesma obra, um outro especialista expressa uma opinião bem mais matizada. Barbara Honegger trabalhou por muito tempo para a polícia da Casa Branca, em Washington. Em seguida, realizou estudos de parapsicologia experimental na Universidade John F. Kennedy, em Orinda, na Califórnia, onde obteve seu diploma em 1981. Ela diz que nós podemos assim, através da mesa ouija, entrar em comunicação com falecidos, sobretudo com os espíritos retardatários do baixo astral, e que podemos ajudá-los a evoluir. Ela considera que isto pode tornar-se uma espécie de missão. Mag indica as precauções que devem ser tomadas. (2)

(1) Stoker Hunt. "*OUIJA, the most dangerous game*" Harper and Row 1985. pp. 69-78.

(2) *ibid*, pp. 132-138

A escrita automática, da qual já falamos bastante, também pode assumir formas inquietantes. Inicialmente, formas espetaculares: pode ser realizada totalmente ao contrário ou invertendo-se apenas uma palavra em cada duas; pode atingir velocidades inacreditáveis, e certas pessoas podem escrever até com as duas mãos, ao mesmo tempo, dois textos diferentes.(1) Pior (ou “melhor”, para quem gosta de coisas fantásticas) ainda: assim como ocorre na mesa ouija, onde a tabuinha ou o copo podem continuar a indicar as letras mesmo depois de largados,(2) na escrita automática o lápis pode, às vezes, continuar a escrever sozinho, sem que seja segurado. A isto dá-se o nome de “escrita direta”.(3)

O mais grave é que a escrita automática, como toda comunicação com o além, pode levar à possessão. Jean Prieur cita um exemplo desta natureza. (4) Mais recentemente ainda, um correspondente do grupo de Transcomunicação de Luxemburgo contava, entre outras, a história de uma jovem estudante que, ao fazer seus deveres de casa, constatou, surpresa, que sua letra mudava; e que, em meio ao que ela própria estava escrevendo, alguém dirigia-se a ela. Ao perguntar interiormente a identidade deste misterioso correspondente, este fez com que ela escrevesse que era seu pai. Como as respostas seguintes eram quase todas exatas, ela sentiu-se segura e não desconfiou que o espírito em questão estava apenas buscando as respostas em sua própria memória. Mas logo depois, quando quis parar de escrever, começou a ter dolorosas câimbras no braço que só paravam quando ela recomeçava a escrita. O espírito só a abandonava quando ela caía esgotada. Sua mãe pediu ajuda a um amigo que conhecia tais fenômenos. Ele pediu ao espírito, então, que escrevesse o Padre Nosso. Uma vez o texto terminado, o espírito agradeceu àqueles que o haviam reconduzido ao bom caminho, e a menina foi libertada.(5)

Como vemos, tanto por intermédio de um médium (como com o doutor Wickland ou com o professor Schiebeler), quanto em discussões por meio da mesa ouija (como com Barbara Honegger), ou ainda, pela escrita automática, encontramos esta dupla possibilidade: uma possessão grave ou uma conversão dos “maus” espíritos.

Mas o mesmo Jean Mohnen está errado ao pensar que, diferente-

(1) *ibid.* pp 16 e 130.

(2) *ibid.*, p. 149.

(3) Werner Schiebeler. *op. cit.*, p. 113.

(4) *Les morts on donné signe de vie.* *op cit.* pp 204-210.

(5) Jean Mohnen. no boletim do C.E.T.L. 1987. n° 4. p. 7.

mente de todos os outros métodos, a comunicação com os falecidos por meio de fita magnética é garantida e sem qualquer perigo. As vozes do além só podem ser gravadas, diz ele, “graças às energias cósmicas e encontram-se quase que 100% sob o controle de seres de luz”.(1) O *quase* parece-me um pouco otimista. Muitos dizem ter gravado grosserias que, sem dúvida, teriam escapado ao controle dos seres de luz. Mas houve também ameaças. E coisas mais graves ainda. Muitas vezes a gravação frequente e prolongada desenvolve os dons latentes de mediunidade. O gravador toma-se, então, pouco a pouco, inútil, pois a comunicação passa a ser feita por intermédio de uma espécie de telepatia muito forte, quando as vozes realmente são ouvidas. Chega-se a ouvir vozes que cantam. Sob pseudônimo, uma alemã, vítima destes espíritos, contou seu martírio. Ela terminou nas mãos de psiquiatras e só pode escapar, de uns e de outros, graças à oração. (2) A senhora Simonet indica um outro caso: o de um jovem alemão que se sente literalmente “perseguido por um bando” de maus espíritos. Mas também neste caso seria possível realizar uma espécie de ministério junto a estes falecidos retardatários.

Por todas estas razões, eu considero várias obras de “especialistas” eclesiásticos excessivamente negativas em relação a todos estes fenômenos. E verdade que o Abade Schindelholz assinala que, muitas vezes, as possessões ocorrem depois de se ter frequentado sessões espíritas ou de práticas de ocultismo. (3) Pode ser também que certos curandeiros ou radiestesistas estejam ligados à origem de certas possessões. Maurice Ray relata vários exemplos a respeito e refere-se a dossiês bem mais completos.(4) Mas poderíamos também, sem dúvida, suspeitar dos médicos e dos psicólogos. Ao contrário, existem curandeiros, magnetizadores e radiestesistas que são homens e mulheres de Deus. O Reverendo Padre Jean Jurion, radiestesista e, ao mesmo tempo, padre católico romano, conta como foi levado, por uma série de encontros com outros padres radiestesistas, humildes ou renomados, a descobrir sua dupla vocação. Ele cita, com facilidade, todas as passagens das Escrituras onde o Cristo realiza curas, O mesmo era feito, também, pelos apóstolos e por seus sucessores. (5)

(1) *ibid*, p. 9.

(2) Hildegard Gesbert, *Prüfet die Geister*, Viersen.

(3) *op. cit.* pp 95. 99- 100, 116.

(4) Maurice Ray, *L'occultisme à la lumière du Christ*. Ligue pour la lecture de la Bible, Lausanne 1982.

(5) R. P. Jean Jurion, *Journal d'un hors la loi. un prêtre parmiles guérisseurs*. 1976.

Portanto, recomenda-se prudência e discernimento, mas não a recusa absoluta.

Da mesma forma, não posso aceitar as reservas feitas pelo Padre Jean Vernetto a respeito de comunicações como as Cartas de Pierre, as obras de Roland de Jouvenel, ou as de Jean Prieur. Acho até que a crítica não é totalmente honesta. O autor fala como se não fossem justificadas as censuras feitas à Igreja, às vezes, por Jean Prieur, mas também por Pierre Monnier e por vários outros, por ela não crer o bastante na vida eterna, ou por apresentar, com muita frequência, uma visão ridícula a respeito. O Padre Jean acredita, ao contrário, que ler tais autores e “acreditar neles, afasta-nos pouco a pouco do cristianismo. Deus está estranhamente afastado deles, Jesus Salvador nunca aparece...”(1)

Jean Prieur indicou numerosos eclesiásticos, não poucos, que não tinham a mesma opinião. Quanto a mim, sendo também um pouco teólogo, devo confessar que seria mais através dos textos de Santo Agostinho ou de São Tomás de Aquino, sem falar de um grande número de outros “teólogos” contemporâneos, que eu teria podido perder a minha fé. Já foi visto, e veremos ainda mais, o quanto eu devo à leitura destes grandes *testemunhos do invisível*, como diz Jean Prieur.

Aliás, numerosos são os santos que realizaram curas e predisseram o futuro. Santa Anna-Maria Taigi (1769-1837) recebeu, diretamente de Cristo, o poder de curar como se fosse uma missão. Ela atuava, por vezes, pela imposição das mãos; mas, na maioria das vezes, indicava a verdadeira causa do mal e o remédio a ser tomado. São inumeráveis as curas sobre as quais temos o relato circunstanciado. Ela também recebeu um extraordinário dom de visão, que fazia empalidecer de inveja todos os gurus da Índia ou os lamas do Tibete. Ela via, constantemente, junto a si, uma espécie de bolha de luz, várias vezes mais brilhante que o sol, mas cuja luminosidade não feria a vista. A zona central formava um círculo contornado por uma coroa de espinhos. Nos raios, além do círculo, ela via o conjunto daquilo que desejava saber: passado, presente, futuro, para si mesma, para o Papa, Roma, ou para países mais longínquos. Tudo era mostrado em seus mínimos detalhes. O clero de Roma, com o Papa e os cardeais à frente, sem contar numerosos santos da época, não tinha, qualquer escrúpulo em consultá-la.

(1) Jean Vernetto. *Occultisme, Magie Envoûtements, Salvator* 1986, p. 89.

É verdade, também, que ela precisou enfrentar numerosas tentações diabólicas, ataques, balbúrdias, aparições de bestas fantásticas, tentações contra a castidade e contra a fé.(1)

A vida do Cura d’Ars, que curava e predizia, foi repleta de ataques demoníacos. Mais recentemente, temos como exemplo a vida de Madre Yvonne-Aimée de Malestroit.(2)

Parece-me, então, que não basta haver manifestações “satânicas” na vida de um curandeiro para que se possa deduzir que suas curas são contrárias à vontade de Deus. A mesma regra aplica-se aos videntes. Estes ataques podem ser, ao contrário, o sinal de que ele age a favor do Reino de Deus. Isto parece confirmado pelo fato que me foi assinalado pelo Padre René Chéneseau, padre católico que também praticava o exorcismo: entre as pessoas atacadas pelas forças do mal, muitos são homens e mulheres de fé, às vezes até profundamente dedicados a Deus, quase místicos. A santidade atrai as forças do mal. As vocações religiosas são, para elas, uma verdadeira provocação.

Como podemos ver, é muito difícil proteger-se de fato. O único recurso de que dispomos é a oração.

Devemos destacar, de qualquer forma, o perigo existente na busca dos poderes que tanto fascinam vários de nossos contemporâneos. Uma coisa é haver recebido de Deus certos poderes; outra coisa é tentar apoderar-se deles. Como sempre, é tudo uma questão de atitude interior.

Roland de Jouvenel insiste exatamente neste ponto, o que, para mim, não é um paradoxo:

“Seu espírito está perturbado, diz ele à sua mãe. Subitamente, você sente sobre seus ombros uma grande missão.

Eu não quero que você pratique o ocultismo. Eu não voltarei se você voltar a se perder em tais experiências. Tome cuidado, pois este campo está repleto de forças malditas. Fique nas zonas puras, na fé”.

(1) A respeito da vida desta simples mãe de família e pobre costureira, ver Albert Bessières, *La bienheureuse Anna-Maria Taigi*, Résiac 1977.

(2) René Laurentin, *Un amour extraordinaire: Yvonne-Aimée de Malestroit*. OEIL 1985. Ver também sua obra *Ecrits spirituels* e suas profecias em *Prédications*.

“Estou muito contente porque você, enfim, descobriu o verdadeiro sentido de minhas comunicações. Isto nada tem a ver com o ocultismo, nem diz respeito à vidência.”(1)

3. As etapas do retorno a Deus

Georges Ritchie, o jovem soldado americano que realizou uma extraordinária viagem fora de seu corpo, contemplou várias cenas que poderiam corresponder às primeiras etapas de uma espécie de Purgatório, embora o horror do espetáculo o tenha feito pensar no Inferno.

Nós já vimos este Purgatório dos bêbados, onde os falecidos tentavam em vão pegar os copos dos beberrões vivos. Mas nós ficamos interessados por um outro aspecto da cena, pelo modo como certos falecidos conseguem penetrar, por interiro, com seus corpos sutis, no corpo de carne dos marinheiros embriagados. Mas o outro aspecto é também interessante: o da frustração atroz que estes falecidos prepararam para si próprios durante a vida que levaram na terra.

Em um outro momento, Georges e o Ser de Luz vêm, sucessivamente, em diferentes casas, falecidos que seguem os vivos, de cômodo em cômodo, repetindo sempre a mesma frase, sem que ninguém os ouça: "Sinto muito, Papai. Eu não sabia o mal que aquilo iria causar a Mamãe...", "Sinto muito Nancy...". E a cada vez, Georges sente que tais palavras provocam no Ser de Luz uma imensa onda de compaixão. Então, Georges percebe, em seu interior, a explicação:

"São suicidas, agrilhoados a cada consequência do ato cometido".(2)

Mais adiante, aliás, Georges tem a impressão de encontrar-se bruscamente diante de:

"... um imenso campo de batalha, por todos os lados, pessoas que pareciam engajadas em combates mortais, torcendo-se, esmurrando-se, engalfinhando-se...". Era um corpo a corpo sem armas, “apenas um combate com mãos, pés e dentes. Ninguém parecia estar ferido. Não havia sangue, nem corpos estendidos pe-¹

(1) *Au diapason du Ciel* op. cit, pp. 43, 58.

(2) op. cit, pp. 78-79.

lo chão. O golpe final, que destruiria o adversário, deixava-o ileso, tal como antes... De forma que entrechocavam-se em frenesi, numa crise de raiva impotente.” O ódio em estado puro.

“Talvez mais hediondo ainda que as dentadas e os golpes que trocavam entre si eram os abusos sexuais, que muitos perpetravam em febril pantomina. Em tomo de nós, tentava-se cometer atos de perversão com os quais eu jamais sequer sonhara. Era impossível dizer se os gritos de frustração que chegavam a nós eram sons reais ou a expressão de pensamentos desesperados.”

E Georges compreende, assim, o mecanismo das cenas às quais assiste:

“O pensamento de cada um tomava-se imediatamente visível, mesmo as idéias mais fugazes ou involuntárias.”(1)

Georges percebe, também, progressivamente, a presença de seres luminosos e compreende que nem um só daqueles infelizes estava abandonado.

Robert Monroe parece também haver atravessado estas zonas de sofrimento, povoadas - provavelmente - como ele mesmo diz, ao mesmo tempo por vivos adormecidos, drogados e falecidos ainda pouco evoluídos:

“A motivação principal dos habitantes desta região é a liberação sexual em todas as suas formas.”(2)

Albert Pauchard diz (por escrita automática) que após a alegria da libertação e o prazer dos reencontros, cada um deve percorrer um certo percurso, bem diferente de um indivíduo para outro. Ele precisou descer por uma trilha solitária até uma região bem sombria, chegando a seu destino, foi curiosamente atacado por vespas que ameaçavam mordê-lo, mas sem conseguir. Uma *Voz de trovão* ecoou. Com o auxílio desta voz, e por intuição interior, compreendeu que as vespas eram as críticas, as irritações que havia vivido em sua vida sem tê-las afastado de seu espírito com a devida rapidez. Mas ele compreendia, ao mesmo tempo, que se houvesse alimentado tais pensamentos durante sua vida, as mesmas vespas agora tê-lo-iam verdadeiramente picado.^{1 2}

(1) op. cit. pp 86-87.

(2) op. cit, pp. 86-87.

Mais adiante, ele atravessa uma zona de desolador abandono: “Sob uma nuvem sombria e muito pesada que pairava sobre mim.” A voz interior disse-lhe, então: “Aqui estão todas as tuas depressões e teus desânimos sofridos passivamente! (1)

APÓS A MORTE, TUDO AINDA É POSSÍVEL

Graças a tais textos, e a vários outros que seria inútil citar, percebemos com clareza este processo de simbolização que, necessariamente, assumirá formas bem diversas, segundo cada caso. Ora, também neste campo cada um de nós é um caso particular.

O que fica evidente em tudo que nos é narrado, quaisquer que sejam as variantes, é a possibilidade de um progresso, de uma emenda, de uma transformação profunda, autorizada e até desejada como uma libertação.

Isto não ocorre apenas com os menos maus dentre os falecidos. Parece que a todos é proposta a possibilidade de arrependimento, de conversão, de retomo a Deus. E aí nos são descritas as zonas pestilenciais de angústia e de trevas onde vivem seres prostrados, fechados em sua solidão. Mas nem estes são abandonados. Os anjos ou os falecidos mais evoluídos “descem” até eles e tentam, incansavelmente, serem notados, despertar a atenção dos mais infelizes.

Neste ponto abandonamos o ensinamento habitual dos catecismos católicos romanos. Ninguém está definitivamente preso pela morte, contra ou a favor de Deus. Após a morte, tudo ainda é possível.

Mas se abandonamos assim os catecismos, reencontramos as Escrituras. São Pedro diz, com todas as letras, que Cristo, após sua morte:

“... foi pregar até aos espíritos em prisão aos que foram incrédulos outrora, quando Deus contempORIZAVA com eles, enquanto Noé construía a arca...” (São Pedro, Primeira Epístola, capítulo III, versículos 19-20).

Assim, portanto, Cristo foi *pregar* aos mortos que ainda eram incrédulos no momento de sua morte. Sua pregação não teria, evidentemente, qualquer sentido se não pudesse mais ter eficácia. A Descida do Cristo aos Infernos não consta do Credo de Nicéia-Constantinopla, mas

já é mencionada nos diferentes sínodos de 358-360. Por volta do ano MM), ela consta de um célebre texto, por muito tempo atribuído a Santo Atanásio; e finalmente fixa-se, por volta do ano 950, no *Símbolo dos Apóstolos*. Numerosos Concílios retomaram, em seguida, sua fórmula. Trata-se dos Infernos, e não do Inferno. O termo aqui não tem qualquer conotação de danação. Trata-se, simplesmente, de lugares “inferiores”, geralmente representados como estando situado sob a terra, como os túmulos. Entretanto, é preciso reconhecer, os teólogos - durante séculos - nunca levaram em conta este importante texto que a maioria dos cristãos repete diversas vezes ao longo de suas vidas. Ainda hoje ele causa embaraço a todos.

No entanto, os teólogos dos primeiros séculos tomavam-no ao pé da letra. Eles acreditavam que, no momento da morte, cada apóstolo havia feito o mesmo e, depois deles, todos os grandes santos. Ora, Pierre Monnier, em suas mensagens a sua mãe, confirma-nos:

“Nos 'Infernos', ainda há tempo de se converter e escapar do Inferno (neste caso, no sentido de danação). Até depois da morte, ‘o Evangelho é pregado aos culpados para arrancá-los do império do Mal, do Inferno’.”(1)

Mais adiante, Pierre Monnier é ainda mais explícito:

“Eu já expliquei-lhe isto. Quando Pedro, o apóstolo, fala da missão de seu Mestre espiritual *na morada dos mortos*, não se trata de um mito, como argumentam alguns teólogos - argumentação gratuita que confunde a fé. Trata-se da visão gloriosa da Misericórdia de Deus para com os pecadores. Como Jesus despi-do da carne, nós também - seus missionários celestes - vamos até nossos irmãos desolados ou culpados para ensinar-lhes o Evangelho...”(2)

O grande ícone de Páscoa, das Igrejas ortodoxas, não representa o Cristo saindo do túmulo, mas a Descida do Cristo aos Infernos, ou mais exatamente, ao “*Hades*”, o que evita qualquer confusão. Hades é o lugar dos mortos. O Cristo despreza as portas de Hades e arranca dos túmulos, tomando-os pela mão, Adão e Eva. Atrás deles, esperando sua ^{1 2}

(1) *Lettres de Pierre*, vol. IV, p. 423. Ver também *ibid*, p. 325.

(2) *Lettres de Pierre*, vol. VI, texto de 3 de setembro de 1930.

vez, uma multidão de personagens, entre os quais podemos reconhecer vários santos do Antigo Testamento. Mas não é proibido ver também, na multidão anônima, alguns daqueles que Cristo acabara de converter, por sua pregação, segundo a Epístola de São Pedro. Talvez possamos ver ali algumas figuras que representam a nós mesmos, na medida em que este encontro com o Cristo, no além, renova-se a cada morte, além do tempo e do espaço terrestres.

Pierre Monnier compreendeu assim este fato:

“Quando Cristo escapou, vivo, do túmulo, seu espírito liberto visitou as almas, em suas personalidades futuras: com efeito, perante o Cristo, todas as almas *estavam* presentes, pois o poder do tempo havia parado para Ele. Cristo olhou *cada uma* de nossas almas, e Seu olhar derramou sobre elas uma nova riqueza: o Amor...”(1)

(1) *Lettres de Pierre*, vol. II. p. 455. As palavras em itálico assim encontram-se no texto original.

VIII

A REENCARNAÇÃO: ÚLTIMA PROVAÇÃO DA ALMA INFELIZ

O que acontece, então, aos falecidos que mais recusaram o Amor? Pierre Monnier afirma-nos que Deus concede-lhes uma segunda oportunidade e permite-lhes voltar à terra. É a reencarnação.

Muitos outros mensageiros ou pseudo-mensageiros afirmam a mesma coisa, evidentemente. Mas isto não bastaria para convencer-me. Aceito esta teoria porque alguns daqueles que a sustentam inspiram-me, por diversas razões, uma confiança especial. Pierre Monnier não é o único, entre estes mensageiros de confiança, a afirmá-lo; mas é, talvez, entre aqueles em quem confio, o que parece estar mais bem informado sobre o fenômeno e o que aceita fornecer-nos maiores detalhes. Muitos outros dizem mais que ele, evidentemente, mas o problema é que não gozam de minha confiança.

Portanto, segundo ele: “efetivamente, a reencarnação ocorre, às vezes, com muito menor frequência do que imaginam alguns”.(1) Ela é “muitas vezes aconselhada como sendo o meio mais rápido de realização da evolução obrigatória para que se atinja a felicidade para a qual tendemos todos, e que só conheceremos na fusão com Deus”.(2) Entretanto, ela é, “por assim dizer, sempre facultativa”,(3) o que implica que, por vezes, não ocorra, o que é confirmado mais adiante: “trata-se de uma obrigação excepcional”.(4) Aliás, mesmo quando uma alma compreende que sua evolução poderia ser mais rápida se aceitasse reencarnar, muitas vezes renuncia a esta possibilidade para não quebrar o laço de amor para com aqueles que deixou sobre a terra. (5) a reen-

(1) *Lettres de Pierre*, vol. I. p. 144.

(2) *Lettres de Pierre*, vol. I. p. 205.

(3) *ibid*, vol. III. p. 26.

(4) *ibid*, vol. III, p. 439.

(5) *ibid*. vol. III, p. 26.

carnação ocorre, às vezes, em famílias inteiras, ou quase: os pais que arrastaram seus filhos em sua infelicidade, por seus erros, pedem para reparar a falha dando a luz, novamente, aos mesmos filhos, ou pelo menos àqueles que não souberam escapar de sua má influência. (1)

Alguns textos difíceis da Escritura, a respeito da predestinação, podem ser explicados por este fenômeno da reencarnação. (2)

Por fim, a reencarnação é frequente nos animais, particularmente nos cães. Há até mesmo casos bastante excepcionais "permitidos por Deus, em circunstâncias bem raras, e com um objetivo definido", onde um animal reencarna como ser humano. (3)

Portanto, baseado em tais mensageiros (e não somente em Pierre Monnier), creio que uma certa forma de reencarnação existe.

Ao contrário, não estou certo de que tenhamos obtido, até hoje, provas absolutas da existência do fenômeno. Mas creio nele, apesar disto, porém baseado no testemunho dos mensageiros, e não devido à existência destas "provas". E como creio, apesar de tudo, considero-me dispensado de discutir, caso a caso, o valor das chamadas "provas". Prefiro admitir logo de início, sem discussão, que em cada um destes casos encontramos um caso verdadeiro.

Os dois problemas que permanecem, entretanto, em discussão são os seguintes:

- Estes casos são verdadeiramente excepcionais como afirma, por exemplo, Pierre Monnier? Ou, ao contrário, é uma regra, para todos os homens, voltar à terra, até mesmo várias vezes, como afirmam outros mensageiros, sustentados por fortes correntes filosóficas e religiosas?

- Em que consiste, verdadeiramente, a reencarnação quando ela ocorre?

1. A reencarnação é apenas uma exceção

A forma de crença na reencarnação hoje mais difundida prega que, por ocasião da morte, um certo Eu profundo sobrevive e entra em um outro corpo para levar uma nova vida, enriquecendo-se, assim, de vidas em vidas, ou purificando-se de vidas em vidas; o esquecimento das vidas anteriores, a cada novo nascimento, não teria muita importância, pois, no além, nossa consciência recuperaria, a cada vez, as vidas anteriores e delas faria uma síntese.^{1 2 3}

(1) *ibid.* vol. II, p. 72-73.

(2) *ibid.* vol. I, p. 145.

(3) *ibid.* vol. II, p. 45.

NA TRADIÇÃO OCIDENTAL

Costumamos ouvir por todo lado, como sendo fatos definitivos, que os antigos Egípcios acreditavam na reencarnação, bem como os Judeus no Antigo Testamento, o Cristo e os primeiros cristãos; e a Igreja ensinou a mesma coisa até o século III ou VI). (Neste ponto os autores consultados divergem um pouco e vejo bem a razão).

Ora, eu não gostaria de magoar ninguém, não tenho a intenção de impedir que as pessoas acreditem já ter “tido” doze vidas, e que ainda voltarão à terra outras três vezes... Mas fatos são fatos, e quase tudo isto é falso! A doutrina da reencarnação é completamente desconhecida no Egito antigo. Os únicos casos que poderíamos invocar são os mitos de renovação da natureza, com Osíris. A reencarnação é igualmente ignorada na Suméria, Assíria e Babilônia. Os antigos hebreus também ignoravam-na. No Novo Testamento, os dois textos sempre mencionados são o da história do cego de nascença e o da espera da volta de Elias. Examinemos os dois rapidamente.

No primeiro caso, os discípulos do Cristo perguntam-lhe: “Rabi, quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?” A idéia de que o mal físico está ligado ao pecado é frequente no Antigo Testamento: “No caso dos doentes de nascença, alguns rabinos atribuíam a falta aos pais; outros, á própria criança, durante a gestação” (1) Não se discute se a idéia é interessante ou tola. Trata-se de saber se os Judeus, do tempo do Cristo, acreditavam na reencarnação. O conhecimento da literatura daquele tempo obriga-nos a dizer: não. Eles preferiam recorrer a esta estranha hipótese.

Quanto ao Cristo, ele não aproveita, de forma alguma, a oportunidade para revelar-lhes a reencarnação. Responde-lhes, simplesmente, que a questão está mal colocada: “Nem ele, nem seus pais”. Nada de vida anterior!

O outro caso, sempre citado, encontra-se nos diversos textos alusivos ao anúncio profético do retomo de Elias. (2) Mas isto significa esquecer que, para os Judeus, Elias jamais havia morrido. Ele havia sido levado ao céu, em uma carruagem de fogo, e todos esperavam que ele voltasse um dia, como quem volta de uma longa viagem, sem precisar renascer. Ou ainda, como esses personagens que, em numerosas ¹²

(1) Novo Testamento, edição T.O.B., a respeito de João. Capítulo 9, versículo 2.

(2) Malaquias, capítulo 3, versículo 23, retomado nos Evangelhos por Mateus 11.14; Marcos 9.11 e João 1.21.

lendas, despeitam após um século de sono. O Cristo tenta fazê-los compreender que Elias não voltará. Ele foi substituído por João Batista, mas como Mozart substituiu Bach...

No entanto, na Antiguidade grega, Pitágoras conta que Diógenes Laércio acreditava haver vivido várias vezes, chegando a citar os nomes que tivera em suas vidas anteriores. Platão mencionava a transmigração das almas como sendo uma crença popular.(1) O mito quase universal do Eterno Retomo envolvia uma certa forma de reencarnação.

No tempo do Cristo, a doutrina começava a nascer. Segundo Flávio Josefo, os Fariseus acreditavam em suplícios eternos, destinados aos maus, e na reencarnação, destinada aos bons. Mais tarde, na Cabala, a reencarnação ocuparia um lugar importante. Não se pode dizer mais nada além disto.

A Igreja jamais pregou a reencarnação como muitos pretendem. Alguns teólogos acreditaram no fato, o que é muito diferente. No século II, São Justino admitia diversas vidas na terra antes de se chegar ao Céu, sendo que os mais carnais poderiam reencarnar em animais. Clemente de Alexandria parece ter também acreditado. Ele fala de "metensomatôsis". literalmente, de transincorporação. Mas, como observa Geddes MacGregor, os primeiros cristãos só podiam crer em vidas anteriores na terra, não em vidas futuras, pois, para eles, este mundo logo desaparecería.

As correntes gnósticas acreditavam em reencarnação. Mas elas não são a Igreja. Todo seu ensinamento é profundamente diferente.

Orígenes parecer ter admitido uma sucessão de "eons", ou seja, uma sucessão de mundos, cada alma vivendo uma única vez em cada mundo. Isto não é necessariamente muito diferente da subida de cada alma de esfera em esfera. Os dois grandes santos Gregório, de Nissa e de Nazianzo, no século IV, conhecem esta teoria de vidas anteriores e a ela opõem-se abertamente.(2)

No entanto, geralmente admite-se que nenhum texto da Igreja condenou formalmente esta doutrina. Consequentemente, as pessoas podem aderir a ela, se assim o desejarem. (3)

(1) Retirei estes detalhes, como muitos outros, de Geddes MacGregor *Reincarnation in Christianity*. Wheaton, Estados Unidos 1978.

(2) Antoine Guillaumont, *Les Kephalaia gnostica d'Evagre le Pontique*. Ed. du Seuil 1962, p. 50, nota 12. onde podem ser encontradas citações e referências.

(3) MacGregor, op, cit. pp. 15 e 26. nota I.

NA TRADIÇÃO ORIENTAL

Os partidários, quase sempre ferrenhos, da teoria das encarnações numerosas e obrigatórias para todos, argumentam também que partilham da crença de centenas de milhões de homens, de grandes culturas, de muitos séculos.

A este respeito, é preciso saber que a reencarnação é desconhecida dos Vedas (1500 a 800 A.C.). Ela também não é ensinada por Buda. Alain Daniélou, um dos maiores especialistas em Índia antiga, acha que esta doutrina nasceu no Jainismo: “que transmitiu-a ao Budismo, depois ao Hinduísmo moderno.” A corrente shivaita teria, até hoje, permanecido refratária a ela.(1) A doutrina em questão já aparece, no entanto, com fortes variantes de uma para outra, em certas Upanishads (700 a 500 A.C.)

Lembramos ainda que Krishnamurti jamais acreditou em reencarnação. Enfim, para aqueles que fazem muita questão de mensagens de antigos adversários da reencarnação, agora falecidos e enfim convertidos a esta doutrina, observemos que, em sentido oposto, um espírito, que dizia ser o da senhora Blavatsky, manifestou-se para o doutor Carl Wickland para dizer-lhe que ela hoje reconhece seu erro e que a reencarnação não existe.(2)

SEGUNDO INFORMAÇÕES PARAPSICOLÓGICAS RECENTES

Quanto às vozes do além, recebidas em fita magnética, elas não estão em condições de solucionar o debate. A senhora Schäfer dizia-me, recentemente, que recebemos todos os tipos de opiniões. Desde: “claro, a reencarnação existe, todos passam por ela”, até: “mas é um absurdo, isto não existe!”, passando por: “não sei de nada”. Os outros meios de comunicação com o além não são mais unânimes.

Arthur Findlay, interrogando o médium John C. Sloan, com o qual trabalhou durante doze anos e que considerava como o melhor médium que já havia encontrado, tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos, chegou, naturalmente, à pergunta que nos preocupa: “Nós^{1 2}

(1) **Alain Daniélou.** *La fantaisie des Dieux et l'aventure humaine d'après la tradition Shivaïte*, Ed. du Rocher 1985. pp 124-125

(2) **Carl Wickland.** *op cit.* pp 432-433 **Afirmação confirmada/por um outro espírito, ibid, pp. 410 411.**

reencamamos na terra? “E obtive, então, do além - através do médiun em transe profundo - a seguinte resposta:

“Esta é uma pergunta à qual tenho dificuldade de responder. Não conheço ninguém a quem isto tenha acontecido. Cheguei aqui há vários anos e perto de mim há pessoas que viveram na terra há milhares de anos. É tudo que posso dizer-lhe. Não sei mais nada a respeito”.(1)

Albert Pauchard que, já na terra, acreditava fortemente em reencarnação, está - desde sua morte - cada vez mais convencido. No entanto, ele admite que no além, onde encontra-se agora, há: “espíritos muito superiores que não crêm de forma alguma e que ele não consegue convencer”(2).

As maneiras de imaginar as operações preparatórias para um retomo à terra são, aliás, bem diferentes de uma narrativa para outra, quer se trate de Georges Morranier ou de Albert Pauchard, em mensagens por escrita automática, ou em descrições psicodélicas relatadas por Anne e Daniel Meurois-Givaudan, de viagens que os mesmos teriam efetuado fora do corpo(3).

Nestas últimas narrativas, a influência da Índia é particularmente forte. Enquanto que, normalmente, outros regateiam um pouco e não nos prometem mais que dez ou doze vidas se formos particularmente maus, e não mais que sete se formos gentis, eles são categóricos:

“O ser humano não dispõe de uma única vida, mas de uma infinidade de vidas das quais deve tirar o melhor partido”(4).

Isto deveria servir, mesmo para os mais exigentes! Mas Swedenborg teria sorrido, pois ele não acredita de forma alguma em reencarnação.

EXPLICAR AS INJUSTIÇAS APARENTES DA EXISTÊNCIA

Um outro argumento volta sempre: uma vez admitida a hipótese da reencarnação, uma grande quantidade de mistérios da existência se explicam. As injustiças, que nos parecem às vezes tão revoltantes, en-

(1) Sessão de 4 de dezembro de 1923

(2) op. cit, pp. 234 e 144.

(3) *Terre d'Emeraude, témoignages d' outre-corps*, Ed Arista 1983. pp. 68-91.

(4) op. cit, p. 69.

contram um sentido. Começamos a perceber que Deus não é injusto, que o Destino não é cego, mas que cada um sofre, automaticamente, o efeito de seus próprios atos. Aquele que é pobre deve ter usado indevidamente sua riqueza na vida anterior. Aquele que é doente e sofre deve ter sido cruel...

Entretanto, não se trata verdadeiramente de punição, mas de transposição, para a terra, do mecanismo que acabamos de ver, mas no além. O sentido profundo desta lei do Karma é o de dar-nos oportunidade de praticar a virtude oposta ao vício no qual caímos na vida anterior. Trata-se de colocar-nos em condições otimizadas para que sejamos levados, se tivermos um pouco de boa vontade, a reconstruir em nós o que havia sido distorcido.

Toda esta construção intelectual apresenta, a seu favor, várias vantagens. Ela é facilmente compreendida. Ela, quase que imediatamente, toma o próprio sofrimento e o dos outros bem mais tolerável. Tudo se explica pelas causas, e ganha sentido para o futuro.

Infelizmente, como muitas construções intelectuais, esta parece um pouco simples quando começamos a confrontá-la, em detalhes, com a realidade.

Se de fato o sentido profundo deste mecanismo visa nossa progressão moral e espiritual, não pode ser tão simplista, pois as mesmas condições poderão mostrar-se favoráveis ou catastróficas para nossa evolução segundo cada tipo de personalidade. Alguns aprenderão, na pobreza, a se superar em generosidade cada vez maior. Outros, nas mesmas condições, tornar-se-ão egoístas, cada vez mais sórdidos. Isto já foi constatado, infelizmente, em campos de prisioneiros ou nos campos de concentração. Menos pobreza conviria mais a uns que a outros, pelo menos, talvez, no início.

Alguns, no deserto afetivo, na infelicidade, encontrarão o gatilho que os fará avançar rumo a uma caridade universal. Outros só poderão amar se tiverem, por sua vez, recebido um pouco de afeição. Mas estes últimos não são, intrinsecamente, menos generosos que os primeiros. Têm outra sensibilidade.

Podemos, evidentemente, admitir que esta adaptação necessária ocorre, de fato, embora sem que saibamos. Mas então, devemos reconhecer, o elo entre infelicidade e mau comportamento em uma vida anterior torna-se mais frágil. E, conseqüentemente, o valor explicativo e justificativo da teoria em relação às incríveis desigualdades que constatamos diariamente.

É preciso escolher. Ou a lei do Karma é aplicada de modo cego,

automático, e neste caso explica as aparentes injustiças da existência (embora seus danos possam ser terríveis); ou ela tem valor pedagógico, e não pode mais explicar estas mesmas injustiças (e o argumento que invocávamos em seu benefício cai por si só).

O ORIENTE JAMAIS CONCEBEU O KARMA COMO ABSOLUTO

É preciso que se diga, aliás, que nem na Índia, nem no Tibete, a lei do Karma foi concebida de forma tão absoluta.

No Bardo Thodol ensina-se, exatamente, como escapar, no momento da morte, do ciclo das reencarnações. Basta atingir a iluminação perfeita, e para isto é preciso, e basta, imaginar que todos os monstros que se vê são apenas projeções de nosso espírito. Como corremos o risco de ser apanhados desprevenidos, várias oportunidades nos são oferecidas.(1) Se conseguirmos, apesar de tudo que tivermos praticado, mesmo os piores crimes, não haverá reencarnação! Teremos escapado de nosso Karma.

Mas nossos amigos tibetanos descobriram um outro método..., o rito do *powa* que, ao que parece, faz maravilhas. Podemos utilizá-lo paralelamente à leitura do Bardo Thodol, junto do moribundo, ou mesmo em substituição a esta leitura. Como veremos, este método tem, ao menos, o mérito de ser sensivelmente mais rápido: é preciso gritar três vezes, junto ao moribundo, a sílaba “Hick”, mas em um tom especial. Depois disto, a exclamação: “Phat”, que precisa ser pronunciada como “peth”. Mas, cuidado: só pronunciem o “Path” depois dos “Hick” se vocês tiverem certeza de que “a morte é iminente e sem remédio, pois o Phat! depois do Hick! causa inevitavelmente a morte”. Portanto, sejam prudentes! Vocês estariam correndo os piores riscos. Este método provoca, infalivelmente”: “o lançamento do *namshés* (ou alma) para fora do crânio do moribundo, e a projeção repentina deste “namshés” no Paraíso da Grande Beatitude”.(2) Fim da encarnação! Fim do Karma! Tudo está resolvido. Mas, cuidado, é preciso aprender durante longos anos, com um Mestre qualificado, a lançar o Hick! com a intonação correta que lhe atribui sua eficácia... (as aulas não devem ser nada tristes!)^{1 2}

(1) op. cit, numerosas passagens, por exemplo: p. 113. nota I: p. 115: pp. 124-255; p. 117...

(2) Alexandra David-Néel, *Immortalité et réincarnation*, Ed. du Rocher 1978. p. 96.

Na Índia, Sankara ensinava uma técnica bem semelhante, onde encontramos esta saída pelo topo do crânio, como em numerosas narrativas de E.F.M.

Sankara é o grande Mestre da não-dualidade absoluta, o Advaita Vedanta, dos anos 700-750 de nossa era. Nessa técnica não há ajuda externa. A própria pessoa interessada deve praticá-la. Aqui está seu método:

“Há cento e um canais que saem do coração do homem. Um deles, chamado ‘sushumnâ’, dirige-se para cima, em direção da fissura parietal. No momento da morte, deve-se dominar o espírito e mantê-lo firmemente preso no coração. Através deste canal, que segue rumo ao alto, por intermédio do sol, atinge-se a imortalidade”.

E também nos é dito que este raio, que leva diretamente ao sol, brilha felizmente dia e noite.(1) Mais uma vez, livre do Karma!

Porém mais desorientador ainda, pelo menos para nós, ocidentais, são as crenças existentes na Índia, pátria do “Karma”, sobre aquilo que pode ser o nosso Karma. Ficamos sabendo, pela leitura dos textos, que bastou a uma salamandra beber, por acaso, um pouco da água que havia ficado estagnada nas pegadas de um grupo de “srivaishnava” para que ela reencarnasse como brâmane. Ao contrário, um brâmane, enganando-se quando da recitação de uma fórmula de sacrifício, pode voltar à terra como um demônio.(2)

Na célebre Bhagavad-Gita, ensina-se que o renascimento depende totalmente do último pensamento tido neste mundo. Desta forma, o pobre rei asceta Bharata perdeu todos os frutos de sua ascese, no último instante de vida, ao deixar-se fascinar por um filhote de corso que havia capturado. Ele renasceu como cervídeo, segundo o objeto de seu último olhar. A que tipo de coisas está preso o nosso destino!

Ramanuja (1017-1137), o grande Mestre da não-dualidade relativa, reagiria contra esta interpretação um tanto infantil da lei do Karma, explicando, ao comentar a Gita, que este último olhar ou este último pensamento dependem, por sua vez, de todos os olhares e de todos os pensamentos de toda a nossa existência. (3)^{1 2 3}

(1) Paul Martin-Dubost, *Çankara et le Vedanta*. Le Seuil 1973, pp. 65 e 79.

(2) Anne-Marie Esnoul. *Ramanuja et la mystique vishnouite*, Le Seuil 1974, pp. 70-72.

(3) *ibid*, p. 135.

Finalmente, para Ramanuja, nossa libertação do terrível ciclo das reencarnações sucessivas não depende totalmente da retidão de nossos atos, nem de nossos pensamentos, mas do amor gratuito de Deus, que pode apagar todas as nossas dívidas, e de nossa união com Deus no amor, da *bhakti*.(1)

Neste ponto, distanciamos-nos, sem dúvida, da lei do Karma, mas aproximamos-nos singularmente da tradição judaico-cristã.

Se mencionei estes aspectos, por vezes bastante secundários, de grandes tradições religiosas, não foi com o intuito de ridicularizá-las, o que é sempre muito fácil, mas para mostrar que esta lei do Karma, que hoje querem tomar lei absoluta, jamais foi compreendida assim nas tradições que recebemos.

A LEI DO KARMA MATA A PIEDADE

Uma outra dificuldade deste encadeamento rigoroso de causa e efeito entre as vidas anteriores e nosso estado presente, é a de que esta lógica implacável leva a pensar que todos os infelizes desta vida foram maus e ainda o são, pelo menos no momento de seu nascimento. Já que não se trata de fazê-los pagar o mal que fizeram, mas sim de fazer com que se corrijam, é preciso, de alguma maneira, ao menos no início de sua nova vida, que esta correção ainda não tenha sido realizada. Se uma criança nasce doente, é porque tem algo muito grave em si para reconstruir. As crianças que nascem com problemas são, necessariamente, segundo este sistema, pessoas más. Esta implicação parece-me inevitável. Ela está na própria lógica do sistema.

Acontece que é manifestamente falsa. Os fatos a contradizem.

A LEI DO KARMA PROÍBE A PIEDADE

Outra consequência lógica de tal mecanismo: se a lei do Karma não é uma punição, mas a consequência direta de nossos atos, criando, de uma vida para outra, condições mais favoráveis à nossa evolução, em que medida temos o direito de intervir para ajudar os outros a escapar do peso do seu Karma?

(1) *ibid.* pp. 121-122.

O problema é bem real e não podemos sair dele com um simples apelo do coração e uma reação de bom senso, como fez, por exemplo, Maguy Lebrun, segundo sua própria narração. Maguy Lebrun é uma mulher extraordinária que realizou, com seu marido, uma obra magnífica. Ela é magnetizadora, sob controle de médicos do além, através de seu marido, excelente médium. Nada há de diabólico em tudo isto, eu garanto. Mas algo de fantástico, sim! Sobretudo em relação ao universo mental do homem ocidental médio deste fim de século. Julguem vocês mesmos:

“Naquela noite, véspera de 1º de maio, conta ela, tínhamos ido deitar bastante cedo, por volta das 21 horas, logo após termos colocado as crianças na cama. Eu estava lendo um artigo de revista, particularmente interessante, e Daniel, meu marido, havia rapidamente adormecido a meu lado. Há alguns dias ele queixava-se de um cansaço pouco comum. Foi então que percebi sua agitação. Ele gemia em seu sono. Virei-me para ele para tentar acalmá-lo ou para tentar descobrir o que estava acontecendo. Ele então começou a falar com uma voz desconhecida, de timbre feminino: “Não tenha medo, Maguy - disse-me a voz com clareza. Não é o seu marido que fala, mas um guia espiritual que escolheu este meio para comunicar-se, por seu intermédio, com você. Seu marido é um poderoso médium e doravante recorrerei a ele para falar com você. Quero propor-lhe uma missão, que você tem liberdade de aceitar ou recusar”.(1)

Este foi o início de uma vida magnífica, de uma aventura extraordinária, repleta de amor. Maguy e Daniel, além de seus próprios filhos, adotaram várias crianças, educaram outras tantas, num total de aproximadamente quarenta jovens. O casal trata, alivia, cura ou consola milhares de pessoas, cria círculos de oração por toda a França e no exterior. Maguy Lebrun sempre associa sua prática de magnetismo à oração, e, sempre que possível, à oração em grupo. Também ela acredita na força criadora do pensamento!

Mas Maguy Lebrun e seus amigos acreditam firmemente na reencarnação e divulgam amplamente sua crença, vendo nela apenas as vantagens. Se admitirmos isto, muitos mistérios parecem ficar mais claros.

(1) Maguy Lebrun, *Médecins du ciel, médecins de la terre*, Robert Laffont 1987, P.23.

Um dia, em Bruxelas, após uma de suas conferências, um amigo iogue perguntou-lhe se temos o direito de aliviar o Karma de outras pessoas - tendo em vista sua importância terapêutica. Ao que ela respondeu: “Quando uma pessoa muito idosa carrega duas malas e tenta atravessar uma estrada de muito movimento, nós não a ajudamos?” Este é, sem dúvida, o apelo do coração. E ela acrescenta:

“Toda a caridade do Evangelho aí está. Jesus não veio pregar a caridade e não morreu para nos redimir?”.(1)

Este é, então, o bom senso! Mas o bom senso cristão.

Pois, na lógica do Karma, ninguém pode “redimir” ninguém. É a lei do “cada um por si”! Mas a pergunta do iogue não pode ser posta de lado tão rapidamente. Não é, com certeza, por acaso que os povos da Índia, tão profundamente religiosos, jamais produziram movimentos caritativos de peso. Isto porque as desigualdades e a infelicidade fazem parte, segundo este sistema, em larga escala, da ordem normal das coisas. Em relação aos que sofrem, o hinduísmo e o budismo prescrevem sobretudo a compaixão, pois a mesma é benéfica àquele que se compadece. Eles prescrevem, também, é verdade, a renúncia, que bastaria para reduzir, em muito, muitas infelicidades. Mas ainda aí, visa-se, essencialmente, a perfeição pessoal, não a assistência ao próximo. Isto não significa que os Indianos têm menos corações que nós do Ocidente. Acontece que toda a sua visão do mundo, que data de tempos imemoriais, conduz a um certo individualismo. Para eles, a mulher ou o marido amado serão chamados, inexoravelmente, em outras vidas a partilhar de outros amores. Todos os nossos encontros são passageiros. Para o Indiano, deles não resta sequer a lembrança, nem quando voltamos a este mundo, nem no outro, o da eternidade. A doutrina da reencarnação exclui a afirmação constante das Cartas de Pierre (*Lettres de Pierre*), segundo a qual Deus jamais separa aqueles que se amam.

Enquanto alguns, no Ocidente, deixam-se, pouco a pouco, convencer por esta doutrina, outros, no Oriente, descobrem, pouco a pouco, as perspectivas cristãs. Eis o que diz a respeito um daqueles a quem o Padre Maupilier chama de *Hindus cristãos* porque os mesmos se dizem simultaneamente fiéis às duas tradições:

(1) op. cit, p. 287.

“A liberação não está em nosso próprio poder. Nenhum ato (Karma), nenhum exercício espiritual, pode conquistá-la por nós...

Quando Deus veio em forma de homem, seu objetivo não era fútil. Ele veio trazer ao homem a libertação (mukti) das conseqüências do Karma. Deus fez todo o necessário para livrar o homem dos entraves do Karma, e para reintegrá-lo, reuni-lo com Ele nos laços do amor...”(1)

UMA SÓ VIDA NÃO PODE BASTAR PARA NOSSA EVOLUÇÃO

Este é um dos argumentos mais frequentes apresentados em favor da tese da reencarnação: uma só vida na terra é muito curta, muitíssimo dependente de felizes ou infelizes acasos, para que nossa eternidade assim possa ser decidida. Seria, por parte de Deus, até mesmo desonesto ter criado tal sistema.

Esta é, por exemplo, a tese de Geddes MacGregor, sobre a qual já falei várias vezes.(2) Este é, com efeito, o argumento principal do autor, e a parte histórica serve apenas para mostrar que os cristãos, finalmente, estão livres para aderir ou não a esta crença.

Infelizmente, descobrimos rapidamente que a petição de princípio do autor, em favor da reencarnação, repousa essencialmente sobre teses teológicas limitadas e sobre uma ignorância total dos fenômenos paranormais, hoje já bastante conhecidos:

Para o autor, não há salvação possível sem uma fé explícita em Cristo. Isto significa, evidentemente, que todos os não-cristãos, ou seja, uma impressionante proporção dos homens, não podem ser salvos nesta vida. O mesmo aconteceria com as crianças mortas em tenra idade. (3)

Por mais incrível que possa parecer, para alguém que se dedica a tal assunto, o autor não considera nenhuma das descobertas feitas no último século sobre a sobrevivência. Mostra-se totalmente incapaz, o que é direito seu, de acreditar na existência de uma matéria que ainda ^{1 2 3}

(1) Textos de Dhanjibhai Fakirbhai, morto em 1967. citados pelo Padre Maurice Maupilier em *Les mystiques hindous chrétiens*. O.E.I.L. 1985. pp. 220 e 219.

(2) *Reincarnation in Christianity, a new vision of the role of rebirth in Christian Thought*.

(3) op. cit, p. 119-120.

não estaria sendo detectada por nossos instrumentos, e, portanto, na existência real de corpos gloriosos que levam uma verdadeira vida em um verdadeiro mundo, tão real quanto o nosso. Nunca passa pela sua cabeça que um talento, cujo desenvolvimento é bruscamente interrompido pela morte neste mundo, possa continuar desenvolvendo-se da mesma forma, e talvez até com maior felicidade, em um outro mundo. Para ele, a fé cristã, e mais especificamente a católica, prega que os mortos dormem em paz esperando a ressurreição.⁽¹⁾ Evidentemente, não podemos esperar grandes progressos espirituais em tal sono. Mas, ao invés de questionar esta deformação popular, o autor prefere tentar introduzir e adaptar a idéia da reencarnação no cristianismo.

Nesta atitude, eu vejo, entre outras, especialmente duas causas: a ignorância da distinção capital entre santidade e perfeição, à qual já me referi várias vezes. Deus exige de nós santidade, não a perfeição. A santidade consiste em tender à perfeição (no limite de sua possibilidade), e não em atingi-la. Deus pede a cada um apenas o que ele realmente pode dar; nunca pede aquilo que, devido às circunstâncias, é impossível fazer. As circunstâncias compreendem a bagagem hereditária, os problemas da infância, as influências que não se pôde escolher, etc... A segunda chance, à qual Pierre Monnier se refere quando admite que a reencarnação existe, parece-me estar situada além destas considerações. Trata-se de uma verdadeira segunda chance, concedida a alguém que já havia recebido, em sua primeira vida, os meios reais para alcançar sua salvação.

A segunda razão desta defesa em favor da reencarnação é a da incapacidade total de imaginar uma outra forma de vida diferente desta que conhecemos. Para muitas pessoas, um corpo que não podemos ver com nossos olhos de carne não pode ser um verdadeiro corpo. Um corpo que não tem mais necessidade de comer para subsistir e que não pode mais “fazer amor” não tem mais qualquer interesse. As alegrias “superiores” das quais falamos não têm qualquer atrativo para elas.

Outras, ao contrário, ficariam decepcionadas ao descobrir que as primeiras etapas do outro mundo assemelham-se muito a este onde estamos. Vivemos todos juntos, nesta terra, mas desde já, secretamente, pertencemos a mundos diferentes...

Curiosamente raros são aqueles que confessam, corajosamente, que teriam vontade de voltar à terra. Quase todos sentem que é melhor fingir estar resignado.

(1) *ibid.* pp . 143-147.

Mas eu não creio de forma alguma nesta resignação.

Observemos enfim que, segundo o doutor Carl Wickland, a convicção da possibilidade de reencarnar muitas vezes alimentaria o desejo dos falecidos, e que isto pode não somente retardar sua própria evolução espiritual no além, mas também conduzir a verdadeiras possessões, sobretudo em crianças. Ele teve várias provas deste fenômeno, ao transferir tais espíritos (assim reencarnados em um vivo) do corpo de crianças para o corpo de sua esposa médium. O diálogo, desta forma tornado possível, permitia-lhe libertar, ao mesmo tempo o falecido, que se havia desencaminhado, e a criança - infestada, sem saber, por este espírito retardatário.(1) O perigo é muito grande e parece que o espírito retardatário tendo-se infiltrado na aura de uma criança, para viver com ela no mesmo corpo, não sabe mais como libertar-se. Pelo menos isto foi demonstrado nas experiências do doutor Wickland e nas declarações que lhe foram feitas por espíritos de antigos teósofos que lamentavam amargamente ter acreditado na reencarnação.(2)

Um alerta aos inumeráveis missionários da reencarnação: as coisas não são, talvez, tão simples quanto eles pensam!

2. O que significa a reencarnação

Tenho certeza de que, para a maioria de meus leitores, esta pergunta parece totalmente supérflua. As coisas são evidentes e minha pergunta anuncia apenas, para eles, que estou disposto a descer aos mínimos detalhes.

AS CONCEPÇÕES OCIDENTAIS

No Ocidente moderno, a noção de reencarnação que tende a prevalecer é a de que uma só pessoa conheça várias vidas sucessivas. Em cada uma delas, recebe, ou até mesmo escolhe, um novo corpo, com um mesmo pacote de dons e talentos, mas também de deficiências ou pontos fracos, novos gostos, novas aversões, bem como novos pais, talvez nova língua materna, novo sexo, nova raça.

Mas se seguirmos o ensinamento oriental do Karma, Vemos que é preciso que as más tendências a serem reconstruídas de qualquer forma ^{1 2}

(1) cf. op. cit. pp. 408-417.

(2) op cit. pp 408-418 e seguintes.

reapareçam. É o que parece sugerir, efetivamente, um caso relatado por Maguy Lebrun e que ela diz ter sido o primeiro, levando-a a meditar sobre o possível mistério da reencarnação...

A pequena Mady lhe é entregue:

“Aos dois anos, coberta de ictiose, o corpo inteiro coberto por verdadeiras escamas, como as de um peixe. Seu estado era muito grave... Ela dormia aproximadamente quatro horas por noite.

“Apesar de todos os cuidados, seu estado não melhorava. Além do mais, era um verdadeiro monstro de feiura, insuportável, ‘tinhosa’. Era impossível deixá-la junto a outras crianças de sua idade: ela arranhava-as, mordida-as e berrava sem parar. Eu tinha até dificuldade de amar aquela criança. Logo eu, que as adoro. Mas eu sentia maldade nela.

“...Refleti sobre este caso especial e disse a mim mesma - simples hipótese: talvez ela tenha feito muito mal em sua última vida; talvez ela tenha torturado pessoas!... Acho que foi minha primeira reflexão profunda sobre a tese dos renascimentos. A primeira vez que eu tomava consciência de um elo de causa e efeito: talvez estivesse ali a razão de certas doenças inexplicadas, inexplicáveis, de que são acometidas as crianças”.(1)

Estamos aí plenamente na lógica do Karma. Temos o elo de causa e efeito, e o reaparecimento da causa (a maldade) que o efeito (o sofrimento e a doença) tem por objetivo ajudar a corrigir.

Mas que dizer dos casos, que na verdade existem, onde a criança que sofre é, ao mesmo tempo, gentil, doce, generosa e afetuosa; ou, ao contrário, onde a criança tihosa goza de excelente saúde, de dons excepcionais e de pais afortunados? Estes casos também existem!

Neste campo o mistério é total.

Notemos que o Ocidente tem, aliás, tendência a desenvolver, sem estar totalmente consciente, uma outra lógica da reencarnação, que nada mais tem a ver com a do Karma. Trata-se da idéia de enriquecimento progressivo da personalidade. Neste novo sistema, explicam-nos que é necessário, obrigatoriamente, durante as diversas existências, ter sido pelo menos uma vez homem, e uma vez mulher, bem como uma vez rico, uma vez pobre, uma vez intelectual, uma vez trabalhador manual...(2)

(1) op. cit, pp. 273-274.

(2) Por exemplo: as obras de Jeanne Morrannier e as mensagens de seu filho Georges.

A objeção maior, que logo nos vem à mente, é a de que nós não guardamos, normalmente, qualquer lembrança de nossas vidas anteriores: a isto pode-se responder que, no além, nós recuperamos a memória de nossas diferentes personalidades e que, já neste mundo, nosso subconsciente sabe de tudo e encontra-se enriquecido pelas existências de todas as nossas vidas anteriores.

AS CONCEPÇÕES ORIENTAIS

Tudo que foi visto antes é muito diferente das concepções do Extremo-Oriente. Sempre houve algumas escolas budistas e bramanistas refratárias à idéia de reencarnação,(1) sobretudo o Shivaísmo (ou Civaísmo).(2) Entretanto, é verdade que a tendência popular, tanto na Índia quanto no Tibete ou na China, alimenta a esperança e a crença em certa permanência do “eu”, de corpo em corpo, e de vida em vida, encorajadas pela célebre fórmula da Bhagavad-Gita que compara a passagem de um corpo a outro a uma troca de roupas:

“Assim como abandonamos as roupas usadas
Para vestir outras novas,
Assim a alma encarnada abandona os corpos usados
Para vestir novos corpos”.

Entretanto, quando nos dirigimos aos mestres, percebemos que se trata de outra coisa bem diversa. Para o Budismo, não se trata de enriquecer o Eu, mas de entender que ele é apenas uma ilusão que deve ser dissipada tão totalmente quanto possível.

Ao final da experiência do “Satori”, ou seja, do que corresponde, aproximadamente, no Budismo Zen ao que chamamos de êxtase, a união com a realidade fundamental do Universo deve ser tão completa que deve tomar-se inconsciente, pois a consciência da união provocaria uma dualidade. (3) Nada é mais contrário a todo o espírito do Budismo que esta idéia de uma exaltação do Eu, tipicamente ocidental. Toda a purificação de vida em vida consiste, exatamente, em despojá-lo de tudo, até fazê-lo dissolver-se.

Para o Budismo tibetano, as coisas apresentam-se de modo totalmente diverso. Inicialmente, recorre-se constantemente à distinção, no ^{1 2 3}

(1) Robert Linssen. *Le Zen*, Marabout Université, Ed. Gérard 1969, p. 137.

(2) Alain Daniélou, op cit. p 125.

(3) Robert Linssen, op. cit, p. 162.

homem, de três elementos: o espírito, o verbo e a forma material. Após a morte de um indivíduo, estes três elementos podem reencarnar separadamente, cada um em uma pessoa diferente:

“Assim, ouvimos dizer que o ‘espírito’ de um lama falecido é representado em um Lama Encarnado, enquanto que dois outros lamas encarnam, respectivamente, seu ‘verbo’ e seu ‘corpo’.” (1)

Mas, na realidade, a fragmentação de nossa consciência vai muito mais longe. Já nesta vida:

“Todos os iogues tibetanos declaram... que partes de nossa personalidade consciente podem viver, ao mesmo tempo, em diferentes mundos, neles experimentando simultaneamente diversos modos de existência”. (2)

Isto corresponderia, talvez, à experiência feita e narrada por Jeanne Guesné, de viver simultaneamente, ao menos por um breve instante, em três lugares e em três épocas diferentes.

Finalmente, para os Tibetanos instruídos, não é nosso Eu que reencarna em um outro corpo, mas nossas energias, nossos pensamentos, nossas percepções, e mesmo nossas sensações:

“A energia de diferentes naturezas, provocada por nossa atividade mental, mistura-se à torrente de energia provocada por todas as atividades operantes do universo e transborda neste reservatório das consciências, de onde elas sairão novamente, enquanto ‘memórias’, propensões que provocarão novas correntes de força, novas atividades”.(3)

“...Alguns levantam hipóteses sobre a possibilidade - até mesmo sobre a probabilidade - da reencarnação dos pensamentos, realizando-se pelo nascimento de indivíduos diretamente animados pelo gênero de pensamentos de defuntos ou contemporâneos. Seria, mais ou menos, o que os Tibetanos dizem acontecer no caso dos Lamas Encar-

(1) Alexandra David-Néel, *Immortalité et Réincarnation*, op. cit. p. 89

(2) *ibid.* p. 102.

(3) cf. Alexandra David-Néel, op. cit. pp. 89-90.

nados. Aqueles que os estrangeiros denominam, impropriamente, de *Budas vivos*. O Dalai-Lama seria o mais notável deste gênero de reencarnação”.(1)

Um ermitão tibetano conclui assim:

“Não se deve, pois, dizer: ‘Eu fui Tsong Khapa’, ou ‘Eu fui Srong bstan Gampo’. Mas pode-se pensar: tal percepção, tal sensação, tal tomada de conhecimento, que agora eu sinto, puderam ser experimentadas por uma ou por outra destas personalidades...”. (2)

Vemos que a diferença é considerável! Isto não impede, evidentemente, que cada um creia no que quiser. Mas quando nos dizem que, ao aceitarmos a reencarnação à moda ocidental, estamos apenas recuperando a sabedoria milenar e a experiência das grandes tradições religiosas da Índia, é falso! É preciso reconhecer.

RUMO A UMA NOVA CONCEPÇÃO

Inversamente, parece-me que esta interpretação tibetana corresponde exatamente ao que o Padre Biondi chama por uma linda palavra: *parasitagem*, no sentido de parasitagem de ondas de rádio. Eu acredito totalmente, como ele, que na grande maioria dos casos, estas “lembranças” de vidas anteriores não são nada mais que fenômenos de fortíssima telepatia, que beiram a possessão.

Aí também encontramos esta remanescência das ondas emitidas por nossos pensamentos e nossos sentimentos, e até por nossos atos, de que falam, às vezes, os mensageiros do além, como Pierre Monnier, Paqui, Roland de Jouvenel...

Mas, argumentar-se-á, e todos estes inumeráveis casos que conhecemos até agora, onde uma pessoa encontra-se no Egito e reconhece, de repente, os lugares, conseguindo ler os hieróglifos sem jamais tê-los estudado; estas crianças que recusam seus verdadeiros nomes e dizem ter vivido em outra parte, em casa e cidades que podem ser localizadas e em famílias das quais verdadeiramente se recordam - como não aceitar que sejam autênticas lembranças de vidas anteriores? ^{1 2}

(1) *ibid.* pp. 127-128.

(2) *ibid.* p. 185. Também p. 187, o testemunho de um indiano.

Tais lembranças são autênticas, eu admito. E também referem-se a vidas anteriores. Mas nada me obriga a crer que se trate da mesma pessoa.

Swedenborg conta, repetidas vezes, em suas visões, que os espíritos que nos vêm visitar sem que percebamos suas presenças, identificam-se de tal forma com a pessoa viva junto à qual se encontram, que acabam pensando que são, realmente, esta referida pessoa:

“Com efeito, eles entram em possessão da memória do encarnado, apesar deste último manter o domínio de si mesmo”.(1)

O fenômeno pode produzir-se nos dois sentidos. A assimilação pode ser feita de vivo para falecido ou de falecido para vivo.

Esta assimilação do passado de alguém, com o fenômeno psicológico de identificação dela resultante, pode ir ainda mais longe. O doutor Stanislav Grof, tcheco, deu prosseguimento, nos Estados Unidos, com Joan Halifax, a estudos que havia iniciado em Praga sobre a utilização terapêutica do L.S.D. Assim, foi levado a tentar, pouco a pouco, este novo método para tentar aliviar o sofrimento de cancerosos rebeldes a todos os analgésicos conhecidos. Eram injeções, em dosagem bastante elevadas, aplicadas durante sessões que duravam várias horas, até mesmo um dia inteiro, após minucioso preparo médico e psicológico do paciente. Durante todo o desenrolar da sessão, o doente permanecia em contato com o corpo clínico, e era solicitado - tanto quanto era possível - a descrever, progressivamente, tudo o que sentia. E assim, a cada vez, ocorriam fenômenos de identificação. Por exemplo: uma moça tem a impressão de dar a luz. Ela é a mãe; depois, a criança; e, por fim, todas as mães que deram a luz e todas as crianças já nascidas. A identificação amplia-se, aos poucos, a todos aqueles que já sofreram e, ao mesmo tempo, individualiza-se.

“Ela estava com eles e, ao mesmo tempo, era ‘eles’, conhecendo o êxtase desta união pela angústia. Numa ocasião, ela era uma jovem Africana que percorria, com seus companheiros, planícies queimadas, ressecadas pelo sol. Ao final desta sequência, foi morta por uma lança que a atingiu profundamente nas costas. A moça desmaiou e morreu. Em seguida, pôs no mundo uma criança, na Inglaterra medieval. Mais tarde, era um pássaro que,

(1) Jean Briant, *Leucisima de Swedenborg*, op. cit., pp. 10-20-22

ao voar, foi atingido por uma flecha, caindo ao chão com uma asa quebrada. Ao final, todas estas sequências de morte e nascimento convergem para uma síntese poderosa: ela torna-se a mãe de todos os homens já mortos em todas as guerras do mundo”.(1)

Patrice Van Eersel relata-nos outras identificação assim vividas por pacientes tratados pelo doutor Grof. Lembrança de ter sido espermatozóide, óvulo. Lembrança de uma padaria de Praga, de uma vida no Tibete. Identificação com toda uma tribo, às vezes, com descrição minuciosa de seus costumes, de seus rituais, de suas artes. Após a narração, pôde-se verificar a existência desta tribo, da qual, anteriormente, o doente ignorava até o nome.

"Lembrança de ter sido um animal. Uma planta. Uma floresta. Lembrança luminosa de ter sido uma célula vegetal com impressionantes impressões de pertinência sobre a função clorofiliana, os ritmos dos cloroplastos ou dos mitocôndrios. Lembrança de ter sido rio, falésia, montanha. Fogo. Astro. Lembrança de ter sido o universo inteiro”.(2)

Tom Sawyer, o mecânico de automóveis do qual já falamos, viu algo semelhante, sem L.S.D., durante uma E.F.M.:

“Enquanto uma infinidade de paisagens feéricas desenrolava-se a sua frente, ele percebeu que ele era aquelas paisagens, que ele *era* aquele pinheiro gigante, que ele *era* o vento, que ele *era* aquele rio de prata e cada um dos peixes que nele se agitava”. (3)

Finalmente, “nas experiências transpessoais, um indivíduo pode viver qualquer uma das constituintes do universo, em sua forma atual ou passada”. (4)

Os poetas e os místicos atingem, muitas vezes, esta consciência transpessoal. Djalal-ud-Din Rumi, místico e poeta, acreditava que nós tínhamos sido, primeiramente, mineral; depois, vegetal, animal, e, por fim, homem. E que em breve seríamos anjos e até...(5)

(1) Stanislav Grof e Joan Halifax. *La rencontre de l'homme avec la mort*, Ed. du Rocher 1982, p. 112.

(2) La Source Noire, op. cit. p. 185

(3) Patrice van Eersel, *La source Noire*, op, cit, p. 196.

(4) S. Grof e J. Halifax, op, cit, p. 79.

(5) Eva de Vitray Meyerovich, *Mystique et poésie en Islam, Djalal-ud-Din-Rumi et l'ordre des Derviches tourneurs*, DDB 1972, pp. 273-274.

Mas, ainda argumentarão alguns, quando a criança carrega ferimentos ou marcas, trata-se certamente de uma verdadeira reencarnação da mesma criança! Não necessariamente. As impressões psicológicas mais fortes podem fazer surgir instantaneamente, suas marcas sobre o próprio corpo. É o mecanismo presente nos estigmatizados, nos quais não surgem apenas os ferimentos semelhantes àqueles do Cristo crucificado. Anne-Catherine Emmerich, por exemplo, grande mística alemã estigmatizada, falecida em 1824, estava sujeita a outros fenômenos psicossomáticos da mesma natureza. Durante um de seus dolorosos êxtases, durante vários dias, ela arrancou urtigas simbólicas do jardim da Igreja: certa manhã, descobriu estar com as mãos cobertas de bolhas, como aquelas provocadas por verdadeiras urtigas.(1)

Mais próximo ainda do mecanismo que nos interessa, está a experiência realizada - sob hipnose - pelo doutor Janet, no Hospital Salpêtrière. Uma mulher, que dizia jamais ter enxergado com seu olho esquerdo, foi conduzida, por hipnose, à idade de seis anos e recuperou o perfeito uso de seus dois olhos. (2)

Quanto às pretensas “idas” às vidas anteriores por hipnose, Maguy Lebrun, que no entanto acredita em reencarnação, conta que, tendo respondido à conversa fiada de um hipnotizador com o seu mais absoluto ceticismo, este ficou ruborizado e, olhando para a ponta dos pés, acabou confessando: “É preciso ganhar a vida, e isto dá tanto prazer às pessoas!...” (3)

Uma das grandes razões de minha relutância em admitir uma reencarnação obrigatória e generalizada deve-se também ao fato de encontrar, nos místicos cristãos, poucas referências a ela. Já vimos bem, espero, que eu admito plenamente o valor de todos os tipos de mensagens e de mensageiros. Mas, parece-me ser preciso, mesmo assim, tentar situá-los cada um em seu devido lugar, para avaliar o que se pode, razoavelmente, esperar de cada um deles. Ora, nenhum dos grandes místicos cristãos fala a respeito da reencarnação, como também nenhum dos grandes místicos muçulmanos. E também já vimos como deve ser entendida, na realidade, a reencarnação dos Indianos e Tibetanos.

Entre os místicos cristãos, refiro-me, em particular, em todos aqueles, oficialmente reconhecidos pela Igreja particular, em todos ^{1 2 3}

(1) La douloureuse Passion de N.S. Jésus-Christ d'après les méditations d'Anne-Catherine Emmerich, Téqui 1922. pp. 40-41.

(2) André Dumas, *La Science de l'âme*, Dervy-Livres 1974-1980, p. 448.

(3) op. cit, p. 120.

aqueles, oficialmente reconhecidos pela Igreja ou não, que tiveram ou ainda têm relações constantes com as “almas do Purgatório”, ou seja, em outro vocabulário que significa exatamente a mesma coisa, com os espíritos retardatários do “baixo astral” (um jargão vale tanto quanto o outro, e, não fosse o tom afetivo desastroso para a maioria de nossos contemporâneos, a expressão “purgatório” seria mais exata). Eu mencionaria, resumidamente, entre vários outros, o nome de Marie-Anne Lindmayr, mística alemã, de quem já mencionamos as narrativas a respeito de sua saída para fora de seu corpo.(1) Há, também Margarete Schöffner, morta em 1949,(2) e, mais recentemente, pois acredito que ainda esteja viva, Maria Simma, na Áustria, em Vorarlberg.(3)

Infelizmente, em cada um destes casos, sou obrigado a frisar que não concedo às notas ou comentários dos apresentadores o mesmo valor que atribuo aos testemunhos propriamente ditos!

Maria Simma recebe, assim, uma grande quantidade de mensagens do além a serem transmitidas a pessoas vivas que ela sequer conhece. Os detalhes materiais destas mensagens foram verificados centenas de vezes. E eram sempre corretos.

O KARMA PARTILHADO: A "COMUNHÃO DOS SANTOS"

Tenho outra razão para pensar que a interpretação do Padre Biondi ou de Jean Jean Prieur, por “parasitagem”, é a correta. Trata-se da concepção mística cristã da unidade profunda de todos os homens em Cristo.

Eu acredito, juntamente com alguns teólogos e exegetas, mas contrariamente a muitos outros, contrariamente à quase totalidade dos teólogos do Ocidente, mas da mesma forma que toda a Tradição dos cristãos do Oriente, que quando São Paulo diz: "*Vós sois o corpo de Cristo*", suas palavras devem ser tomadas ao pé da letra. São Paulo vai ainda mais longe. No célebre hino da Epístola aos Colossenses, sua perspectiva visionária estende-se a todo o universo:

“Pois é nele (o Cristo, Filho de Deus) que foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis,

(1) *Mes relations avec les âmes du Purgatoire*. Editions Christiana 1974.

(2) Grabimski-Oster *Fegfener- Visiomen der beg madeten, Margarete Schöffner von Gerlachsheim (Baden)*. Verlag M. Schröder, Empen. Belgique.

(3) Maria Simma, "*Les âmes du purgatoire m'ont dit.*" Editions Christiana.

Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades; tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de tudo e tudo nele subsiste..."
(São Paulo, Epístola aos Colossenses, capítulo 1, versículos 16-17).

Eu tentei mostrar que a fé da Igreja primitiva, e das Igrejas ortodoxas de hoje, foi vivida por nossos místicos do Ocidente, em sua própria carne, e que os mesmos nos deram seus testemunhos.(1) Isto explica as inúmeras transferências onde, como o Cristo, um simples cristão, bem como poderia ocorrer com qualquer homem de boa vontade, mesmo não batizado, pode assumir e vencer, em si mesmo, a provação de um outro.

Não se trata mais, então, da dura lei do Karma tal como está expressa, lucidamente, no Dhammapada:

*"Apenas por si mesmo, o mal é feito
Por si mesmo, o mal é feito
Por si mesmo se é purificado
Pureza ou impureza pertencem a cada um
Ninguém pode purificar um outro."*(2)

É, ao contrário, a lei do amor, a partilha da provação e do sofrimento, onde, misteriosamente, mas realmente, cada um é chamado a purificar em si um pouco do Karma de um outro.

E isto que o ramakrishna compreendeu, sem dúvida, pois que pediu, um dia, a um futuro discípulo, ainda rebelde, um *procuração* para fazer, em seu lugar, as orações de que necessitava para sua conversão. (3) Mas Ramakrishna havia lido os Evangelhos e meditado a respeito.

Todos nós, estando incorporados ao Cristo, estamos, também, como que encaixados uns nos outros, e o universo inteiro conosco, imerso neste mesmo corpo do Cristo, além do tempo e do espaço. Seria surpreendente, então, se as lembranças ou até os estigmas de um ou outro viessem à superfície de nossa consciência ou de nosso corpo? ^{1 2 3}

(1) *Pour que l'homme devienne Dieu.* sem referência possível, pois esta é a essência de toda a obra.

(2) citado por D.T. Suzuki em *Essais sur le Bouddhisme Zen.* op. cit. vol. II, p. 274.

(3) Solange Lamaitre, *Ramakrishna et la vitalité de l'hindouisme,* Le Seuil 1966, p. 150.

Isto resume o mistério da *Comunhão dos Santos*, mistério fantástico, tão fantástico que nossas pobres Igrejas do Ocidente não ousam acreditar muito nele. Embora conservem, piedosamente, a expressão, esvaziaram-na de sentido.

Não tenho a pretensão de tudo resolver com esta perspectiva. Ainda subsistem interrogações, indignações face ao sofrimento e enigmas. Nem que seja apenas esta pergunta que sempre surge: O que acontece com aqueles que, durante uma segunda vida, novamente recusam percorrer o caminho do amor?

Nos *Diálogos com o Anjo* nos é dito que não há inferno, que até mesmo Lúcifer, *O Portador de Luz*, também será resgatado.(1) Pierre Monnier, Roland de Jouvenel e outros, insistem mais na convicção de que Deus não pode foçar a liberdade de ninguém. Eles afirmam que, portanto, a última misericórdia de que Deus pode usar para com aqueles que, obstinadamente, recusam amar, é a de deixá-los voltar ao nada. Trata-se, dizem eles, da *segunda morte*, da qual falam repetidamente as Escrituras. (2)

Apenas uma coisa é certa: o amor de Deus.

O desconhecido não está neste lado, mas no lado de nossa liberdade.

(1) op. cit. p. 236.

(2) *Lettres de Pierre*, vol. I, pp. 68,96,173; vol. II, p.119; vol. III p. 279; vol. IV, pp. 28, 370, etc...

IX

O RETORNO AOS MUNDOS DA FELICIDADE

1. As forças da felicidade nos assistem

Nós reencontramos, de fato, as mesmas componentes no Bem e no Mal. Entre as mensagens que recebemos do além, um grande número menciona o termo *anjo*, para designar os falecidos evoluídos, sobretudo os que já se encontram em condições de nos ajudar. Repetidas vezes, os autores destas mensagens explicam-se claramente. Não há, portanto, qualquer dúvida a este respeito. Alguns afirmam que esta palavra não tem, para eles, jamais, outro sentido; pois eles não conhecem, no além, “anjos” no sentido comum da palavra. Entretanto, os grandes mensageiros, que considero como os mais confiáveis (pois creio estarem mais avançados em sua evolução), afirmam que há, também, seres espirituais que jamais viveram em nosso planeta, nem em qualquer outro; que jamais “encarnaram” no nível em que se situa a nossa matéria; o que não significa dizer, necessariamente, que não tenham um corpo: desde sua criação, vivem em um corpo de glória, formado por outra matéria que não a do nosso corpo de carne.

À estas duas categorias é preciso, evidentemente, acrescentar os seres provenientes de outros planetas, de outros mundos habitados. A partir de um certo nível de evolução no além, todas as consciências criadas, capazes de amar, unem-se. E seria preciso completar o célebre texto de São Paulo: não apenas não haverá mais nem Judeus nem Gregos, como também não haverá mais nem terráqueos nem “marcianos”...

Enfim, paralelamente às acumulações de energia, forças do Mal produzidas por nossos maus pensamentos e maus sentimentos, há forças do Bem, forças de amor, eflúvios saídos de nossos corações e aos quais Deus dá vida. Eis o que Pierre Monier diz a respeito:

“Entretanto, há também espíritos admiráveis, espíritos luminosos, cujas vestes brancas resplandecem como a neve sob o sol,[&]

e que não são anjos, embora nunca tenham vivido na carne. Eles planam acima das nações, como um elemento protetor; nasceram dos grandes pensamentos que germinaram no coração e no cérebro dos povos. O que é belo e consolador, querida Mamãe, é que ‘os perfumes das almas’, que adquiriram uma vida independente e durável, são, na maioria das vezes, estas entidades extremamente puras das quais lhe falo. Isto prova, apesar de tudo, a predominância do Bem sobre a Iniquidade, Deus dá o sopro de vida (eu quero dizer uma alma) a esta ‘Energia’ saída da humanidade. Ela torna-se, na verdade, uma força independente que tem como personalidade aquela de seus inumeráveis pais. Ela é encarregada de cuidar do local que foi seu berço e sua pátria...”(1)

SUAS AÇÕES NA TERRA

Todas estas forças circundam-nos, sem dúvida com muito mais constância do que poderíamos crer. Vejamos o que diz Alain Tessier, o rapaz ascensorista, morto em acidente de moto:

“Os não-encarnados são muito mais numerosos pois que há mais mortos que vivos. Além disto, há espíritos que nunca encarnaram e que jamais o farão”.(2)

Estamos, provavelmente, submetidos à suas influências. A dos ‘bons’ espíritos equilibra a dos ‘maus’. Tal influência parece mesmo ser exercida de inúmeras formas. Alguns acreditam que nós podemos realizar descobertas científicas, na terra, apenas quando as mesmas já foram feitas no além. Isto explicaria, talvez, o fato de uma mesma descoberta ser realizada quase que simultaneamente - por equipes de pesquisadores completamente independentes. Uma vez feita a descoberta no além, ‘eles’ tentam comunicá-la aos homens da terra; como isto não é fácil, eles fazem a tentativa junto a várias equipes do mesmo nível, ao mesmo tempo. Talvez este mecanismo explique o ocorrido a Georges Ritchie, o jovem soldado americano que explorou o além em companhia do Cristo: em 1943, ele visitou um centro atômico que só seria construído, na terra, em 1952. Mas, o centro que ele viu, estando ao ^{1 2}

(1) *Lettres de Pierre*, vol. II, pp. 426-427.

(2) Paul Misraki, op. cit, p: 188.

lado do Cristo, era povoado por pesquisadores que irradiavam uma *paz soberana*, como em um monatério.(1)

Inumeráveis obras de arte são, talvez, mais a obra de falecidos anônimos (pelo menos para nós, deste mundo), que a dos artistas da terra (que devem, portanto, aos mortos sua celebridade). William Blake não hesitava em dizer, a respeito de alguns de seus poemas, que não era ele próprio o autor dos mesmos, que apenas os havia transcrito, como se lhe tivessem sido ditados. É o mecanismo da inspiração, não apenas dos poetas, mas também de consagrados escritores. Desde que conheci estes fenômenos, todas as explicações embaraçadas de tantos filósofos ou de teólogos a respeito da Inspiração da Bíblia, parecem-me bastante ultrapassadas. Hoje, o racionalismo dos mesmos é que me faz sorrir. As inúmeras representações de um anjo soprando ao ouvido de um escritor inspirado não são tão ingênuas quanto geralmente parecem. O “demônio” de Sócrates pode ser assim compreendido, bem como o Corão, que foi ditado.

É provavelmente pela ação dos invisíveis que temos, por vezes, crianças prodígio, capazes de compor música aos quatro ou cinco anos, como Mozart ou Sant-Saëns. Até mesmo seu virtuosismo ao piano poderia assim ser explicado. Rosemary Brown explica que alguns compositores, hoje no além, para mostrar-lhe como deveria interpretar as novas composições que lhe ditavam, apossavam-se de suas mãos como se fossem luvas, e conferiam-lhe um virtuosismo do qual ela era, habitualmente, incapaz. Sem dúvida foi pelo mesmo processo que Victorien Sardou, escritor e médium, tomou-se também um médium entalhador, capaz - sem qualquer aprendizado - de realizar, de uma só vez, uma obra completa.(2) Da mesma forma, o pintor médium brasileiro, Luiz Gasparetto, que, pela televisão, vimos executar, em alguns minutos ou segundos, desenhos e pinturas de estilos bastante diferentes, até mesmo com os olhos fechados.

Mas, se há casos espetaculares, que permanecem sendo excepcionais, na realidade, de modo bem mais discreto, o mesmo processo é constante. Alain Tessier, menino de orfanato público, sem grande instrução, explica muito bem este fato;

“O homem é feito de forma que todo o seu subconsciente - ou aquilo que ele assim denomina — está mergulhado no pensa-^{1 2}

(1) George Ritchie, op. cit, pp. 94-95; 165-167.

(2) Jean Prieur, *L'Europe des médiums et des initiés*. Perrin 1987. pp. 22-23.

mento dos outros, e nós o recebemos (no além) como ele nos recebe. Não há autonomia. Tudo é sustentado por “centros” que são os “eu” mergulhados em uma infusão de espírito, como em um líquido, se preferirmos...”(1)

Aliás, o mesmo Alain emprega uma outra comparação, talvez mais simples, para ajudar-nos a compreender esta contínua interferência entre a influência dos espíritos e nossa liberdade:

“Como se enroscam, às vezes, os fios de novelos de lã de cores diferentes.”

E ele diz, ainda:

“Para vocês (os vivos), que não distinguem estas “cores”, é quase impossível desenrolar os fios; mas para nós (os desencarnados), é muito mais fácil, pois nós vemos as cores e sabemos bem o que vem de nós.”(2)

Se esta assistência dos invisíveis já nos é garantida em nossas pesquisas científicas ou em nossas criações artísticas, ela o é ainda mais, evidentemente, em nossas obras de caráter mais diretamente caritativo ou espiritual.

Como já vimos, Listz e seus amigos não procuraram apenas, por intermédio de Rosemary Brown, fazer-nos conhecer suas últimas composições; mas, sobretudo, fazer com que os homens compreendessem que esta vida tem um sentido pois é eterna, e que desta primeira etapa depende todo o prosseguimento de nossa evolução.

OS CIRURGIÕES DO INVISÍVEL

Outros tentam aliviar, diretamente, nosso sofrimento. Refiro-me aqui, notadamente, aos diversos médicos do além. Muitos dedicam-se a curar os corpos gloriosos daqueles que chegam ao outro lado. Mas alguns, como o Doutor William Lang, compreendem rapidamente que, no fundo, os hospitais do além já estão suficientemente providos de pessoal médico altamente qualificado, e que seriam ainda mais úteis ao

(1) Paul Misraqui. op. cit, p. 188.

(2) *ibid*, pp 231-232.

aceitar voltar, de certa forma, a este mundo, trazendo-nos todo o benefício dos métodos aprendidos no além-morte.

O melhor testemunho sobre este fenômeno fantástico é, sem dúvida, o de J. Bernard Hutton, jornalista, que, tendo sido assim tratado e curado em 1963 pelo Doutor William Lang, morto em 1937, realizou, com a autorização do falecido médico, uma longa pesquisa sobre o assunto.⁽¹⁾ Todos os doentes entrevistados aceitaram que seus verdadeiros nomes e verdadeiros endereços fossem mencionados, condição necessária à maior credibilidade do seu trabalho, já que estamos em meio a algo de fantástico, em pleno surrealismo!

No outono de 1963, J. Bernard Hutton foi acometido de poliomielite sem paralisia. Dores nos braços e nas coxas, vertigens. Em seguida, teve início um processo de cegueira. Numa distância de dez metros, ele tinha dificuldade em distinguir a presença de alguém, apenas percebendo uma espécie de contorno impreciso. Começou a ter, também, às vezes, sinais de visão dupla. Certa manhã, sua esposa descobriu, em uma revista esotérica, um artigo sobre um *curandeiro através do espírito, que realizava operações extraordinárias nos olhos, em Aylesbury. Após muita hesitação, ele terminou aceitando marcar uma consulta e foi levado, por sua esposa, ao local indicado.*

Após alguns minutos passados na sala de espera, vieram buscá-lo, anunciando-lhe: “Senhor Hutton, o Doutor Lang vai recebê-lo”. Sim, em 1963, o doutor Lang! Morto em 1937!

O jornalista encontrou-se, então, frente a um homem vestido de branco, com os olhos totalmente fechados, que chamou-o de “rapaz”, com uma voz firme e clara, mas que traía um homem de idade avançada. Aproximando-se mais, pôde distinguir profundas rugas em seu rosto. Sempre com os olhos fechados, o homem de roupa branca afirmou ser o doutor Lang. Fez com que o jornalista se sentasse e, com autoridade, retirou seus óculos, desculpando-se. Passou, então, os óculos frente a seus olhos ainda fechados e exclamou: “Oh, meu caro, menos dezoito dioptrias!” E era exatamente esta a medida!

O “doutor Lang” colocou os óculos em seu bolso e apalpou delicadamente os olhos de seu cliente com os polegares. Após um ou dois minutos, reergueu-se e declarou: “Seus dois olhos devem ter sido operados quando você era criança. Um belo trabalho!” Surpresa! Já fazia

(1) J. Bernard Hutton, *Il nous guérit avec ses mains*. Fayard 1973.

tanto tempo, que Bemard Hutton já havia esquecido, e nunca sequer falara a respeito com sua esposa.

O “doutor” apalpou, novamente e com delicadeza, seus dois olhos, desfiando uma série de termos técnicos. Em seguida, perguntou-lhe: “Você tem problema de visão dupla, rapaz, ou eu estou enganado?” Certo, mais uma vez. “Mas há alguma outra coisa de errado em seus olhos. Deixe-me, examiná-lo rapidamente”. Então, sem fazê-lo sequer deitar-se, sem despi-lo, o “doutor Lang” apalpou seu cliente delicadamente, por cima de suas roupas: “Bom, declarou por fim, o vírus responsável por sua doença, que os médicos acreditam ser uma poliomielite de tipo não paralítico, já desapareceu. Mas você tem alguma coisa muito séria, uma hepatite virótica, que atrapalha o funcionamento de seu fígado...” Ora, apenas três pessoas sabiam que Bemard Hutton estava doente: o médico que o assistia, sua esposa, e ele próprio!

O “doutor Lang” explicou-lhe, então: “Cada um de nós tem dois corpos, veja bem, um corpo físico e um corpo sutil. E é seu corpo sutil que eu vou operar agora. Espero conseguir produzir, em seu corpo físico, o efeito correspondente. Não se preocupe se você me ouvir falar, dizer nomes ou reclamar dos instrumentos. Eu serei assistido, durante a operação, por meu filho Basil,⁽¹⁾ e por um certo número de colegas que você também não verá - porque eles agora só têm o corpo sutil. Mas você não vai sentir dor. Agora, eu quero que você se deite ali, naquele sofá.”

Deitado, sempre vestido, Bemard Hutton, com os olhos arregalados, assistiu a uma cena extraordinária. O homem de branco, sempre com os olhos fechados, inclinou-se sobre ele, e exatamente acima de seus olhos abertos, acima dos olhos do jornalista, pôs-se a fazer uma série de gestos muito precisos, parecendo serrar ou afastar os dedos, pegar instrumentos invisíveis, acompanhando de comentários cada gesto. O paciente, inicialmente tomado por uma crise de riso, acalmou-se logo. Ele sentia como que incisões feitas em seus olhos, embora o homem de branco não o tocasse. Não era doloroso, mas apenas uma sensação, como se ele estivesse sob efeito de anestesia local. Depois, uma nova operação na altura do fígado. Nova sensação de corte; depois, de sutura.

Então, o milagre aconteceu. No começo, Bemard Hutton não enxergou nada. Mas, ao esperar, no carro, sua esposa e seus filhos que ti-

(1) Antigo cirurgião, também, mas falecido um pouco antes de seu pai. devido a uma pneumonia.

nham ido fazer algumas compras, pouco a pouco a visão voltou-lhe!

Desde então ele pode ler, escrever e dirigir seu carro, normalmente. Pôde retomar seu trabalho e, transtornado por esta inacreditável aventura, decidiu reunir toda a documentação possível sobre o caso do doutor Lang, antigo oftalmologista de renome em Londres, que continuava a tratar e curar - por intermédio de um médium, humilde e devotado, antigo bombeiro, George Chapman.

Esta ação médica de nossos queridos falecidos pode, aliás, assumir formas bem diferentes. Os célebres curandeiros filipinos não são todos charlatães como tentaram fazer-nos crer. Eu conheço, pessoalmente, pessoas que foram até lá e puderam filmar as intervenções por eles realizadas. O filme mostra bem que não há qualquer truque. Também podemos nos convencer através da leitura dos livros da doutora Janine Fontaine,(1) cuja competência médica é incontestável. Os filipinos tocam diretamente nas partes doentes, enfiando profundamente os dedos no local, e extraem do corpo, muitas vezes, sem qualquer incisão e sem deixar qualquer cicatriz, matérias estranhas, uma espécie de plasma.

Outros auxiliam-nos através de médiuns, como no caso de Maguy Lebrun e de seu marido Daniel. No Brasil, a *medicina espírita* parece ser, mesmo, correntemente praticada. E também sob uma grande variedade de formas.(2) É provavelmente uma ajuda do além que intervem, mesmo que não seja sempre percebida pelo vivo, também nas pesquisas de doenças e de tratamentos por radiestesia.(3)

Mas além destas exuberantes atividades em nosso benefício, que conseguimos, às vezes, detectar - como nos casos acima mencionados - há certamente uma outra forma, sempre mais discreta, mas, sem dúvida, também mais constante e mais generalizada. Muitos falecidos são designados para realizar nossa assistência espiritual. Eles velam, discretamente, por nós, intervindo, às vezes, até mesmo em acontecimentos materiais, na medida em que estes possam ter sobre nós uma incidência espiritual. Mas esta ação muitas vezes é difícil, dizem-nos eles, e exige um longo trabalho. Devemos a eles, sobretudo, muitos de nossos encontros “providenciais”. Realizam, também, uma assistência discreta de nossa liberdade. As vezes, vários falecidos cuidam, juntos,

(1) Janine Fontaine, *Médecin des Trois corps*, Robert Laffont 1980, e *La médecine du corps énergétique*, Robert Laffont 1983.

(2) Janine Fontaine, *Notre quatrième monde*. Robert Laffont 1987.

(3) cf. obras do Padre Jean Jurion, padre e curandeiro.

de um mesmo vivo terrestre. Outras vezes, são assessorados por um “anjo” por um *anjo da guarda*.

2. O anjo da guarda e a vida anterior

Certos místicos tiveram o privilégio de ver, algumas vezes, ou mesmo regularmente, seu “anjo da guarda”. Assim ocorreu, por exemplo, com Mechtilde Thaller (1869-1919), cujas mensagens foram recebidas por Friedrich von Lama.⁽¹⁾ As descrições das diversas categorias de anjos são magníficas. Porém, mais particularmente, ela via, quase que diariamente, seu anjo da guarda e dele recebia ensinamentos, estímulos, mensagens a serem transmitidas... Entretanto, as descrições traem, muito evidentemente, parece-me, uma parte considerável de simbolização espontânea e inconsciente.

Se estudarmos de perto as indicações esparsas existentes nos célebres *Diálogos com o anjo*, somos levados a conceber uma extraordinária intimidade entre o anjo da guarda de cada um e seu protegido. Gitta Mallasz, ao receber por intermédio da boca de Hanna as mensagens de seu anjo, reconhece-o imediatamente como seu “mestre interior” Ela tem a nítida sensação de tê-lo de fato conhecido, mas não consegue fazer brotar de seu subconsciente uma lembrança clara. Ela permanece “à beira da lembrança”.⁽²⁾ Gitta pressente, pouco a pouco, o mistério e começa a expressá-lo. Ela termina dizendo a seu anjo: “então, eu sou você”. Sorriso do anjo, através de Hanna, e a seguinte resposta: “Ainda não.” Em outra oportunidade, o anjo diz a ela: “Você é meu semelhante mais denso”, ou ainda: “Se você acredita que eu sou você - eu o serei”, enfim, mais explícito ainda:

“Antes do nascimento - o antigo, mãe e filho fazem um. Se a criança nasce, eles separam-se em dois.

Nós somos dois. Quando nós nascermos, tornar-nos-emos

Os nossos destinos, aliás, estão ligados: “Ou perecemos com vocês, ou purificamo-nos com vocês”.⁽³⁾

Nós chegamos, aí, ao tema muito antigo da “fravarti” dos irania-

(1) Chevalier Friedrich von Lama, *Les anges*, Ed. Christiana 1976.

(2) *Dialogues avec l'ange* op. cit. p. 17-18.

(3) *ibid*, pp. 32, 56, 106. 120. 191.

nos. Sabemos que, de fato, esta noção de anjo chegou até nós vinda da antiga Pérsia, através da Assíria e Babilônia e do Antigo Testamento hebreu. O que não exclui a possibilidade de outras culturas terem desenvolvido as mesmas crenças, de modo totalmente independente. Os fenômenos subjacentes a esta crença são universais. A “fravarti” é uma espécie de contrapartida celeste daquilo que nós somos, nosso gêmeo, nosso alter ego. Na origem, até mesmo os anjos tinham sua “fravarti”. Mas o anjo dos Diálogos não diz que o Serafim está para o anjo assim como o anjo está para nós?(1) Entretanto, a tradição mazdeísta desenvolve, sobretudo, o tema relativo a todo ser entrado na matéria. Henry Corbin esboçou uma continuação do tema, tanto através da narrativa bíblica de Tobias, onde a influência persa não é contestada por ninguém, quanto através da gnose mandeísta, do maniqueísmo, dos comentários de Plotino sobre certos textos de Platão e sobre certas Oupnishads. (2)

Swedenborg, que diz poder ir ao outro mundo praticamente quantas vezes quer, conta que, desta forma, vai sempre conversar com a cópia, “a imagem” celeste das pessoas, que dificilmente seria atingida na terra. (3)

Creio ser preciso aproximar tudo isto daquilo que de Listz, o compositor, explicou a Rosemary Brown a respeito da reencarnação. Para dizer a verdade, o que ele diz nem sempre parece-me muito claro, mesmo deixando a tradução francesa, por vezes bastante aproximativa, e analisando o texto original. Isto não impede que o texto a seguir seja de grande importância:

“A reencarnação, tal qual é geralmente apresentada, não existe... Na terra, vocês consideram-se seres completos. Mas, de fato, há apenas uma parte de vocês que se manifesta por intermédio do corpo físico e do cérebro. O resto permanece em espírito mas está ligado e forma um todo em vocês... Ele explicou-me, então, como a mesma pessoa não volta jamais duas vezes sobre a terra. E expôs os motivos desta impossibilidade.”

Mas ele reconhece, também, que não há regra geral:

“Há uma infinidade de possibilidades e nenhum principio categó-

(1) *ibid.* p. 178.

(2) Henry Corbin, *L’homme de Lumière dans le soufisme iranien*, Ed. Présence

(3) Jean Prieur, *Les visions de Swedenborg*, op. cit. p. 29

“... Listz disse-me, ainda, que nós não formamos realmente uma “unidade”. Cada pessoa é uma alma com numerosos aspectos. Um dia, ele explicou-me isto em termos científicos:

Pense em um átomo, disse ele. Este é composto de prótons e de nêutrons que, todos juntos, servem para compor o núcleo cercado de elétrons. Eis a que se assemelha a alma. Estas partes separadas são mantidas juntas no núcleo. Mas cada parte pode ser isolada, e são as partes isoladas do núcleo da alma, por assim dizer, que podem se manifestar em seu mundo, sob a forma de diversas personalidades”.(1)

Talvez seja necessário mencionar novamente a teoria dos “campos” da Gnose de Princeton já mencionada anteriormente? Acima da quase-consciência do átomo; depois, ainda, a quase-consciência da molécula; em seguida, a quase-consciência do órgão; por fim, nossa consciência dominando o conjunto, fazendo, bem ou mal, a síntese de todas as nossas tendências inscritas em nossos genes e harmonizando o funcionamento das diferentes zonas de nosso cérebro. Mas haverá, talvez, acima de nós, uma sobre-consciência, compondo uma unidade, um pouco mais ampla e mais rica da qual somos apenas um elemento? Talvez a isto corresponda a estranha experiência de Robert Monroe no que ele chama de *Lugar II*, um mundo paralelo ao nosso, menos evoluído, parece, onde ele encontra um outro “ele mesmo”, com o qual se funde numa espécie de possessão sempre que vai lá?(2) O mesmo teria acontecido, talvez, na experiência já relatada de Jeanne Guesné, que viveu, por breve tempo, duas, e outra vez três vidas, ao mesmo tempo, em lugares e épocas diferentes.

Aí está, talvez, a verdade profunda de todo o pensamento indiano sobre a relatividade do “eu” e sua superação necessária. Mas sem que haja, entretanto, em nenhum momento, o desaparecimento deste “eu” nesta sobre-consciência. As acumulações de energia, fruto de nossos pensamentos, bons ou maus, são, aliás, ao menos uma das formas possíveis destas sobre-consciências, e sua existência perturba tão pouco a nossa, pelo menos em nível consciente, que nós temos, até, dificuldade em convencer-nos de sua existência.

(1) Rosemary Brown, *En comunicação avec l'au-delà*, op. cit, pp 110-112, ou *Unfinished Symphonies*. Corgi Books 1984. pp. 108-109.

(2) Robert Monroe, op. cit, pp. 104-109.

A unidade sugerida nos *Diálogos com o anjo* entre o anjo e seu protegido vai, aliás, mais longe. Os textos mostram bem esta realidade. A mesma unidade reina entre todos os anjos:

“Nós somos inteiramente distintos, distintos e, mesmo assim, UM. Assim como vocês são, também vocês, diferentes para SUA Glória, mas, ainda assim, UM”.(1)

E depois, além disto ainda, já que há unidade também entre cada anjo e seu protegido, e entre cada Serafim e seu anjo, há a unidade profunda de toda a criação tendo Deus ao fundo, tendo ao fundo o ouro dos ícones, na Luz que é sempre a mesma, mas adaptada a cada nível do ser, a cada “campo”.

Talvez nesta perspectiva, o anjo da guarda seja uma parte de nós mesmos, não encarnada. Ou, talvez, nós formemos com ele uma espécie de tandem, talvez ainda com outros elementos, passageiros clandestinos, incomodamente embarcados, sem que saibamos, no momento de algum acidente ou doença, ou por algum decreto misterioso da Providência que nos encarregou de participar de sua Redenção. Todos juntos participando da emergência de uma consciência superior que, entretanto, não suprime nem a nossa própria consciência, nem a nossa liberdade. Porém, mais profundamente ainda, de qualquer modo, há esta unidade subjacente de todas as coisas em Deus, e, para os cristãos, mais exatamente, de todas as coisas no Cristo encarnado.

As comunicações de vários espíritos que anunciam assim sua próxima reencarnação, ou que confirmam, por intermédio de um médium incorporado, que ela acaba de acontecer, como podemos encontrar nos testemunhos de Maguy Lebrun, de Janine Fontaine e de tantos outros, parecem-me, na realidade, melhor explicadas através desta extrema complexidade do ser humano.

Perante aquele que sofre, jamais direi a mim mesmo, mesmo por compaixão: “Ele está pagando por seus erros anteriores.” Gitta Mallasz sentiu que havia, “neste raciocínio, algo de errado” (2) Mas eu direi a mim mesmo: “talvez ele esteja carregando, por mim, aquilo que eu não soube carregar, por eu não ser suficientemente generoso.”

A humanidade forma um todo. E todo o conjunto que deve ser salvo, que deve ser reconduzido a Deus, que deve aprender a amar. ^{1 2}

(1) op. cit, p. 137.

(2) *Les dialogues ou l'enfant né sans parents*, Aubier 1986, p. 39.

Aquilo que um de nós não tiver suficientemente purificado, em sua vida, um outro deverá assumir a purificar, por si mesmo, pelos outros, para que outros não precisem retomar, por sua vez, uma tarefa inacabada. Mas nesta grande tarefa, nunca estamos sozinhos. Do além, partes de nós mesmos, outras entidades inteiras, pelas quais nós terminamos a tarefa ou a missão, amparam-nos sem cessar.

Eu extraio da obra de Maguy Lebrun uma dessas passagens do além que, na minha opinião, melhor sugerir esta idéia. Trata-se de Antoine.⁽¹⁾ Seu “espírito” manifesta-se a sua mãe, durante uma reunião de orações, antes mesmo de seu nascimento. Manifesta-se, uma segunda vez, quando acaba de nascer e deve ser colocado em aparelhos de reanimação. Finalmente, uma terceira vez, por ocasião do Natal. Nesta terceira manifestação, ele começa falando como alguém que está voltando, pessoalmente, à terra:

“Como é difícil, doloroso, voltar a esta terra, há séculos esquecida! Reencontro-a terra de minhas longínquas encarnações passadas, com emoção...”

Mas, ao final de seu discurso, do mesmo discurso, (é, portanto, a mesma entidade que continua falando!), ele fala muito mais como alguém que entrega a nova criança a seus pais:

“Minha missão terminou, devo retomar meu caminho na estrada ilimitada. Em meu coração, a pequena chama embalará meu sofrimento. Deixo com vocês uma alma muito querida, neste berço enfeitado. Ele é bonito, ele é sereno, e está confiante em um destino livremente escolhido e, enfim, aceito...”

Este último texto leva-me, inclusive, a mencionar rapidamente um outro problema. Se eu creio que a reencarnação, como é habitualmente vista hoje no Ocidente, não existe, eu creio, segundo numerosos testemunhos do além (dentre aqueles que considero confiáveis), que existe uma certa forma de preexistência: pelo menos no sentido de que cada um, antes de vir a este mundo, tem uma breve, porém clara, visão das grandes linhas da vida que lhe está sendo proposta, como uma espécie de talagarça sobre a qual sua liberdade vai bordar. O zoroastrismo, que ignorava a reencarnação, conhecia esta preexistência. ⁽²⁾ Eu acho que também aí, como no caso dos anjos, não existe uma simples elocu-

(1) op. cit, pp 300-306.

(2) Jean Prieur. *Zarathonsa. Homme de Lumière*, Robert Laffont 1982, p. 136.

Nota 1.

bração, mas algumas experiências subjacentes. Roland de Jouvenel, do além, reconhece este papel particular do Irã antigo (pré-islâmico): “O Iran, diz ele, é um dos berços do modelo inicial”(1)

3. Rumo à luz

Os falecidos que já estão no caminho do Amor, como vimos, continuarão avançando por ele, em boa parte pela devoção a nós. Mas, enquanto eles consagram uma grande parte de suas atividades a nos auxiliar, podem também ser ajudados de diversas formas. Inicialmente, por guias espirituais mais avançados que eles, vindos de esferas superiores às deles, e que se colocam a seu serviço - como eles colocam-se a nosso serviço. Em seguida, pelos anjos, guias espirituais que jamais viveram sobre a terra, e que parecem estar fora do sistema do anjo da guarda. Aliás, Machtilde Thaller, a mística alemã que sempre via seu anjo da guarda, recebeu também a assistência de um “arcanjo” - que ela também tinha o privilégio de ver.

Toda esta hierarquia descendente corresponde perfeitamente à *Hierarquia celeste*, vista por São Denis, o pseudo-aeropagita do século V.(2) A *Hierarquia eclesiástica* (outra obra do mesmo autor) foi concebida como a imagem daquela celeste (ao menos no ideal!). O grande problema era, então, saber - e não inventar, *a priori* -, saber mesmo, se, de fato, toda subida nossa rumo a Deus devia passar por todos estes intermediários. Os textos de São Denis eram, a este respeito, pouco claros. Não se trata de um problema de intelectuais. A oração torna-se quase que impossível se não atinge Deus diretamente. Eu creio que Endre von Ivanka bem demonstrou, em São Denis, que é preciso distinguir a via do ensinamento, ou “iluminação”, da via do amor, onde os seres situados no último nível estão em relação direta com Deus.(3)

Nos *Diálogos com o anjo*, o anjo diz ser ele quem transmite cada um de nossos pensamentos, mas parece que este anjo, muito especial, é uma parte de nós mesmos. (4) A solução parece ter sido dada por Alain

(1) vol. V, *La seconde vie*. op. cit, p. 70.

(2) cf. Le Cerf, coleção *Sources chrétiennes*, n° 58,

(3) cf. referências em meu livro: *Pour que l'homme devienne Dieu*, p. 563.

(4) op, cit, p. 48; p. 144.

Tessier, o garoto órfão, que concorda totalmente com São Denis, ao menos no pensamento:

“Alain: “Reze, como nós já dissemos cem vezes. Aproveite as oportunidades. Peça a Deus que venha até você... Deus coloca-se ao alcance daquele que reza.

Julien: Ou será que envia seus emissários para representá-lo?

Alain: Você está se desviando de novo! Não! Se eu disse Deus, é Deus. Ele próprio faz isto, pois Ele pode fazê-lo, mesmo que você não compreenda”. (1)

Digamos apenas que, na realidade, como diria São Denis, Deus não precisa deslocar-se muito, pois ele já está no fundo do coração de cada uma das suas criaturas.

Nós também podemos ajudar na evolução dos falecidos. Através da oração, de nossos pensamentos repletos de amor. Todos dizem isto. Eles sentem imediatamente que nós pensamos neles. Retomemos o diálogo entre Julien e Alain Tessier:

Julien: “Se eu rezar por você, vou ajudá-lo?

Alain: Claro que sim. Você já fez isto, e deu-me grande alegria...

Julien: Eu gostaria de ajudá-lo com todas as minhas forças. Eu rezo por você, Alain. Você bem o merece, e eu gostaria que Deus fizesse com que você sentisse isto.

Alain: Sim, você me ajuda ao falar assim. É imediato e maravilhoso. Continue”. (2)

Eis outros detalhes que nos chegam através de Michel, o filho de Belline, célebre vidente. Lembremos que Michel, antes de morrer, era não-praticante, e que, por muito tempo revoltado contra a idéia de Deus, só começou a evoluir após a morte de seu avô e sob a influência deste último:

Michel: Toda oração faz jorrar pequenas luzes de cores diferentes que indicam sua proveniência. Imagine que há azul prateado

(1) Paul Misraki, *L'expérience de l'après-vie*, op cit, p. 173.

(2) op. cit, p. 182.

do no cemitério, rosa na oração interior, rosa e ouro em um templo...(1)

Belline: As orações ajudam em sua elevação?

Michel: A oração é luz. Por este motivo alguns, dentre nós, precisam de orações... Toda claridade traz paz. Ela é alegria, e é provocada por cada oração. Eu a vejo, pequena e rosa, para os familiares; maior e rosa, para os próximos. É a intensidade da chama que indica a fonte, familiar ou de amizade...

Belline: E, no entanto, você não acreditava...

Michel: Eu tenho um lugar na casa de luz. Ele será melhor, um dia.

Belline: Esta evolução virá de você mesmo? De nós?

Michel: De Papai, sobretudo.

Belline: Porque de mim?

Michel: Porque, graças a você, as pessoas rezarão por mim”.

Observemos, ainda, que Pierre Monnier confirma, totalmente, esta eficácia de qualquer oração pelos mortos, o que não corresponde, entretanto, à sua origem protestante. Mas vale frisar que esta eficácia não parece corresponder ao funcionamento que é explicado frequentemente, muito frequentemente, na Igreja católica - onde a prece é representada como uma súplica que termina dobrando o coração de Deus. Trata-se, aqui, de um simples caso particular da eficácia de qualquer onda de pensamento em geral.

Um dos sinais importantes da evolução do falecido será a transformação de suas relações com outrem, e, sobretudo, parece-me, das suas relações de amor. Para aqueles que a perversidade não retém nas zonas assustadoras vislumbradas por Georges Ritchie em sua viagem fora do corpo com o Cristo, a sexualidade desaparece, mas não o amor.

O amor será, então, expresso de modo bem diferente e bem mais profundo, sem que haja possessão exclusiva - o que não exclui, entretanto, relações privilegiadas, e sem distinção de sexo, pois que nestas relações o sexo não desempenha qualquer papel. Eis o que Rosemary Brown, segundo conversas mantidas a respeito com nossos grandes compositores do além, ou mesmo após observação direta de seu comportamento, crê poder dizer:

(1) No sentido de prédio religioso, Belline, *La troisième oreille*, op. cit, p. 130-131.

“Com efeito, os seres desencarnados parecem não ter qualquer sentido de sexualidade, nem qualquer interesse por este assunto. Após a morte, o lado terrestre de nosso ser é abandonado. O amor expressa-se de modo bem mais completo e feliz, sob outras formas, tomando-se algo de grande beleza, permitindo uma perfeita harmonia entre os seres que se amam. Como todas as barreiras físicas desapareceram, a alma que ama uma outra alma pode unir-se a ela, em toda unicidade”.(1)

Um pouco mais adiante, voltando ao assunto, ela diz:

“No outro mundo, não há casamento tal como o conhecemos aqui. Se temos numerosos amigos do mesmo sexo neste outro mundo, isto é considerado perfeitamente normal. Se temos, ao contrário, numerosos amigos do sexo oposto, é igualmente aceito. São relações de amizade de uma espécie diferente”.(2)

Parece-me que temos uma descrição semelhante a esta união não sexual nas experiências feitas por Robert Monroe fora de seu corpo. Ele acha que a união sexual, tal como a conhecemos neste mundo, é uma pálida imitação, degenerada, daquilo que ele pôde conhecer, quando de suas experiências de desdobramento, com o que ele chama - termo bastante empírico - de seu *corpo segundo*. Nesta união:

“Os dois parceiros fundem-se verdadeiramente, não apenas em um nível superficial, ou em um ou dois lugares específicos do corpo, mas em plano geral, átomo por átomo, através do conjunto do Corpo Segundo. Uma rápida troca de elétrons entre os parceiros ocorre neste momento. Você atinge, em um instante, um estado de êxtase insuportável; e, no instante seguinte, você vive a tranquilidade, a plenitude perfeita. Depois, tudo está acabado”.(3)

Mas certas experiências privilegiadas, mesmo neste corpo de carne, ou já em nosso corpo de glória, talvez, através e a despeito deste corpo de carne, deixam-nos ainda melhor entrever o que pode ser o intercâmbio amoroso entre falecidos muito evoluídos. Mais uma vez, cito o diálogo entre Alain Tessier e Julien. É Julien quem nos conta:

(1) Rosemary Brown, op. cit. p. 130.

(2) ibid. p 156.

(3) op. cit, p. 211: pp. 208-209:212-216.

“Eu senti, bruscamente, a sensação da presença física de Alain. Não uma presença externa a mim mesmo, mas interna. Não há palavras para expressar este fenômeno, Uma espécie de torrente que, passageiramente, tomava conta de todo o meu ser. Durou cerca de dez segundos, durante os quais precisei parar de escrever. Ao mesmo tempo feliz e levemente inquieto, perguntei, tão logo pude:

- Alain o que eu acabo de sentir, exatamente?

Alain: Eu vim misturar-me a você. E isto, o Amor de Deus, que você sentiu...“(1)

Belline, após a morte de seu filho e algumas comunicações emocionantes, penosamente obtidas, tentou reunir outros testemunhos semelhantes. Foi assim que Georges Langelaan, jornalista e escritor, contou-lhe como havia selado, com seu pai, uma espécie de pacto, segundo o qual o primeiro a falecer daria ao outro, se possível, um sinal combinado: deslocar uma peça em um tabuleiro de xadrez. Após a morte de seu pai, ele esperou, em vão. Mas outra coisa aconteceu, totalmente inesperada, que ele próprio conta:

“Aproximadamente um mês mais tarde, quando eu andava em meio à multidão, pela Rue Montmartre, rua pela qual sempre passava em companhia de meu pai, tive, repentinamente, a formidável impressão de que ele havia entrado em mim, assim como um homem enfia-se em um confortável sobretudo...(2)

Trata-se de uma espécie de possessão, porém feliz. Um contato de alma para alma, de corpo de glória para corpo de glória, estes últimos perdendo mesmo sua forma. É a transparência total, a comunhão perfeita.

(1) Paul Misraki. op. cit. pp. 182 -183.

(2) Belline. La troisième oreille. op cit. p. 219.

X

A UNIÃO COM DEUS: ÚLTIMA EXPERIÊNCIA DA ALMA BEM-AVENTURADA

Desde o início, entretanto, desde o instante da passagem para o além, o essencial da felicidade sentida não reside nem no esplendor da natureza (que, no entanto, é extraordinária, segundo dizem); nem na variedade ou na riqueza das moradas humanas (apesar de alguns falarem de cidades de luz, como as existentes nos contos mais maravilhosos e nas Escrituras), nem na extraordinária liberdade gerada por este domínio que se tem do tempo e do espaço (apesar de todos parecerem, sobretudo no início, aproveitar dela), nem nesta possibilidade, sem preocupações materiais obsedantes, como neste mundo de ir beber das próprias fontes do conhecimento, nem mesmo nesta paz e harmonia das relações humanas, enfim libertas, pouco a pouco, cada vez mais, de todo egoísmo, de toda vaidade, de tudo que as torna, neste mundo, sempre tão difíceis e tão frágeis.

Não! Tudo isto, é verdade, tem sua importância, mas é apenas um complemento. O essencial desta felicidade é a experiência de Deus.

1. Deus sentido como energia

Inicialmente, Deus é sentido como uma radiação de energias, vivificantes, benfazejas, através das quais Ele nos regenera continuamente. Eis o testemunho de alguém que escapou da morte, relatado por J. -C. Hampe:

“Desde então, Deus representa para mim uma fonte fundamental de energias, inesgotável, intemporal, que faz jorrar energias, sem parar, que absorve também energias, em um pulsar contínuo... Ela é a harmonia perfeita... diferentes mundos se formam a partir das diferentes vibrações, pois as frequências são di-

ferentes. Por este motivo, diferentes mundos podem existir, ao mesmo tempo, no mesmo lugar...”(1)

Pierre Monnier, do além ao qual chegou, diz-nos a mesma coisa:

“Em todas as coisas há parcelas de Deus (que podem ser chamadas, mais corretamente, de “energias”)... as energias divinas espalhadas na criação são, na realidade, “a influência” de Deus, exercida em vida, em pensamentos, em individualidade...”(2)

Para J.-C. Hampe, seu falso moribundo expressou-se nas “categorias da filosofia oriental”, pois esta representação de Deus não corresponde àquela difundida, pelo cristianismo ocidental, católica ou protestante, fortemente marcada pelo Deus *Ato puro* de Aristóteles. Eu sei que tenho o dom de exasperar muitos teólogos ocidentais quando denuncio o estatismo do Deus de Aristóteles e de São Tomás de Aquino. Mas eu não posso, de forma alguma, considerar como sendo muito dinâmico um Deus que, para não sofrer qualquer influência, já decidiu, definitivamente, tudo a respeito de minhas relações com ele. É a predestinação. Se este Deus é dinâmico, seu dinamismo é, ainda assim, bem imóvel!

O Deus cristão, acreditamos, nada tem a ver com aquele de São Tomás de Aquino, ou seja, de Aristóteles. É um Deus dinâmico, tanto quanto aquele do pensamento oriental. Neste ponto, as religiões se encontram perfeitamente. São as *energias incriadas* da teologia patrística, depois bizantina, e, por fim, ortodoxa moderna. Elas são expressas nos ícones pelo fino resplendor dourado que se opõe ao fundo dourado do ícone, assim como as *energias incriadas à essência* de Deus. Deus, enquanto comunicação (as energias, o resplendor), e Deus, enquanto fonte fundamental, inesgotável (a essência): Esta é a teologia dos cristãos do Oriente, das suas origens até os dias atuais. E eis que reencontramos esta distinção no testemunho de Pierre Monnier! Mas, naturalmente, com seu vocabulário próprio:

“Deus concedeu a vocês “Sua influência”, esta corrente imponderável que vai de Seu “núcleo dinâmico” até os homens. Ao^{*2}

(1) Johann Christoph Hampe, *Sterben ist doch ganz anders*. op. cit. p. 126.

(2) *Lettres de Pierre*, vol. III, p. 149.

invés de utilizarem esta minha expressão bárbara para melhor compreender a produção de amor, chamem-no de “um coração”, o coração de Deus, fornalha ardente e luminosa que anima todo o universo.”(1)

No Egito antigo, um outro “berço do modelo inicial”, retomando a expressão de Roland de Jouvenel a respeito do Irã, muitas vezes representa-se o disco solar. Dele partem vários raios que terminam em forma de mãos. Deus acaricia-nos o rosto, permanecendo no fundo do firmamento: Imanência e Transcendência aí estão representadas.

Mas o budismo, em sua forma Zen, não seguiria esta linha, até a representação do coração, resplandescente de amor. O Budismo do Buda não comporta, aliás, a noção de um Deus pessoal. Um campo de forças, de energias vivificantes, na origem de todas as coisas, sim; energias benfazejas até, pois que, efetivamente, nos fazem bem - embora esta noção de “bem” seja bastante estranha para o Zen. Mas, em todo caso, sem que haja, por trás destas energias benfazejas, nenhuma intenção de fazer o bem. Simples campo de energias.

2. Deus sentido como Amor

Durante um longo período, e em várias de suas cartas, Pierre Monnier fez desta idéia seu motivo condutor, a conclusão sistemática de quase todas as suas cartas: “pois o amor, é Deus!”, “ora, o amor é Deus”, “pois Deus é o amor”...(2) Mas, evidentemente, tal conclusão é, a cada vez, justificada pelo desenvolvimento de idéias que a precedem.

Esta experiência de amor está, aliás, muitas vezes ligada à da luz. Deus é sentido, ao mesmo tempo e indissociavelmente, como amor e como luz. Como dizia São João Evangelista em suas Epístolas: “*Deus é amor*” e “*Deus é luz*”.

Podemos nos lembrar, com certeza, do testemunho de todos aqueles que escaparam da morte e que disseram terem-se sentido “submersos”, “esmagados” de amor. O Doutor Moody relatou-nos numerosos exemplos desta natureza. Uma grande quantidade de outros testemunhos podem ser encontrados na obra de J.-C. Hampe.(3) Lembremo-

(1) *Lettres de Pierre*. vol. III, p. 151.

(2) *Lettres de Pierre*. vol. I. pp. 131, 133, 140, 152, 155, 157, 163, 169, 172, 175, 178, 190, 205...

(3) op. cit, pp. 80-81-82, 89, 109.

nos, também da história de Tom Sawyer, o mecânico de automóveis, que, ao contar sua aventura, desfazia-se em lágrimas a cada duas ou três frases.

O AMOR SENTIDO NA ORAÇÃO

Encontramos, aí, a experiência dos grandes místicos, cristãos ou não-cristãos. Mas, entre as mensagens do além, gostaria de destacar aqui os belíssimos textos de Verro. Não que tudo me agrade em suas mensagens. Elas são de um “reencarnacionismo” lancinante. Às vezes, até apresentam fórmulas teológicas imprecisas e estranhas (ao menos para mim, evidentemente). Mas revelam uma experiência de Deus que considero totalmente autêntica e profunda. Nelas encontramos alguns dos mais belos textos, que eu conheço, sobre a oração.

O caso de Verro é mais um fenômeno de escrita automática. Um homem que teria tudo para ser feliz - uma mulher que ele ama e que o ama, dois filhos belos e alegres, uma casa, uma boa situação, - é pouco a pouco invadido, tomado por uma angústia inexplicada, por uma depressão nervosa:

“Meu cérebro doente aumenta cada obstáculo e faz tempestades em copo d’água: o maior problema obseda-me e mina minhas resistências. Não tenho mais força para viver.” (1)

Médicos, neurologistas, até curandeiros, ninguém consegue resultados.

Certa manhã, sua mulher obriga-o a levantar-se, leva-o até a sala de estar, acende um palito de incenso, coloca no toca-discos, ou melhor, no “pick-up”, como se dizia na época, um disco de órgão, e faz-lhe um longo discurso, muito categórico, onde explica-lhe que ela acredita na possibilidade de uma ajuda vinda do além. Isto existe, é possível, e eles estão necessitados: “Nós vamos gritar ao Céu, para que ele nos ouça...” E então, ela segura uma caneta em uma das mãos, sente um grande arrepio percorrer-lhe o corpo, e, com o olhar parado, o rosto sem expressão, põe-se a escrever: “Tendo em vista a grande angústia de vocês, Eu venho ajudá-los e autorizo-os a me questionar.”

Foi o início de uma lenta subida aos Infernos. Estamos em março de 1955. As mensagens durariam até outubro. Infelizmente, logo de-

(1) *Entretiens avec l'Ami, Dialogue avec Verro*. Dervy-Livres 1958, p. 13.

pois, Verro acredita estar fazendo o bem ao ceder seu lugar a uma espécie de Mago de araque que se fazia chamar de “São Germano”, e as últimas páginas derrapam para um esoterismo caricatural, de tendência oriental pronunciada, como tantos que existem por aí. Mais uma vez, o além é, em seu início, apenas o prolongamento deste nosso mundo. Por este motivo, aliás, não vejo nenhuma razão, em casos comuns, de se voltar à terra para continuar uma evolução. Os magos e os gurus devem andar soltos no além, da mesma forma como andam por aqui, em busca de clientela. A mesma busca da Verdade continua, com os mesmos tropeços, mas como acontece aqui quando no plano intelectual as primeiras descobertas são ainda cheias de imperfeições, de erros ou meias-verdades - o nível atingido pode ser bem mais elevado no nível do amor. Numerosos “hereges” puderam ser grandes santos. Deixando de lado a palha, vejamos aqui as pérolas: a experiência espiritual de “Verro”.

“É preciso, evidentemente, meditar. Mas vocês podem meditar durante anos e nada sentir. Antes de mais nada, eu acho, é preciso amar, pois o Amor é o Caminho Real que conduz ao Divino. É preciso amar e esquecer todo o resto neste Amor. Também é preciso deixar de lado tudo que não é a adoração mística e incompreensível que os deixa, justamente, sentir e perceber o Divino em vocês. É preciso sentir este Amor vibrar até que a Alegria os inunde, identificar-se com esta Alegria e com este Amor, a ponto de não serem nada mais que Amor e Alegria, e do Amor e a Alegria serem vocês mesmos.”(1)

Na minha opinião, todo o contexto prova que não se trata, oh! mas não se trata mesmo, de uma exaltação sentimental pesada e apaixonada à moda de nossos amores humanos. Trata-se de uma alegria que ultrapassa o despojamento completo:

“...é um arrebatamento insensato, intuitivo, do qual o cérebro não participa, pois o cérebro humano, não pode nunca amar o que não tem forma nem nome. Por este motivo, para as almas menos idosas ainda há a necessidade de um Deus com formas humanas, com particularidades físicas, para que elas O compreendam.”

(1) op. cit, p. 68.

O Cristo veio à terra, mas Ele não permaneceu aqui. Dele guardamos apenas a lembrança. O texto acrescenta:

“Apenas as almas muito avançadas conseguem amar o Impessoal e o Incriado”.(1)

O termo “impessoal” parece-me pouco exato, mas, como para as pessoas que não têm formação filosófica ou teológica rigorosa, ele aqui designa apenas o aspecto físico habitual de uma pessoa com um corpo (o contexto mostra-o, claramente). Mas, com rigor de termos, não se pode, de fato, amar uma força impessoal.

“Uma prece bem feita não comporta palavras repetidas ou aprendidas, mas um arrebatamento de adoração e de fervor tão intenso que a vida terrestre afasta-se e desaparece...”(2)

“A prece é um puro arrebatamento de fé e de amor da criatura para com seu Criador... Não são as palavras que formam uma prece bem feita, mas o arrebatamento de adoração e de amor.

Você pode dizer apenas: “Meu deus, o senhor está aí e eu o amo”. Se todo o seu ser vibrar ao pronunciar esta frase, você terá feito uma bela prece”.(3)

Eu acrescentaria que tudo isto está perfeitamente de acordo com todos os nossos místicos do Oriente e do Ocidente, cristãos ou não-cristãos, sempre que há esta relação de amor com um Deus pessoal.

Para ser mais completo e totalmente honesto, devo acrescentar que a contradição é total com a quase totalidade dos *tratados de oração* que encontramos nos seminários e Noviciados cristãos do Ocidente, e que mantêm sistematicamente os “fiéis” presos a formas inferiores de prece.(4)

Insisto ainda. A experiência do amor implica uma relação pessoal. Eu posso “gostar” do calor, da luz, da vida. Isto quer dizer, simplesmente, que eu procuro o sol, ou o calor da lareira, que eu aproveito a luz e vida. Eu posso sentir uma força impessoal, sabê-la benfazeja, indispensável ou agradável. Mas não tenho relação de amor com o calor, com a luz ou com a vida.

(1) *ibid.* p. 69.

(2) *ibid.* p. 166.

(3) *ibid.* p. 194.

(4) ver outros belos textos de Verro. pp. 86: 88-89: 154, 201-202

Na experiência de falsos moribundos, surge o aspecto cósmico que tanto agrada ao pensamento oriental. Mas há também o amor. Retomo a narrativa de Tom Sawyer, o mecânico, que, após seu acidente, começou a devorar livros de mecânica quântica, tendo a impressão de reencontrar neles as lembranças do além. Vimos, também, que ele havia sentido fortemente a impressão de ter-se identificado, de ser as paisagens maravilhosas que via: “ele percebeu que ele *era* aquelas paisagens, que ele *era* aquele pinheiro gigante, que ele *era* o vento, que ele *era* aquele rio de prata e cada um dos peixes que nele se agitava”.

Mas há o amor. Retomemos, mais uma vez, a narrativa;

“Inicialmente, como uma estrela, um ponto no horizonte. Depois, como um sol. Um sol enorme, um gigantesco sol, cuja clareza apesar de extraordinária, não incomodava. Ao contrário, era um prazer olhá-lo. Quanto mais ele aproximava-se desta luz branca e dourada, mais sentia a sensação de reconhecer sua natureza. Era como se uma antiga, muito antiga lembrança, escondida nos recônditos de sua memória, desterrasse incendiando, pouco a pouco, toda a sua memória. Era extremamente delicioso... pois era uma lembrança de amor. Aliás, e seria possível, esta luz estranha parecia também ela exclusivamente composta de amor. A substância “amor puro”, era tudo que ele sentia do mundo...”.(1)

Uma luz que é amor. Toda a mensagem de São João está aí contida. Bem como a experiência de todos os místicos. A substância “amor puro”. O aspecto pessoal aparece também, mas indiretamente expresso, na referência a seu amor por sua mulher e por seus filhos. Ele não é menos explicitamente pessoal:

“Mas o essencial, diz Tom Sawyer com um sorriso embaraçado, é impossível de ser dito com palavras.

- Por qual motivo? Pergunta um jovem jornalista da televisão de Rochester.

- Porque é algo que nós não conhecemos, normalmente, na vida.

- Mas você falava de amor, replica o outro, e isto nós conhecemos!

- Veja só, diz Tom, eu amo minha mulher e tenho dois filhos

(1) Patrice Van Eersel, *La source noire*, op. cit, p. 196.

que eu adoro. Pois bem, todo este amor, tomado no máximo de sua intensidade, e mesmo acrescido de todo o amor que já senti em minha vida, não constitui sequer uma percentagem do amor que eu senti em presença da luz. Um amor total, infinito”.(1)

Todos os místicos dizem o mesmo. Neste mundo, tal experiência tem que ser curta. Nosso corpo não resistiria a ela.

Neste estágio (eu insisto muito neste ponto, eu sei) abandonamos os Filósofos ou as religiões que não souberam encontrar ou desenvolver a noção de pessoa; ou que a confundiram muito com a de indivíduo, de “ego”, fonte de todas as fragmentações e de todas as divisões. As religiões do impessoal conhecerão a paz interior, a serenidade, a harmonia com as forças da natureza. Elas não podem, por si só, conduzir a esta experiência do amor.

Até este ponto eu podia me apoiar em todas as mensagens do além que conheço. Sobretudo, evidentemente, naquelas que partem desta experiência direta do amor de Deus. Porém, mesmo as outras “mensagens” mais duvidosas, onde a parte de intervenção do receptor torna-se preponderante, sentem-se obrigadas a falar de Deus como amor, mesmo que o tom deixe transparecer que o discurso não corresponde a nenhuma experiência pessoal.

Nós tínhamos, portanto, o aval de todas as mensagens do além e da maioria das grandes religiões, das grandes religiões monoteístas (o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo), mas também do Hinduísmo, de algumas correntes budistas, de todas as religiões animistas...

No que se refere aos testemunhos que apresentarei agora, só teremos a aceitação, evidentemente, das religiões cristãs.

Não teremos, tampouco, unanimidade nas mensagens, embora a quase totalidade delas provenha do Ocidente, outrora cristão.

Não tenho, de forma alguma, a intenção, nem aqui nem em outro ponto, de impedir ninguém de crer no que deseja. Reconheço, antecipadamente, que aqui, mais que em outros pontos, a parcela de julgamento pessoal será grande e sempre discutível. Isto posto, o leitor terá, como de hábito, todas as referências necessárias para ir diretamente aos textos originais e julgar por si mesmo.

(1) *ibid*, pp. 196-197.

3. O Cristo sentido como Deus

Contra a divindade do Cristo. Um primeiro exemplo: Jeanne Morrannier.

É preciso destacar, entre as mensagens hoje amplamente divulgadas, as da senhora Morrannier. O sexto volume de sua obra, *L'Univers spirituel* (O Universo Espiritual) acaba de ser publicado. Já foi criada uma Associação Georges Morrannier, bem como uma Carta, um Prêmio... Para Georges, o jovem professor assistente de faculdade que se suicidou, e para numerosos amigos que reencontrou ou para aqueles que conheceu no além, o Cristo é apenas um profeta, um iniciado, entre muitos outros, da mesma forma que Confúcio, Buda ou Maomé.

Não se trata de discutir aqui tais opiniões, embora a idéia de se colocar, no mesmo plano, o Cristo e Maomé sempre tenha me chocado. Maomé era, certamente, um médium, mas também um homem sensual e sanguinário... Alguém poderá argumentar que São Luís também guerreou. Porém nenhum cristão colocará o santo no mesmo nível do Cristo.

O único ponto que gostaria de mencionar aqui é aquele referente ao peso que se pretende atribuir a esta opinião, como emanada de pessoas mais bem situadas que nós para julgar a respeito: não somente porque, agora, estão no além, mas também porque já alcançaram um grau avançado em sua evolução, a “quinta esfera”, ou seja, o penúltimo degrau daquele sistema.

Ora, eu já expliquei por qual motivo, na minha opinião, eles estão apenas no início de sua evolução no além, entre aqueles que mal saíram da terra. O sexto volume da obra da senhora Morrannier bem o confirma. Além disto, constato aqui que Georges Morrannier, embora estando na “quinta esfera”, tendo instrutores vindos da “sexta”, continua a acreditar que o Deus das grandes religiões é antropomorfo. Sua grande descoberta: Deus não tem braços nem pernas. Ele imaginava que o Deus judeu, ou o do Islã, tinha um corpo - em religiões onde as imagens são proibidas! Mesmo já estando na quinta esfera, ele ainda não abriu um catecismo! “Deus é puro espírito”, está escrito em todos os catecismos! Fico perplexo ao perceber que ainda agora ele acredita que o Deus de São João da Cruz, bem como o do Mestre Eckhart, o de Al Hallaj, tinha um corpo!(1)

(1) Jeanne Morrannier, vol. IV, pp. 115. 127; vol. V. p. 168.

Que um padre, agora no além, não creia mais na divindade do Cristo - acho muito triste, mas considero ser um direito seu! Mas quando o mesmo continua a defender, obstinadamente, a missa rezada em latim, e o celibato dos padres... então eu começo a entender.(1) Só posso desejar ao mesmo uma rápida evolução.

Um segundo exemplo: Arme e Daniel Meurois-Givaudan

Uma outra variante deste abandono tem hoje grande repercussão. Não se trata mais, desta vez, de mensagens recebidas por escrita automática, mas de viagens *astrais*, fora do corpo, em estado de desdobramento. Anne e Daniel Meurois-Givaudan descobriram, sem sequer ter procurado, esta fantástica possibilidade (da mesma forma que Robert Monroe e Jeanne Guesné). E conseguiram, assim, ter acesso às famosas *crônicas de Akasha*. O Akasha é a Memória do Universo:

“Um gigantesco ‘filme’ realizado pela própria Natureza, capaz de revelar-nos, em certas condições, a ‘memória do passado’... A leitura dos Anais de Akasha pressupõe, aliás, uma autorização concedida pelos seres espirituais que dele tomam conta. São eles que garantem a pureza de intenção dos ‘viajantes’ e sua capacidade de assimilação...”(2)

É um pouco como as ondas remanentes que o Padre Emetti de Veneza tenta captar com seu “cronovisor” (pelo menos o cenário oriental).

Com esta experiência, ficamos sabendo como Jesus, dos doze aos treze anos, foi educado e "iniciado" na comunidade essênica do Monte Carmelo, e conduzido por dois magos da Fraternidade, até a Índia, ao Tibete, à Pérsia, à Grécia e, finalmente, ao Egito. Então, no coração da Grande Pirâmide, o espírito de Kristos desceu em Jesus. Ficamos sabendo, ainda, que o Cristo não morreu de fato na cruz; e como, após ter sido retirado do túmulo, puderam tratá-lo e curá-lo. Ele pôde, então, retomar secretamente seus ensinamentos no Monte Carmelo até uma idade avançada. No momento de sua morte, seu corpo de luz elevou-se, lentamente, acima do Monte. Seu corpo de carne, inalterado, foi cuida-

(1) vol. II, pp. 106-107; pp. 110-114

(2) Anne e Daniel Meurois-Givaudan, *De mémoire d'Essénien*. Arista 1984. pp. 11-12.

dosamente guardado durante vários séculos, no monastério da Comunidade, antes de ser transportado, mais tarde, mais para o Leste.

Este conto iniciático baseia-se, em grande parte, nas tradições conservadas no Afeganistão e na Índia, sobretudo em Cachemira, onde são encontrados nomes de lugares, monumentos, e mesmo textos, talvez, relacionados a um certo profeta Yeshou, Issô. Frédéric Rossif filmou alguns destes lugares, com comentários de Claude Darget. Tais teorias já haviam sido defendidas por Andréas Faber Kaiser, na obra intitulada *Jésus est mort au Cachemire* (Jesus morreu em Cachemira). Mais recentemente, um jovem alemão realizou pesquisas nos locais mencionados, e tentou sustentar esta hipótese de todas as maneiras possíveis.(1) Infelizmente, suas demonstrações estão repletas, em todos os instantes, de erros e suposições. Ele acredita que a narrativa do dilúvio contida nos Vedas é a mais antiga do mundo, quando as tradições sumerianas são bem anteriores. Ele crê que as marcas do corpo do Cristo no sudário de Turim podem provir do corpo, ainda vivo, que transpirava sob efeito de febre. Tal processo, por escoamento, teria produzido uma espécie de líquido colorido. Ora, as últimas análises mostraram bem que não há qualquer produto corante no sudário, além das manchas de sangue. As diferenças de cor do tecido, que fazem aparecer a forma do corpo, provêm de uma simples dessecação de duas ou três fibras por fio de linho. Mas não há qualquer pigmento corante, nem artificial (pintura), nem natural (escoamento).(2)

Acrescentemos que esta versão dos fatos apresenta numerosas variantes, se considerarmos os documentos que ele utiliza. Uma de suas grandes fontes é o Evangelho do Aquário, redigido, ou melhor, recebido por Levi H. Dowling, no final do último século. Em profundo transe, Dowling recebeu, também ele, a revelação das famosas crônicas de Akasha. Porém, infelizmente para esta tese, as diferenças são grandes; aqui, é o príncipe de Orissa, Ravanna, que encontrou o Cristo ensinando no Templo, aos doze anos, e que o levou à Índia; também aí, o Cristo não morreu na Cruz: após ter sido curado, foi reconduzido até sua mãe, no Oriente, para, depois, vir a morrer em Cachemira.

(1) **Holger Kersten.** *Jesus lebte in Indien*, **Knaur 1983-84.** *Jésus est mort ou Cachemire.* Ed. de Vecchi.

(2) *La vérité sur le Suaire de Turin*, Kenneth E. Stevenson e Gary R. Habermas. Fayard 1981, pp. 102-128.

Estas não são, aliás, as únicas versões da vida de Jesus, segundo as famosas Crônicas. Há muitas outras. Assim, Wellesley Tudor Pole, na Inglaterra, também teve acesso às Crônicas de Akasha. W. Tudor Pole era um industrial quando tornou-se viajante, realizando visitas sobretudo ao Oriente Próximo, estudando arqueologia no Egito, na Palestina, na Turquia, no Saara. Mas ele sempre teve, também, preocupações espirituais, interessando-se por fenômenos de cura exercida pela medicina alternativa, e recebendo mensagens por escrita automática. A ele devemos, sobretudo, o surpreendente livro intitulado *Private Dowding*, no qual nos relata as mensagens recebidas de um soldado inglês, morto em agosto de 1916, no norte da França. Levado por um amigo até a senhora Simone Sainte-Clair, outra apaixonada por todos os tipos de comunicação com o além,(1) esta colocou-o em contato com Rosamond Lehmann, de quem traduzira um livro para o francês.

W. Tudor Pole, por volta dos anos 1958-1962, recebeu uma série de “flashes”, e uma voz interna garantiu-lhe que não se tratava de ilusão. No prefácio de seu livro, um lorde inglês afirma-nos que se trata, de fato, das Crônicas de Akasha.(2)

Mas, ainda desta vez, a versão é bastante diferente. Dos 18 aos 29 anos, Jesus apenas visita centros essênios. As narrativas de viagem à Índia seriam apócrifas. Mas ele navegava, com frequência, com seu tio, José de Arimatéia. Finalmente, W.T.P. não exclui a possibilidade de Jesus ter ido, assim, um dia, até a Inglaterra. Porém, em linhas gerais, Jesus passou sua juventude em Nazaré e morreu na cruz.

Que devemos concluir de tudo isto? algumas narrativas são mais, ou menos, “akáshicas” que outras? Há interferências no Akasha? Maus espíritos misturaram os Arquivos, ou melhor, as ondas?

Convém, sem dúvida, distinguir claramente dois planos. O dos fatos e o das interpretações, ou invenções.

Quanto aos fatos, não parece que possamos contestar a existência destes locais com seus nomes e monumentos, e mesmo a existência dos documentos escritos. Pesquisas rigorosas seriam altamente desejáveis. Entretanto, no estado atual dos conhecimentos, a origem desta tradição não parece ter mais tantos mistérios. Sabemos que, em 486, as Igrejas do Império persa adotaram, definitivamente, a teologia dita *nestoriana*.

(1) Simone Saint-Clair, *Le flambeau ardent*, Astra 1971 — *Une voyante témigne*, obra escrita em colaboração com Héléne Bouvier, Ed. Fayard.

(2) Wellesley Tudor Pole e Rosamond Lehmann, *A man seen afar*, Neville Spearman, edição de junho de 1983.

Esta forma de compreender o mistério do Cristo tendia a separar, nele, as duas naturezas: humana e divina. No século IX, os mestres desta Igreja terminaram admitindo, no Cristo, duas pessoas: uma, divina, e outra, humana.

Ora, esta Igreja nestoriana espalhou-se pelo Curdistão e pela Ásia central até a China, Índia e até o Ceilão. Seus missionários criaram, provavelmente, novos santuários, um pouco como se reconstituiu, em certos locais de peregrinação, um caminho da cruz com um Calvário, ou uma “gruta de Lourdes”

Há alguns anos, um pesquisador isolado tentou provar, pelo mesmo método de estudo dos nomes dos lugares, que a *Terra prometida* dos Judeus no Antigo Testamento não era a Palestina, mas o Iêmen. Sua demonstração não convenceu o mundo erudito.

No que se refere às interpretações, extrapolações ou invenções, a verdade é que nosso mundo (mesmo aqueles voltados para o esoterismo) não está em condições de compreender, como o Padre Charles de Foucauld, os dezoito anos de silêncio do Cristo em Nazaré. Ser-lhes-ia necessário o senso de contemplação. E, a partir do momento em que se está convencido de que Cristo não é Deus vindo à terra, é natural que se tente explicar o surgimento extraordinário de sua mensagem. Começa-se a procurar seus professores, seus gurus. A última homenagem dos incrédulos é reconhecer que seu ensinamento e sua vida retomam e superam tudo o que de melhor nossa humanidade havia produzido em termos de Sabedoria. Mesmo nas inumeráveis mensagens recebidas pela célebre médium Paline Decroix, encontramos a pretensão de querer atribuir Mestres ao Cristo. Sempre há variantes. A imaginação é uma riqueza infinita. Em uma dessas “mensagens”, explica-se que o espírito de Deus apossava-se de Jesus apenas a cada período de três anos! Que o Mestre dos Mestres que velará especificamente por nós, durante a nova era de Aquário, não será mais o Santo Germano de Verro, mas nosso Pai Houg-Kang. É uma boa idéia... Sairemos um pouco da Índia.(1)

Existe, neste momento, um formidável consenso nos meios esotéricos para anunciar mudanças consideráveis com a chegada da era de Aquário. Entenda-se: o desaparecimento das grandes religiões tradicionais que cederão lugar a novos Mestres. Mas o consenso acaba aí. Pois, em seguida, posso garantir que surgirão muitos novos mestres! Infeliz-

(1) Jeanne Decroix, *L'amour par-delà la mort*, Sand et Tchou 1983. pp 80, 147.

mente, a julgar por algumas “boas páginas” que pude ler até hoje, não tenho muita certeza de que ganharemos com a troca.

O que muito me entristece é que, em todas estas viagens de iniciação atribuídas ao Cristo, os Astecas e os Incas sejam sempre esquecidos. No entanto, “no astral”, as viagens não custam muito caro! Alguns não relutaram em fazer com que Cristo viajasse para bem mais longe. Fizeram-no até ser sequestrado por extra-terrestes, para melhor assegurar sua formação. ..

Pela divindade do Cristo

Correndo o risco de tomar-me enfadonho, começarei fornecendo uma lista cronológica de todos os grandes mensageiros que confirmam plenamente a divindade do Cristo, no sentido em que esta divindade é entendida pelas grandes Igrejas Cristãs. Não estou tentando convencer ninguém, mas analisar um problema capital. Cabe a cada um, em seguida, procurar, comparar os textos, confiar mais em uns ou em outros, de acordo com sua sensibilidade. Eis, portanto, entre os nomes que conheço, uma lista provisória:

BERTHA - por Miss Mortley, falecida em 1934

PIERRE MONNIER - textos de 5/8/1918 a 9/1/1937

GITTA MALLASZ - *Dialogues avec l'Ange*, textos de 25/6/1943 a 24/11/1944

PAQUI - *Entretiens célestes*, textos de 1925 a 1947

MARIE-LOUISE MORTON - textos de 1940 a 1956

MARIA VALTORTA - que começa a tomar-se conhecida na França. Recebeu, por escrita automática, cerca de quinze mil páginas de caderno. Seus escritos, em italiano, sobre a Vida do Cristo, intitulam-se, bem claramente, *O Poema do Homem-Deus*,(1), textos de 1944 a 1947. A tradução francesa, publicada na Itália, tem 10 volumes. *Entretiens avec l'Ami* textos de 1955 a 1957.

ROLAND DE JOUVENEL - textos de 23/10/1946 a 16/2/1969

ALAIN TESSIER - textos de 1972 a 1973

ROSEMARY BROWN - ditados musicais a partir de 1964. Encontro com o bispo de Southwark em 1970, e *Immortals at my elbow*, publicado em 1974.

(1) Traduzido para o francês com o título *L'Évangile tel qu'il m'a été révélé (O Evangelho tal como me foi revelado)*. Pisani

Por fim, uma religiosa anônima, escrevendo também por escrita automática, cujos textos são publicados com “imprimatur et nihil obstat”. Os que conheço vão de 1967 a 1974.(1)

Nos dias atuais, também Gerda Johst, na Alemanha, de quem dois volumes já foram publicados. Mas Jean Prieur conhece outros, e observa que, durante a vida terrestre, alguns não haviam concedido muita importância à figura do Cristo. Eles só o descobrem, de fato, após a morte. Assim, por exemplo, Christopher, cujas mensagens foram recebidas por sua mãe, Ruth Mary Tristam (1886-1950).

“O Cristo significa bem mais para mim do que eu pensava... Ele é nossa Cabeça, nossa Coroa e nossa Vida. É a força com qual nós combatemos. O Cristo é a nossa própria vida...”

Ou ainda este texto de um mensageiro anônimo, citado por Denis Saurat, e que extraio de Jean Prieur:(2)

“A prece, toda prece verdadeira, vai ao centro, a Deus, ao Cristo... Toda prece vai ao Cristo, toda ajuda vem do Cristo... O Cristo é o centro do Espaço e do Tempo”.

Mas seria preciso acrescentar os testemunhos de todos os místicos cristãos dos últimos tempos, que receberam revelações por processos paranormais. Se eu admito que suas mensagens e os fenômenos que as acompanham dizem respeito à paranormalidade, penso, também, que todos aqueles que se interessam, séria e honestamente, pelo paranormal devem, por sua vez, levar em consideração tais testemunhos, no mesmo nível que os demais, principalmente os dos estigmatizados que reviveram na própria carne a Paixão do Cristo. Citamos, entre os mais recentes:

MARIE-JULIE JAHENNY (morta em 1941);
ANNA-MARIA GOEBEL (morta em 1941);
BERTHE PETIT, em 1943;
ALEXANDRINA MARIA DA COSTA, em 1955;
IRMÃ ELENA AIELLO, em 1961;
TERESA NEUMANN, em 1962;
BARBARA BRÜTSCH, em 1966;^{1 2}

(1) *Du ciel, un message de joie dans la douleur*, Ed. St. Michel 1975.

(2) Jean Prieur, *Cet au-delà qui nous attend*, Lanore 1979, pp. 249-250 e 251

ADRIENNE VON SPEYR, em 1967;
PADRE PIO, em 1968;
TERESA MUSCO, em 1976;
MARIA BORDINI, em 1978;
MARTHE ROBIN, em 1981.

Outros ainda estão vivos.

Se algumas pessoas, do Ocidente de hoje, pensam que para descobrir a Índia é preciso abandonar a divindade do Cristo, outras, na Índia, pensam que podem manter-se fiéis às suas tradições ao reconhecerem o Cristo como Deus. São, sobretudo, aqueles que se auto-denominam “Hindus-cristãos”. Limitar-me-ei, aqui, aos exemplos que envolvem uma comunicação direta com o além, sob forma de visões, de aparições, e até de Experiência Fora do Corpo.

Eis a narrativa de Sundar Singh, nascido de mãe hindu e de pai Sikh, em 1889. Trata-se de uma visão ocorrida em 18 de dezembro de 1904.

(Ele acaba de jogar no fogo um exemplar do Evangelho);

“Segundo minhas idéias daquele tempo, eu havia feito uma boa ação ao queimar o Evangelho. Entretanto, a inquietação era grande em meu coração. Durante dois dias, senti-me miserável. No terceiro dia, quando percebi que não poderia suportar aquilo por mais tempo, levantei-me, às três horas da manhã, tomei um banho, e fiz esta oração a Deus: que ele se revelasse para mim, mostrando-me o caminho da salvação, pondo fim ao tormento de minha alma. Eu estava firmemente decidido, caso minha prece permanecesse sem resposta, a dirigir-me à estrada de ferro, antes do amanhecer, e colocar minha cabeça nos trilhos no momento em que um trem se aproximasse.

Permanecí em oração até as quatro horas e meia, aproximadamente. Eu esperava, e imaginava, a chegada de Krishna ou Buda, ou de qualquer outro Avatar da religião hindu. Eles não apareceram, mas uma luz pôs-se a brilhar no quarto. Abrí a porta para ver de onde ela vinha, mas tudo estava escuro do lado de fora. Entrei novamente, a luz crescia em intensidade, tomando a forma de um globo de luz acima do chão. E nesta luz apareceu, então, não a forma que eu esperava, mas o Cristo vivo que eu julgara morto. Nem por toda a eternidade, esquecerei sua face gloriosa e amantíssima, nem as poucas palavras que pronunciou: “Por que

você me persegue? Veja, eu morri na cruz por você e por todo o universo”. Estas palavras ficaram gravadas em meu coração como pela ação de um raio, e eu cai ao chão perante Ele. Meu coração estava repleto de uma alegria e de uma paz inexprimíveis, e minha vida inteira foi totalmente mudada. Morreu, então, o velho Sundar Singh, e um novo Sundar Singh nasceu para servir o Cristo vivo”.(1)

Eis um outro testemunho dado por Dhanjibhai Fakirbhai (morto em 1967), em sua *Khristopanishad*:

“Quando eu estava na escola, interessava-me profundamente pela religião e por Deus. Um certo dia, enquanto eu passeava por uma estrada, com os olhos bem abertos, o sol da manhã surgiu à minha frente, por trás de algumas casas. Ao mesmo tempo em que aparecia esta luz repentina, uma voz disse-me, em meu coração: “Você procura Deus? Jesus é Deus”. Estas palavras entraram em mim como uma profunda convicção e uma profunda luz. Desde então, para mim, Jesus é Deus. Jamais reneguei esta revelação, e jamais tive necessidade de um outro Deus...

Jesus, sendo Deus encarnado, ou seja, Deus manifestado em forma humana, não é uma abstração...

Ele não está apenas *em nós* (assim como imaginamos que nossa alma esta em nós), mas Jesus está *conosco*, como um companheiro, um amigo, um irmão e um mestre de ensinamentos, visível e invisível. Para nós ele é pessoal. Embora seja imanente na natureza e no cosmos, e também transcendente, ele é conosco uma pessoa, um homem real. Ele não é isto. Ele é Ele, não um símbolo de Poder, de Lei ou de Ordem. Não um Não-Conhecido. Mas, para nós, ele é pessoal. Ninguém jamais viu Deus. Jesus revela-O, manifesta-O, e coloca Deus em contato conosco. Ele diz: “Quem me viu, viu Deus”. Jesus não é apenas uma manifestação externa. Ele é, também, um Habitante íntimo em nós... Quando alguém tem a experiência de Jesus como Habitante em si, fica convencido de que Jesus é o Próprio Deus, Deus e nada mais, e que Deus é Jesus...”(2)

(1) citado pelo Padre Maupilier em *Les mystiques hindous- chrétiens*, op. cit, pp. 194-195.

(2) *ibid.* pp. 223-224.

Eis, ainda, o testemunho de Kandiswami Chetti (1867-1943). Tornado cristão, recusou o batismo e não quis pertencer a nenhuma Igreja. Mas foi membro da International Fellowship, *Associação para uma melhor compreensão entre as religiões*, diz-nos o Padre Mauplier. Este texto é muito importante, pois mostra como um Indiano pôde sentir o caráter único da Encarnação:

“E verdade, eu creio em Cristo como no Salvador dos homens. Quando digo isto, não significa que ele seja para mim um dos *numerosos* salvadores que Deus enviou ao mundo, várias vezes. Eu sei muito bem que, neste país, a única maneira - acredita-se - de vencer e contrariar o ensino cristão é não contradizendo-o - pois seria ir contra, como se diz, tudo o que há de mais alto no homem - mas subtraindo dele seu caráter distintivo (e a força que ele tem, por seu caráter distintivo), e representando Cristo como um dos numerosos Avatars, ou manifestações, ou enviados de Deus. Assim, os Hindus não fariam qualquer objeção em recebê-lo como tal - mas resistiriam, como se fosse uma traição a seu país e a sua civilização, a qualquer reivindicação para que Jesus viesse a ocupar um lugar especial e único na economia do universo!”

Na minha opinião, a idéia de *numerosos* priva, de sua beleza particular e de sua eficácia, a noção de Deus feito carne. Deus não se revela a cada momento de nossas vidas, na natureza, em sua reconfortante providência, nos grandes homens, que ele faz surgir sob a forma de chefes, nos acontecimentos que determinam o curso da vida futura, tanto para os indivíduos quanto para as comunidades, e no grande movimento da história? Por que, então, ele rasgaria a cortina por trás da qual ele atua - e atua com tanta continuidade e poder - se não fosse com o intuito de revelar-se, não para a intelectualidade do homem, mas para seu teimoso coração? E repetir o processos não o coloca na esfera das manifestações comuns que, embora dirigindo-se ao intelecto, têm dificuldade em converter o coração?”(1)

Mas seria necessário poder citar muitos outros textos desta obra, sobretudo um. ligado a nosso tema: como Sundar Singh fez. um dia. a

(1) *ibid*, pp. 79-80.

experiência de viajar, fora de seu corpo, até o terceiro céu, compreendendo, então, que aquela era a experiência anteriormente feita por São Paulo.(1)

É provável que se atenua, com o passar dos anos, a divisão geográfica das religiões. Cada um disporá cada vez mais, dos recursos materiais para realmente informar-se, e alcançará a corrente de pensamento correspondente a seu coração e a seu nível espiritual. Muitos abandonaram ou abandonarão a fé na divindade do Cristo porque não a viveram verdadeiramente. Para eles, ela não passou de um ensinamento teórico e estranho, uma espécie de mitologia atrasada. Mas aqueles que, nem que seja por um instante, tiverem compreendido o grau de amor para o homem, que está contido na Encarnação de Deus, jamais abandonarão tal tesouro.

Ora, na linha que eu sigo, encontrei, em todos estes *testemunhos do invisível*, numerosas confirmações de minha fé (contra muitos “teólogos”).

Inicialmente, a repetida afirmação de que podemos confiar totalmente nos Evangelhos:

“Releiam os Evangelhos, alimentem nele suas almas. Este é o verdadeiro livro da vida, as palavras, os próprios atos de Jesus, tudo transcrito pelos Apóstolos...”(2)

“Ao homem que crê na verdade das narrativas evangélicas, em seu sentido maravilhoso, nada que se refere ao sobrenatural deveria surpreender”.(3)

Às vezes, ainda com maior precisão:

“...Com efeito, é verdade que o Evangelho de João foi escrito, em parte, por seus discípulos; mas, como já lhes disse, a *palavra* não é nada, tudo está no *espírito*. Ora, o espírito que está no Evangelho segundo João é, na verdade, a concepção espiritual de João, o melhor amigo do Cristo, aquele que, por intuição da mais casta ternura, mais penetrou na alma sobrenatural do Messias... Se vocês reconhecerem que Cristo foi a encarnação do Amor in-

(1) *ibid*, p. 197.

(2) Paqui, *op. cit*, p. 279.

(3) Pierre Monnier, vol. III, p.

trínseco e extrínseco de Deus, o testemunho de João assumirá, perante seus olhos, seu verdadeiro significado...”(1)

Entretanto, a Revelação de Deus é progressiva. Os profetas mais compreenderam as ameaças que a misericórdia. (2)

A Epístola aos Hebreus é dada como obra de Silas, discípulo de São Paulo. Esta é, com efeito, uma das hipóteses há muito tempo formuladas pelos exegetas.(3)

Inútil dizer que os grandes dados sobre a vida do Cristo estão plenamente confirmados: sua divindade, sua concepção virginal,(4) sua Ressurreição, e o túmulo vazio. (5) Excelente teologia da Transfiguração, da Descida aos Infernos, da Ascensão... Encontramos, até, por vezes, detalhes inesperados: para Pierre Monnier, é verdade que Elias e Enoque passaram para o além, *subiram ao céu* com seus próprios corpos, como reza a Tradição, sem passar pela morte. Foi pelo mesmo processo que o corpo de Cristo, após sua morte e ressurreição, entrou na glória:

“Todos estes fatos parecem-lhes inverossímeis, até simbólicos... Mas não são, alguns seres, cuja pureza havia santificado a carne, foram chamados por Deus nas mesmas condições... por vezes conhecidas, outras vezes ignoradas, porque as testemunhas não eram dignas desta clarividência especial”. (6)

Esta é, pois, uma doutrina muito rígida e fiel à Tradição, mas ao mesmo *tempo* uma concepção universal bem ampla da Redenção. Deus só exige do homem o amor, nada além do amor:

“Com que dureza os homens recusam aos homens o direito de pensar!... Como vocês podem saber que tal mártir, de fé diferente da sua, não herdará a Vida eterna da mesma forma que vocês?...
“Querida Mamãe, você me entende?... *Muito será pedido*

(1) *Lettres de Pierre*, vol. II, p. 18.

(2) *ibid*, vol II, p. 404.

(3) *ibid*, vol. IV, p 271 - uma única vez dá a atribuição habitual de São Paulo, vol. III, p 337.

(4) *ibid*. vol. III, p. 344; vol. IV, pp. 325, 450; vol. V, p. 129-130.

(5) por exemplo; vol. III, pp. 345,378,381: vol IV. pp. 145-146.

(6) *ibid*, vol IV, p. 148.

àqueles que tanto receberam. Mas os outros, que num arrebatamento de caridade reúniam a suas famílias, a suas casas, para dedicarem-se apaixonadamente à conquista da sociedade - em nome de sua própria utopia, talvez, mas, entretanto, com um objetivo exclusivamente altruísta - serão convidados à mesa do banquete... Na balança da justiça, Deus coloca apenas a semente de suas colheita"(1)

Este texto data de 1921. Aquilo que hoje é evidente (ou quase) para todos os cristãos, estava longe de sê-lo naquela época. Há vinte anos, eu causava escândalo, nos Seminários Maiores, ao ensinar isto aos futuros padres.

Isto explica, também, a extrema severidade de Pedro em relação à Igreja (o que atrasou, talvez um pouco, a difusão de seus escritos nos meios eclesiásticos...):

“A Igreja, tal qual os homens obstinadamente a procuram manter, com sua pequenez, seu orgulho e seu obscurantismo tradicional, não subsistirá; pois a Igreja, desta forma, não é a obra de Deus. Mas a Luz... Cristo, sobre quem a Igreja lançou um véu de púrpura e ouro que o obscurece e o sufoca, a Luz saída de Deus, é inalterável... ela será vitoriosa... a Igreja traiu seus fundadores... melhor dizendo... a Igreja traiu seu Mestre...”(2)

Resumi tudo isto, essencialmente, a partir das Cartas de Pierre, pois - acho eu - o autor é o mais detalhado e o mais completo. Porém, muitos elementos de tudo que foi dito encontram-se em outros grandes autores deste tipo de literatura, sobretudo nos *Diálogos com os anjos*.

Eu gostaria de mencionar aqui, mais particularmente, alguns pontos precisos onde as testemunhas do além confirmam experiências místicas ou tradições teológicas controversas. Inclusive eu vejo, nesta concordância, uma espécie de confirmação mútua.

O Cristo manifesta-se de acordo com cada nível

Pierre Monnier repete isto várias vezes. Assim como Ele manifestou-se entre nós, tomando um corpo de carne como o nosso, em cada ^{1 2}

(1) *Lettres de Pierre*, vol. II p. 167 e vol. IV, pp. 3-4.

(2) *ibid*, vol IV, p. 162, mas o texto continua, por muito tempo, neste mesmo tom.

grau da evolução, após a morte, ele é reencontrado e percebido, segundo o mesmo grau de espiritualidade e de glória que tivermos atingido, e não segundo a glória que o Cristo possui em Si-mesmo:

“Eu já disse-lhe uma vez que assim nos aparece o nosso Salvador: cada vez mais próximo de seu estado espiritual glorioso, na medida em que nossa evolução permite-nos vê-lo sob este aspecto. Mas Ele permanece, entretanto, sempre acessível às novas faculdades dos espíritos que habitam tal ou tal ‘morada’ do reino dos Céus.(1) A propósito da celebração da festa de Natal, no Céu, ele explica à sua mãe:

“Ele (o Cristo) toma-se visível em sua forma espiritual que lembra Sua figura humana, como ocorre conosco. Quanto mais as esferas são espiritualizadas, mais esta semelhança se espiritualiza... nós vemos o Filho único semelhante a nós, com nosso grau de desmaterialização, se posso dizer assim. Ele aproxima-se, desta forma, de nós. Mas nós não somos os únicos a ter tal privilégio, e se a terra fosse menos cética... quero dizer, se vocês tivessem fé, veriam frequentemente Jesus entre vocês”. (2)

Ele também explica, aliás, que apenas os humanos celebram, no Céu, as grandes festas litúrgicas correspondentes à vida do Cristo:

“...As outras raças que povoam o universo não as celebram como nós”.

Ele sabe, entretanto, através de seus mestres, que o Cristo também manifestou-se em outros mundos:

“Mas ainda ignoramos como a manifestação messiânica ocorreu junto a estes irmãos, desconhecidos e desconhecíveis para nós, por tanto tempo, pois nosso espírito não atingiu o desenvolvimento espiritual 'ad hoc' ”(3)

Esta visão parece-me muito próxima daquela que encontrávamos na corrente de pensamento de Orígenes. Nela afirmava-se que o Filho,

(1) *Lettres de Pierre*, vol III, p. 82; mesma idéia p. 411.

(2) *Lettres de Pierre*. vol II, pp. 237-238; mesma idéia p. 296.

(3) *ibid*, p. 350.

Verbo de Deus, havia-se feito Querubim para os Querubins, Serafim para os Serafins, e assim por diante, para todas as forças dos céus.(1)

A mesma idéia já era encontrada em toda uma série de textos judaico-cristãos, mas com outra intenção. Voltamos a encontrá-la, entretanto, em São Gregório de Nissa.(2)

O emprego que os gnósticos fizeram desta idéia explica sua condenação; mas, retomada segundo a intenção primitiva de Orígenes, ela sempre pareceu-me muito provável e bela.

O Cristo, mais “sentido” que visto

Os testemunhos sobre este ponto específico têm, para mim, uma grande importância, pois parecem-me estreitamente ligados a uma antiga querela teológica, que acredito assim poder resumir, sem deturpar o problema: ao fim de nossa evolução espiritual no além, apenas *veremos* Deus, permanecendo exteriores a Ele (teologia tradicional do Ocidente), ou seremos realmente *participantes da natureza divina* como nos foi prometido por São Pedro, 2- *Epístola, capítulo 1, versículo 4*, (3) como nos é ensinado desde as origens das Igrejas do Oriente, e como nos provaram todos os místicos, cristãos ou não- cristãos (mesmo católicos romanos, apesar da teologia oficial)?

Concedo, portanto, uma enorme importância a testemunhos como o de Alain Tossier, o jovem ascensorista:

“Ele (o Cristo) está acima de nós, e nós rogamos a ele. É maravilhoso vê-lo, mesmo de longe. Esperamos aproximar-nos dele um dia. É preciso paciência e muito trabalho para poder estar a seu lado. Mas ele tem olhares que penetram em nós: é fantástico e impossível de descrever. Nós servimos a ele com alegria, esperando subir até ele, ele é branco, brilhante, mas *isto é uma imagem*. Nós o sentimos fortemente em nós, mais do que o vemos.

(1) A nova tradução ecumênica enfraquece seu sentido.

(2) Sabemos disto, ao menos através da condenação desta opinião, nos anos de 543 e 553.

(3) Jean Daniélou, ***Théologie du Judéo, Christianisme***, Desclée 1958, pp. 228-232.

Nossos corpos impregnam-se dele e estes são os melhores momentos. Isto não acontece o tempo todo, pois seria belo demais. Maria também, é a mesma coisa...”(1)

Confesso que, entre Alain Tessier e são Tomás de Aquino, não hesito!

Encontramos a mesma espécie de testemunho em Pierre Monnier:

“Eu disse a você: aqui nós vivemos na visão constante e abençoada de nosso Mestre bem-amado... Mas não acrescentei estas palavras: “Mas já não sabemos mais se nós *vemos*, ou se nós sentimos o Cristo”.”(2)

“Vocês verão o Redentor que o salvou, “tal como Ele é...” Nada mais poderá tirar de vocês a alegria que o Amor de Deus concede... nem aquela que vocês oferecem a Deus! Jesus *é* esta alegria... Jesus *é* a paz, a luz, a misericórdia... Jesus *é* o Amor!” “Então, talvez perguntarão vocês, devemos renunciar à esperança bendita da contemplação do Cordeiro de Deus?” Claro que não! Pois *a contemplação do Amor não é outra coisa senão o sentimento infável de amar a Deus*. Ver?... Sentir?... Ver? quando já não são mais os olhos da carne que olham?... Sentir? quando não são mais os sentidos materiais que se mobilizam?... Vocês não percebem que nada está mais próximo deste suspiro espiritual, que não pode ser expresso, mas que entra em contato íntimo com Deus?”(3)

Não se trata de satisfação intelectual, é bom que se saiba. Não se trata do triunfo de um sistema sobre o outro. Também não há qualquer orgulho em querer ser “Deus por participação”, como diz São João da Cruz. Trata-se de amor. Quem já o sentiu, compreende.

3. Nossa divinização: um processo sem fim

Mais uma vez encontramos uma idéia cara aos místicos e à Tradição das Igrejas do Oriente. As criaturas que nós somos jamais estarão ^{1 2}
3

(1) Paul Misraki, op cit. pp 104-105.

(2) *Lettres de Pierre*. vol. IV, p. 447.

(3) *ibid*, vol IV, p. 449.

totalmente repletas do Incriado; os seres finitos que somos jamais estarão saciados do Infinito. O Oriente cristão tem uma palavra para expressar esta idéia, extraída de um texto de São Paulo: *epectase*, o fato de se estar sempre tracionado para frente.

Eis um texto de São Gregório de Nissa, do qual veremos, em seguida, um extraordinário equivalente extraído dos *Diálogos com o anjo*. Trata-se de um comentário místico do Cântico dos Cânticos. A alma está à procura de seu Bem-Amado. Não o tendo encontrado na terra, ela decide ir procurá-lo no Céu. Ela passa por Principados, Senhorias, Tronos e Domínios:

“Ela percorre, em sua busca, o mundo angélico inteiro; e, como não acha, entre os bens que encontra, aquele que ela procura, diz a si mesma: “Será que ao menos eles podem alcançar aquele que eu amo?” Mas eles não respondem à pergunta e, pelo silêncio, fazem-na saber que aquele que ela procura também lhes é inacessível.”(1)

Ora, este relato inventado por São Gregório de Nissa, porém segundo sua intuição de místico, evidentemente, concretizou-se, palavra por palavra, em Budapeste, em 1943, entre Gitta Mallasz e seu anjo, que falava-lhe pela boca de Hanna. Como sempre, o texto tenta mostrar, por artifícios tipográficos, a intensidade das diferentes palavras. E o texto é, muitas vezes, interrompido, entre parênteses, pelos gestos, impressões ou sentimentos que acompanham o diálogo:

Gitta: “Você disse: “Nós somos numerosos”? Quem?
- O Coro.

(Eu sinto, por trás desta palavra, uma inapreensível unidade contendo uma multidão em perfeita relação.

Com um movimento de mão para cima, e em voz baixa):

- Nós cantamos... SUA GLORIA.

(É a primeira vez em minha vida que eu sinto o que poderia ser uma verdadeira adoração. Então, pergunto baixinho):

Gitta, você ainda o vê?...

(Sou interrompida por um gesto, como se tivesse perguntado algo proibido):

(1) *Patrologie Grecque de Migne*. vol. XLIV, col. 893 B.C.

- Você não sabe o que perguntou.
(Enorme silêncio)
- Pergunte alguma coisa!”(1)

De modo menos trágico, Pierre Monnier explica à sua mãe, que contrariamente ao que a Igreja (do Ocidente) ensina, o progresso em Deus jamais terminará. Inicialmente, como bom ocidental, ele fala de nossa união com Deus em termos de “semelhança”. Mas não nos podemos iludir. O termo “homogeneidade” logo vem completar a insuficiência do primeiro:

“Se eu digo isto, é para acalmar a sua inquietação e a sua preocupação de que nossa tão doce comunhão possa atrasar, em mim, o aperfeiçoamento que é nosso *eterno* trabalho. Você ficará surpresa com o adjetivo que escolhi e pensará que a própria Igreja anuncia um fim em nossa busca do bem, sempre mais ardente. Este termo, para ela é: salvação. Mas o Espírito Santo, o Instrutor divino, *não anunciou* este resultado no Evangelho. A humanidade, e eu diria mesmo, todos os filhos criados do Único Incriado têm por objetivo a perfeição igual à do Pai. Esta perfeição permanecerá eternamente incomensurável, com a perfeição que as criaturas são capazes de realizar? Não, sem dúvida, pois não há incompatibilidade entre o Pai e seus filhos, formados à sua semelhança. Mas é dito aqui que esta semelhança, não podendo tornar-se uma similaridade absoluta, faz com que o trabalho, no esforço de aproximação cada vez mais íntima, seja sem fim. Mesmo na hora procurada, desejada, na hora em que nossa espera é nossa Luz constante, na hora de nossa união com Deus. Isto poderá parecer-lhe contraditório, pois a união poderia ser feita sem a perfeita homogeneidade com Deus. Veja o que acontece: muitas vezes já falei que, ao realizar esta união que o Cristo havia anunciado a seus discípulos, a personalidade total de cada um dos espíritos persistirá na Eternidade. Ora, é por meio desta personalidade distinta das almas recolhidas em Deus que a obra de aperfeiçoamento das criaturas continuará a ser feita.

Esta perspectiva parece-lhe desencorajadora, querida Mamãe? Ah! não, muito pelo contrário! ela é, para nós, o poderoso estimu-

(1) *Dialogues avec l'ange*, p. 31.

lante que preenche, com aspirações mais inefáveis, nossa existência celeste. Para nós todos, trata-se do *sentido do Ser*.”(1)

São Gregório de Nissa, no século IV, já dizia o mesmo: “E nós iremos de começo em começo, por começos que não terão fim.”(2)

(1) *Lettres de Pierre*. vol. VI, texto de 24 de outubro de 1930.

(2) *Patrologie Grecque de Migne*, vol. XLIV, col. 491 C, traduzido pelo Padre Daniélou.

CONCLUSÃO

Ao final desta obra, o desejo que expressei em minha introdução talvez tenha sido-realizado: sua vida mudou. Se tal for o caso, meu livro terá cumprido sua missão. Importa-me mais, com efeito, ter contribuído para abrir seu coração para a eternidade que ter escrito um ensaio, por mais brilhante que seja, que seria reunido àqueles, numerosos, que, uma vez a leitura terminada, não mais falam à alma.

Talvez você tenha se tomado um outro. Se tal for o caso, os dois textos a seguir devem ser lidos, não como simples casos exemplares e edificantes, mas como o relato da mais ardente das experiências: a do Amor tomado fonte irradiante no fundo de seu coração.

Quando da leitura destes dois textos, esta parcela divina que trazemos em cada um de nós deve ser despertada. Se tal não for o caso, não acuse muito rapidamente o autor. O início do livro não está tão distante assim... Ninguém o proíbe de retomar ao ponto de partida...

Eis, inicialmente, a narrativa de um Francês que havia conseguido conquistar a confiança do célebre emir Abd el-Kader e privar de sua intimidade (infelizmente, para melhor traí-la!).

“Acordei bem antes, durante a noite. Abri os olhos e senti-me reconfortado. A chama fumosa de um cadeeiro árabe mal clareava a ampla tenda do emir. Ele estava de pé, a três passos de mim. Ele pensava que eu dormia. Seus dois braços, erguidos à altura da cabeça, levantavam, de cada lado, seu albornoz e seu manto, de um branco leitoso, que caíam em pregas perfeitas. Seus belos olhos azuis, circundados de cílios negros, estavam erguidos. Seus lábios, levemente entreabertos, pareciam ainda recitar uma prece, e, no entanto, permaneciam imóveis. Ele havia atingido um estado estático. Suas aspirações dirigidas ao céu eram tais que ele parecia não mais tocar a terra... era assim que deviam rezar os grandes santos do cristianismo”.(1)

Para verificar se você compreende, realmente, o segundo texto, tente rezar, nem que seja por dez minutos. Infelizmente, o tédio tomará conta de você. Sobretudo se for uma prece, solitária, sem um texto para ser recitado, sem nada que ocupe os sentidos e a inteligência. Este não

(1) Emir Abd el-Kader, *Ecrits spirituels*, Le Seuil 1982. Introdução de Michel Chodkiewicz, p 18.

é o caso do Padre Isaac, monge do monte Atos, no início deste século, que - por noites inteiras - bebe das fontes do Amor. Eu poderia citar São Francisco de Assis, ou o Cura d’Ars, ou qualquer outro santo. Seria a mesma coisa.

“Uma noite, o Padre Lazare levantou-se para ir da cabana dos Santos Apóstolos até Karies. Padre Modesto estava doente e era preciso ir. Era junho e fazia muito calor. A noite estava banhada pela lua. Mal havia saído e dado alguns passos quando avistou, à beira do caminho, um espetáculo único. Alguém estava ajoelhado, mãos erguidas, no meio da calma infinita da noite e do silêncio da natureza, e rezava. Era o Padre Isaac”.(1)

(1) na série: *Figures contemporaines du Mt Athos*, nº 5, 1981, em grego.

BIBLIOGRAFIA

OBRAS DE CARÁTER GERAL

- Bender H.: *Verborgene Wirklichkeit*, Piper 1985; *Aufsätze zur Parapsychologie II*, Piper 1983. Estudos do grande fundador e diretor do Instituto de Parapsicologia da Universidade de Friburgo, na Alemanha.
- Benz, E.: *Parapsychologie und Religion*, Herderbücherie 1983 (*erfahrungen mit übersinnlichen Kräften*). Ponto de vista do grande teólogo protestante. Na minha opinião, muito equilibrado.
- Couturier de Chefdubois I.: *Les morts vivent, témoignages de l'au-delà*, Femand Lanore 1976.
- Denis L.: *Après la mort*, Ed. Vermet 1985; (reedição).
- Dumas A.: *La science de l'âme*, Dervy-Livres 1973-1980. Uma verdadeira mina de informações às vezes pouco acessíveis.
- Ebon M.: *Dialogues avec les morts?*, Fayard 1971.
- Ebon M.: *La preuve de la vie après la mort*, Ed. Best-Seller 1980.
- Flammarion C.: *La mort et son mystère*, Flammarion (3 volumes); reeditados na coleção "J'ai lu" em 2 volumes resumidos: 1. *La mort et son mystère*, A 310. 2. *Après la mort*, A 311.
- Ford A.: *Unknown but known*, Harper and Row - Nova Iorque 1986; *The life beyond death*, Putnam's Sons — Nova Iorque 1971.
- Grof s. et Halifax J.: *La rencontre de l'homme avant la mort*, 1982; *Psychologie transpersonnelle*, 1984; *Royaume de l'inconscient humain*, 1983 - Ed. du Rocher.
- Hardy C.: *L'après-vie à l'épreuve de la science*, Ed. du Rocher 1986.
- Kübler-Ross E.: *Vivre avec la mort et les mourants; La mort et l'enfant*, Ed. du Tricorne 1986.
- Landmann P.: *Wie die Toten leben - Protokolle aus dem Jenseits*, Heinrich Schwab Verlag 1979.
- Lorimer D.: *L'énigme de la survie*, Robert Laffont 1987.
- Mattiesen E.: *Das persönliche Überleben des Todes*, (3 volumes) Walter de Gruyter 1936-1939 - reimpresso em 1961 e 1987. Excepcional documentação, rigor exemplar, bibliografia muito completa, não somente de obras em alemão, mas também em francês e em inglês.
- Mühlbauer J.: *Jenseits des Sterbens*, Verlag News Service Ed. 1986.
- O'Jacobson N. (Dr.): *La vie après la mort, parapsychologie et mystique*, Presses de la Cité 1973.

- Prieur J.: *Les témoins de l'invisible*, Femand Lanore 1981-1986; do mesmo editor: *Cet Au-delà qui nous attend*, 1974-1979; *Les tablettes d'or, autour de Roland de Jouvenel et de ses messages*, 1979-1986; *Swedenborg: Biographie et Anthologie*, 1983; *L'Aura et le Corps immortel*, 1983; *Les visions de Swedenborg*, 1984; *Les morts ont donné signe de vie*, 1984. *Le livre des Morts des Occidentaux*, Robert Laffont 1981. *La nuit devient lumière, que dire à ceux qui ont perdu un être aimé?*, Astra 1986. O mais profundo conhecedor, de língua francesa, de todos estes fenômenos.
- Rendall N.: *La mort ouvre sur la vie*, Ed. "J'ai lu" 1978.
- Ray M.: *L'occultisme à la lumière du Christ*. Ponto de vista protestante. Na minha opinião, muito sistematicamente negativo.
- Renard H.: *L'après-vie, croyances et recherches sur la vie après la mort*, Philippe Lebaud 1985.
- Sherman H.: *You live after death, The dead are alive*, Fawcett Gold Medal - Nova Iorque, Ballantine Books 1987.
- Sotto A. et Oberto V.: *Au-delà de la mort*, Ed. "J'ai lu" A 368; Presses de la Renaissance 1978.
- Tiret C.: *Le monde invisible vous parle*, François Sorlot et Femand Lanore 1983.
- Van Eersel P.: *La source noire, révélations aux portes de la mort*, Grasset 1986. De fácil leitura, muito envolvente - como um romance policial. Boa pesquisa.
- Vernette J.: *Occultisme, Magie, Envoûtements*, Salvator 1986. Ponto de vista de um padre católico. Na minha opinião, muito sistematicamente negativo.
- Alliance modiale des religions: *La survie après la mort*; colóquio de 7 e 8 de janeiro de 1967, Ed. Labergerie 1967.

GRAVAÇÕES DE VOZES E DE IMAGENS DE DEFUNTOS

- Fuller J.G.: *The ghost of 29 megacycles*, New American Library 1986.
- Holbe R.: *Bilder aus Reich des Toten*, Knauer 1987.
- Jürgenson F.: *Sprechfunk mit Verstorbenen, Schallplatte zum Buch, Sprechfunk...*, Verlag Hermann Bauer 1967.
- Raudive K.: *Unhörbares wird hörbar*, Otto Reichl Verlag 1968; o mesmo editor *Überleben wir den Tod?*, 1973; *Der Fall Wellensittich*, 1975.

- Schäfer H.: *Stimmen aus einer anderen Welt*, Verlag Hermann Bauer 1983.
- Schimid L.: *Wenn die Toten reden*, Rex Verlag 1976.
- Seidl F.: *Phänomen Transzendentalstimmen*, Frech-Verlag 1971.
- Simonet M.: *A l'écoute de l'invisible*, Sorlot et Lanore, 1988. A primeira obra em francês consagrada a esta impressionante descoberta.

E.F.M. **EXPERIÊNCIAS NAS FRONTEIRAS DA MORTE**

- Bahle J.: *Keine Angst vor dem Sterben*, Hemmenhofen 1963.
- Barbarin G.: *Le livre de la mort douce*.
- Barrett W.F.: *Deathbed Visions*, Methuen Londres 1926.
- Delacour J.B.: *Aus dem Jenseits zurück*, Dusseldorf e Viena 1973.
- Dorozynski A.: *Der Mann, der nicht sterben durfte*, Wieu e Dusseldorf 1966.
- Eisenbeiss W.: *Leben nach dem Tode*, em *Geistige Welt* 1981.
- Frankl und Pözl O.: *Über die seelischen Zustände während des Absturzes; em Katastrophenreaktionen*, Frankfurt 1971.
- Grey J.C.: *Sterben ist doch ganz anders, Erfahrungen mit dem eidenen Tod*, Kreuz Verlag 1975. O equivalente a Moody.
- von Jankovich S.: *Ich war Klinisch tot - Der Tod: mein schönstes Erlebnis*, Drei Eichen Verlag 1984. A narrativa de uma única experiência - insistência sobre a transformação causada em sua vida por esta experiência.
- Martensen H. - Larsen: *An der Pforte des Todes*, Hamburgo 1955.
- Mattiesen E.: op. cit, (2 volumes), pp. 296-411. Estudo bastante sistemático. Um grande clássico.
- Myers F.W.H.: *Human Personality and its survival of Bodify Death*. (volume III), Richard Hodgson and Alice Johnson 1903. Reeditado em 1961.
- Nielsen E.: *Das Unerkannte auf seinem Weg durch die Jahrtausende*, Ehenhausen 1922; *Das grosse Geheimnis*, Ebenhausen 1923.
- Osis K. et Haraldsson E.: *Ce qu'ils ont vu... au seuil de la mort*, Ed. du Rocher 1982.
- Ring K.: *Sur la frontière de la vie*, Robert Laffont 1982.
- Ritchie G.: *Retour de l'au-delà*, Robert Laffont 1986.
- Roesenmüller W.O.: *Um die Todesstunde... Blicke in eine andere Welt*, Nuremberg 1972.

- Sabom M.: *Souvenirs de la mort*, Robert Laffont 1983.
- Splittgerber F.: *Aus dem inneren Leben von Schlaf und Tod*, (2 volumes), Stuttgart 1884.
- Vogl C.: *Unsterblichkeit, vom geheimen Leben der Seele*, Dachau 1917.
- Wiesenhütter Eckart: *Blick nach drüben - Selbsterfahrungen im Sterben*, Gütersloher Verlagshaus 1976. Insiste em relação ao próprio momento da morte.
- Zaleski C.: *Otherworld Journeys, accounts of near-death experience in medieval and modern times*, Oxford University Press 1987. Estudo bastante descritivo e literário sobre as E.F.M., na Idade Média e nos nossos dias. Muito boa bibliografia.

E.F.C. EXPERIÊNCIAS FORA DO CORPO

- Crookall R.: *The study and Practice of Astral Projection*; Londres Aquarian Press 1960; *More astral projections*, Londres Aquarian Press 1964.
- Denning M. et Osborne P.: *Guide pratique du voyage hors du corps*, Sand et Tchou 1983.
- Durville H.: *Le Fantôme des Vivants, Dédoublement expérimental du corps de l'Homme*, Henri Durville, Paris 1909.
- Guesné J.: *Le Grand Passage*, Le Courrier du livre 1978. Narrativa muito pessoal. Muito bonito.
- Lancelin C.: *Méthode de dédoublement personnel*. François Sorlot et Femand Lanore, 3^a edição 1986. O grande clássico do tema.
- Meurois-Givaudan A. e D.: *Récits d'un voyageur de l'Astral, Terre d'Emeraude, De mémoire d'Essénien, Le voyage à Snambhalla*, Ed. Arista. Relatos psicodélicos de projeções (em todos os sentidos da palavra) no Astral.
- Monroe R.A.: *Far journeys*, Doubleday 1985.
- Monroe R.A.: *Le voyage hors du corps*, Garancières 1986. Relato com grande rigor de método.
- Muldoon S. et Carrington H.: *La projection du corps astral*. Ed. du Rocher 1985.
- Töpfer A.: *Die Erfahrbarkeit ausserkörperlicher Daseinsebenen*, Verlag die Silberschnur.

TESTEMUNHOS POR ESCRITA AUTOMÁTICA

a. Os cinco grandes textos

1. Monnier P.: *Lettres de Pierre*; reeditadas, pouco a pouco, por Fernand Lanore (5 volumes publicados, 2 a serem publicados, de aproximadamente 450 páginas cada um, formato 15,5x21,5cm). Um compêndio. O conjunto mais detalhado, mais preciso, que existe. Altíssimo nível espiritual.
2. de Jouvenel R.: *Au diapason du Ciel, Quand les sources chantent, Au seuil du Royaume*, (3 volumes), reeditados por Lanore, com o nome de sua mãe: Marcelle de Jouvenel; *En absolue fidélité*, La Colombe 1959; *La seconde vie*, La Palatine 1968; (2 volumes com o texto modificado). Um fantástico roteiro espiritual do além. Alcança, no 3º volume, o nível dos grandes místicos, mas em linguagem simples e poética.
3. Paqui: *Entretiens célestes*, François Sorlot et Fernand Lanore 1984. Pode parecer um tanto ingênuo, no início. Mas é preciso buscar além do estilo. Conselhos importantes para enfrentar o sofrimento.
4. *Le Christ en vous*. Traduzido do inglês. Ed. Astra 1978. Comunicações de Bertha a Miss Mortley. Breve e sintético. Profunda síntese teológica.
5. Mallasz G.: *Dialogues avec l'ange*, Aubier-Montaigne 1976. Traduzido do húngaro: um acontecimento espiritual da maior importância para o nosso tempo. *Les dialogues, tels que je les ai vécus*, Aubier 1984; *Les dialogues ou l'enfant né sans parents*, Aubier 1986. Duas obras e comentários.

b. Preciosa complementação

Misraki P.: *L'expérience de l'après-vie*, Robert Laffont 1974. Testemunho muito mais profundo do que poderíamos acreditar. Narrativa minuciosa e palpitante da aventura que representou esta comunicação. Excelente estudo dos fenômenos paralelos.

Beline: *Le troisième oreille*, Robert Laffont 1972. Como um célebre vidente consegue comunicar-se, com muita dificuldade, com seu filho. Testemunho convincente por sua sinceridade. Muito emocionante.

- Pauchard A.: *L'autre monde, ses possibilités infinies, ses sphères de beauté et de joie*, Les éditions Amour et Vie 1979. Muito interessante, às vezes um tanto desorientador. Insiste muito a respeito das acumulações de energia que se tomam fadas, gênios...
- Morton M.L.: *Ou et comment retrouverons-nous nos disparus?*, Ed. Astra 1981.
- Entretiens avec l'Ami, dialogue avec Verro*, Dervy Livres 1958. Belas passagens sobre a prece, bom nível espiritual. Infelizmente, ao final, tende ao esoterismo de “estilo oriental”.
- Valtorta M.: *L'Évangile tel qu'il m'a été révélé*, Ed. Pisani, Itália, (10 volumes traduzidos do italiano). Fenômeno da escrita automática, mas em contexto cristão. Resultado comparável ao das grandes visões dos místicos: A.-C. Emmerich, Thérèse Neumann...
- Révélations d'Arthur Conan Doyle* reunidas por Yvan Cooke, Ed. Partage 1985. Tradução do inglês. Mensagens recebidas e ditadas por um médium, não diretamente por escrita automática. A diferença não é grande. O inventor de Sherlock Holmes confirma totalmente os testemunhos das melhores testemunhas.
- Brown R.: *En communication avec l'au-delà*, N.O.E. 1971; reeditado a coleção “J'ai lu”, nº A 239. Quatrocentas partituras de diferentes compositores. Suas conversas com Liszt.
- Belline: *Anthologie de Vau-delà*, (2 volumes), Robert Laffont 1978 e 1981. Excelente apresentação, bons textos. Precioso conjunto.
- Pike J. et Kennedy D.: *Dialogues avec l'au-delà*, Robert Laffont 1970.
- Tristram R.M.: *Lettres de Christopher*, La Colombe et le Courrier du livre.
- Tweeddale V.: *Les fantômes que j'ai vus*, La Colombe et le Courrier du livre.
- Borgia A.: *Ma vie au Paradis*, Dervy Livres 1970.

c. Outros textos

- Du Ciel, un message de joie dans la douleur, Ed. St. Michel 1975. Não acrescenta muita coisa. Apenas uma confirmação a mais, em estilo muito convencional.
- Morrannier J.: *Au seuil de la Vérité*, La Pensée Universelle 1978; *Après cette vie*, François Sorlot et Fernand Lanore 1983; *La mort est un éveil*, Fernand Lanore 1980; *La science et l'esprit*, François Sorlot et Fernand Lanore 1983. Ainda do mesmo editor: *La*

totalité du réel, 1986; *L'univers spirituel* 1988, Estudo bem detalhado sobre a vida e convicções dos falecidos nos primeiros estágios após a morte (e não nos estágios mais evoluídos, como acreditam).

Guiot G. et A.: *Révélation de l'invisible*, François Sorlot et Fernand Lanore 1985. Mensagens de muito célebre Jeanne Lavai. Coisas boas e ruins, muita coisa medíocre, como na terra.

Decroix J.: *L'amour par-delà la mort*, Sand et Tchou 1983. Pouca coisa boa, muita coisa ruim. Não compromete a autenticidade das comunicações. Compromete, sim, a qualidade dos correspondentes do além.

TESTEMUNHOS POR ESCRITA AUTOMÁTICA

Greaves H.: *Testimony of light*, Neville Spearman 1969.

Hermann E.: *Von Drüben I - II*, Der Leuchter, Otto Reichl Verlag. Comunicações talvez autênticas de entidades que se fazem passar por pessoas célebres.

Johst G.: *Das ungeschliffene Juwel*, ein Gottesgeschenk zur Zeitenwende, Otto Reichl Verlag 1983; *Die Rosen meiner Liebe - Maria spricht zu uns*, Otto Reichl Verlag. Grande qualidade espiritual.

The Rev. Owen G. Vale: *The life beyond the veil*, (4 volumes).

Tudor Pole W.: *Private Dowding*, Pilgrims Book Services 1966; *The silent road, Writing on the ground*, Neville Spearman 1960.

Wallace M.B.: *The thinning of the veil*, a record of psychic experience, Neville Spearman 1919-1981.

MÉDICOS EM LIGAÇÃO COM O ALÉM

Fontaine J.: *Médecine des trois corps*, Robert Laffont 1980. Do mesmo editor: *La médecine du corps énergétique*, 1983; *Nos trois corps et les trois mondes*, 1986; *Notre quatrième monde*, 1987.

Fuller J.G.: *Arigó, Surgeon of the Rusty Knife*, Hart-Davis, Mac Gibbon, Londres 1975.

- Hutton J.B.: *Il nous guérit avec ses mains*, Fayard 1973.
- Lebrun M.: *Médecins du ciel, médecins de la terre*, Robert Laffont 1987.
- Tourinho N.: *Dr. Med. Edson Queiroz*, Verlag Die Silberschnur, Mel-sbach 1986.
- Wickland C.: *Thirty years among the dead* National Psychological Institute, Los Angeles 1924.

REENCARNAÇÃO

- Alger W.R.: *Destiny of the Soul: A Critical History of the Doctrine of a Future Life*, (2 volumes), Greenwood 1986. Edição original: 1860 (já comportava uma bibliografia com cerca de 5.000 títulos).
- Aurobindo Sri: *Renaissance et Karma*, Ed. du Rocher.
- Beddoes T.P.: *Reincarnation and Christian Tradition*, Washington D.C. 1970.
- Bernstein M.: *A la recherche de Bridey Murphy*, Ed. "J'ai lu" n° A 212.
- Brazzini P.: *Dopo la morte si rinasce?*, Ed. Fratelli Bocca 1952.
- Bubner R.: *Evolution, reinkarnation, Christentum*, Stuttgart 1975.
- Germinara G.: *De nombreuses demeures*, Ed. Adyar 1982. Após leitura das vidas anteriores de Edgar Cayce.
- David-Néel A.: *Immortalité et réincarnation*, Ed. du Rocher 1987, (ed. Plon 1961).
- Muito documentado e seguro. Mas trata-se, unicamente, de um estudo histórico sobre a China, Índia e Tibete.
- Des Georges A.: *La Réincarnation des âmes selon les traditions orientales et occidentales*, Albin Michel 1966.
- Dethlefsen T.: *Das Erlebnis der Wiedergeburt. Heilung durch Reinkarnation*, Munich 1976: *Das Leben nach dem Leben, Gespräche mit Wiedergeborenen*, Munich 1974,
- Desjardins D.: *De naissance en naissance*, La Table ronde 1977; *La mémoire des vies antérieures*, La Table ronde 1980.
- Frieling R.: *Christentum und Wiederverkörperung*, Stuttgart 1975.
- Grant J. et Kelsey D.: *Nos vies antérieures*, Ed. "J'ai lu" n° A 297, 1978.
- Kardec A.: *Le Livre des Esprits*, Dervy Livres 1972 (reedição).
- Mac Gregor G.: *Réincarnation in Christianity, A new vision of the role of Rebirth in Christian Thought*, Quest Book 1981.

Estudo de um teólogo em favor da reencarnação. Interessante quanto ao histórico da questão, nos primeiros séculos da Igreja. Pressupostos teológicos catastróficos.

Linszen R.: *Réincarnation, distribuído por Courrier du Livre* 1979.

Nataf A.: *Les preuves de la réincarnation, Sand et Tchou* 1983.

Papus (Dr. Encausse G.): *La Réincarnation, Ed. Dangles* 1953, (4ª edição).

Pisani I.: *Mourir n'est pas mourir, Robert Laffont* 1978; *Preuves de survie, Robert Laffont* 1980.

de Rochas A.: *Les vies successives, Librairie Générale des Sciences Occultes, Paris* 1924.

Obra de um pioneiro, sempre atual.

Siémons J.L.: *La Réincarnation, des preuves aux certitudes, Ed. Retz* 1981; *Revivre nos vies antérieures (témoignages et preuves de la Réincarnation), Albin Michel* 1984; *Mourir pour renaitre, l'alchimie de la mort et les promesses de l'après-vie, Albin Michel* 1987.

Steiner R.: *Manifestations du Karma, Triades* 1965.

Stevenson I.: *Vingt as suggérant le phénomène de réincarnation, Sand* 1985.

A obra mais clássica sobre o tema. “O” grande especialista apresenta o resultado de rigorosas pesquisas realizadas durante mais de vinte anos.

Wambach H.: *La vie avant la vie, Ed. “J’ai lu”* 1979.

Zahan D.: *Réincarnation et vie mystique en Afrique Noire, P.U.F.* 1965.